

ALICE FEENEY

NEW YORK TIMES BESTSELLING

AUTHOR OF *SOMETIMES I LIE*

ROCK

PAPER

SCISSORS

A NOVEL



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROCK
PAPER
SCISSORS

ALICE FEENEY





SUSPENSE

SINOPSE

As coisas estão erradas com o Sr. e a Sra. Wright há muito tempo. Quando Adam e Amelia ganham um fim de semana na Escócia, isso pode ser exatamente o que seu casamento precisa. O viciado em trabalho e roteirista confesso Adam Wright viveu com cegueira facial durante toda a sua vida. Ele não consegue reconhecer amigos ou familiares, nem mesmo sua própria esposa.

Todo aniversário o casal troca presentes tradicionais – papel, algodão, cerâmica, estanho – e todo ano a esposa de Adam lhe escreve uma carta que ela nunca o deixa ler. Até agora. Ambos sabem que este fim de semana salvará ou destruirá seu casamento, mas não ganharam esta viagem aleatoriamente. Um deles está mentindo e alguém não quer que vivam felizes para sempre.

Dez anos de casamento. Dez anos de segredos. E um aniversário que eles nunca esquecerão.

CAPÍTULO UM

AMELIA



FEVEREIRO 2020

Meu marido não reconhece meu rosto.

Sinto-o olhando para mim enquanto dirijo e me pergunto o que ele vê. Ninguém mais lhe parece familiar, mas ainda é estranho pensar que o homem com quem casei não seria capaz de me identificar numa fila policial.

Eu sei a expressão que seu rosto está usando sem precisar olhar. É a versão mal-humorada e petulante do tipo “eu avisei”, então me concentro na estrada. Preciso. A neve está caindo mais rápido agora, é como dirigir em uma nevasca, e os limpadores de para-brisa do meu Morris Minor Traveler estão lutando para lidar com isso. O carro – como eu – foi fabricado em 1978. Se você cuidar das coisas, elas durarão a vida toda, mas suspeito que meu marido gostaria de trocar nós dois por um modelo mais jovem. Adam verificou o cinto de segurança uma centena de vezes desde que saímos de casa, e suas mãos estão fechadas em punhos no colo. A viagem de Londres até à Escócia não deveria ter demorado mais de oito horas, mas não me atrevo a conduzir mais depressa nesta tempestade. Mesmo que esteja

começando a escurecer e pareça que podemos estar perdidos em mais de um aspecto.

Um fim de semana fora pode salvar um casamento? Foi o que meu marido disse quando o conselheiro sugeriu. Cada vez que suas palavras se repetem em minha mente, uma nova lista de arrependimentos se escreve em minha cabeça. Ter desperdiçado tanto de nossas vidas por não vivê-las realmente me deixa muito triste. Nem sempre fomos as pessoas que somos agora, mas nossas memórias do passado podem transformar todos nós em mentirosos. É por isso que estou me concentrando no futuro. Meu. Alguns dias ainda o imagino assim, mas há momentos em que imagino como seria estar sozinha novamente. Não é o que eu quero, mas me pergunto se seria melhor para nós dois. O tempo pode mudar os relacionamentos como o mar remodela a areia.

Ele disse que deveríamos adiar a viagem quando vimos os avisos meteorológicos, mas não consegui. Nós dois sabemos que este fim de semana fora é a última chance de consertar as coisas. Ou pelo menos para tentar. Ele não se esqueceu *disso*.

Não é culpa do meu marido que ele se esqueça de quem eu sou.

Adam tem uma falha neurológica chamada prosopagnosia, o que significa que ele não consegue ver características distintivas nos rostos, incluindo o seu. Ele passou por mim na rua em mais de uma ocasião, como se eu fosse uma estranha. A ansiedade social que isso inevitavelmente causa afeta a nós dois. Adam pode estar rodeado de amigos em uma festa e ainda assim sentir que não conhece ninguém na sala. Então passamos muito tempo sozinhos. Juntos, mas separados. Só nós. A cegueira facial não é a única maneira pela qual meu marido me faz sentir invisível. Ele não queria filhos... sempre disse que não suportava a ideia de não reconhecer seus rostos. Ele viveu com essa condição durante toda a vida, e eu vivi com ela desde que nos conhecemos. Às vezes, uma maldição pode ser uma bênção.

Meu marido pode não conhecer meu rosto, mas há outras maneiras pelas quais ele aprendeu a me reconhecer: o cheiro do meu

perfume, o som da minha voz, a sensação da minha mão na sua quando ele ainda a segurava.

Os casamentos não falham, as pessoas sim.

Não sou a mulher por quem ele se apaixonou anos atrás. Eu me pergunto se ele pode dizer o quanto pareço mais velha agora? Ou se ele notou a infiltração de cabelos grisalhos em meus longos cabelos loiros? Quarenta podem ser os novos trinta, mas minha pele está cheia de rugas que raramente eram causadas pelo riso. Costumávamos ter muito em comum, compartilhar nossos segredos e sonhos, não apenas uma cama. Ainda terminamos as frases um do outro, mas hoje em dia erramos.

— Sinto que estamos andando em círculos — ele murmura baixinho, e por um momento não tenho certeza se ele está se referindo ao nosso casamento ou às minhas habilidades de navegação. O céu de ardósia ameaçador parece refletir seu humor, é a primeira vez que ele fala em vários quilômetros. A neve caiu na estrada à frente e o vento está aumentando, mas ainda não é nada comparado com a tempestade que se forma dentro do carro.

— Você pode simplesmente encontrar as instruções que imprimi e lê-las novamente? — Digo, tentando, mas não conseguindo, esconder a irritação na minha voz. — Tenho certeza de que devemos estar perto.

Ao contrário de mim, meu marido envelheceu incrivelmente bem. Seus mais de quarenta anos são habilmente disfarçados por um bom corte de cabelo, pele bronzeada e um corpo moldado pelo excesso de meias maratonas. Ele sempre foi muito bom em fugir, principalmente da realidade.

Adam é um roteirista. Ele começou bem abaixo do último degrau da escada retrátil de Hollywood, sem conseguir alcançá-lo sozinho. Ele diz às pessoas que saiu direto da escola para o mundo do cinema, o que é apenas uma mentira descarada. Ele conseguiu um emprego no Electric Cinema em Notting Hill quando tinha dezesseis anos, vendendo lanches e ingressos de cinema. Aos 21 anos, ele vendeu os direitos de seu primeiro roteiro. *Rock Paper Scissors*¹ nunca foi além do

desenvolvimento, mas Adam conseguiu um agente fora do acordo, e o agente conseguiu trabalho para ele, escrevendo uma adaptação de um horror. O livro não foi um best-seller, mas a versão cinematográfica – um caso britânico de baixo orçamento – ganhou um Bafta e nasceu um escritor. Não foi o mesmo que ver seus próprios personagens ganhando vida na tela – os caminhos para nossos sonhos raramente são diretos – mas significou que Adam poderia parar de vender pipoca e escrever em tempo integral.

Os roteiristas não costumam ser nomes conhecidos, então algumas pessoas podem não conhecê-lo, mas estou disposta a apostar que viram pelo menos um dos filmes que ele escreveu. Apesar dos nossos problemas, estou muito orgulhosa de tudo o que ele conquistou. Adam Wright construiu uma reputação no ramo por transformar horrores desconhecidos em filmes de grande sucesso e ainda está sempre em busca do próximo. Admito que às vezes sinto ciúmes, mas acho que isso é natural, dada a quantidade de noites em que ele prefere levar um livro para a cama. Meu marido não me trai com outras mulheres, nem com homens, ele tem casos amorosos com as palavras deles.

Os seres humanos são uma espécie estranha e imprevisível. Prefiro a companhia de animais, que é um dos muitos motivos pelos quais trabalho na Battersea Dogs Home. Criaturas de quatro patas tendem a ser melhores companhias do que aquelas com duas, e os cães não guardam rancor nem sabem odiar. Prefiro não pensar nas outras razões pelas quais trabalho lá, às vezes é melhor deixar a poeira de nossas memórias sem varrer.

A vista além do para-brisa ofereceu uma paisagem dramática em constante mudança durante nossa viagem. Houve árvores em todos os tons de verde, lagos gigantescos e brilhantes, montanhas cobertas de neve e uma quantidade infinita de espaço perfeito e intocado. Estou apaixonada pelas Terras Altas da Escócia. Se existe um lugar mais bonito na Terra, ainda não o encontrei. O mundo parece muito maior aqui do que em Londres. Ou talvez eu seja menor. Encontro paz na quietude silenciosa e no afastamento de tudo. Faz mais de uma hora

que não vemos ninguém, o que faz deste o local perfeito para o que planejei.

Passamos por um mar tempestuoso à nossa esquerda e seguimos para o norte, com o som das ondas quebrando nos fazendo uma serenata. À medida que a estrada sinuosa se transforma numa faixa estreita, o céu – que mudou de azul para rosa, para roxo e agora preto – reflete-se em cada um dos lagos parcialmente congelados pelos quais passamos. Mais para o interior, uma floresta nos envolve. Pinheiros antigos, cobertos de neve e mais altos que a nossa casa, estão sendo deformados pela tempestade como se fossem palitos de fósforo. O vento uiva como um fantasma fora do carro, constantemente tentando nos desviar do rumo, quando escorregamos um pouco na estrada gelada, agarro o volante com tanta força que os ossos dos meus dedos parecem se projetar através da minha pele. Percebo minha aliança de casamento. Um lembrete sólido de que ainda estamos juntos, apesar de todos os motivos pelos quais talvez devêssemos estar separados. A nostalgia é uma droga perigosa, mas gosto da sensação de lembranças mais felizes inundando minha mente. Talvez não estejamos tão perdidos quanto nos sentimos. Olho de relance para o homem sentado ao meu lado, me perguntando se ainda conseguiríamos encontrar o caminho de volta para nós. Então faço algo que não faço há muito tempo e estendo a mão para segurar a mão dele.

— Pare! — Ele brada.

Tudo acontece tão rápido. A imagem borrada e nevada de um cervo parado no meio da estrada à frente, meu pé pisando no freio, o carro desviando e girando antes de finalmente derrapar e parar bem na frente dos enormes chifres do cervo. Ele pisca duas vezes em nossa direção antes de se afastar calmamente como se nada tivesse acontecido, desaparecendo na floresta. Até as árvores parecem frias.

Meu coração está batendo forte dentro do peito enquanto pego minha bolsa. Meus dedos trêmulos encontram minha bolsa, chaves e quase todos os outros conteúdos antes de localizar meu inalador. Eu agito e dou uma tragada.

— Você está bem? — Pergunto, antes de pegar outro.

— Eu disse que isso era uma má ideia — responde Adam.

Já mordi a língua tantas vezes nesta viagem que deve estar cheia de buracos.

— Não me lembro de você ter tido uma melhor — respondo.

— Uma viagem de oito horas para um fim de semana fora...

— Há muito tempo que dizemos que seria bom visitar as Terras Altas.

— Pode ser bom visitar a Lua também, mas prefiro que conversemos sobre isso antes de você nos reservar um foguete. Você sabe como as coisas estão ocupadas para mim agora.

“Ocupado” se tornou uma palavra-chave em nosso casamento. Adam usa sua ocupação como um distintivo. Como um escoteiro. É algo de que ele se orgulha: um símbolo de status do seu sucesso. Isso o faz se sentir importante e me dá vontade de jogar na cabeça dele os ls que ele adapta.

— Estamos onde estamos porque você está sempre muito ocupado — digo com os dentes cerrados e batendo. Está tão frio no carro agora que posso ver minha própria respiração.

— Sinto muito, você está sugerindo que é minha culpa estarmos na Escócia? Em fevereiro? No meio de uma tempestade? Esta foi sua ideia. Pelo menos não terei que ouvir suas insistências incessantes quando formos esmagados até a morte pela queda de uma árvore ou morrermos de hipotermia neste carro de merda que você insiste em dirigir.

Nunca discutimos assim em público, apenas em privado. Nós dois somos muito bons em manter as aparências e acho que as pessoas veem o que querem ver. Mas, a portas fechadas, as coisas estão erradas com o Sr. e a Sra. Wright há muito tempo.

— Se eu estivesse com meu telefone, já estaríamos lá — diz ele, remexendo no porta-luvas em busca de seu querido celular, que não

consegue encontrar. Meu marido acha que gadgets e aparelhos são a resposta para todos os problemas da vida.

— Perguntei se você tinha tudo o que precisava antes de sairmos de casa — digo.

— Eu *tinha* tudo. Meu telefone estava no porta-luvas.

— Então ainda estará lá. Não é meu trabalho arrumar suas coisas para você. Eu não sou sua mãe.

Arrependo-me imediatamente de ter dito isso, mas as palavras não vêm com os recibos de presentes e você não pode retirá-las. A mãe de Adam está no topo da longa lista de coisas sobre as quais ele não gosta de falar. Tento ser paciente enquanto ele continua procurando seu telefone, apesar de saber que nunca o encontrará. Ele tem razão. Ele colocou no porta-luvas. Mas tirei-o antes de sairmos de casa esta manhã e escondi-o lá dentro. Pretendo dar uma lição importante ao meu marido neste fim de semana e ele não precisa do telefone para isso.

Quinze minutos depois, estamos de volta à estrada e parecemos estar progredindo. Adam aperta os olhos na escuridão enquanto estuda as instruções que imprimi... a menos que seja um livro ou um manuscrito, qualquer coisa escrita no papel em vez de uma tela parece deixá-lo perplexo.

— Você precisa virar na primeira à direita na próxima rotatória — diz ele, parecendo mais confiante do que eu esperava.

Logo dependeremos da lua para iluminar nosso caminho e sugerir a ascensão e queda da paisagem nevada que temos pela frente. Não há iluminação pública e os faróis do Morris Minor mal iluminam a estrada à nossa frente. Percebo que estamos com pouca gasolina novamente, mas não vejo lugar para abastecer há quase uma hora. A neve é implacável agora, e não há nada além dos contornos escuros de montanhas e lagos por quilômetros.

Quando finalmente vemos uma placa antiga coberta de neve para Blackwater, o alívio no carro é palpável. Adam lê o último conjunto de

instruções com algo que beira o entusiasmo.

— Atravesse a ponte, vire à direita ao passar por um banco com vista para o lago. A estrada fará uma curva para a direita, conduzindo ao vale. Se você passar pelo pub, você foi longe demais e perdeu a curva para a propriedade.

— Um jantar em um pub pode ser bom mais tarde — sugiro.

Nenhum de nós diz nada quando o Blackwater Inn aparece à distância. Desligo antes de chegarmos ao pub, mas ainda assim chegamos perto o suficiente para ver que as janelas estão fechadas com tábuas. O edifício fantasmagórico parece estar abandonado há muito tempo.

A estrada sinuosa que desce para o vale é ao mesmo tempo espetacular e assustadora. Parece que foi esculpida na montanha à mão. A pista mal é larga o suficiente para o nosso pequeno carro, há uma queda acentuada de um lado, sem uma única barreira de colisão.

— Acho que consigo ver alguma coisa — diz Adam, aproximando-se do para-brisa e olhando para a escuridão. Tudo o que posso ver é um céu negro e um manto branco cobrindo tudo abaixo dele.

— Onde?

— Lá. Logo além daquelas árvores.

Diminuo um pouco a velocidade enquanto ele aponta para o nada. Mas então noto o que parece ser um grande edifício branco à distância.

— É apenas uma igreja — diz ele, parecendo derrotado.

— É isso! — Digo, lendo uma velha placa de madeira à frente. — A Capela Blackwater é o que procuramos. Devemos estar aqui!

— Viemos até aqui para ficar em... uma igreja antiga?

— Uma capela convertida, sim, e eu organizei tudo.

Diminuo a velocidade e sigo a trilha de terra coberta de neve que sai da estrada de pista única e entra no fundo do vale. Passamos por uma pequena casa de palha à direita – o único outro edifício que

consigo ver num raio de quilômetros – e depois atravessamos uma pequena ponte e somos imediatamente confrontados por um rebanho de ovelhas. Elas estão amontoadas, estranhamente iluminadas pelos nossos faróis e bloqueando nosso caminho. Acelero suavemente o motor e tento tocar a buzina do carro, mas elas não se movem. Com seus olhos brilhando na escuridão, elas parecem um pouco sobrenaturais. Então ouço o som de um rosnado na parte de trás do carro.

Bob – nosso labrador preto gigante – ficou quieto durante a maior parte da viagem. Na sua idade ele gosta principalmente de dormir e comer, mas tem medo de ovelhas. E penas. Também tenho medo de coisas bobas, mas tenho razão em ter. O rosnado de Bob não assusta o rebanho. Adam abre a porta do carro sem avisar, e uma rajada de neve sopra imediatamente para dentro, atingindo-nos de todas as direções. Observo enquanto ele sai, protege o rosto e depois espanta as ovelhas, antes de abrir uma porteira que estava escondida atrás delas. Não sei como Adam viu isso no escuro.

Ele volta para o carro sem dizer uma palavra, eu aproveito o tempo enquanto percorremos o resto do caminho. A trilha fica perigosamente perto da borda do lago e posso entender por que deram ao lugar o nome de Blackwater. Ao estacionar em frente à velha capela branca, começo a me sentir melhor. Foi uma jornada exaustiva, mas conseguimos, e digo a mim mesma que tudo ficará bem assim que entrarmos.

Entrar em uma nevasca é um choque para o sistema. Enrolo-me no casaco, mas o vento gelado ainda tira o ar dos meus pulmões e a neve bate no meu rosto. Tiro Bob do porta-malas e nós três caminhamos pela neve em direção a duas grandes portas de madeira de aparência gótica. Uma capela convertida parecia romântica a princípio. Peculiar e divertido. Mas agora que estamos aqui, parece um pouco com a abertura do nosso próprio filme de terror.

As portas da capela estão trancadas.

— Os proprietários mencionaram alguma coisa sobre uma caixa de chaves? — Adam pergunta.

— Não, eles apenas disseram que as portas estariam abertas — eu digo.

Olho para o imponente edifício branco, protegendo os olhos da neve implacável, e admiro as grossas paredes de pedra branca, a torre do sino e os vitrais. Bob começa a rosnar novamente, o que não é típico dele, mas talvez haja mais ovelhas ou outros animais à distância? Algo que Adam e eu simplesmente não conseguimos ver?

— Talvez haja outra porta nos fundos? — Adam sugere.

— Eu espero que você esteja certo. O carro já parece precisar ser retirado da neve.

Caminhamos em direção à lateral da capela, com Bob na frente, forçando a liderança como se estivesse rastreando alguma coisa. Embora existam infinitos vitrais, não encontramos mais portas. E apesar da frente do edifício ser iluminada por luzes exteriores – aquelas que podíamos ver à distância – lá dentro está completamente escuro. Seguimos em frente, de cabeça baixa contra o clima implacável, até completarmos o círculo.

— E agora? — Eu pergunto.

Mas Adam não responde.

Olho para cima, protegendo os olhos da neve, e vejo que ele está olhando para a frente da capela. As enormes portas de madeira estão agora abertas.

CAPÍTULO DOIS

ADAM



Se toda história tivesse um final feliz, não teríamos motivos para começar de novo. A vida é feita de escolhas e de aprender como nos recompor quando desmoronamos. O que todos nós fazemos. Até mesmo as pessoas que fingem que não. Só porque não consigo reconhecer o rosto da minha esposa, não significa que não sei quem ela é.

— As portas estavam fechadas antes, certo? — Pergunto, mas Amelia não responde.

Ficamos lado a lado do lado de fora da capela, ambos tremendo, com a neve soprando ao nosso redor em todas as direções. Até Bob parece infeliz e está sempre feliz. Foi uma viagem longa e tediosa, agravada pela constante dor de cabeça na base do crânio. Bebi mais do que deveria com alguém que não deveria ontem à noite. De novo. Em defesa do álcool, fiz algumas coisas igualmente estúpidas enquanto estava completamente sóbrio.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas — diz minha esposa eventualmente, mas acho que nós dois já ultrapassamos vários

obstáculos.

— As portas não se abriram sozinhas...

— Talvez a governanta nos tenha ouvido bater? — Ela interrompe.

— A governanta? Qual site você usou para reservar este lugar novamente?

— Não estava em um site. Ganhei um fim de semana fora no sorteio de Natal dos funcionários.

Não respondo por alguns segundos, mas o silêncio pode prolongar o tempo, fazendo com que pareça mais longo. Além disso, meu rosto está tão frio agora que não tenho certeza se consigo mover minha boca. Mas acontece que eu posso.

— Só para deixar isso claro... você ganhou um fim de semana fora, para ficar em uma antiga igreja escocesa, em um sorteio de funcionários no Battersea Dogs Home?

— É uma capela, mas sim. O que há de errado nisso? Fazemos sorteio todos os anos. As pessoas doam presentes, ganhei algo bom, para variar.

— Ótimo — eu respondo. — Isso definitivamente tem sido “bom” até agora.

Ela sabe que detesto viagens longas. Eu odeio carros e dirigir ponto final – nunca fiz um teste – então oito horas preso em sua lata antiga sobre quatro rodas, durante uma tempestade, não é minha ideia de diversão. Olho para o cachorro em busca de apoio moral, mas Bob está muito ocupado tentando comer flocos de neve que caem do céu. Amelia, sentindo a derrota, usa aquele tom melodioso passivo-agressivo que costumava me divertir. Hoje em dia isso me faz desejar ser surdo.

— Vamos entrar? Fazer o melhor disso? Se estiver muito ruim, simplesmente iremos embora, encontraremos um hotel ou dormiremos no carro, se for necessário.

Prefiro comer meu próprio fígado a voltar para o carro dela.

Minha esposa diz as mesmas coisas ultimamente, repetidamente, e suas palavras sempre parecem um beliscão ou um tapa. “Eu não te entendo” é o que mais me irrita, por que o que há para entender? Ela gosta mais de animais do que de pessoas. Eu prefiro ficção. Suponho que os verdadeiros problemas começaram quando começamos a preferir essas coisas um ao outro. Parece que os termos e condições do nosso relacionamento foram esquecidos ou nunca foram lidos adequadamente. Não é como se eu não fosse um viciado em trabalho quando nos conhecemos. Ou “escritor viciado” como ela gosta de chamar. Todas as pessoas são viciadas e todos os viciados desejam a mesma coisa: fugir da realidade. Acontece que meu trabalho é minha droga favorita.

Igual, mas diferente, é o que digo a mim mesmo quando começo um novo roteiro. Acho que é isso que as pessoas querem, e por que mudar os ingredientes de uma fórmula vencedora? Posso dizer nas primeiras páginas de um livro se ele funcionará ou não na tela – o que é uma coisa boa, porque recebo muitos deles para ler todos os dias. Mas só porque sou bom no que faço não significa que quero fazer isso pelo resto da vida. Tenho minhas próprias histórias para contar. Mas Hollywood não está mais interessado em originalidade, eles só querem transformar livros em filmes ou programas de TV, como o vinho em água. Diferente, mas igual. Mas será que essa regra também se aplica aos relacionamentos? Se interpretarmos os mesmos personagens por muito tempo em um casamento, não é inevitável que fiquemos entediados com a história e desistamos ou desliguemos antes de chegar ao fim?

— Nós devemos? — Amelia diz, interrompendo meus pensamentos e olhando para a torre do sino no topo da capela assustadora.

— Damas primeiro. — Não posso dizer que não sou um cavalheiro. — Vou pegar as malas no carro — acrescento, ansioso para aproveitar meus últimos segundos de solidão antes de entrarmos.

Passo muito tempo tentando não ofender as pessoas: produtores, executivos, atores, agentes, autores. Adicione a cegueira facial nessa

mistura, e acho justo dizer que sou do nível olímpico quando se trata de pisar em ovos. Certa vez, conversei com um casal em um casamento por dez minutos antes de perceber que eram os noivos. Ela não usava um vestido tradicional e ele parecia um clone de seus muitos padrinhos. Mas me safei porque encantar pessoas faz parte do meu trabalho. Fazer com que um autor me confie o roteiro de seu livro pode ser mais difícil do que persuadir uma mãe a deixar um estranho cuidar de seu filho primogênito. Mas sou bom nisso. Infelizmente, encantar minha esposa parece ser algo que esqueci como fazer.

Nunca conto às pessoas sobre ter prosopagnosia. Em primeiro lugar, não quero que isso me defina, honestamente, quando alguém sabe, é só sobre isso que quer falar. Não preciso e nem quero pena de ninguém e não gosto de me sentir uma aberração. O que as pessoas parecem nunca entender é que para eu é normal não conseguir reconhecer rostos. É apenas uma falha na minha programação, aquela que não pode ser consertada. Não estou dizendo que estou bem com isso. Imagine não ser capaz de reconhecer seus próprios amigos ou familiares? Ou não saber como é o rosto da sua esposa? Detesto encontrar Amelia em restaurantes, caso me sente na mesa errada. Eu escolheria comida para viagem sempre que dependesse de mim. Às vezes nem reconheço meu próprio rosto quando me olho no espelho. Mas aprendi a conviver com isso. Como todos nós fazemos quando a vida nos dá uma mão nada perfeita.

Acho que também aprendi a conviver com um casamento nada perfeito. Mas não é todo mundo? Não estou sendo derrotista, apenas honesto. Não é disso que se tratam os relacionamentos de sucesso? Compromisso? Algum casamento é realmente *perfeito*?

Eu amo minha esposa. Só acho que não gostamos um do outro tanto quanto costumávamos.

— Isso é quase tudo — eu digo, reunindo-me com ela nos degraus da capela, sobrecarregada com mais malas do que poderemos precisar para algumas noites fora. Ela olha para meu ombro como se isso a tivesse ofendido.

— Essa é a bolsa do seu laptop? — Ela pergunta, sabendo muito bem que é.

Não sou um novato, então não posso explicar ou desculpar meu erro. Imagino Amelia fazendo uma cara de cartão de ir para a cadeia². Este não é um bom começo. Não terei permissão para escrever neste fim de semana ou evitar o cartão para a cadeia. Se nosso casamento fosse um jogo de Banco Imobiliário, minha esposa me cobraria o dobro toda vez que eu acidentalmente pousasse em um de seus hotéis.

— Você prometeu não trabalhar — diz ela naquele tom desapontado e choroso que se tornou tão familiar. Meu trabalho pagava nossa casa e nossas férias, ela não reclamou disso.

Quando penso em tudo o que temos – uma bela casa em Londres, uma vida boa, dinheiro no banco – penso a mesma coisa de sempre: deveríamos ser felizes. Mas todas as coisas que não temos são mais difíceis de ver. A maioria dos amigos da nossa idade tem pais idosos ou filhos pequenos com quem se preocupar, mas só temos um ao outro. Sem pais, sem irmãos, sem filhos, só nós. A falta de pessoas para amar é algo que sempre tivemos em comum. Meu pai foi embora quando eu era muito jovem para me lembrar de alguma coisa sobre ele, minha mãe morreu quando eu ainda estava na escola. A infância da minha esposa não foi menos que *Oliver Twist*³, ela era órfã antes de nascer.

Bob nos salva de nós mesmos rosnando novamente para as portas da capela. É estranho, porque ele nunca faz isso, mas fico grato pela distração. É difícil acreditar que ele era um cachorrinho abandonado em uma caixa de sapatos e jogado no lixo. Desde então, ele se tornou o maior labrador preto que já vi. Ele tem uma coleção de pelos grisalhos no queixo atualmente e anda mais devagar do que antes, mas o cachorro é o único ainda capaz de amor incondicional em nossa família de três pessoas. Tenho certeza de que todos pensam que o tratamos como um filho substituto, mesmo que sejam educados demais para dizer isso. Eu sempre disse que não me importava de não ter um de verdade. As pessoas que não conseguem dar um nome aos seus filhos conseguem dar um nome a um futuro diferente. Além disso, de que

adianta querer algo que você sabe que não pode ter? Tarde demais para isso agora.

Normalmente não sinto com quarenta. Às vezes tenho dificuldade em entender para onde foram os anos e quando fiz a transição de menino para homem. Talvez fazer um trabalho que adoro tenha algo a ver com isso. Meu trabalho me faz sentir jovem, mas minha esposa me faz sentir velho. O conselheiro matrimonial foi ideia de Amelia e esta viagem foi deles. “Chame-me de Pamela”, a suposta especialista, pensou que um fim de semana fora poderia nos resolver. Acho que todos os fins de semana e noites que passamos juntos em casa foram nulos e sem efeito. Visitas semanais para compartilhar os cantos mais íntimos de nossas vidas com um completo estranho custam mais do que apenas a taxa exorbitante. Por esse dinheiro, e por vários outros motivos, liguei repetidamente para Pammy ou Pam sempre que nos encontrávamos. “Chame-me de Pamela” não gostou disso, mas eu não gostei muito dela então ajudou a equilibrar as coisas. Minha esposa não queria que ninguém soubesse que estávamos tendo problemas, mas suspeito que alguns tenham notado. A maioria das pessoas consegue ver o que está escrito na parede, mesmo que nem sempre consiga ler o que está escrito.

Um fim de semana fora pode realmente salvar um casamento? Foi o que Amelia disse quando “Chame-me de Pamela” sugeriu. Eu não acho. É por isso que criei meu próprio plano para nós muito antes de concordar com o dela. Mas agora estamos aqui... subindo os degraus da capela... e não sei se conseguirei continuar com isso.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Eu digo, parando antes de entrar.

— Sim. Por quê? — Ela pergunta, como se não pudesse ouvir o cachorro rosnando e o vento uivando.

— Não sei. Algo não parece certo...

— Esta não é uma história de terror escrita por um de seus autores favoritos, Adam. Isto é vida real. Talvez o vento tenha aberto as portas?

Ela pode dizer o que quiser, mas as portas não estavam simplesmente fechadas antes. Elas estavam trancadas e nós dois sabemos disso.

Nós nos encontramos no que as pessoas elegantes chamam de sala de bagagens e eu coloco as malas no chão. Uma poça de neve derretida se forma ao redor dos meus pés. O piso de laje parece antigo e há armazenamento embutido ao longo da parede posterior com cubículos de madeira rústicos projetados para botas. Há também fileiras de ganchos para casacos, todos vazios. Não tiramos nossos sapatos ou jaquetas cobertos de neve. Em parte porque está tão frio aqui quanto lá fora, mas também talvez porque ainda parece incerto se vamos ficar.

Uma parede está coberta de espelhos, pequenos, do tamanho da minha mão. Eles têm formas e tamanhos estranhos, com molduras de metal intrincadas, foram pendurados aleatoriamente no lugar com pregos enferrujados e barbante rústico. Deve haver cinquenta conjuntos de nossos rostos refletidos para nós. Quase como se todas as versões de nós mesmos que nos tornamos para tentar fazer nosso casamento funcionar, se reunissem para desprezar quem nos tornamos. Parte de mim está feliz por não poder reconhecê-los. Não tenho certeza se gostaria do que via, se pudesse.

Essa não é a única característica interessante do design de interiores. Os crânios e chifres de dois veados foram montados como troféus na parede caiada mais distante, com quatro penas brancas projetando-se dos buracos onde seus olhos deveriam ter estado. É um pouco estranho, mas minha esposa olha mais de perto e fica fascinada, como se estivesse visitando uma galeria de arte. Há um antigo banco de igreja no canto que me chama a atenção. Parece antigo e está coberto de poeira, como se ninguém estivesse aqui há muito tempo. No que diz respeito às primeiras impressões, esta não é das melhores.

Lembro-me de como Amelia e eu éramos juntos, no começo. Naquela época, nós simplesmente nos demos bem... amávamos a mesma comida, os mesmos livros, e o sexo era o melhor que eu já tinha feito. Tudo o que eu podia e não conseguia ver nela era lindo. Tínhamos

muito em comum e queríamos as mesmas coisas na vida. Ou pelo menos pensei que sim. Hoje em dia ela parece querer outra coisa. Talvez outra pessoa. Porque não fui eu quem mudou.

— Você não precisa levantar poeira para defender uma posição — diz Amelia. Olho para o rostinho infantil e sorridente a que ela se refere no banco da igreja. Eu não tinha notado isso antes.

Eu não desenhei.

As grandes portas externas de madeira se fecham atrás de nós antes que eu possa me defender.

Nós dois giramos, mas não há ninguém aqui além de nós. Todo o edifício parece tremer, os pequenos espelhos na parede balançam um pouco nos pregos enferrujados e o cachorro choraminga. Amelia olha para mim com os olhos arregalados e a boca formando um O perfeito. Minha mente tenta oferecer uma explicação racional, porque é isso que sempre faz.

— Você pensou que o vento poderia ter aberto as portas... talvez as tenha fechado — eu digo, e Amelia assente.

A mulher com quem casei há mais de dez anos nunca acreditaria nisso. Mas hoje em dia, minha esposa só ouve o que quer ouvir e vê o que quer ver.

CAPÍTULO TRÊS

PEDRA

Palavra do ano:

Limerência substantivo. Um estado de espírito involuntário causado por uma atração romântica por outra pessoa combinada com uma necessidade avassaladora e obsessiva de ter os sentimentos correspondidos.

Outubro de 2007

Prezado Adam,

Foi algo à primeira vista quando nos conhecemos.

Eu não tinha certeza do quê, mas sei que você também sentiu.

O Cinema Elétrico foi um primeiro encontro diferente. Nós dois tínhamos ido ver um filme sozinhos, mas eu sentei na sua cadeira por engano, começamos a conversar e saímos juntos depois do filme. Todos pensaram que éramos loucos e que o romance turbulento não duraria, mas sempre tive grande satisfação em provar que as pessoas estavam

erradas. Assim como você. É uma das muitas coisas que temos em comum.

Confesso que morar juntos não foi exatamente como imaginei. É mais difícil esconder o lado mais sombrio de alguém com quem você mora, e você fez um trabalho melhor em esconder toda a desordem quando eu só vim visitá-lo. Mudei o nome do corredor para Rua da História, porque ele está repleto de tantas pilhas oscilantes de manuscritos e livros que temos que desviar para passar por ele. Eu sabia que ler e escrever eram uma grande parte da sua vida, mas talvez precisemos encontrar algo maior do que um estúdio no porão de uma antiga casa em Notting Hill, agora que moro aqui também. Estou tão feliz. Acostumei-me a ficar em segundo plano na nossa orquestra e aceito que sempre seremos três nesta relação: você, eu e sua escrita.

Foi a causa da nossa primeira grande discussão, lembra? Suponho que deveria ter pensado melhor antes de vasculhar as gavetas da sua mesa, mas estava apenas procurando fósforos. Foi quando encontrei o manuscrito de Rock Paper Scissors, com seu nome digitado em Times New Roman na primeira página. Eu tinha o apartamento só para mim e uma garrafa de vinho decente, então li tudo naquela noite. Pela sua expressão quando chegou em

caixa, qualquer um pensaria que eu tinha lido seu diário.

Mas acho que entendo agora. Esse manuscrito não era apenas uma história não vendida; era como uma criança abandonada. Rock Paper Scissors foi seu primeiro roteiro, mas nunca chegou às telas. Você colaborou com três produtores, dois diretores e um ator de primeira linha. Você passou tantos anos escrevendo rascunho após rascunho, mas ainda assim nunca foi além do desenvolvimento. Deve ser perturbador que sua história favorita tenha sido esquecida, deixada para morrer na gaveta da escrivaninha, mas tenho certeza de que não ficará assim para sempre. Tornei-me seu primeiro leitor oficial desde então - um papel do qual tenho muito orgulho - e sua escrita está cada vez melhor.

Eu sei que você prefere ver seus próprios contos transformados em filmes, mas por enquanto é tudo sobre os de outras pessoas. Ainda não me acostumei com a quantidade de tempo que você gasta lendo seus livros, porque alguém em algum lugar pensa que poderia funcionar na tela. Mas eu vi você desaparecer dentro de um livro como um coelho dentro da cartola de um mágico, e aprendi a aceitar que às vezes você é um pouco egocêntrico e não reaparece por dias.

Felizmente, os livros são outra coisa que temos em comum, embora eu ache justo dizer que temos gostos diferentes. Você gosta de histórias de terror, suspense e romances policiais, que não são minha preferência. Sempre pensei que devia haver algo muito errado com as pessoas que escrevem ficção sombria e distorcida. Prefiro uma boa história de amor. Mas tentei ser compreensiva em relação ao seu trabalho, embora às vezes doa quando você escolhe passar seu tempo em um mundo de fantasia, em vez de aqui, no mundo real, comigo.

Acho que foi por isso que fiquei tão chateada quando você disse que não conseguiríamos um cachorro. Tenho apoiado você e sua carreira desde que nos conhecemos, mas às vezes me preocupava que nosso futuro fosse realmente apenas sobre o seu. Sei que trabalhar para Battersea Dogs Home não é tão glamoroso quanto ser roteirista, mas gosto do meu trabalho, me deixa feliz. Suas razões para não comprar um cachorro foram racionais (você sempre é). O apartamento é ridiculamente pequeno e nós dois trabalhamos muitas horas, mas eu sempre disse que poderia levar o cachorro para o trabalho comigo. Afinal, você traz seu trabalho para casa.

Vejo cachorrinhos abandonados todos os dias, mas este foi diferente. Assim que vi aquela linda bola

de pelo preto, soube que era ele. Que tipo de monstro coloca um filhote de Labrador em uma caixa de sapatos, joga-o em uma lixeira e o deixa lá para morrer? O veterinário disse que ele não tinha mais de seis semanas e a raiva que senti me consumiu. Eu sei o que é ser abandonada por alguém que deveria te amar. Não há nada pior.

Eu queria levar o cachorrinho para casa no dia seguinte, mas você disse não e fiquei com o coração partido pela primeira vez desde que nos conhecemos. Achei que ainda tinha tempo de convencê-lo, mas na tarde seguinte, uma das recepcionistas de Battersea veio ao meu escritório e disse que alguém tinha vindo adotar o cachorro. É meu trabalho avaliar todos os possíveis donos de animais de estimação, então, enquanto caminhava pelo corredor para encontrá-los, secretamente esperava que fossem inadequados. Ninguém vai para uma casa onde não será realmente amado sob minha supervisão.

A primeira coisa que vi quando entrei na sala de espera foi o cachorrinho. Sozinho, sentado no meio do chão frio de pedra. Ele era uma pequena mancha. Então notei o pequeno colarinho vermelho que ele usava e o crachá prateado em forma de osso. Não fazia sentido. Eu ainda nem conhecia os possíveis donos, então eles não deveriam se comportar como se o

cachorro já fosse deles. Peguei o cachorrinho do chão para dar uma olhada mais de perto na inscrição no metal brilhante:

VOCÊ QUER SE CASAR COMIGO?

Quase o deixei cair.

Não sei o que meu rosto fez quando você saiu de trás da porta. Eu sei que chorei. Lembro-me que metade da minha equipe parecia estar nos observando pela janela de observação. Eles também tinham lágrimas nos olhos e grandes sorrisos nos rostos. Todo mundo estava envolvido nisso, menos eu! Quem diria que você era tão bom em guardar segredos?

Me desculpe por não ter dito sim imediatamente. Acho que entrei em choque quando você caiu de joelhos. Quando vi o anel de noivado de safira - que eu sabia que era da sua mãe - fui dominada por uma onda de emoções que não consegui processar. E com todos olhando para nós, me senti completamente sobrecarregada.

— Acho que é melhor tomar todas as decisões importantes da vida com um jogo de pedra, papel e tesoura — provoquei, porque acredito na sua escrita

tanto quanto acredito em nós, e não acho que deveríamos desistir de nenhum deles.

Você sorriu. — Então, só para esclarecer, se eu perder, é sim?

Assenti e fechei o punho.

Minha tesoura cortou seu papel, como sempre faz quando jogamos esse jogo, então não foi uma grande aposta. Sempre que ganho alguma coisa, você sempre gosta de pensar que me deixou.

Durante os primeiros meses de nosso relacionamento, zombei de você por usar muitas palavras longas, e você me provocou por não saber o que elas significavam.

— Não sei se isso é limerência ou amor — foi o que você disse depois de me beijar pela primeira vez. Tive que pesquisar quando cheguei em casa. As coisas estranhas que você às vezes dizia, junto com a disparidade em nosso vocabulário, deram início à nossa tradição de "palavra do dia" antes de dormir. As suas são muitas vezes melhores que as minhas porque às vezes também deixa você ganhar. Talvez pudéssemos começar a ter uma palavra do ano? O

deste ano deveria ser "limerência," ainda tenho uma queda por isso.

Eu sei que você acha que as palavras são importantes - o que faz sentido dada a carreira que você escolheu - mas percebi recentemente que as palavras são apenas palavras, uma série de letras, organizadas em uma determinada ordem, provavelmente no idioma que nos foi atribuído no nascimento. As pessoas são descuidadas com suas palavras hoje em dia. Elas as jogam fora em um texto ou tweet, elas as escrevem, fingem que as leem, distorcem-nas, citam-nas erroneamente, mentem com, sem e sobre elas. Elas as roubam e depois as doam. O pior de tudo é que elas as esquecem. As palavras só têm valor se nos lembrarmos de como sentir o que elas significam. Não esqueceremos, não é? Gosto de pensar que o que temos é mais do que apenas palavras.

Estou feliz por ter encontrado seu roteiro secreto escondido em sua mesa e entendo por que ele significa mais para você do que qualquer outra coisa que você escreveu. Ler *Rock Paper Scissors* foi como ter um pequeno vislumbre da sua alma; uma parte de você que você ainda não estava pronto para me mostrar, mas não deveríamos esconder segredos um do outro ou de nós mesmos. Sua história de amor

sombria e distorcida, sobre um homem que escreve uma carta para sua esposa todos os anos no aniversário de casamento, mesmo depois que ela morre, me inspirou a começar a escrever minhas próprias cartas. Para você. Uma vez por ano. Não sei se irei compartilhá-las com você ainda, mas talvez um dia nossos filhos possam ler como escrevemos nossa própria história de amor e vivemos felizes para sempre.

Sua futura esposa

xx

CAPÍTULO QUATRO

ADAM



Bati as portas da capela. Eu não queria fazer isso com tanta força, ou perceber que iria causar um estrondo tão alto. E não sei por que simplesmente não confessei isso em vez de culpar o vento. Talvez porque esteja cansado de ser repreendido pela minha esposa a cada cinco minutos.

Há outra porta no bagageiro, bem no meio da parede de espelhos em miniatura. Bob começa a arranhar, deixando marcas na madeira. Junto com o rosnado anterior, é outra coisa que ele nunca fez antes.

Hesito antes de girar a maçaneta, mas quando o faço, a porta se abre revelando um corredor longo e escuro. O som de nossos passos no chão de pedra parece ecoar nas paredes brancas, enquanto nós três caminhamos em direção à próxima porta ao longe. Quando passamos por isso, tudo que consigo ver é escuridão. Mas quando meus dedos encontram um interruptor de luz, vejo que estamos em uma cozinha de aparência bastante normal. É enorme, mas ainda parece aconchegante e caseiro. Se não fosse pelo teto abobadado, pelas vigas expostas e pelos vitrais, você nunca saberia que a cozinha fazia parte de uma capela.

Um grande fogão de cor creme ocupa o centro das atenções, cercado por armários de aparência cara. Há uma mesa de madeira de aparência sólida no meio da cozinha, cercada por bancos de igreja restaurados. É o tipo de cozinha que você vê nas revistas, exceto pela espessa camada de poeira que cobre todas as superfícies.

Algo na mesa chama minha atenção. Dou um passo mais perto e vejo que é uma nota digitada, endereçada a nós:

Queridos Amelia, Adam e Bob,

Por favor, sintam-se em casa.

O quarto no final do patamar foi preparado para vocês. Há comida no freezer, vinho na cripta e você encontrará lenha extra no depósito de toras nos fundos, caso precise.

Nós esperamos que aproveitem sua estadia.

— Bem, pelo menos sabemos que estamos no lugar certo — diz Amelia, girando o anel de noivado no dedo. É algo que ela sempre faz quando está nervosa. Uma daquelas pequenas peculiaridades que eu costumava achar cativante.

— Quem é o “nós” na nota? — Eu pergunto.

— O quê?

— “Esperamos que aproveitem sua estadia”. Você disse que ganhou um sorteio este fim de semana, mas quem é o dono do lugar?

— Não sei... acabei de receber um e-mail dizendo que ganhei.

— De quem?

Amelia dá de ombros. — A governanta. Ela enviou as instruções e uma foto da capela com Blackwater Loch ao fundo. Parecia incrível. Mal posso esperar para você ver isso à luz do dia...

— Tudo bem, mas qual era o nome dela?

Ela dá de ombros. — Não sei. O que te faz pensar que é uma mulher? Os homens também são capazes de limpar, mesmo que você nunca o faça.

Ignoro a indireta, aprendi que é melhor fazê-lo, mas nem minha esposa pode negar que há algo muito estranho nisso tudo.

— Estamos aqui agora — diz ela, envolvendo os braços em volta de mim. O abraço parece estranho, como se estivéssemos sem prática. — Vamos tentar aproveitar ao máximo. Será apenas por algumas noites e será uma daquelas histórias engraçadas que podemos contar aos nossos amigos depois.

Não consigo ver expressões nos rostos, mas ela consegue, então tento manter a minha neutralidade e resistir a apontar que não temos mais amigos. Não aqueles que vemos juntos. Nosso círculo social tornou-se um pouco quadrado. Ela tem a vida dela e eu tenho a minha.

Exploramos o resto do rés-do-chão, que foi basicamente dividido em duas grandes divisões: a cozinha e um amplo salão, que mais parece uma biblioteca. Estantes de madeira personalizadas revestem as paredes do chão ao teto – exceto pelos ocasionais vitrais – e todas as prateleiras estão repletas de livros. Eles estão bem organizados e com cores coordenadas, possivelmente organizados por alguém com muito tempo disponível.

Uma escada em espiral de madeira de design complexo domina o meio da sala de um lado. Do outro, há uma enorme lareira de pedra, enegrecida pela fuligem e pelo tempo, literalmente grande o suficiente para se sentar nela. A lareira já foi preparada com papel, gravetos e lenha, e há uma caixa de fósforos ao lado dela. Acendo imediatamente – o lugar está gelado e nós também. Amelia pega a caixa de fósforos da minha mão e acende as velas da igreja na lareira de aparência gótica, além de algumas outras que encontra em lanternas espalhadas pela sala. Já parece e é muito mais aconchegante.

O piso irregular de pedra – que deve ter sido o mesmo quando a capela ainda era uma capela – é coberto por tapetes de aparência antiga, e os dois sofás xadrez de cada lado da lareira parecem bem-

usados e desgastados. Há marcas no assento e nas almofadas, como se alguém estivesse sentado ali momentos antes de chegarmos.

Quando estou começando a relaxar, ouço um estranho som de batidas e arranhões em uma das janelas. Bob late, e meu coração começa a acelerar um pouco quando vejo o que parece ser uma mão esquelética batendo no vidro. Mas é apenas uma árvore. Seus galhos nus, parecidos com ossos, sendo soprados contra o prédio pelo vendaval lá fora.

— Por que você não coloca uma música? Talvez possamos abafar o som da tempestade? — Amelia diz, e eu obedientemente encontro a bolsa onde coloquei os alto-falantes de viagem. Tenho uma seleção de músicas muito melhor no meu telefone do que ela, mas lembro que não estava no carro. Olho para minha esposa e me pergunto se isso foi um teste.

— Não estou com meu celular — digo, desejando poder ver sua expressão.

Não gosto de falar sobre cegueira facial, nem com ela. As coisas que nos definem raramente são o que podemos escolher. Mas às vezes, quando olho para os rostos de outras pessoas, as feições delas começam a girar como uma pintura de Van Gogh.

— Acho que um cirurgião teria dificuldade em separar você do telefone na maior parte do tempo. Provavelmente é uma bênção disfarçada que você o tenha deixado em casa por engano. Há alguns álbuns que você gosta no meu, e uma pausa de ficar olhando para as telas o dia todo vai te fazer bem — diz ela.

Mas é uma resposta ruim e errada.

Eu a vi tirar meu celular do porta-luvas antes de sairmos de casa esta manhã. Sempre coloco lá para viagens longas – sinto náuseas se olho para telas em carros ou táxis – e ela sabe disso. Eu a observei tirá-lo e colocá-lo de volta em casa. Então eu a ouvi mentir sobre isso até aqui.

Tendo sido casado há tanto tempo, sei que não devo pensar que minha esposa não tem alguns segredos – eu certamente tenho – mas nunca a vi se comportando assim. Não preciso ver o rosto dela para saber quando ela não está me dizendo a verdade. Você pode sentir quando alguém que você ama está mentindo. O que ainda não sei é por quê.

CAPÍTULO CINCO

AMELIA



Observo Adam enquanto ele coloca outra lenha no fogo. Ele está se comportando de maneira ainda mais estranha do que o normal e parece cansado. Bob parece igualmente impressionado, estirado no tapete. Ambos são propensos ao mau humor quando estão com fome. Temos muita comida para cachorro – Adam sempre diz que cuido melhor do cachorro do que dele, mas isso não ajuda a resolver o problema do que podemos comer. Eu deveria ter embalado mais do que apenas biscoitos e salgadinhos para a viagem. A loja onde eu pretendia parar fechou mais cedo devido à tempestade, e meu plano alternativo de jantar no Blackwater Inn foi um fracasso épico – o pub abandonado parecia ter sido abandonado há anos.

— O bilhete na cozinha dizia algo sobre haver comida no freezer. Por que não vemos o que podemos encontrar? — Sugiro voltando para a cozinha sem esperar resposta.

Os armários estão vazios e não consigo encontrar um freezer.

A geladeira também está vazia e nem ligada. Há uma máquina de café, mas não há café ou chá. Não há nem panelas e frigideiras. Encontro dois pratos, duas tigelas, duas taças de vinho e duas facas e garfos, mas é isso. A propriedade é tão grande que parece estranho ter apenas duas peças de tudo.

Posso ouvir Adam na outra sala. Ele colocou um dos álbuns que adoramos ouvir quando nos conhecemos, e eu me sinto amolecer um pouco. Essa versão de nós era boa. Às vezes, meu marido me lembra dos cães vadios no trabalho... alguém que precisa de proteção do mundo real. Provavelmente é por isso que ele passa tanto tempo da vida desaparecendo nas histórias. Acreditar em alguém é um dos maiores presentes que você pode dar, é grátis e os resultados podem ser inestimáveis. Tento aplicar essa regra à minha vida pessoal e também ao meu trabalho.

Na semana passada, entrevistei três possíveis proprietários em Battersea de um cockapoo chamado Bertie. A primeira foi uma mulher loira de quase quarenta anos. Ambiente familiar estável, bom trabalho, ótimo no papel. Consideravelmente menos pessoalmente. Donna estava atrasada para seu compromisso, mas sentou-se em meu pequeno escritório sem sequer o menor sinal de desculpas, vestida com um traje de corrida rosa chiclete e esfaqueando seu telefone com uma unha postiça combinando.

— Isso vai demorar? Tenho um almoço marcado — disse ela, mal erguendo os olhos.

— Bem, sempre gostamos de conhecer novos proprietários em potencial. Gostaria de saber se você poderia me dizer o que havia em Bertie que fez você se interessar em adotá-lo?

Seu rosto se contraiu, como se eu tivesse pedido que ela resolvesse uma equação complexa.

— Bertie? — Ela fez beicinho.

— O cachorro...

Ela gargalhou. — Claro, desculpe, vou mudar o nome dele para Lola assim que o levar para casa. Todo mundo tem um cockapoo agora, não é? Eu os vi em todo o Insta.

— Não recomendamos mudar o nome de um cachorro quando ele for um pouco mais velho, Donna. E Bertie é um menino. Mudar o nome dele para Lola seria como se eu te chamasse de Fred. Depois de

conversarmos, levarei você para conhecer Bertie e ver como vocês dois se dão. Mas infelizmente você não poderá levá-lo para casa hoje. Existem várias etapas neste processo. Para que possamos ter certeza de que é o ajuste certo.

— Tenho certeza que ficarei bem.

— O ajuste certo para o cachorro.

— Mas... eu já comprei as roupas combinando.

— Roupas?

— Sim, no eBay. Trajes dos Caça-Fantasmas. Um para mim e uma versão mini cachorro para Lola. Meus seguidores do Insta vão adorar! Faz truques?

Rejeitei a candidatura da Donna. Rejeitei as próximas duas pessoas que vieram ver Bertie também – embora uma tenha ameaçado “falar com meu gerente” e a outra me chamasse de “até a próxima terça.” Ninguém vai para uma casa onde não será realmente amado sob minha supervisão.

Existem tantas variedades de desgosto quanto de amor, mas o medo é sempre o mesmo, e não tenho vergonha de admitir que tenho medo de tantas coisas agora. Acho que talvez a verdadeira razão pela qual estou com tanto medo de perder “ou abandonar” meu marido seja porque não tenho mais ninguém. Nunca soube o que é ter uma família de verdade e sempre fui melhor em fazer amizades do que em fazer amigos. Nas raras ocasiões em que sinto que conheci alguém em quem posso confiar, aguento firme. Apertado. Mas meu julgamento pode estar errado. Há algumas pessoas na minha vida das quais eu não deveria ter me afastado: deveria ter fugido.

Nunca conheci meus pais. Eu sei que meu pai gostava de carros antigos, talvez seja por isso que eu também gosto, por que não consigo largar meu antigo Morris Minor, apesar das constantes reclamações de Adam. Acho difícil confiar em coisas, lugares ou pessoas novas. Meu pai trocou seu MG Midget antigo por um carro familiar novo pouco antes de eu nascer. Novo nem sempre significa melhor. Os freios falharam no

caminho para o hospital quando minha mãe estava em trabalho de parto, um caminhão bateu no lado do motorista do carro e os dois morreram instantaneamente. O médico – que estava dirigindo na outra direção – de alguma forma me trouxe ao mundo na beira da estrada. Ele me chamou de bebê milagroso e me chamou de Amelia por causa de sua obsessão pela aviadora. Ela gostava de voar para longe também. Voei de um lar adotivo para outro até os dezoito anos.

— Acho que as pessoas não ficam aqui com muita frequência. Está um frio de rachar e tudo está coberto de poeira — Adam diz, aparecendo atrás de mim e me fazendo pular. — Desculpe, não queria assustar você.

Ele fez.

— Eu não estava com medo...

Eu estava.

— Estou cansada da viagem e não consigo encontrar nada para comer.

— Você tentou aqui? — Ele pergunta, indo em direção a uma porta em arco no canto da cozinha.

— Sim, mas está trancada — respondo, sem erguer os olhos. Adam sempre pensa que sabe mais do que eu.

— Talvez a maçaneta estivesse um pouco rígida — diz ele, enquanto a porta se abre.

Ele aperta um botão, quando o alcanço, vejo que a porta leva ao que parece ser uma despensa. Mas as prateleiras estão cheias de ferramentas em vez de comida. Há caixas bem empilhadas de pregos e parafusos, porcas, chaves inglesas e martelos de diferentes tamanhos e uma seleção de serras e machados pendurados na parede posterior. Há também uma série de ferramentas menores de aparência estranha que não reconheço, como cinzéis em miniatura, facas curvas e lâminas redondas, todas com cabos de madeira combinando. O espaço úmido e escuro é iluminado por uma única lâmpada pendurada no teto. Ela se esforça para iluminar tudo abaixo, mas é impossível não notar o grande

freezer no canto da sala. É maior do que eu – do tipo que você encontra em um supermercado, – ao contrário da geladeira, já sei que está conectado pelo zumbido que faz.

Hesito antes de levantar a tampa, mas não preciso me preocupar.

O freezer está abastecido com o que parecem ser refeições congeladas caseiras individuais. Cada recipiente de papel alumínio e tampa de papelão são cuidadosamente etiquetados com escrita elaborada. Deve haver mais de cem jantares aqui, uma seleção e tanto: lasanha, espaguete à bolonhesa, rosbife, torta de carne, sapo no buraco⁴...

— Curry de galinha? — Eu sugiro.

— Parece bom. Agora só precisamos de um pouco de vinho. Felizmente, acho que posso ter encontrado a cripta — diz Adam.

Ele descobriu uma lanterna entre todas as outras ferramentas e a ilumina no chão de pedra. Só então percebo que algumas das lajes gigantes sobre as quais estamos pisando são lápides antigas, cujos nomes gravados nelas estão desgastados depois de anos sendo pisados.

— Aqui embaixo. — Adam diz, apontando a lanterna para um alçapão de madeira que parece antigo.

Eu tremo, e não apenas porque esta sala está inexplicavelmente fria.

CAPÍTULO SEIS

PAPEL

Palavra do ano:

Peripécias substantivo plural. Atividade ou manobra secreta ou desonesta. Comportamento bobo ou espirituoso, peripécias.

28 de fevereiro de 2009 - nosso primeiro aniversário

Prezado Adam,

É nosso primeiro aniversário de casamento, como prometido, estou escrevendo minha carta secreta anual para você, assim como os personagens do seu roteiro favorito. Estou convencida de que Rock Paper Scissors será um grande sucesso em Hollywood um dia, e mesmo que eu nunca deixe você ler as cartas que escrevo, ainda adoro a ideia de poder lembrar a verdadeira história de você e eu quando formos mais velhos.

Os últimos doze meses foram uma montanha-russa para nós. Casar em dia bissexto foi ideia minha, ir para a Escócia em lua de mel foi ideia

sua. Se existe um canto mais bonito do mundo, ainda não o encontrei. Espero que visitemos lá com frequência. Fui promovida no trabalho e pediram que você escrevesse uma adaptação moderna de *A Christmas Carol* para um especial da BBC. Eu sei que não é o que você realmente quer fazer, mas a encomenda foi um alívio. Depois de dois pilotos fracassados, seu trabalho de redação estava acabando. Você ficava dizendo que isso acontece com todo mundo, mas é óbvio que você nunca pensou que isso aconteceria com você.

Tenho tentado ajudar - lendo livros sobre escrita e roteiros, aprendendo sozinha sobre como contar histórias - e você sempre me pede para ler o que você escreveu. Gosto de me sentir parte do processo, além de ser seu primeiro leitor, comecei a editar alguns de seus trabalhos. Apenas algumas notas sobre o manuscrito aqui e ali, que você muitas vezes parece apreciar. Eu só queria que houvesse algo mais que eu pudesse fazer para ajudar. Eu acredito em você e em suas histórias.

Ser casada com um roteirista não é tão glamoroso quanto às pessoas pensam, nem morar em um estúdio em Notting Hill. Nossa rotina matinal como marido e mulher é quase sempre a mesma. Se este fosse um dia normal, você teria me beijado na

bochecha, se levantado, vestido o roupão, feito café e torradas e depois se sentado em sua mesinha no canto do estúdio para começar a trabalhar. Seu trabalho parece envolver muito tempo sonhando acordado olhando para seu laptop e ocasionalmente digitando no teclado. Você gosta de começar cedo, mas isso nem sempre o impede de continuar escrevendo tarde da noite. Às vezes você só parece parar para dormir ou comer. Mas eu não me importo. Aprendi que você tem uma baixa tolerância ao tédio e que o trabalho é sua cura favorita.

Se este fosse um dia normal, eu teria passado meu uniforme na cama - não temos tábua e não há espaço ou necessidade real de uma - então teria me vestido enquanto o tecido ainda estava quente. Eu teria colocado um pouco do seu café que sobrou na minha garrafa térmica, agarrado Bob e pulado no meu velho carro para ir para o trabalho. Todos os dias é dia de trazer seu animal de estimação para o trabalho no Battersea Dogs Home.

Mas hoje não era um dia normal.

É nosso primeiro aniversário, é fim de semana e li algo muito emocionante assim que acordei.

— Ele está morto!

— Quem está morto? — Você perguntou, esfregando o sono dos olhos.

Sua voz estava uma oitava abaixo do normal, como sempre acontece depois de muito vinho tinto na noite anterior. Você começou a beber mais do que costumava, e o álcool barato só parece lubrificar a roda de hamster da escrita noturna em que você está preso. Mas não podemos pagar pelas coisas boas. O orçamento com que vivemos parece um pouco desgastado, e isso nos mantém acordados.

Segurei meu telefone bem na frente do seu rosto, para que você pudesse ler a manchete.

— Henry Winter.

— Henry Winter morreu? — Você disse, sentando-se e me dando meia atenção.

Eu já sabia que Henry Winter era seu autor favorito, você falava dele e de seus livros com frequência e de como adoraria vê-los na tela. O escritor idoso é famoso por não ser famoso, raramente dá entrevistas e tem a mesma aparência há mais de vinte anos: um velho sério, com uma cabeleira branca crescida e os olhos mais azuis que já vi. Nas raras fotos dele online, ele sempre usa

jaquetas de tweed e gravata-borboleta. Acho que é um disfarce: uma persona atrás da qual ele se esconde. Não partilho do seu entusiasmo pelo homem ou pelo seu trabalho, mas isso não muda o fato de ele ser um dos autores mais bem sucedidos de todos os tempos. Mais de cem milhões de cópias de seus mistérios de assassinato e thrillers assustadores foram vendidas em países ao redor do mundo, e ele é um gigante no mundo literário. Embora hostil.

— Não, Henry Winter está vivo e bem. — Resisti à vontade de acrescentar a palavra "tristemente". — Esse homem viverá até os cem anos. É o agente dele que está morto.

Esperiei que você reagisse da maneira que esperava, mas em vez disso você apenas bocejou.

— Por que você está me acordando com essa notícia? — Você perguntou, fechando os olhos e se escondendo sob as cobertas. Seus trinta anos combinam com você. Você está crescendo em sua boa aparência.

— Você sabe por quê — eu disse.

Você parou de fingir que não, mas balançou a cabeça. — Ele nunca disse sim a nenhuma adaptação

de seus livros para a TV ou para o cinema. Nunca. A morte de seu agente não vai mudar isso, e mesmo que mude, Henry Winter nunca vai concordar que eu escreva um roteiro de seu trabalho, quando ele passou a vida inteira dizendo não a todo mundo.

— Bem, eu concordo que você não tem chance com essa atitude. Mas com o porteiro removido do jogo, não vale a pena tentar? Talvez tenha sido seu agente quem não gostou da ideia? Alguns autores fazem tudo o que seus agentes lhes mandam fazer. Imagine se ele dissesse sim.

Seu cabelo caía sobre os olhos - sempre ocupado demais escrevendo para visitar o barbeiro - então não pude ver o que você estava pensando. Mas eu não precisava. Nós dois sabíamos que se você conseguisse que Henry Winter deixasse você adaptar um de seus livros, isso mudaria sua carreira.

— Acho que você deveria pedir ao seu agente para marcar uma reunião — eu disse.

— Meu agente está entediado comigo. Eu não ganho dinheiro suficiente para ele.

— Isso não é verdade. Escrever é um negócio inconstante, mas você é um roteirista ganhador do

prêmio BAFTA...

- O Bafta foi há anos...
- Com um currículo repleto de estrelas...
- Não fui indicado para nenhum prêmio desde...
- É uma série de adaptações bem-sucedidas. Que mal isso poderia causar?
- Que bem isso poderia fazer? Além disso, se o agente de Henry Winter acabou de morrer, o pobre homem provavelmente está de luto. Seria inapropriado.
- Então não está pagando o aluguel deste mês.

Sua ingenuidade em relação a alguns dos autores que você tanto admira me deixa perplexa. Você é uma das pessoas mais inteligentes que já conheci, mas é facilmente enganado ao ver todos os autores através de óculos de leitura cor-de-rosa. A capacidade de escrever um bom livro não faz de alguém uma boa pessoa.

Eu sabia que essa não era uma batalha que eu venceria sem mudar de estratégia, então abri a gaveta

da mesinha de cabeceira e tirei um pequeno embrulho de papel pardo.

— O que é isso? — Você perguntou enquanto eu o colocava na cama.

— Abra e veja.

Você desamarrou o barbante com tanto cuidado, como se quisesse guardar o embrulho. Nós dois não tínhamos muito o que chamar de nosso quando crianças, e acho que um pouco dessa mentalidade de "fazer e consertar" acompanha pessoas como nós até a idade adulta. Encontrar dinheiro para pagar o nosso casamento foi outro desafio este ano. Não era o local... as fileiras de cadeiras no cartório estavam quase vazias, sem família de nenhum dos lados e apenas alguns amigos próximos morando em Londres. Adoro o anel de noivado de safira da sua mãe. Cabe perfeitamente - como se sempre fosse meu - e nunca o tiro, mas ainda havia alianças para comprar, um terno e um vestido. Casar custa um bom dinheiro, e os centavos são mais bonitos quando você não tem muitos deles.

— É um grou⁵ — expliquei, evitando que você perguntasse qual era o presente quando o segurasse

contra a luz. — O papel é o presente tradicional para um primeiro aniversário de casamento, então, quando um poodle abandonado chamado Origami foi largado na porta da Battersea Dogs Home durante a noite na semana passada, isso me deu a ideia. Apreendi sozinha a fazer isso assistindo a um vídeo no YouTube e escolhi o grou porque é um símbolo de felicidade e boa sorte.

— É... adorável — você disse.

— É para trazer boa sorte.

Eu sabia que você gostaria mais quando soubesse disso. Você é o homem mais supersticioso que já conheci. Na verdade, gosto muito da maneira como você saúda as pegas, evita passar por baixo de escadas e fica horrorizado com as pessoas que abrem guarda-chuvas dentro de casa. Eu acho isso cativante. A sorte, seja ela boa ou má, é algo que você leva muito a sério.

Eu sorri quando você colocou o pequeno grou de papel dentro da sua carteira. Será que você vai mantê-lo aí para sempre? Espero que sim, gosto da ideia disso. A menos que algo mais sortudo apareça.

— Eu não esqueci — você disse. — Eu simplesmente não sabia que faríamos isso hoje. Tecnicamente, nosso aniversário só será em 2012.

— É assim mesmo?

— Bem, nos casamos no dia 29 de fevereiro de 2008. Hoje é dia 28. Não será um ano bissexto novamente por mais três anos.

— Podemos estar mortos até lá.

— Ou divorciados.

— Não diga isso.

— Desculpe.

Você tem estado tão ocupado ultimamente. Não estou surpresa que você tenha esquecido. Além disso, você é apenas um homem, esquecer aniversários é algo que você está pré-programado para fazer.

— Você apenas terá que me compensar — eu disse.

Então você enfiou a mão dentro da calça do meu pijama. Acho que você vai se lembrar do que fizemos depois disso sem que eu escrevesse. Eu não te contei, mas fiz um desejo. Se tivermos um bebê nesta época no ano que vem, você saberá que isso se tornou realidade.

Eu sabia que você precisava trabalhar neste fim de semana, apesar de ser nosso aniversário, e o estúdio mal tem espaço para três pessoas, na melhor das hipóteses, então deixei você escrevendo e Bob dormindo, e saí para passar uma tarde na cidade. Gosto bastante da minha própria companhia, então nunca me importei que você também precisasse ficar sozinho. Passei um pouco por Covent Garden e depois passei algumas horas na National Portrait Gallery. Adoro olhar para todos aqueles rostos, é um lugar onde nunca poderemos ir juntos. Não ser capaz de reconhecer ninguém torna o dia um pouco chato para você.

Quando cheguei em casa, nosso pequeno apartamento no porão estava tão cheio de velas que era preciso tirar as pilhas do alarme de fumaça. A mesa de centro (não temos espaço para mesa de jantar) estava posta com dois pratos, dois conjuntos de talheres, duas taças e uma garrafa de champanhe. O cardápio do nosso lanche indiano

favorito estava encostado nele, junto com um envelope com meu nome. Você e Bob observaram enquanto eu abria.

FELIZ ANIVERSÁRIO!

Lia do lado de fora. As três palavras internas eram menos previsíveis:

Ele disse sim.

— O que isto significa? — Perguntei. O sorriso em seu rosto e seu olhar já me disseram a resposta. Eu simplesmente não conseguia acreditar.

— Você está olhando para o primeiro roteirista da história em quem se pode confiar para adaptar um dos livros de Henry Winter — você disse, radiante como um estudante que acabou de marcar o gol da vitória.

— Você está falando sério?

— Quase sempre.

— Então vamos abrir a champagne!

— Acho que seu sortudo grou de papel me deu o lugar — você disse, estourando a rolha e enchendo os copos — não temos taças. — Meu agente me ligou, do nada, para dizer que Henry Winter queria me conhecer. A princípio pensei que estava sonhando — com você sugerindo a ideia ainda hoje de manhã — mas não estava, era real! Eu o conheci esta tarde.

Nós brindamos. Você tomou um gole e eu tomei um grande gole.

— E?

— Meu agente me deu um endereço no norte de Londres, disse que eu tinha que estar lá à uma hora em ponto. Havia um portão enorme do lado de fora, tive que ser chamado para entrar, então uma mulher — que presumo ser algum tipo de governanta — me levou até uma biblioteca. Era como estar num romance policial de Henry Winter, e eu meio que esperava que as luzes se apagassem e que alguém me atacasse com um castiçal. Mas então ele entra, um pouco mais baixo na vida real do que eu esperava, mas vestindo uma jaqueta de tweed e gravata borboleta azul. Ele serviu dois copos de uísque — o primeiro de muitos — e então conversamos.

— E ele pediu que você escrevesse o roteiro de um de seus livros!

Você balançou a cabeça. — Não, ele não mencionou isso nenhuma vez.

Minha empolgação começou a diminuir um pouco quando você disse isso.

— Acabamos de conversar sobre os romances dele, todos eles, e ele fez muitas perguntas sobre mim... e sobre você. Mostrei a ele o grou que você fez para mim e foi à única vez que ele sorriu. A tarde toda pareceu tão surreal, como se eu tivesse inventado tudo, mas então meu agente ligou novamente meia hora depois que eu saí e disse que Henry gostaria que eu escrevesse uma adaptação de seu primeiro livro, *O Doppelgänger*. Se Henry gostar, ele diz que posso vender! Que peripécias!

— Ninguém usou a palavra "peripécias" desde a guerra — provoqueei. — Talvez essa possa ser a palavra do dia, ou mesmo do ano?

Então eu chorei.

Você presumiu que eram lágrimas de felicidade e pelo menos algumas delas eram.

— Estou tão orgulhosa de você — eu disse. — Tudo vai mudar agora, você verá. Depois de escrever a primeira adaptação da obra de Henry Winter, haverá estúdios batendo na porta implorando para que você escreva para eles — acrescentei, sabendo que era verdade. Então brindamos de novo e eu bebi meu champanhe.

Terminamos a garrafa e comemoramos do meu jeito preferido - duas vezes no mesmo dia! Como resultado, vários manuscritos foram danificados, mas não há muito espaço em nosso apartamento e não conseguimos chegar ao quarto. De certa forma, esta noite pareceu a melhor noite de nossas vidas. Mas agora você está dormindo e eu estou bem acordada - como sempre - e pela primeira vez desde que nos casamos, tenho um novo segredo que preciso esconder de você. Um que não tenho certeza se poderei compartilhar. Tecemos nossas vidas com fios de oportunidades e pontos de acaso, ninguém quer um futuro cheio de buracos. Mas temo que se você soubesse que Henry Winter só confiou seu livro em você por minha causa, isso poderia ser o nosso fim.

Suponho que também não posso compartilhar esta carta com você agora. Talvez um dia.

Todo meu amor,

Sua esposa

xx

CAPÍTULO SETE

AMELIA



Adam abre o alçapão frágil. Uma escadaria de pedra desce e ele não hesita.

— Tenha cuidado — eu grito atrás dele, e ele ri.

— Não se preocupe, acho que muitas capelas antigas têm criptas. Além disso, qual é a pior coisa que pode acontecer? A menos que seja uma masmorra secreta, contendo os cadáveres apodrecidos das últimas pessoas que ficaram aqui. Isso pelo menos explicaria o cheiro.

Fico onde estou, mas ouço o som de seus passos até que ele desapareça de vista. A luz da lanterna pisca e depois se apaga.

Tudo está em silêncio.

Percebo que estou prendendo a respiração.

Mas então Adam pragueja e uma luz se acende lá embaixo.

— Você está bem? — Eu pergunto.

— Sim, acabei de bater a cabeça no teto baixo quando a lanterna se apagou. Provavelmente precisa de baterias novas. Mas encontrei um interruptor de luz e tenho o prazer de informar que não há fantasmas ou gárgulas aqui, apenas prateleiras cheias de vinho!

Adam surge como um explorador triunfante, com um sorriso e uma garrafa de vinho tinto empoeirada. Consigo encontrar um saca-rolhas e – embora nenhum de nós seja esnobe do vinho – tomamos um gole e concluímos que 2008 foi um excelente ano para Ribera del Duero. Algumas pessoas dizem que o casamento é como o vinho e melhora com a idade, mas acho que tudo depende das uvas. Definitivamente, há anos que foram mais prazerosos do que outros, e eu os teria engarrafado se pudesse.

Começo a relaxar depois de tomar um copo e comer. O curry de frango congelado ficou surpreendentemente saboroso depois de ser aquecido no microondas, e posso sentir que estou começando a relaxar enquanto bebemos nosso vinho em frente à lareira, no salão que mais parece uma biblioteca. O silvo e o crepitar reconfortantes são hipnóticos, as chamas parecem saltar e balançar, lançando padrões sombrios por toda a sala cheia de livros.

A tempestade lá fora intensificou outra marcha. A neve ainda está caindo e o vento sopra forte, mas está quente o suficiente no sofá em frente ao fogo. Bob está roncando suavemente no tapete aos nossos pés, talvez seja o cansaço da viagem, ou o vinho, mas me sinto estranhamente... contente. Meus dedos caminham em direção aos de Adam – não consigo me lembrar da última vez que nos tocamos – mas minha mão para, como se estivesse com medo de me queimar. Carinho é como tocar piano e você pode esquecer como fazer isso sem praticar.

Posso senti-lo olhando, mas continuo olhando para minhas mãos. Eu me pergunto o que ele vê quando olha para mim? Recursos desfocados? Um esboço familiar, mas indefinível de uma pessoa? Eu simplesmente pareço igual a todo mundo para ele?

Dez anos é muito tempo para estar casado com alguém que você esquece.

Não fui completamente honesta com ele sobre este fim de semana fora. Não tenho sido completamente honesta sobre muitas coisas e às vezes acho que *ele sabe*. Mas digo a mim mesma que isso não é possível. Tentamos encontros noturnos e aconselhamento matrimonial, mas

passar mais tempo juntos nem sempre é o mesmo que passar menos tempo separados. Não dá para chegar tão perto da beira de um penhasco sem ver as pedras no fundo, e mesmo que meu marido não conheça a história completa, ele sabe que este fim de semana é uma última tentativa de consertar o que quebrou.

O que ele não sabe é que se as coisas não correrem conforme o planejado, apenas um de nós irá para casa.

CAPÍTULO OITO

ADAM



Ficamos sentados em silêncio depois do jantar. O curry congelado não era tão sombrio quanto eu esperava e o vinho era consideravelmente melhor. Eu poderia tomar outro copo. Percebo a mão de Amelia perto da minha no sofá. Sinto uma vontade irresistível de mantê-la e não sei o que aconteceu comigo... o afeto esteve ausente sem permissão por muito tempo em nosso casamento. Quando estou prestes a pegar sua mão, ela a coloca no colo. Provavelmente é o melhor, dado o que realmente é este fim de semana e o que pretendo fazer.

Olhando para as chamas dançando na enorme lareira, minha mente vagueia por outros caminhos, para outras coisas. Trabalho, principalmente. Adaptei três romances de Henry Winter para o cinema na última década e estou orgulhoso de cada um deles. Conseguir luz verde para esses roteiros foi um verdadeiro ponto de viragem na minha carreira, mas não falo com o homem há muito tempo. Não sei por que estou pensando nele agora. Esta sala provavelmente parece mais uma biblioteca do que uma sala de estar, ele teria adorado.

Estou entre projetos no momento. Não consigo ficar entusiasmado com nada que meu agente envia para mim e me pergunto

se é hora de começar a trabalhar em algo meu novamente. Já faz algum tempo que pretendo fazer isso, mas acho que minha confiança foi expulsa de mim. Talvez este seja o momento certo para...

— Talvez você possa revisitar um de seus próprios roteiros, se não estiver trabalhando em mais nada por um tempo — diz Amelia, interrompendo meus pensamentos como se pudesse ouvi-los. Odeio que ela sempre consiga ler minha mente; como as mulheres fazem isso?

— Não é o momento certo — respondo.

— E aquele em que você passou anos trabalhando, vale a pena dar uma olhada?

Ela nem consegue lembrar o nome do meu roteiro favorito. Não sei por que isso me incomoda, mas incomoda. Ela costumava se interessar muito mais pelo meu trabalho e parecia realmente se importar com a minha escrita. A indiferença dela hoje em dia dói mais do que deveria.

— Meu agente disse que havia um novo thriller em oito partes que eu poderia estar interessado. Outra nova adaptação. Mas um antigo... — Olho por cima do ombro para todas as estantes — ...pode até haver uma cópia dele em uma dessas prateleiras.

— Nós concordamos em não trabalhar neste fim de semana — ela retruca, ignorando o senso de humor.

— Eu estava brincando e você tocou no assunto!

— Só porque pude ouvir você pensando sobre isso. E você estava fazendo aquela cara vazia que você faz quando não está realmente aqui, mesmo quando está sentado ao meu lado.

Não consigo ver que cara ela está fazendo, mas me ressinto do tom dela. Amelia não entende. Eu sempre preciso trabalhar em uma história ou o mundo real ficará muito barulhento. Não consigo falar sobre *nada* ultimamente sem que ela fique chateada. Ela fica de mau humor se estou *muito quieto*, mas abrir a boca é como navegar em um campo minado. Eu não posso vencer. Não contei a ela o que aconteceu com Henry Winter porque isso é outra coisa que ela não entenderia.

Henry e seus livros não foram apenas trabalho para mim, ele se tornou uma figura paterna substituta. Duvido que ele sentisse o mesmo, mas os sentimentos não precisam ser mútuos para serem reais.

O vento sacode os vitrais e fico grato por qualquer coisa que possa abafar os pensamentos mais altos da minha cabeça. Eu não gostaria que ela ouvisse isso. Minhas mãos ainda precisam de algo para fazer... não quero mais segurar as dela e meus dedos parecem redundantes sem o telefone. Tiro minha carteira do bolso e encontro o grou de papel amassado entre as dobras de couro. O velho e bobo pássaro de origami sempre me trouxe sorte e conforto. Eu seguro por um tempo e não me importo que Amelia me veja fazendo isso.

— Há muito tempo que carrego esse pássaro de papel comigo — digo.

Ela suspira. — Eu sei.

— Mostrei-o a Henry Winter na primeira vez que o encontrei em sua elegante casa em Londres.

— Eu me lembro da história.

Ela parece entediada e infeliz e isso me faz sentir o mesmo. Também já ouvi todas as histórias dela antes, e nenhuma delas é particularmente emocionante.

Eu gostaria que as pessoas fossem mais parecidas com livros.

Se você perceber no meio de um livro que não está mais gostando dele, basta parar e encontrar algo novo para ler. O mesmo acontece com filmes e dramas de TV. Não há julgamento, nem culpa, ninguém precisa saber, a menos que você decida contar. Mas com as pessoas, você tende a ter que ir até o fim, infelizmente, nem todos conseguem viver felizes para sempre.

A neve virou granizo. Gotas grandes e furiosas caem nas janelas antes de escorrerem pelo vidro como lágrimas. Às vezes tenho vontade de chorar, mas não consigo. Porque isso não combinaria com quem minha esposa pensa que eu sou. Somos todos responsáveis por lançar as estrelas nas histórias de nossas próprias vidas, e ela me escalou para

o papel de seu marido. Nosso casamento foi um teste aberto e não tenho certeza se algum de nós conseguiu os papéis que merecíamos.

Seu rosto é um borrão irreconhecível, suas feições girando como um mar furioso. Parece que estou sentado ao lado de uma estranha, não da minha esposa. Ficamos juntos o dia todo e me sinto claustrofóbico. Sou alguém que precisa de espaço, de um tempinho sozinho. Não sei por que ela tem que ser tão... sufocante.

Amelia arranca o grou de papel da ponta dos meus dedos.

— Você passa muito tempo vivendo no passado em vez de se concentrar no futuro — diz ela.

— Espere, não! — Eu grito, enquanto ela joga meu amuleto da sorte no fogo.

Levanto-me e saio do sofá xadrez num piscar de olhos e quase queimo a mão ao recuperar o pássaro. Uma borda está chamuscada, mas sem danos. É isso. O ato final. Se eu não tinha certeza antes, agora tenho, estou contando as horas até que isso acabe de uma vez por todas.

CAPÍTULO NOVE

ALGODÃO

Palavra do ano:

Growlery substantivo. Um lugar de refúgio ou santuário para usar enquanto alguém se sente indisposto. Uma sala privada, ou porão.

28 de fevereiro de 2010 - nosso segundo aniversário

Prezado Adam,

Mais um ano, mais um aniversário, e foi ótimo! Desde que vendeu a primeira adaptação de Henry Winter, você tem estado mais ocupado com o trabalho do que nunca. O estúdio de Hollywood que o comprou em leilão pagou mais por essas 120 páginas do que eu poderia ganhar em dez anos. Foi incrível, e estou muito feliz por você, mas muito triste por nós, porque agora nos vemos ainda menos do que antes. Você não parece precisar tanto de mim ou da minha contribuição em seu trabalho agora. Mas eu entendo. Eu realmente entendo.

Muita coisa mudou para você durante os últimos doze meses, mas infelizmente não para mim. Ainda não temos um bebê. Você manteve sua palavra de tirar uma folga para o nosso aniversário - algo que se tornou inconcebível nos últimos meses - para que pudéssemos passar o fim de semana fora. Você providenciou para que um vizinho cuidasse de Bob, me disse para fazer uma mala e meu passaporte, mas não me disse para onde estávamos indo. Troquei meus jeans cobertos de pelos de cachorro por um vestido de grife que encontrei em uma loja de caridade de Notting Hill, e até usei um batom novo.

Você chamou um táxi preto assim que saímos do apartamento para o nosso fim de semana de aniversário. Achei que o táxi poderia nos levar a St. Pancras... ou ao aeroporto. Mas depois de trinta minutos negociando o horário de pico de Londres, paramos em uma rua residencial em Hampstead Village, uma das partes favoritas de Londres. Provavelmente porque Henry Winter é dono de uma casa lá. É super chique, mas não achei que pessoas como nós precisassem de passaporte para visitar, então me perguntei por que você me disse para trazer o meu.

Depois de pagar ao motorista, incluindo uma gorjeta generosa, subimos na calçada com nossas

malas e você enfiou a mão no bolso.

— O que é isso? — Eu perguntei, olhando para o presente pequeno, mas perfeitamente embrulhado, em sua mão. A fita estava amarrada com um laço tão lindo que me perguntei se alguém tinha feito isso para você.

— Feliz aniversário — você respondeu com um sorriso.

— Não deveríamos trocar presentes até domingo...

— Oh sério? Eu retiro isso então.

Peguei o lindo pacote. — Eu vi agora, então é melhor abri-lo. Espero que seja algodão. Esse é o presente tradicional para sobreviver a dois anos de casamento.

— Acho que se trata de comemorar, não de sobreviver, e não sabia que tinha me casado com alguém tão exigente.

— Sim, você fez isso — eu disse, removendo cuidadosamente o papel.

Revelou uma pequena caixa de veludo - do tipo que pode conter jóias - e era turquesa; minha cor favorita. Acho que esperava brincos, mas quando abri a tampa encontrei uma chave.

— Se você pudesse morar em qualquer casa desta rua, qual você escolheria? — Você perguntou.

Olhei para a velha casa vitoriana de frente dupla onde estávamos do lado de fora. Suas paredes de tijolos vermelhos estavam cobertas pelo que parecia ser uma mistura de galhos de glicínias e hera. Alguns dos vidros das janelas salientes foram quebrados, outros foram tapados com tábuas. Era a definição de um conserto superior - quebrado, mas bonito - e não pude deixar de notar a placa de VENDIDO do lado de fora.

— Você está falando sério? — Perguntei.

— Quase sempre.

Eu me senti como uma criança que recebeu a chave de uma fábrica de chocolate.

A porta da frente era da mesma cor turquesa da caixa de veludo e fora pintada recentemente, diferentemente de qualquer outra parte do edifício.

Quando a chave abriu a porta, eu chorei... não conseguia acreditar que éramos donos de uma casa de verdade, depois de ter lutado tanto para pagar o aluguel de um minúsculo apartamento de merda.

A cena lá dentro era tão abandonada quanto a vista da rua. Todo o lugar cheirava a umidade, havia tábuas faltando no chão, papel de parede descascado e acessórios antigos cobertos de poeira e teias de aranha. Fios soltos pendiam de buracos no teto onde eu presumi que deviam ter existido luzes, e havia pichações em algumas paredes. Mas eu já estava apaixonada. Vagueei pelas salas grandes e iluminadas, todas vazias, mas cheias de possibilidades e potencial.

— Você mesmo decorou? — Eu perguntei e você riu.

— Não, pensei que talvez você pudesse. Eu sei que precisa de um pouco de trabalho...

— Um pouco?

— Mas nunca teríamos conseguido pagar de outra forma.

— Eu amo isso.

— Você ama? — Você perguntou.

— Sim. Tudo que comprei para você foi um par de meias.

— Bem, isso estragou a surpresa...

— Pelo menos meu presente foi feito de algodão.

— Em que ano são os tijolos? Poderíamos esperar até então...

Minha ansiedade veio à tona e estragou nossa diversão. — Podemos realmente pagar por isso?

Você sorriu para encobrir sua hesitação mentirosa, mas eu ainda vi. Você sempre gostou de medir suas respostas antes de dá-las, nunca oferecendo muito ou pouco.

— Sim, foi um ano muito bom. Tenho estado um pouco ocupado para aproveitar, mas acho que é hora de começarmos a viver a vida que sempre sonhamos. Não é? Achei que poderíamos dedicar nosso tempo reformando... fazer parte do trabalho nós mesmos. Transforme-o em nosso próprio growlery e fazer deste nosso lar para sempre. — Fiz uma nota mental para procurar a palavra "growlery." — Se

você acha que o terreno é bom, deveria ver o andar de cima — você disse.

Minhas mãos subiram pelo velho corrimão de madeira e meus pés foram cautelosos — tomando cuidado para não torcer o tornozelo em nenhum dos degraus quebrados na escuridão. Havia mais teias de aranha, poeira e sujeira cobrindo quase todas as superfícies, mas eu já conseguia ver como as coisas poderiam ser lindas um dia. E nunca tive medo de trabalhar duro.

Acompanhei você pelo patamar até chegarmos a um quarto grande. Eu engasguei alto quando vi a cama lindamente arrumada — era o único móvel da casa — e havia uma garrafa de champanhe em um balde de gelo no chão.

— Os lençóis são cem por cento de algodão egípcio. Veja, eu não esqueci. Feliz aniversário, Sra. Wright — você disse, passando os braços em volta de mim.

— E os outros quartos? — Perguntei.

— Bem, acho que deveríamos começar a trabalhar para preenchê-los, não é?

Estamos aqui há três dias, só saindo para passear e buscar comida. Obrigada por um fim de semana maravilhoso, um aniversário muito feliz e por ser o amor da minha vida. Pretendo passar todo o meu tempo livre reformando esta casa e decorando todos os cômodos até que seja a casa para sempre que ambos sonhamos. É difícil imaginar me sentir mais sortuda do que agora.

Todo meu amor,

Sua esposa

xx

CAPÍTULO DEZ

AMELIA



É difícil imaginar me sentir mais infeliz do que estou agora.

Eu não tive a intenção de jogar o grou de papel no fogo, eu apenas... explodi. Não foi minha culpa; foi dele por me fazer sentir tão louca em primeiro lugar. Observo enquanto ele o coloca de volta na carteira antes de olhar para mim com nada além de ódio nos olhos.

— Desculpe. Não sei por que fiz isso — digo, mas Adam não responde.

Às vezes me sinto como um daqueles bichinhos abandonados que vejo todos os dias no trabalho, do jeito que meu marido desaparece dentro de sua escrita o tempo todo. Deixando-me para trás. Esquecida. Esta é sempre uma época difícil do ano no meu trabalho. Todas as pessoas que compraram cachorrinhos no Natal muitas vezes descobrem que não os querem para o resto da vida perto do Dia dos Namorados. Um pastor alemão chamado Lucky foi trazido esta semana, infelizmente seu crachá não tinha endereço. Eu gostaria de ter conseguido rastrear seus donos e prendê-los. Lucky foi deixado amarrado a um poste de luz na chuva, gravemente desnutrido, faminto, coberto de pulgas e sujeira e encharcado até os ossos. O veterinário disse que seus ferimentos só poderiam ser resultado de espancamentos regulares durante um longo período de tempo. Aquele pobre cachorro

não teve nenhuma “sorte”, nem o grou de papel que Adam guarda na carteira. É apenas um absurdo supersticioso.

— Não sei por que você fica tão brava o tempo todo — diz ele.

Suas palavras me deixam com mais raiva.

— Eu não estou *brava* — eu digo, soando assim. — Estou cansada de ser a única que se esforça nesse relacionamento. Nós nunca mais conversamos. É como viver com um colega de casa, não com um marido. Você nunca pergunta sobre meu dia, ou meu trabalho, ou como estou me sentindo. Apenas — o que há para o jantar? — ou — Onde está minha camisa azul? — ou — Você viu minhas chaves? — Eu não sou só dona de casa. Tenho uma vida e um trabalho próprios. Você me faz sentir tão desagradável, não amada, *invisível* e...

Raramente choro, mas não consigo me conter.

Adam quase nunca demonstra afeto hoje em dia, como se não se lembrasse de como, mas então ele faz a coisa mais estranha. Ele me segura.

— Sinto muito — ele sussurra, antes que eu possa perguntar por qual parte ele está se desculpando especificamente, ele me beija. Apropriadamente. Segurando meu rosto entre as mãos, do jeito que costumávamos nos beijar quando ficávamos juntos, antes que a vida nos separasse.

Sinto minhas bochechas corarem, como se tivesse sido beijada por um estranho, não por meu marido.

Fiquei boa em me sentir culpada por fazer o que é melhor para mim. E a culpa é uma daquelas emoções que raramente vem com um botão para desligar. Às vezes sinto que preciso sair da vida da mesma forma que outras pessoas saem dos hotéis. Assine tudo o que preciso assinar, devolva as chaves da vida que estou vivendo e encontre um lugar novo. Em algum lugar seguro. Mas talvez ainda haja algo pelo qual valha a pena ficar?

— Foi um longo dia, acho que nós dois estamos um pouco cansados — diz Adam.

— Poderíamos subir, encontrar o quarto e dormir cedo? — Eu sugiro.

— Que tal outra taça de vinho primeiro?

— Boa ideia. Vou tirar os pratos e pegar a garrafa.

Não sei por que ele deixou na cozinha se queria mais, mas não se importou de ir buscá-la. Esta é a coisa mais íntima que existe entre nós há meses. A música parou e posso ouvir o vento assobiando por todas as frestas e fendas que encontra nas paredes da capela. O chão de pedra está tão frio que parece morder meus pés calçados com meias. Tenho pressa de voltar para o calor do outro cômodo, mas algo nos vitrais chama minha atenção. Quando olho mais de perto, eles parecem muito incomuns. Não há cenas religiosas, apenas uma série de rostos de cores diferentes.

Eu congelo quando um deles se move.

E então eu grito, porque o rosto branco na janela é real. Alguém está lá fora e está olhando diretamente para mim.

CAPÍTULO ONZE

ADAM



— O que está errado? — Pergunto, correndo para a cozinha.

Ouvi algo quebrar antes de Amelia começar a gritar e posso ver que ela deixou cair a garrafa de vinho tinto. Há pedaços de vidro espalhados pelo chão de pedra, agarro Bob pela coleira para impedi-lo de pisar neles. — O que aconteceu? Você está bem?

— Não. Tem alguém lá fora!

— O quê? Onde?

— A janela — ela diz, apontando.

Ando até lá e espio a escuridão. — Não consigo ver nada...

— Bem, eles se foram agora. Eles correram assim que eu gritei — diz ela, e começa a recolher os cacos de vidro.

— Vou lá fora, dar uma olhada.

— Não! Você está louco? Estamos no meio do nada, quem sabe quem poderia estar lá fora? Merda!

Ela cortou o dedo em um pedaço afiado de garrafa, e ver sangue me deixa enjoado. Posso escrever sobre todos os tipos de coisas horríveis para a tela, mas quando se trata da vida real, sou um covarde.

— Aqui — eu digo, entregando-lhe um lenço limpo.

Envolvo meus braços em volta de Amelia e a seguro com força, perto o suficiente para sentir o cheiro de seu cabelo. O cheiro familiar do shampoo desperta lembranças de tempos mais felizes. Não consigo ver um rosto bonito, mas sempre senti como se tivesse um instinto para a beleza interior. Quando penso na noite em que nos conhecemos, ainda consigo me lembrar de tudo sobre ela com muita clareza e de como eu queria e precisava conhecê-la melhor. Sempre confiei em meu instinto quando se trata de pessoas e raramente estou errado. Posso dizer se alguém é bom ou mau poucos minutos depois de conhecê-lo, o tempo e a vida tendem a provar que estou certo. Quase sempre.

— Vou limpar isso — digo, me afastando e encontrando uma pá e uma vassoura no primeiro armário que abro.

— Como você sabia que isso estava lá? — Ela pergunta, e eu hesito antes de responder.

— Suponho que seja um palpite de sorte. Você está bem? Você precisa do seu inalador?

Amelia tem asma e às vezes as coisas mais estranhas podem desencadear um ataque. Certa vez, ela ficou de olho em um casaco rosa na vitrine de uma loja por meses. Economizou seu dinheiro para comprar. Comprou, usou uma vez, quando foi reduzido para metade do preço no dia seguinte, ela literalmente teve um ataque. Amelia sempre foi alguém que conta centavos, mesmo não precisando mais.

— Eu realmente queria que este fim de semana fosse perfeito — diz ela, parecendo que vai chorar. — Já parece que nada está indo conforme o planejado...

— Olha, este lugar é um pouco assustador, tomamos um pouco de vinho e estamos ambos cansados. Você acha que talvez tenha imaginado isso?

Usei o tom que reservo para crianças pequenas ou autores exigentes que não amam os roteiros de seus livros, mas posso dizer que não era a coisa certa a fazer antes mesmo de ela explodir.

— Não, eu não imaginei isso. Lá. Era. Um rosto. Na janela lá fora, olhando diretamente para mim.

— Ok, sinto muito! — Digo, jogando o vidro quebrado na lixeira.
— Como era?

— Era um rosto!

— Um homem? Uma mulher?

— Não sei, aconteceu tudo muito rápido... eu te disse, assim que gritei, eles correram.

— Talvez tenha sido a governanta misteriosa? — Amelia me encara, mas não responde. — O quê?

— Talvez devêssemos ligar para a governanta e dizer que há alguém lá fora?

— O que você acha que eles vão fazer sobre isso? — Eu digo, mas ela não está ouvindo e já está procurando o telefone.

— Ótimo — ela diz, descobrindo.

— Sem sinal?

— Nem mesmo uma barra.

Bob, aparentemente entediado com nossa conversa, saiu da cozinha e seguiu pelo corredor em direção à sala de bagagens por onde entramos. Só notamos que ele se foi quando ele começa a rosnar para as velhas portas de madeira da capela, com os dentes à mostra, os pelos arrepiados.. É a terceira vez que nosso velho cachorro faz algo completamente fora do comum desde que chegamos.

— É isso. Vou lá fora dar uma olhada — digo, vestindo meu casaco.

— Por favor, não vá lá — sussurra Amelia, como se alguém pudesse nos ouvir.

— Não seja idiota — digo a ela, prendendo a guia do cachorro na coleira. — Eu tenho Bob para proteção. Não é, garoto?

Bob para de rosar e abana o rabo ao ouvir seu próprio nome.

— Bob é o pior cão de guarda do mundo, ele tem medo de penas!
— Ela diz.

— Sim, mas *eles* não sabem disso. Se houver alguém lá fora, vou assustá-lo e podemos abrir outra garrafa de vinho.

A neve entra assim que abro as portas, e a rajada de frio tira o ar dos meus pulmões. Bob fica furioso, rosnando, latindo e forçando a guia, tanto que tenho dificuldade para segurá-lo. Está escuro como breu e é difícil ver qualquer coisa no início, mas quando piscamos na escuridão, logo fica terrivelmente claro por que o cachorro está tão chateado. Do lado de fora, a poucos metros de distância, há vários pares de olhos nos encarando.

CAPÍTULO DOZE

COURO

Palavra do ano:

Biblioclepta substantivo. Uma pessoa que rouba histórias. Um ladrão de livros.

28 de fevereiro de 2011 - nosso terceiro aniversário

Prezado Adam,

Suspeito que a maioria dos casais comemora aniversários sozinhos - talvez uma mesa para dois em um restaurante especial - mas não você e eu. Não esse ano. Esta noite passamos nosso aniversário com centenas de estranhos e parecia que todos os olhos estavam voltados para nós.

Nunca conheci ninguém que odeie tanto festas quanto você, mas parece que você vai a tantas ultimamente. Não estou sugerindo que você seja antissocial e entendo por que você as evita tanto. Reuniões de mais de um punhado de pessoas são problemáticas quando você não consegue reconhecer um único rosto. Portanto, uma festa chique da indústria

cinematográfica na Tower Bridge, com centenas de pessoas pretensiosas que acham que você deveria saber quem elas são, deve ser como entrar com os olhos vendados em um campo minado cheio de ego.

— Por favor, entre direto, Sr. Wright — ronronou a mulher na porta, com um sorriso largo e uma prancheta de aparência ocupada.

Eu observei enquanto ela verificava cuidadosamente os nomes de outras pessoas em sua lista codificada por cores, mas não havia necessidade com você. Todo mundo sabe quem você é agora... o garoto novo no quarteirão que teve que ficar. Roteiro é um negócio de última sorte. Nenhuma dessas pessoas olhou de soslaio quando você estava sem sorte, mas com um filme de grande sucesso - graças ao romance de Henry Winter - todos querem ser seus melhores amigos novamente. Por agora.

A razão pela qual você começou a me convidar para grandes festas, eventos e cerimônias de premiação foi para que eu pudesse sussurrar quem são as pessoas quando se aproximam de nós, para evitar o constrangimento de não reconhecer alguém que deveria. Não que eu me importe. Eu gosto bastante - ao contrário de você - e é divertido me vestir bem de vez em quando, arrumar o cabelo e usar salto alto

novamente. Não há muita necessidade desse tipo de coisa quando você trabalha com cães o dia todo.

Temos uma rotina muito boa agora. Depois de alguns anos ouvindo você falar sobre produtores, executivos, diretores, atores e autores, já havia imaginado um elenco com seus rostos. Mas agora sei como são todos eles na vida real, e passamos noites como esta conversando com pessoas do seu mundo. Raramente tenho muito em comum com eles, mas acho bastante fácil falar sobre livros, filmes e dramas de TV... todo mundo adora uma boa história.

Eu estava ansiosa para ver o interior da Tower Bridge pela primeira vez, e a promessa de champanhe grátis e petiscos sofisticados criados por um chef com estrela Michelin ainda é um grande prazer. Mas assim que vi o nome de Henry Winter na lista de convidados, tive medo de entrar. A partir daquele momento, ficou óbvio que o verdadeiro motivo de passarmos nosso aniversário com estranhos era porque você esperava encontrar Henry e convencê-lo a lhe dar outro livro. Você já perguntou duas vezes. Eu lhe disse para não implorar, mas você sempre acha que sabe que é melhor não ouvir. Escrever é uma maneira difícil de ganhar a vida com facilidade.

A Tower Bridge estava iluminada contra o céu noturno de Londres quando chegamos. A festa já estava a todo vapor, a batida monótona da música e das risadas acima de nós, competindo com o suave bater do turvo Tâmis lá embaixo. Assim que o elevador nos cuspiu no último andar, percebi que seria uma noite interessante. O espaço era menor do que eu imaginava, pouco mais que um longo corredor abarrotado tipos de filmes. Um garçom passou com uma bandeja de champanhe e fiquei feliz em lhe servir duas taças. Depois de fazer um teste de gravidez naquela manhã, por precaução, eu sabia que não havia razão para não beber. Parei de lhe contar as más notícias mensais e você parou de perguntar.

— Feliz aniversário — você sussurrou, e brindamos antes de você tomar um gole.

Eu mesmo tomei vários, de modo que minha taça de champanhe já estava meio vazia. Acho que o álcool ajuda a afogar minha ansiedade social, que ainda sinto sempre que participo de um evento como este. Todo mundo aqui sabe quem você é. As únicas expectativas que você ainda luta para cumprir são as suas. Mas nunca senti que me encaixasse com essas pessoas, talvez porque não me encaixe. Eu prefiro cachorros. Tomei outro gole, depois fiz o que

tinha que fazer e examinei sutilmente a sala, meus olhos procurando o que os seus não conseguiam ver.

Trocamos presentes de aniversário esta manhã. Dei a você uma bolsa de couro com suas iniciais gravadas em letras douradas. Durante anos, observei você carregando seus preciosos manuscritos em sacolas feias, então me pareceu um presente apropriado. Seu presente para mim foi um par de botas de couro até o joelho que eu estava de olho. Achei que talvez estivesse velha demais para usá-las - aos trinta e dois anos, mas você claramente discordou. Usei-as pela primeira vez esta noite e notei você olhando para minhas pernas no táxi a caminho da festa. Foi bom se sentir querida.

— Chegando — sussurrei em seu ouvido enquanto caminhávamos pelo corredor lotado de festeiros.

— Bom, ruim ou feio? — Você perguntou.

— Ruim. A produtora que queria que você trabalhasse naquela adaptação de romance policial no mês passado... aquela que ficou arrogante quando você recusou. Lisa? Linda? Liz?

— Lizzy Parks?

— Sim.

— Merda. Toda festa tem um estraga-prazeres. Ela já parece chateada?

— Muito mesmo.

— Ela nos viu?

— Afirmativo.

— Droga. Aquela mulher trata os escritores como fábricas e o seu trabalho como latas de feijão cozido. Nem era o livro dela para adaptar. Ela é uma biblioclepta que anda, fala e...

— Código vermelho.

— Lizzy, querida, como você está? Você está maravilhosa — você disse, com aquela voz que só usa quando fala com crianças pequenas ou pessoas pretensiosas. Espero que você nunca fale assim comigo, ficarei chateada se você fizer isso.

Vocês beijaram o ar ao lado das bochechas um do outro, fiquei maravilhada com a forma como vocês fazem o que fazem. É como se você tivesse um interruptor, um interruptor que claramente estou

perdendo. Você se torna uma versão diferente de si mesmo nas festas, aquela que todo mundo adora: charmoso, elogioso, inteligente, popular, o centro das atenções. Nada como o homem tímido e quieto que conheço, que desaparece em seu novo e adorável porão de escrita todos os dias. Foi como assistir a uma apresentação. Adoro todas as diferentes versões de você, mas prefiro meu Adam, o verdadeiro que só eu consigo ver.

— Chegando — sussurrei novamente, depois de saborear uma vieira perfeitamente cozida, coberta com um pouquinho de purê de ervilha, servida em uma concha em miniatura e com uma pequena colher de prata.

— Quem agora? — Você perguntou.

Eu conhecia esse. — Nathan.

Observei enquanto você apertava a mão dele e escutei enquanto você falava sobre negócios. O chefe do estúdio que organiza a festa é um daqueles homens que está sempre trabalhando na sala. Constantemente olhando por cima do ombro dele ou do seu, para ver com quem mais ele poderia ou deveria estar conversando. Ele era um homem que gostava de exagerar na alegria, sempre sugando um pouco da

alegria dos outros para aumentar a sua. Você me apresentou e me senti encolher um pouco sob seu olhar.

— E o que você faz? — Ele perguntou.

Era uma pergunta que eu odiava. Não por causa da resposta, mas por causa das respostas de outras pessoas a ela.

— Eu trabalho para a Battersea Dogs Home — eu disse, e fiz meu rosto sorrir.

— Oh, meu Deus. Bom para você.

Decidi não explicar como ou porque não era bom para mim que tantas pessoas fossem cruéis ou irresponsáveis quando se tratava de animais. Também achei melhor ignorar seu tom condescendente. Fui ensinada a ser sempre educada: você não pode cruzar uma ponte se a queimar. Felizmente a conversa e a companhia prosseguiram como sempre fazem nessas coisas, e finalmente nos encontramos sozinhos.

— Algum sinal dele? — Você sussurrou.

Não precisei perguntar quem. — Temo que não. Poderíamos tentar o outro lado?

Seguimos pelo segundo corredor, um túnel interno que liga uma torre à outra acima da famosa ponte. A vista do Tâmesa e de Londres iluminada lá embaixo era espetacular.

— Você pode ver Henry agora? — Você perguntou de novo, e pareceu tão triste quando eu disse que não achei. Como um garotinho que foi surpreendido pela garota dos seus sonhos.

Havia uma fila invisível de pessoas se preparando para atacar você a noite toda, esperando pela chance de dizer olá: produtores que queriam trabalhar com você, executivos que desejavam não ter sido rudes com você no passado e outros escritores que queria que eles fossem você. Meus pés estavam começando a doer, então fiquei encantada - e também surpresa - quando você sugeriu sair mais cedo.

Você chamou um táxi preto, assim que estávamos no banco de trás, você me beijou. Sua mão encontrou o topo das minhas novas botas de couro e deslizou entre minhas pernas e por baixo do vestido. Assim que chegamos em casa, você começou a tirar minhas roupas no corredor, até que eu só vestisse as botas.

Sexo na escada recentemente reformada foi uma experiência nova. Eu ainda podia sentir o cheiro do verniz.

Mais tarde, bebemos uísque na cama, conversamos sobre a festa e todas as pessoas que conhecemos esta noite: as boas, as más e as feias.

— Você ainda me ama tanto quanto quando nos casamos? — Perguntei.

— Quase sempre — você respondeu com um sorriso atrevido. É uma das suas coisas favoritas de dizer. Você estava tão lindo que tudo que pude fazer foi rir.

Quase sempre também te amo. Mas não mencionei que tinha visto Henry Winter várias vezes durante a noite, vestindo sua marca registrada de jaqueta de tweed, gravata-borboleta e uma expressão estranha no rosto fortemente enrugado. Ele parecia mais velho do que nas fotos do autor. Com seus grossos cabelos brancos, olhos azuis e pele extremamente pálida, era como ver um fantasma. Eu não te contei que seu autor favorito estava olhando em nossa direção, constantemente nos seguindo pela festa, tentando desesperadamente chamar sua atenção.

Três anos e tantos segredos.

Há coisas que você esconde de mim também?

Todo meu amor,

Sua esposa

xx

CAPÍTULO TREZE

AMELIA



Adam ri quando as ovelhas do lado de fora da capela começam a balir. Até eu acho difícil não sorrir enquanto ele arrasta Bob – que ainda está latindo como um louco – de volta para dentro.

Quando vimos pela primeira vez os vários pares de olhos olhando em nossa direção, parecia uma cena de um filme de terror, mas a lanterna de Adam logo revelou que os únicos vizinhos intrometidos à espreita do lado de fora da capela eram o pequeno rebanho de ovelhas por quem passamos na estrada mais cedo. Elas provavelmente nos seguiram até aqui esperando que alguém pudesse alimentá-las. No escuro, seus corpos se misturavam ao espesso manto de neve branca que cobria tudo desde que chegamos, de modo que tudo o que podíamos ver eram seus olhos.

— Um dia vamos rir disso — diz Adam, tirando o casaco novamente.

Não tenho tanta certeza disso.

Mantenho minha jaqueta – estou congelando – e observo enquanto ele tranca as portas da frente com uma chave gigante e velha. Nunca tinha visto isso antes, mas estou tão cansada, talvez estivesse ali o tempo todo e eu simplesmente não percebi. Estou planejando essa viagem há tanto tempo que mal podia esperar para ir embora e

praticamente o intimidei para vir aqui, mas agora sinto uma estranha saudade de casa.

Adam é um eremita confesso. Ele fica mais feliz em sua escrita com seus personagens, desaparecendo tão profundamente no mundo imaginário em sua cabeça que às vezes luta para encontrar o caminho de volta. Juro que nunca iríamos a lugar nenhum se não fosse por mim. Ele tem orgulho da nossa casa, eu também, mas isso não significa que nunca devemos sair dela. A casa vitoriana isolada de fachada dupla em Hampstead Village fica muito longe da propriedade municipal onde ele cresceu, mas Adam não conta às pessoas sobre essa parte de seu passado. Ele não apenas reescreve sua própria história, ele a apagou.

Nem sempre sinto que pertenço a um canto tão rico de Londres, mas ele se encaixa perfeitamente, apesar de ter deixado a escola aos dezesseis anos para trabalhar em um cinema, com muita ambição e poucos créditos acadêmicos. Mas todo mundo adora um provador e Adam nunca aprendeu a desistir. Há um diretor de teatro a duas portas da nossa casa, um locutor à nossa direita e uma atriz indicada ao Oscar mora ao lado, à esquerda. Pode ser intimidante: me preocupar com quem posso encontrar quando passear com o cachorro. Tenho pouco em comum com nossos vizinhos, ao contrário de meu marido. Não que eu tenha algo contra os alpinistas sociais... sempre achei que quanto mais alto você sobe na vida, melhor é a visão. Mas às vezes o sucesso dele me faz sentir um fracasso. Adam é o verdadeiro negócio hoje em dia, enquanto eu ainda sou mais um primeiro rascunho, um trabalho em andamento.

Ele me beija na testa então. É tão gentil, como um pai dando um beijo de boa noite em um filho antes de apagar as luzes. Houve tantas vezes recentemente em que ele me fez sentir como se eu não fosse boa o suficiente. Mas talvez eu esteja projetando minhas próprias inseguranças. Talvez ele ainda se importe.

— Não há necessidade de ficar envergonhada — diz ele, fico preocupada com a possibilidade de estar pensando em voz alta.

— Sobre o quê?

— Imaginando um rosto na janela e quebrando aquela linda garrafa de vinho. — Ele sorri para mim e eu faço meu rosto sorrir de volta, até que ele diz: — Você só precisa relaxar.

Sempre que meu marido me diz para relaxar, isso tende a ter o efeito oposto. Não digo nada... ele não me levaria a sério se eu dissesse, mas acho que não imaginei o rosto na janela. Ao contrário dele, vivo na realidade, em tempo integral. Tenho certeza do que vi, quase certeza, e não consigo afastar a sensação de estar sendo observada.

CAPÍTULO QUATORZE

ROBIN



Robin afastou-se da janela da capela assim que a mulher lá dentro a viu, mas já era tarde demais. Quando ela começou a gritar, Robin correu.

Já faz muito tempo que ninguém veio visitar Blackwater. Mais de um ano desde que ela viu alguém inesperado aqui, além de um caminhante ocasional – perdido apesar de todos os dispositivos e engenhocas que parecem carregar hoje em dia – e sempre há muitos cervos e ovelhas no vale. Mas não pessoas. É muito remoto e muito longe dos roteiros mais conhecidos para a maioria dos turistas visitarem, até mesmo os moradores locais sabem que devem ficar longe. Blackwater Loch e a capela ao lado têm uma reputação desde que ela se lembra, e nunca foi boa.

Felizmente, Robin gosta da própria companhia e não tem medo de fantasmas. Os vivos sempre foram uma preocupação maior para ela, por isso ela observa os visitantes e seu cachorro desde que chegaram.

Robin sabia que uma tempestade estava chegando, então foi uma surpresa quando passaram por sua pequena cabana de palha no final

da trilha. Ela não achava que alguém seria louco o suficiente para pegar a estrada costeira ou arriscar as trilhas nas montanhas com esse tempo. Robin não tem TV, mas houve vários avisos no rádio, e não era preciso ser meteorologista para olhar pela janela. Faz dias que está nublado e muito frio, como sempre acontece antes da neve chegar. Robin passou vários anos da sua vida a viver nas Terras Altas, por isso sabe que não deve confiar no clima escocês, pois tem um ritmo próprio e não tem regras. Quando uma tempestade se aproxima, todos os habitantes locais reservam tempo para se prepararem e tomarem as precauções necessárias, porque sabem, por experiências anteriores, que isso pode significar ficarem presos ou isolados dentro de casa durante dias. Ninguém em sã consciência viria aqui nesta época do ano. A menos que quisessem ficar isolados do resto do mundo.

Robin observava pela janela de seu chalé, escondida atrás das cortinas improvisadas, paralisada pela visão do carro de visitantes que se aproximava. Era uma coisa antiquada, verde menta, e parecia pertencer a um museu, não a uma estrada. Como eles conseguiram chegar até Blackwater foi nada menos que um milagre ou um mistério. Robin não conseguia decidir qual.

Ela observou enquanto eles seguiam pela estrada em direção à capela, antes de estacionarem perigosamente perto da beira do lago. Estava escuro como breu lá fora. O vento aumentava e a neve caía forte, mas os visitantes pareciam alheios ao perigo. A capela ficava a poucos passos de sua casa, então ela os seguiu para ver mais de perto, mantendo distância.

Robin observou-os sair do carro e ficou satisfeita ao ver o grande cachorro preto saltar do porta-malas. Ela sempre gostou de animais, mas ovelhas não são as melhores quando se trata de companhia. Mesmo a poucos metros de distância, ela achou que o homem parecia cansado e infeliz, mas as viagens longas tendem a ter esse efeito nas pessoas, e ambos pareciam ter estado em uma delas. Robin ficou perfeitamente imóvel enquanto o casal e seu cachorro caminhavam até a velha capela, apenas para descobrir que as portas estavam trancadas

e não havia ninguém para cumprimentá-los. Ambos pareciam tão frios e derrotados. Alguém teria que deixá-los entrar.

Era a mulher quem dirigia o carro, e Robin estava fascinada por tudo nela: as roupas da moda que usava, os longos cabelos loiros e a maquiagem habilmente aplicada. Robin não tem nada de novo para vestir há anos, ela se veste para se aquecer e se sentir confortável. Não há nada em seu guarda-roupa que não seja feito de algodão, lã ou tweed. Na maioria dos dias, ela usa um uniforme de camisetas de mangas compridas por baixo do macacão antigo, junto com dois pares de meias de tricô para manter os pés aquecidos. O cabelo de Robin está longo e grisalho agora, e ela mesma o corta quando os emaranhados ficam muito problemáticos. Suas bochechas rosadas são o resultado de ventos frios, não de rubor, até ela acha difícil se lembrar de uma época antes de parecer e viver dessa maneira.

Robin observou-os entrar e depois deu a volta na capela, olhando através dos vitrais. Ela desejou poder ouvir o que eles estavam dizendo, mas o vento roubou as palavras de seus ouvidos. As camadas que ela usava valeram a pena, mas ela não estava imune ao frio. Ou curiosidade. Apesar da poeira que baixou desde a última vez que alguém habitou o local, os visitantes logo pareceram se sentir em casa. Acenderam velas e o fogo que lhes foi preparado, aqueceram alguma comida, beberam um pouco de vinho. O cachorro se esticou no tapete e o casal quase deu as mãos em determinado momento. Olhando de fora, era uma cena bastante romântica. Mas as aparências enganam, todo mundo sabe disso.

Eles não pareciam nem um pouco assustados.

Ela se perguntou se era porque eles estavam juntos. O mundo pode parecer menos assustador quando você não precisa enfrentá-lo sozinho. Mas a vida é um jogo de escolhas, e algumas das escolhas de Robin foram erradas. Ela pode admitir isso agora, mesmo que seja apenas para si mesma, porque não sobrou ninguém para contar. Observando o casal começar a relaxar dentro da capela, ela percebeu que eles também haviam feito escolhas erradas. E vir aqui provavelmente estava no topo da lista.

CAPÍTULO QUINZE

AMELIA



— O que está errado? — Adam diz. É uma pergunta que meu marido faz com frequência, sem realmente querer saber a resposta.

— Nada. E agora? — Eu respondo enquanto estamos na sala de bagagens olhando um para o outro. Vejo meu reflexo em alguns dos espelhos em miniatura na parede e desvio o olhar. Este lugar é um pouco Alice no País das Maravilhas para o meu gosto. Só falta um coelho branco.

— Eu estava ansioso por outra taça de vinho, mas você estragou essa ideia quando deixou cair a garrafa... — Adam diz.

— Bem, você disse que a cripta estava cheia delas. Poderíamos simplesmente abrir outra...

— Foi, é verdade, é a sua vez de ir até lá.

— O quê?

— Quando você perceber que não há nada a temer, você deixará de ter medo.

Não tenho certeza se concordo com a lógica dele, mas tenho uma espinha dorsal feminista, e qualquer coisa que meu marido possa fazer,

eu também posso fazer. Então, embora eu não queira entrar na cripta, irei. Para deixar claro e também para obter o álcool tão necessário.

Percebo que Adam fecha todas as portas atrás de nós enquanto voltamos para a cozinha, como se estivesse tentando esconder alguma coisa. Embora eu tenha certeza de que ele deve estar apenas tentando manter o calor. Quando chegamos à despensa, ele abre o alçapão no chão, e meus sentidos são imediatamente assaltados pelo cheiro úmido e mofado.

— O que é isso? — Eu pergunto.

Ele dá de ombros. — Umidade?

É muito mais pungente do que qualquer cheiro de umidade que já encontrei antes.

— Passe-me a lanterna — eu digo.

— A bateria está completamente descarregada agora, mas há um interruptor de luz lá embaixo. Está à direita assim que você chega ao fundo.

Ele mantém o alçapão aberto enquanto começo a descer os degraus de pedra. Não há corrimão para me segurar, então desço Tateando a parede. Não está apenas frio, está molhado. Viscoso pode ser uma descrição mais precisa. Meus dedos encontram o interruptor, e um tubo fluorescente feio no teto ganha vida, criando um brilho verde misterioso. O zumbido que faz é estranhamente reconfortante.

Adam estava certo, não existem fantasmas ou gárgulas, mas o lugar definitivamente parece assustador. Tudo é feito de pedras que parecem antigas – as paredes, o teto, o chão – e está tão frio aqui que consigo ver minha respiração. Conto três anéis de metal enferrujados embutidos na parede e faço o possível para não pensar no que eles serviam. Vejo as prateleiras de vinho ao longe e corro para olhar mais de perto, ansiosa para voltar para cima. Algumas das garrafas estão cobertas de tanta sujeira e poeira que é impossível ler os rótulos, mas vejo o que parece ser uma garrafa de Malbec.

Então as luzes se apagam.

— Adam? — Eu chamo.

O alçapão acima de mim se fecha.

— Adam! — Eu grito, mas ele não responde, e tudo que consigo ver é escuridão.

CAPÍTULO DESSESEIS

ROBIN



Robin nunca teve medo do escuro. Ou tempestades. Ou as coisas estranhas que às vezes acontecem na Capela Blackwater. Mas, diferentemente dos visitantes, Robin está sempre preparada.

Hoje cedo, ela fez uma viagem mensal à cidade para conseguir tudo o que precisava. A viagem pelo vale e pelas montanhas leva pouco mais de uma hora de ida e volta, e fazer compras nunca foi uma das coisas favoritas de Robin. Ela está um pouco enferrujada quando se trata de habilidades pessoais, morar sozinha por muito tempo pode fazer isso com uma pessoa. A solidão de sua vida é algo com que ela aprendeu a conviver, mas ainda se preocupa com os sons estranhos que sua boca faz hoje em dia, nas raras ocasiões em que a abre. Então ela tende a mantê-la fechada.

Ser tímida e hostil não é a mesma coisa, mas infelizmente a maioria das pessoas não consegue perceber a diferença.

Seu velho Land Rover já viu dias melhores – um pouco como sua dona – mas é pelo menos fácil de dirigir e confiável, mesmo nos piores tipos de clima. “Cidade” é na verdade apenas a aldeia mais próxima. Um lugar tranquilo chamado Hollowgrove, na costa oeste da Escócia. Consiste em pouco mais que um punhado de casas e uma “loja local.” A

loja – que também funciona como correio – armazena apenas itens essenciais na melhor das hipóteses. Todo mundo começa a entrar em pânico ao comprar quando sabe que há uma tempestade a caminho e muitas prateleiras já estavam vazias. As frutas e vegetais frescos desapareceram, assim como o pão e o papel higiênico. Por que as pessoas precisavam armazená-los estava além de sua compreensão.

Robin pegou o último litro de leite, um pouco de queijo, alguns fósforos, velas e seis latas de aros de espaguete Heinz. Ela já tinha em casa pelo menos vinte latas de feijão cozido Heinz e um armário cheio de nada além de tangerinas em lata Del Monte, além de caixas de leite longa vida suficientes para hidratar uma escola primária. Suas escolhas alimentares não têm nada a ver com a tempestade. Robin gosta de comida enlatada. E ela gosta de ter sempre o suficiente empilhado em casa, para saber que não morrerá de fome tão cedo.

Ela colocou os últimos potes de comida para bebê das prateleiras em sua cesta. A mulher atrás do caixa fez uma pausa antes de examiná-los – como sempre – e Robin sentiu-se encolher um pouco sob o peso de seu olhar. Ela comprava comida para bebê nesta loja desde que alguém se lembrava, mas as pessoas sabiam que não era melhor perguntar sobre um bebê. Todos sabiam que ela não tinha um.

O crachá da caixa dizia: *PATTY*. Junto com o rosto da mulher, Robin pensou em hambúrguer cru, o que a deixou enjoada. Patty estava na casa dos cinquenta, mas parecia mais velha com suas roupas desalinhadas e avental vermelho. Ela tinha cabelo loiro bagunçado, de menino, pele pálida e sombras escuras sob os olhos redondos. Robin notou que a mulher engolia em seco sem motivo, o que parecia apenas acentuar a papada caída. Patty era uma pessoa que se afundava em fofocas maldosas e autopiedade. Robin não pretendia julgar a mulher que a estava julgando, ela tendia a evitar seres humanos rudes ou vazios e testemunhou Patty sendo as duas coisas. A mulher usava sua amargura como um distintivo, o tipo de pessoa que escreve resenhas de livros com uma estrela.

Robin pensou em dizer olá, sabendo que é isso que as – pessoas normais – fazem. Mas se houvesse um teste decisivo para a bondade,

estava claro que Patty falharia todas as vezes. Portanto, embora Robin às vezes desejasse puxar conversa, só para ver se ainda conseguia, Patty era alguém com quem ela não gostava de conversar.

Quando Robin voltou para o chalé, já havia faltado energia e o lugar estava escuro e frio. Não era grande coisa: uma pequena construção de pedra com dois quartos, telhado de palha e um banheiro externo. Mas era dela. E era o mais próximo de uma casa que ela tinha ultimamente. A casa tinha sido construída à mão há mais de duzentos anos, para o padre que cuidava da capela quando ela ainda era usada para o seu propósito original. Algumas das grossas paredes de pedra branca desmoronaram em alguns lugares, revelando tijolos de granito escuro. As impressões digitais dos homens que as fizeram ainda são visíveis, dois séculos depois, e Robin sempre anima pensar que ninguém desaparece completamente. Todos nós deixamos para trás uma pequena parte de nós mesmos.

A mãe de Robin às vezes dormia nesta casa. Anos atrás, quando Robin era apenas uma criança e as coisas eram... difíceis em casa. A mãe dela tinha uma chave e vinha aqui sempre que ela precisava fugir ou se esconder. Ela era uma mulher feliz presa dentro de uma mulher triste. Ela adorava cantar, cozinhar e costurar, tinha a habilidade mais maravilhosa de fazer com que tudo – inclusive ela mesma – ficasse bonito. Até mesmo esta casinha triste. Robin a seguiria até aqui – ela sempre ficava do lado da mãe em qualquer discussão – e elas se sentavam juntas em frente ao fogo. Confortando uma a outra sem palavras e esperando que a última tempestade conjugal passasse. O lugar se tornou um santuário em ruínas para ambas. Elas o tornaram aconchegante, com cortinas e almofadas caseiras, velas para iluminar e cobertores para aquecer. Mas tudo isso já havia passado quando Robin voltou anos depois. Assim como a mãe de Robin. Nada além do pó de uma memória.

A palha é um pouco mais recente que as paredes do chalé, não sem buracos, mas podem ser consertados quando o tempo esquentar. E vai acontecer, porque sempre acontece. Isso é o que Robin aprendeu sobre a vida agora que está mais velha: o mundo continua girando e os

anos passam, independentemente do quanto ela deseja poder voltar no tempo. Ela se pergunta muito sobre isso: por que as pessoas só aprendem a viver o momento quando o momento já passou.

Robin não tem muitos móveis. Sua cama é feita de uma série de estrados de madeira que ela encontrou na beira da estrada, mas é surpreendentemente confortável graças a uma espessa camada de cobertores de lã e almofadas caseiras. Na sala com lareira – onde ela passa a maior parte do tempo para se aquecer – há uma mesinha com uma perna bamba e uma velha poltrona de couro que ela resgatou de uma lixeira em Glencoe. Ter pertences que eram dela era mais importante para Robin do que sua aparência ou de onde vieram. Ela não tinha muito quando chegou aqui, apenas uma mala cheia de suas coisas favoritas. Robin deixou todo o resto para trás.

Os pratos, talheres, xícaras e copos do chalé foram todos emprestados – alguns poderiam dizer levados – de cafés e pubs que ela visitara nas Terras Altas. Robin nunca viu isso como roubo quando colocava as coisas sujas na bolsa, porque sempre deixava uma gorjeta. Certa vez, ela pegou um livro de visitas de uma sala de chá, embora não soubesse ao certo por quê. Talvez todas as mensagens amigáveis escritas à mão dentro dele a fizessem se sentir menos solitária. Robin reuniu todas as coisas que *precisava* antes que o dinheiro acabasse. Ela não tinha tudo o que *queria*, mas essa era uma história diferente. O dinheiro que lhe restava era guardado apenas para emergências, e esta era definitivamente uma delas.

Sem eletricidade no futuro próximo, ela acende algumas velas antes de acender uma pequena fogueira na lareira para se aquecer. Então ela amarra uma lata de feijão cozido acima das chamas. Refeições quentes são importantes em climas frios, e esta não é a primeira vez que Robin cozinha para si mesma durante uma tempestade. Quando a lata estiver vazia, ela a lavará, esculpirá dois olhos e um sorriso na lata e depois a usará como castiçal. Há rostos em forma de lata por toda a sua casinha. Alguns felizes, outros tristes. Alguns com raiva.

Usando luvas de forno que não combinam, ela tira a lata de cima do fogo e come o feijão quente direto da lata. Isso economiza tempo e

lavagem. Quando ela termina seu jantar, ela abre um pote de comida para bebê e coloca o conteúdo em uma tigela. Ela sabe que ele comerá quando estiver com fome.

Robin se acomoda na velha poltrona de couro. Ela está usando luvas sem dedos dentro de casa, mas suas mãos ainda estão geladas. Ela joga outra lenha no fogo, depois procura o cachimbo de madeira dentro do bolso do cardigã, segurando-o como um velho amigo. Nem sempre foi dela... outra coisa que ela pegou emprestada. Às vezes basta sentir, mas não esta noite. Ela o tira, junto com uma lata pequena e redonda de tabaco. É um cachimbo Rattray, feito na Escócia, igualzinho a ela. Um clássico Cisne Negro.

Ela desenrosca a lata e espalha três pitadas de tabaco, exatamente como ele lhe ensinou quando ela era pequena. É como embelezar um ninho antes de queimá-lo. Alguns fios caem em seu colo, onde ficam, abandonados por mãos instáveis. Ela percebe a pele seca e as unhas roídas ao acender um fósforo, então fecha os olhos brevemente, para se esconder de si mesma, enquanto aprecia o cheiro do cachimbo e a dose de nicotina que desejou o dia todo.

Robin olha para a capela à distância. Da janela ela pode ver que as luzes ainda estão acesas. Ao contrário da sua casinha, a capela ainda tem energia, porque o proprietário sofreu muitas tempestades na Escócia e instalou um gerador há alguns anos. Por todo o bem que isso lhes fez. Ela ouve rádio enquanto espera, Robin é boa em esperar. Paciência é a resposta para muitas das perguntas da vida. Ela senta e espera, mesmo quando o cachimbo está vazio e o fogo já se extinguiu. Ela ouve as vozes no rádio – tão familiares quanto de velhos amigos – enquanto elas relatam que a tempestade já resultou em vários acidentes rodoviários. Robin se pergunta se os visitantes sabem que sorte tiveram ao escapar, conseguindo chegar aqui inteiros. Quando olha novamente pela janela e vê que a capela está completamente às escuras, pensa que a sorte dos visitantes pode estar prestes a mudar.

Talvez tenha acabado completamente, só o tempo dirá.

Robin ouve algo então, passos minúsculos na escuridão atrás dela. A tigela de comida para bebê está vazia. Foi lambida completamente limpa e isso a deixa feliz. Companhia é companhia, seja qual for a forma que assuma.

CAPÍTULO DEZESSETE

AMELIA



Sinto-me louca por pensar nisso, mas não creio que esteja sozinha na cripta. Pisco na escuridão e giro, mas não consigo ver nada. Na minha imaginação, as paredes estão se fechando sobre mim e acho que ouço meu nome sendo sussurrado nas sombras.

Amelia. Amelia. Amelia.

Minha respiração logo começa a ficar fora de controle. Sinto meu peito apertar como se um peso estivesse pressionando meus pulmões, e imagino mãos invisíveis me estrangulando enquanto minha garganta começa a fechar.

Então o alçapão se abre acima, mas ainda não consigo ver.

— Você está bem? — A voz de Adam chama na escuridão.

— Não! O que aconteceu?

— Não sei, corte de energia, eu suspeito. Deixei cair a porta quando as luzes se apagaram, desculpe. Tente seguir em direção às escadas.

— Eu... não consigo respirar!

Ele não apenas ouve minhas palavras, ele ouve o som áspero da minha respiração entre elas.

— Onde está o seu inalador? — Ele grita.

— Não... sei. Bolsa.

— Onde está isso?

— Não consigo me lembrar. Mesa da cozinha?

— Espere aí — diz ele, como se eu tivesse escolha.

Tenho asma desde pequena... ser criada por pessoas que fumavam sem parar e morar em apartamentos no centro da cidade provavelmente não ajudou. Nem todos os meus pais adotivos eram amigos das crianças. Minha asma não é um problema tão grande hoje em dia, mas ainda há coisas que podem desencadear um ataque. Ficar presa em uma cripta subterrânea no escuro parece ser um deles. Avanço tentando encontrar os degraus para sair daqui, mas meus dedos só encontram uma parede úmida e um anel de metal frio. Isso me faz estremecer. Se ao menos as baterias da lanterna não tivessem acabado ou eu estivesse com meu telefone. Penso em todas as velas da biblioteca, desejando ter uma agora, mas então me lembro da caixa de fósforos que usei para acendê-las. Ainda está no meu bolso.

O primeiro fósforo que acendo apaga-se quase instantaneamente – é uma caixa velha.

Uso o segundo para tentar me orientar, mas ainda não consigo ver os degraus e estou lutando para colocar ar suficiente nos pulmões.

O terceiro fósforo que acendo ilumina brevemente parte da parede e noto todas as marcas de arranhões na superfície. Parece que alguém, ou alguma coisa, uma vez tentou sair daqui.

Tento manter a calma, lembrar de respirar, mas então a chama queima as pontas dos meus dedos e deixo cair o último fósforo no chão.

Tudo é preto.

E então eu ouço de novo. Meu nome sendo sussurrado. Bem atrás de mim.

Amelia. Amelia. Amelia.

Minha respiração está muito superficial, mas não consigo controlá-la e acho que vou desmaiar. Não importa em que direção eu olhe, tudo que consigo ver é escuridão. Então ouço o som de arranhões.

CAPÍTULO DEZOITO

ADAM



Demora muito mais do que deveria para encontrar o inalador de Amelia.

Seus ataques de asma são poucos e raros, mas sempre acho que é melhor estar preparado para o pior. A vida me fez pensar assim e estou melhor com isso. Procurar a bolsa da minha esposa nunca é uma tarefa fácil – mesmo para ela – mas tentar adivinhar onde ela a deixou em um prédio desconhecido, na escuridão total, é algo que leva tempo. Tempo que eu sei que ela não tem. Quando finalmente sinto a bolsa de couro, encontro o inalador dentro dela e corro de volta para o alçapão. Bob começou a arranhar a madeira e posso ouvir Amelia chorando.

— Você precisa encontrar os degraus — eu digo.

— O que você acha que estou tentando... fazer?

Ela não consegue respirar.

— Ok, vou descer.

— Não! Não faça isso, você vai... cair.

— Pare de falar e concentre-se na sua respiração. Estou chegando.

Tateio meu caminho lentamente, um pé se conectando com um passo de cada vez, o som da respiração em pânico de Amelia me guiando na escuridão. Encontro-a encostada na parede oposta de onde ela deveria estar e coloco o inalador em suas mãos trêmulas. Ela sacode e ouço duas baforadas. Então a energia é ligada novamente, o tubo fluorescente no teto volta à vida e a cripta é banhada por uma luz fantasmagórica.

— Deve haver um gerador — digo, mas Amelia não responde. Em vez disso, ela apenas se agarra a mim e eu a abraço. Ficamos assim por muito tempo e me sinto estranhamente protetor com ela.

O que eu *deveria* sentir é culpa, mas não sinto.

CAPÍTULO DEZENOVE

AMELIA



Ele me segura e eu deixo, enquanto espero minha respiração voltar ao normal. Penso no que o conselheiro matrimonial perguntou em nossa primeira sessão. “Chame-me de Pamela” como Adam a apelidou sempre soava como se ela soubesse do que estava falando, mas confesso que minha confiança nela diminuiu um pouco quando descobri que ela mesma já havia se divorciado duas vezes. *O que o casamento significa para você?* Lembro-me de como ela ronronou a pergunta e lembro-me da resposta de Adam. *O casamento é um bilhete de loteria premiado ou uma camisa de força.* Ele achou engraçado. Eu não.

Ele me beija na testa, gentilmente, como se estivesse com medo de que eu pudesse quebrar. Mas sou mais durona do que ele imagina. Mais inteligente também. O beijo parece antisséptico, nada mais do que algo para acalmar.

— Que tal levarmos essa garrafa para a cama? — Ele pergunta, pegando o Malbec e segurando minha mão enquanto me leva para fora da cripta. Às vezes é melhor deixar as pessoas pensarem que você as seguirá, até ter certeza de que não se perderá sozinha.

No meio da sala da biblioteca existe uma escada circular de madeira que conduz ao que deve ter sido uma varanda do primeiro

andar, quando esta ainda era uma capela. Suponho que a madeira seja toda original, certamente parece, e cada segundo degrau range de uma forma bastante teatral. Bob avança, trotando escada acima, quase como se soubesse para onde está indo.

Não consigo deixar de olhar para as fotos que passamos nas paredes de pedra caiadas. A série de retratos emoldurados em preto e branco começa na parte inferior da escada e segue até o topo, como uma árvore genealógica fotográfica. Algumas das fotos estão quase completamente desbotadas, descoloridas pela luz do sol e pelo tempo, mas as mais novas – mais próximas do primeiro andar – estão em boas condições e até parecem um pouco familiares. Eu não reconheço os rostos neles. E não adianta perguntar a Adam, que nem reconhece o seu no espelho. Percebo que faltam três quadros, formas retangulares descoloridas e pregos cor de ferrugem onde costumavam ficar pendurados.

Um tapete vermelho preso com hastes de metal sobe no meio da escada – ao contrário do piso frio de lajes no andar de baixo – e eles se abrem para um patamar estreito. Existem quatro portas à nossa frente. Todas elas estão fechadas e têm exatamente a mesma aparência, exceto uma que tem uma placa vermelha *PERIGO, MANTENHA-SE FORA* pendurada na maçaneta. Há uma cesta de cachorro xadrez na frente dela, junto com uma nota digitada como a que encontramos na cozinha quando chegamos:

Não há cães no quarto.

Por favor.

Esperamos que aproveite sua estadia.

A palavra, “por favor,” parece uma reflexão tardia e um pouco passivo-agressiva em uma nova linha por si só, mas talvez eu esteja lendo demais sobre isso. Bob fareja a cama, abana o rabo e senta-se satisfeito, como se fosse a dele. Meu cachorro não sofre de ansiedade de

separação como eu e – ao contrário de mim – ele pode dormir em qualquer lugar, a qualquer hora.

— Bem, ele está sendo cuidado. O bilhete anterior não dizia que um dos quartos havia sido arrumado para nós? — Adam diz.

— Sim, mas não consigo lembrar qual.

— Só há uma maneira de descobrir.

Ele experimenta cada uma das portas disponíveis, todas trancadas, até que a última se abre com um rangido dramático que combina com a trilha sonora das escadas. Junto com o vento uivante lá fora, é o suficiente para dar a qualquer um uma dose de calafrios.

— Este lugar realmente precisa de um pouco de WD-40⁶ — diz Adam, acendendo a luz, e eu o sigo para dentro do quarto.

Estou chocada com o que vejo.

O quarto é igual ao nosso em casa. Não é uma cópia carbono – a mobília é diferente – mas a cama está coberta com os mesmos travesseiros, cobertores e mantas. E as paredes foram pintadas exatamente no mesmo tom: Mole's Breath de Farrow and Ball. Redecorei como uma surpresa há alguns anos e nunca esquecerei o quanto Adam odiou isso.

Nós dois ficamos parados e olhamos por um momento.

— Não entendo o que estou vendo — sussurro.

— Suponho que se pareça um pouco com o nosso...

— Um pouco?

— Bem, não temos vitrais em Londres.

— Isso é muito estranho.

— Também não temos relógio de pêndulo — diz ele, e isso é verdade. O relógio de aparência antiga no canto do quarto está completamente fora de lugar, e o som dele parece ficar mais alto em meus ouvidos.

— Adam, estou falando sério. Você não acha que tudo isso é um pouco estranho?

— Sim e não. Eles provavelmente tiveram a ideia do mesmo lugar que você. Você não comprou tudo do nosso quarto de uma empresa porque conseguiu um desconto de cinquenta por cento na venda? Você se apaixonou pela foto de um quarto na brochura e literalmente comprou tudo. Definitivamente me lembro da fatura do cartão de crédito. Talvez o dono deste lugar tenha feito o mesmo?

O que ele está dizendo é verdade. Eu me apaixonei pela foto de um quarto em um folheto e comprei quase tudo que havia nele, apesar dos preços ridículos. Suponho que não é impossível que quem quer que tenha reformado a capela tenha gosto semelhante. O local foi lindamente decorado, apesar de todas as superfícies estarem cobertas de poeira. O que me faz notar que, ao contrário do resto da propriedade, o quarto está impecável. Posso até sentir o cheiro de lustra-móveis.

— Está limpo — eu digo.

— Certamente isso é uma coisa boa?

— Todos os outros cômodos estavam empoeirados e...

— Talvez devêssemos substituir nossos abajures de mesa por estes em casa? — Adam diz, me interrompendo e acendendo um dos castiçais antigos ao lado da cama. Ele tinha uma caixa de fósforos no bolso, como se soubesse que eles estariam aqui. À medida que eles começam a piscar e lançar sombras pelo quarto, não posso deixar de pensar que eles parecem emprestados do set de *A Christmas Carol*. — Eles ainda têm o preço preso no fundo. Parecem tão velhos, mas devem ser novos — diz ele, erguendo um.

— Tudo parece tão... pouco autêntico, como se estivéssemos em um filme de nossas vidas e alguém tivesse acabado de vestir o cenário com réplicas baratas dos originais.

— Eu acho que eles são legais.

— Acho que eles representam risco de incêndio.

Abro outra porta e encontro um banheiro que não se parece em nada com o nosso em casa. Tudo é genuinamente antigo, e há marcas na parede e no chão onde suponho que costumava haver uma banheira com pés. Acontecia a mesma coisa no banheiro do andar de baixo – sem banheira, apenas um espaço vazio onde alguma claramente estava. Há mofo nos azulejos e na pia. Quando abro as torneiras, ouço um som estranho, mas nada acontece.

— Suspeito que os canos possam estar congelados — diz Adam do quarto.

— Ótimo. Eu queria tomar um banho quente — respondo, saindo para me juntar a ele. O quarto agora está iluminado apenas com velas e parece mais aconchegante. Percebo que ele abriu o vinho e serviu duas taças. Quero aproveitar desta vez, então vou fechar as cortinas, ainda um pouco assustada porque alguém poderia estar lá fora nos observando mais cedo. Há um aquecedor velho abaixo da janela, mas está muito frio, o que explica por que estou.

— Existem outras maneiras de se manter aquecido — diz Adam, passando os braços em volta da minha cintura e beijando meu pescoço.

Já faz um tempo que não durmo com meu marido.

Era diferente quando ficávamos juntos – não conseguíamos tirar as mãos um do outro naquela época – mas tenho certeza de que esse é o caso de muitos casais. Parece bobagem estar casado há tanto tempo, mas a ideia de tirar a roupa me enche de pavor. Meu corpo não parece mais como antes.

— Só vou me refrescar — digo, tirando algo da bolsa antes de ir para o banheiro. — Verifique se há fantasmas embaixo da cama enquanto espera.

— Então o quê?

— Espere mais.

Com a porta fechada entre nós, começo a me sentir mais calma novamente. Mais no controle. Finjo não saber por que estou tão nervosa por ter intimidade com meu próprio marido, mas é uma daquelas

mentirinhas inocentes que conto a mim mesma. Assim como todos nós fazemos. Fico descalça no chão frio do banheiro desconhecido e olho para a mulher no espelho, depois desvio o olhar enquanto tiro o resto das minhas roupas. A nova camisola preta de seda e renda que comprei só para esta viagem não me transforma em outra pessoa, mas pode ajudar a excitá-lo. É errado querer ser desejada pelo homem com quem casei?

Abro a porta do banheiro, tentando parecer sexy quando saio de trás dela, mas não precisava ter me incomodado. O quarto está vazio. Adam se foi.

CAPÍTULO VINTE

ADAM



Mantenha-se fora não faz com que todos queiram ver o que está por trás dela? E sempre me senti bastante atraído pelo perigo.

Eu sei que Amelia vai demorar uma eternidade para “se refrescar” no banheiro e estou entediado de esperar. Então tomo um gole de vinho e volto para o patamar para ver se Bob quer me fazer companhia. Mas ele já está dormindo. E roncando.

Foi então que a placa de *PERIGO MANTENHA-SE FORA* chama minha atenção e eu simplesmente não consigo resistir a tentar a maçaneta da porta em que ela está pendurada. Certamente nada tão perigoso poderia estar escondido por trás disso. Todas as outras portas aqui em cima estavam trancadas, mas quando giro a maçaneta, esta se abre. Não sei o que esperava, mas suponho que esperava algo mais emocionante do que uma estreita escada de madeira que subia. Posso ver outra porta no topo dela. Bob abriu um olho e resmunga em minha direção. Mas a curiosidade matou o gato, não o cachorro ou o homem, e agora quero muito saber o que há no topo da escada.

Não há luz, então pego uma das velas do quarto e subo. Um passo barulhento de cada vez. Sinto algo tocar meu rosto na penumbra e imagino dedinhos, mas são apenas teias de aranha. Acho que faz muito tempo que ninguém limpa essa parte da casa também. Estou prevendo que a porta no topo da escada proibida estará trancada. Mas não está. Assim que abro, uma forte rajada de vento apaga a vela e quase me derruba.

A torre do sino.

O ar ártico lá fora parece um tapa na cara, mas a vista do topo da capela é espetacular. Sinto que posso ver o mundo inteiro daqui de cima... o vale, o lago, as montanhas ao longe, tudo iluminado por uma lua cheia. A neve finalmente parou e as nuvens se separaram para revelar um céu negro decorado com estrelas. O sino – que é consideravelmente maior do que parece visto do chão – é cercado por quatro paredes brancas na altura dos joelhos. Não há grade de segurança e apenas espaço suficiente para contornar a atração principal, mas vale a pena arriscar para apreciar a visão de trezentos e sessenta graus de todos os ângulos possíveis.

Ao olhar para o céu noturno, parece-me quase inconcebível que algo tão mágico esteja sempre lá. Estamos todos muito ocupados olhando para baixo para nos lembrarmos de olhar para as estrelas. Fico triste quando penso em todas as coisas que já perdi na vida, mas pretendo mudar isso.

Tiro meu telefone do bolso para tirar uma foto... o telefone que minha esposa acha que ainda está em casa, em Londres. Fiquei enjoado quando a vi tirando-o do porta-luvas do carro antes de sairmos de casa e depois escondendo-o dentro de casa. Me senti ainda pior quando ela mentiu sobre onde estava, me culpando por deixá-lo para trás. Ela está se comportando de maneira estranha há meses e agora sei que não estava imaginando isso.

Amelia foi recentemente consultar um consultor financeiro. Ela não me contou sobre isso até depois do evento. Disse que passei muito tempo me preocupando com o passado e que ela queria se preparar

melhor para o futuro. A princípio não percebi que ela se referia ao *dela*, não ao *nosso*. Que outra explicação existe para ela ter feito um seguro de vida em meu nome e me pedido para assiná-lo quando ela pensou que eu estava bêbado algumas semanas atrás?

— Acho que estamos numa idade em que precisamos planejar com antecedência — disse ela, depois das onze, em uma noite de aula, com uma caneta na mão.

— Tenho apenas quarenta.

— E se algo acontecesse com você? — Ela persistiu. — Eu não teria condições de pagar sozinha por uma casa grande em Hampstead Village com meu salário. Bob e eu seríamos sem-teto. — O cachorro – ao ouvir seu nome – olhou para mim então, como se estivesse metido naquilo.

— Você não seria uma sem-teto. Na pior das hipóteses, talvez você precise reduzir o tamanho...

Ela balançou a cabeça e segurou a caneta em minha direção. Assinei a papelada porque estava cansado demais para discutir e porque minha esposa é uma daquelas mulheres a quem é difícil dizer não.

Talvez seja porque os pais dela morreram quando ela nasceu, ou talvez seja por causa de todas as coisas tristes que ela vê no trabalho quase todos os dias, mas Amelia pensa mais na morte do que eu acho normal. Ou saudável. Especialmente agora que ela parece tão preocupada comigo.

Minha esposa está planejando algo, tenho certeza disso. Só não sei o quê.

E não estou tendo uma crise de meia-idade.

É disso que ela continua me acusando ultimamente.

Suspeito que todo mundo chega a uma idade em que começa a questionar o que conquistou na vida. Se as escolhas que fizeram foram as corretas. Mas também acredito que o que faço – contar histórias – é

importante. As histórias nos ensinam sobre o nosso passado, enriquecem o nosso presente e podem prever o nosso futuro. Mas então eu diria isso. As palavras que escrevi são tudo o que restará de mim quando eu partir.

Atores e diretores recebem toda a glória no meu negócio, e passei a maior parte da minha carreira adaptando livros de outras pessoas, mas essas são as *minhas* palavras que você ouve quando assiste a um programa de TV ou filme em que trabalhei. *Minha*. Eu nem li o livro que me pediram para adaptar no ano passado. Decidi que – de uma forma ou de outra – a história que seria contada pertenceria a mim. A produtora do programa disse que amou mais minha versão do que o romance policial e eu fiquei em êxtase. Brevemente. Aí ela pediu mudanças porque é isso que *essas* pessoas fazem. Então eu as fiz e entreguei o próximo rascunho. Aí o diretor pediu mudanças, porque é isso que *eles* fazem. Avançamos alguns meses e até um dos atores pediu mudanças, porque é claro que *eles* conhecem os personagens melhor do que eu, embora tenham vindo da *minha* cabeça. Então, embora eu jure que meu terceiro ou quarto rascunho foi muito melhor do que a versão final, fiz as alterações porque, se não tivesse feito isso, teria sido demitido e algum outro idiota teria me substituído. Porque é assim que esse negócio funciona.

Minha vida parece igual ao meu trabalho, com pessoas sempre querendo me mudar. Tudo começou com minha mãe. Quando meu pai foi embora, ela trabalhou em turnos duplos no hospital para me criar e manter um teto sobre nossas cabeças. Morávamos no décimo terceiro andar de um prédio de apartamentos no sul de Londres. Não tínhamos muito, mas sempre tivemos o suficiente. Ela costumava me repreender por assistir muita TV quando estava trabalhando – dizia que meus olhos ficavam quadrados –, mas não havia muito mais a fazer que não envolvesse me meter em encrencas. Ela preferiu me ver lendo, então eu fiz isso, e no meu aniversário de treze anos ela me deu treze livros. Eram todas edições especiais de autores que adorei quando menino, ainda as guardo até hoje, numa estante do porão onde escrevo. Ela escreveu uma nota na primeira edição do meu livro favorito de Stephen

King: *Aproveite as histórias da vida de outras pessoas, mas não se esqueça de viver a sua própria.*

Ela morreu três meses depois.

Saí da escola aos dezesseis anos porque era necessário, mas sempre estive determinado a deixá-la orgulhosa. *Tudo* o que fiz desde então foi para tentar me tornar alguém que ela não gostaria de mudar.

Tive uma série de amigas que também tentaram me mudar, mas não conseguiram, até que conheci minha esposa. Pela primeira vez na minha vida, encontrei alguém que me amava por ser eu e não queria mudar quem eu era. Poderia finalmente ser eu mesmo e escrever minha própria história, sem medo de ser abandonado ou substituído. Talvez seja por isso que eu a amei tanto, no começo. Mas o casamento muda as pessoas, gostem ou não. Você não pode quebrar um ovo quando já o tiver batido e fazer uma omelete.

Tento afastar os pensamentos negativos da minha mente e me concentrar na vista. Estar tão alto me lembra de quando era criança, quando morava no décimo terceiro andar. À noite, quando não conseguia dormir (o apartamento tinha paredes finas), eu abria a janela do meu quarto ao máximo e olhava para o céu noturno. O que mais me lembro são os aviões... nunca estive em nenhum. Eu costumava contá-los e imaginar todas aquelas pessoas inteligentes, sortudas e ricas o suficiente para voar para algum lugar diferente de mim. Eu me senti preso, mesmo então. Ao contrário da vista de um bloco de apartamentos em Londres, aqui não há edifícios em nenhuma direção, nenhum sinal de vida, e tudo está coberto de neve, banhado pelo luar. Estamos realmente sozinhos aqui, e era isso que Amelia queria.

As pessoas deveriam ter mais cuidado com o que desejam.

Há um lado da minha esposa que ninguém mais vê, porque ela é muito boa em escondê-lo. Só porque Amelia trabalha para uma instituição de caridade animal, isso não faz dela uma santa. Isso não significa que ela nunca fez nada de ruim, muito pelo contrário. Existem florestas menos sombrias que a minha esposa. Ela pode enganar todo mundo, mas eu sei quem ela realmente é e do que é capaz. É por isso

que estou emocionalmente falido atualmente... todo o amor que me resta por ela está gasto.

Não estou fingindo ser inocente em tudo isso.

Nunca pensei que fosse o tipo de homem que trairia a esposa.

Mas eu fiz. E de alguma forma, ela descobriu.

Suponho que isso me faz parecer o vilão, mas também há uma garota má nesta história. Dois erros às vezes tornam algo feio. E eu não fui o único que dormiu com alguém que não deveria. Santa Amelia também fez.

CAPÍTULO VINTE E UM

AMELIA



— Adam?

Estou no patamar, segurando uma vela e chamando seu nome. Mas ele não responde.

Bob olha para mim, irritado por eu ter perturbado seu sono, depois olha para a porta com a placa *PERIGO MANTENHA-SE FORA* e suspira. Às vezes acho que nosso cachorro é mais esperto do que imaginamos. Mas então me lembro de todas as vezes em que o vi correndo em círculos, perseguindo o próprio rabo, e percebo que ele está tão confuso com a vida quanto o resto de nós.

Nunca fui muito boa em seguir regras, então ignoro a placa e abro a porta. Revela uma estreita escadaria de madeira que conduz a outra porta no topo. Dou alguns passos e quase derrubo a vela quando entro numa teia de aranha. Tento desesperadamente afastá-la do rosto, mas ainda sinto como se algo estivesse rastejando pela minha pele no escuro.

— Adam? Você está aí em cima?

— Sim, a vista é incrível. Traga o vinho e alguns cobertores — diz ele, e a onda de alívio que sinto me surpreende.

Cinco minutos depois, estamos amontoados na torre do sino da capela, ele tem razão, a vista é realmente mágica. Não há muito espaço e estou com frio, mesmo com o cobertor enrolado nos ombros, mas o vinho está ajudando, quando Adam me vê tremer, ele me abraça.

— Não consigo me lembrar da última vez que vi lua cheia — ele sussurra.

— Ou tantas estrelas — respondo. — O céu está tão claro.

— Sem poluição luminosa. Você consegue ver aquela estrela mais brilhante, logo à esquerda da lua? — Ele pergunta, apontando para o céu. Concordo com a cabeça e observo enquanto ele move o dedo como se estivesse escrevendo a letra W. — Essas cinco estrelas formam a constelação de Cassiopeia. — Adam é cheio de conhecimentos aleatórios, às vezes acho que é por isso que não sobra espaço dentro de sua cabeça para pensar em nós, ou em mim.

— Qual delas é Cassiopeia mesmo?

— Cassiopeia era uma rainha na mitologia grega cuja vaidade e arrogância levaram à sua queda. — Meu marido sabe mais do que eu sobre muitas coisas. Ele é culto e um pouco pavão quando se trata de conhecimentos gerais. Mas se houvesse um teste de QI para inteligência emocional, eu teria sempre uma pontuação mais alta. Há um certo tom em seu tom quando ele fala sobre as estrelas, e acho que não estou imaginando isso.

Eu estava fazendo uma limpeza recentemente, vasculhando algumas coisas antigas, e encontrei uma linda caixa de lembranças de casamento. Era como uma cápsula do tempo do casamento. Uma que eu selecionei cuidadosamente e depois escondi para meu futuro eu encontrar. Havia alguns cartões de amigos e colegas da Dogs Home, pequenos enfeites de bolo LEGO de uma noiva e do noivo e seis centavos da sorte. As superstições de Adam insistiam que eu precisava disso em nosso grande – e bem pequeno – dia, e concordamos que o anel de safira de sua mãe era ao mesmo tempo meu, algo emprestado e algo azul. No fundo da caixa encontrei um envelope contendo nossos votos manuscritos. Todas aquelas boas intenções em forma de

promessa me fizeram chorar. Isso me lembrou de quem éramos e de quem eu pensei que seríamos para sempre. Mas as promessas perdem o valor quando quebradas ou lascadas, como antiguidades empoeiradas e esquecidas. A triste verdade sobre o nosso presente sempre pontua minhas lembranças felizes do nosso passado com pontos finais.

Eu me pergunto se todos os casamentos acabam da mesma maneira. Talvez seja apenas uma questão de tempo até que a vida desfaça o amor. Mas então penso naqueles velhos casais que você vê nos noticiários todo Dia dos Namorados, aqueles que estão juntos há sessenta anos e ainda estão muito apaixonados, sorrindo com dentes falsos para as câmeras como namorados adolescentes. Eu me pergunto qual é o segredo deles e por que ninguém nunca o compartilhou conosco?

Meus próprios dentes começam a bater. — Talvez devêssemos voltar para dentro?

— O que você quiser, meu amor. — Adam só me chama de “meu amor” quando está bêbado e percebo que a maior parte da garrafa está vazia, embora eu só tenha tomado uma taça de vinho.

Tento voltar para a porta, mas ele me segura. A visão muda de algo espetacular para algo sinistro; se algum de nós caísse da torre do sino, estaríamos mortos. Não tenho medo de altura, mas tenho medo de morrer, então me afasto. Ao fazer isso, esbarro no sino. Não com força suficiente para fazê-lo tocar, apenas para balançar, e assim que isso acontece, ouço cliques bizarros, seguidos por uma cacofonia de guinchos agudos. Minha mente leva um momento para processar o que está vendo e ouvindo.

Morcegos, muitos deles, voam para fora do sino e na nossa cara. Adam cambaleia para trás, perigosamente perto do muro baixo, jogando os braços na frente do rosto e tentando afastá-los. Ele tropeça e tudo parece mudar para câmera lenta. Sua boca está aberta e seus olhos estão arregalados e selvagens. Ele está caindo para trás e se aproximando de mim ao mesmo tempo, mas pareço estar congelada no lugar, paralisada de medo enquanto os morcegos continuam a voar ao

redor de nossas cabeças. É como se estivéssemos presos dentro do nosso próprio filme de terror personalizado. Adam cai com força contra a parede e grita quando parte dela desmorona e cai. Eu saio do meu transe, agarro seu braço e o puxo de volta da borda. Segundos depois, ouve-se um grande estrondo quando os tijolos antigos caem no chão. O som parece ecoar pelo vale enquanto os morcegos voam ao longe.

Eu o salvei, mas ele não me agradece nem demonstra qualquer sinal de gratidão. A expressão do meu marido é uma que nunca vi em seu rosto antes e isso me faz sentir medo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ADAM



Ela quase me deixou cair.

Eu sei que Amelia também estava com medo, mas ela *quase me deixou cair*. Isso não é algo que eu possa simplesmente esquecer. Ou perdoar.

Estamos indo embora. Não me importa quão tarde seja ou que haja neve na estrada. Não me lembro de termos sequer discutido isso. Estou feliz por estarmos saindo deste lugar. Mesmo que eu não queira admitir isso – para mim mesmo ou para qualquer outra pessoa – estou preso. Neste carro, neste casamento, nesta vida. Há dez anos, pensei que poderia fazer qualquer coisa, ser qualquer pessoa. O mundo parecia cheio de possibilidades infinitas, mas agora não passa de uma série de becos sem saída. Às vezes eu só quero... começar de novo.

A estrada à frente está escura, não há iluminação pública e sei que não nos resta muita gasolina. Amelia não está falando comigo – não fala há mais de uma hora – mas o silêncio é um alívio. Agora que desistimos do fim de semana fora, a única coisa que ainda me preocupa é o tempo. A neve parou, mas há uma chuva forte que bate no capô, fazendo uma

percussão desagradável. Deveríamos diminuir a velocidade, mas acho melhor não dizer isso: ninguém gosta de um motorista no banco do passageiro. É estranho como não vimos nenhum outro carro ou prédio desde que partimos. Eu sei que é meio da noite, mas até as estradas parecem estranhas. A visão raramente muda, como se estivéssemos presos em um loop. Todas as estrelas desapareceram e o céu parece ter um tom mais escuro de preto. Percebo que estou com mais frio do que antes também.

Viro-me para olhar para Amelia e ela é um borrão irreconhecível, os traços de seu rosto girando como um mar furioso. Parece que estou sentado ao lado de uma estranha, não da minha esposa. O fedor do arrependimento se espalha pelo carro como um ambientador barato, é impossível não saber o quanto estamos infelizes. Quando se trata de casamento, nem sempre é possível consertar e salvar. Tento falar, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Eu nem tenho certeza do que eu ia dizer.

Então vejo a forma de uma mulher andando na estrada ao longe.

Ela está vestida de vermelho.

A princípio acho que é um casaco, mas à medida que nos aproximamos, vejo que ela está usando um quimono vermelho.

A chuva cai com mais força, ricocheteando no asfalto, e a mulher está encharcada até os ossos. Ela não deveria estar lá fora. Ela não deveria estar na estrada. Ela está segurando alguma coisa, mas não consigo ver o quê.

— Vá mais devagar — eu digo, mas Amelia não me ouve, ela parece acelerar.

— Desacelere! — Digo de novo, desta vez mais alto, mas ela pisa no acelerador.

Olho para o velocímetro enquanto ele sobe de sessenta quilômetros por hora, para oitenta e depois noventa, antes que o mostrador gire completamente fora de controle. Coloco as mãos na frente do rosto, como se tentasse me proteger da cena à frente, e vejo

que meus dedos estão cobertos de sangue. O barulho das gotas de chuva do tamanho de balas no carro é ensurdecedor, quando olho para cima, vejo que a chuva ficou vermelha.

A mulher está quase bem na nossa frente agora.

Ela vê nossos faróis, protege os olhos, mas não sai do caminho.

Eu grito quando ela bate no capô. Em seguida, assisto com horror enquanto o corpo dela ricocheteia no para-brisa rachado e voa no ar. Seu quimono de seda vermelho ondula atrás dela como uma capa quebrada.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

AMELIA



— Acorde!

Digo isso três vezes, sacudindo-o suavemente, antes de Adam abrir os olhos.

Ele olha para mim. — A mulher, ela...

— Que mulher?

— A mulher de vermelho...

Isso de novo. Eu deveria saber.

— A mulher de quimono vermelho? Ela não é real, Adam. Lembre-se? Foi apenas um sonho.

Ele olha para mim do jeito que uma criança olha para os pais quando estão com medo. Toda a cor sumiu de seu rosto e ele está coberto de suor.

— Você está bem — eu digo, pegando sua mão úmida na minha.
— Não há mulher de quimono vermelho. Você está aqui comigo. Você está seguro.

Mentiras podem curar e machucar.

Ele mal falou comigo quando descemos da torre do sino mais cedo. Não sei se foi o choque de quase cair na parede desmoronada, ou os morcegos, ou o excesso de vinho tinto, mas ele se despiu, subiu na cama desconhecida – que se parece com a nossa em casa – e foi direto para dormir sem dizer uma palavra.

Já faz um tempo que Adam não tem um de seus pesadelos, mas eles acontecem com bastante frequência e são sempre iguais, exceto que ele vê o acidente de um ponto de vista diferente. Às vezes, nos sonhos, ele está no carro, em outros, está andando pela rua, ou há sonhos em que observa a cena pela janela de um apartamento municipal no décimo terceiro andar de um prédio, batendo com os punhos no vidro. Ele nunca me reconhece imediatamente depois – o que é normal para nós, dada a sua cegueira facial – mas às vezes ele pensa que sou outra pessoa. Sempre leva vários minutos para acalmá-lo e convencê-lo de que não sou. Seus sonhos costumam assombrá-lo, independentemente de ele estar dormindo ou acordado. Sua mente não está garimpando ouro, está procurando por algo muito mais sombrio. Pequenas pepitas de arrependimentos enterrados às vezes escapam pelas brechas, mas as lembranças mais pesadas tendem a afundar em vez de vir à tona.

Eu gostaria de saber como fazê-los parar.

Considero acariciar as sardas em seu ombro ou passar os dedos por seu cabelo grisalho como costumava fazer. Mas eu não faço. Porque posso ouvir sinos.

Depois de tocar uma música assustadora, o relógio de pêndulo no canto do quarto começa a badalar meia-noite como um aprendiz do Big Ben. Se já não estivéssemos totalmente acordados, ambos estamos agora.

— Me desculpe por ter acordado você — ele diz, sua respiração ainda mais rápida do que deveria.

— Tudo bem. Se você não tivesse feito isso, o relógio quase certamente teria feito isso — digo a ele. Aí faço o que sempre faço: pego

meu bloco e um lápis e depois anoto tudo o mais rápido possível. Porque não é apenas um sonho – ou pesadelo – é uma memória.

Ele balança a cabeça. — Não precisamos fazer isso esta noite...

Faço um registro silencioso de suas emoções, assinalando o padrão familiar, um por um: medo, arrependimento, tristeza e culpa. É sempre a mesma coisa.

— Sim, temos — digo, já tendo encontrado uma das poucas páginas em branco que restam no caderno. Sempre pensei que poderia escavar suas lembranças infelizes e substituí-las por outras melhores. De nós. Hoje em dia não tenho tanta certeza.

Adam suspira, recosta-se na cama e me conta tudo o que consegue lembrar antes que as bordas do sonho desapareçam demais para serem vistas.

Os pesadelos começam sempre da mesma forma: com a mulher do quimono vermelho.

Apesar do traje, ela não é japonesa. Adam acha difícil descrever o rosto dela – ele luta com as feições nos sonhos da mesma forma que na vida real –, mas sabemos que ela é uma mulher britânica de quarenta e poucos anos, mais ou menos da mesma idade que eu tenho agora. Ela é atraente. Ele sempre se lembra do batom vermelho dela, exatamente no mesmo tom do quimono. Ela também tem longos cabelos loiros como os meus, mas os dela são mais curtos, na altura dos ombros.

Ele não diz o nome dela esta noite, mas nós dois sabemos qual é.

A ordem do que acontece no sonho às vezes muda, mas a mulher de vermelho está sempre presente. O carro também está na chuva. É a razão pela qual Adam não possui um e não dirige. Ele nunca quis aprender como.

Há um adolescente nos pesadelos também e ele está apavorado.

Adam viu tudo acontecer: a mulher, o carro, o acidente.

Não apenas em um sonho, na vida real.

Foi na noite em que sua mãe morreu. Ele tinha treze anos.

Adam não conseguiu reconhecer a pessoa no carro há quase trinta anos, quando ele subiu na calçada e colidiu com sua mãe enquanto ele observava. Mas isso não significa que ele não sabia quem eles eram. Poderia ter sido um amigo, um professor, um vizinho... todos os rostos parecem iguais para ele. Imagine não saber se alguém que você conhecia foi responsável pela morte de alguém que você amava. Não admira que ele se esforce para confiar nas pessoas, até mesmo em mim. Se meu marido não sofresse de prosopagnosia, toda a sua vida poderia ter sido diferente, mas ele não foi capaz de descrever à polícia quem tinha visto. Não então, não agora. E ele ainda se culpa. Sua mãe estava passeando com o cachorro quando isso aconteceu, porque ele estava com preguiça de fazer isso.

Fico triste como ele idolatra um fantasma.

Segundo todos os relatos, a mãe de Adam era uma mulher bastante simpática – era enfermeira e muito popular na propriedade onde viviam – mas não era perfeita. E ela definitivamente não era uma santa. Acho estranho como ele compara todas as outras mulheres de sua vida a ela. Incluindo eu. O pedestal em que ele colocou sua mãe morta não é apenas instável, está quebrado. Por exemplo, ele parece ter esquecido convenientemente por que ela estava usando o quimono vermelho. Era o que ela sempre usava – junto com o batom combinando – sempre que “amigos” homens vinham visitar o pequeno apartamento onde moravam. O lugar tinha paredes finas, finas o suficiente para Adam ouvir que sua mãe tinha um “amigo” diferente que ficava na cama dela quase toda semana.

As memórias mudam de forma e os sonhos não estão vinculados à verdade, é por isso que escrevo tudo o que ele escolhe lembrar. Eu quero consertá-lo. E eu quero que ele me ame por isso. Mas nem tudo que quebra pode ser consertado.

Um dia ele poderá se lembrar do rosto que viu naquela noite, e as perguntas sem resposta que o perseguiram durante anos poderão finalmente ser respondidas. Eu tentei tanto acabar com os pesadelos:

remédios de ervas, podcasts de atenção plena antes de dormir, chá especial... mas nada parece ajudar. Quando tudo está anotado, apago a luz para que fiquemos novamente na escuridão, e espero que ele consiga voltar a dormir.

Não demora muito.

Adam logo está roncando suavemente, mas não consigo desligar.

Eu engulo um comprimido para dormir – eles são prescritos, e só os tomo quando nada mais funciona – mas tenho tomado mais do que o normal ultimamente. Estou muito preocupada com o número crescente de rachaduras em nosso relacionamento, aquelas que são grandes demais para serem preenchidas ou ignoradas. Eu sei exatamente por que e quando nosso casamento começou a desmoronar. A vida é imprevisível, na melhor das hipóteses, e imperdoável, na pior.

Devo ter cochilado em algum momento – a pílula finalmente fez efeito – porque acordo com uma inquietante sensação de déjà vu. Demoro alguns segundos para lembrar onde estou – o quarto está escuro como breu –, mas quando pisco na escuridão e meus olhos se ajustam à luz, lembro que estamos na Capela Blackwater. Um raio de luar entre a persiana da janela e a parede ilumina um pequeno canto do quarto, me esforço para ver a hora no mostrador do relógio de pêndulo. Seus finos ponteiros de metal ainda sugerem que é apenas meia-noite e meia, o que significa que não durmo há muito tempo. Minha mente parece confusa, mas então me lembro do que me acordou porque ouço novamente.

Há um barulho lá embaixo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ROBIN



Robin também não consegue dormir.

Ela está preocupada com os visitantes. Eles não deveriam ter vindo aqui.

Quando ela olha por trás da cortina e vê que a capela está completamente às escuras, ela sabe o que precisa fazer.

Parece mais longe do que está. Mas Robin acha que a distância entre os lugares às vezes pode ser tão difícil de perceber quanto a distância entre as pessoas. Alguns casais parecem mais próximos do que realmente são, enquanto outros parecem mais distantes. Quando ela os observou comendo seus jantares congelados em bandejas no colo, os visitantes não pareciam especialmente felizes juntos. Ou apaixonados. Mas o casamento pode fazer isso tanto com as melhores pessoas quanto com as piores. Ou talvez ela estivesse apenas imaginando.

A caminhada através dos campos, desde a sua casa até à capela, normalmente não demorava mais de dez minutos. Menos ainda quando corre, como ela descobriu antes. Mas agora que caiu tanta neve, leva mais tempo do que deveria para percorrer um caminho sem escorregar.

Não ajuda que suas botas Wellington sejam vários tamanhos maiores. Elas são de segunda mão: ela não tem as suas. Ela teria que dirigir até Fort William para comprar um par, não há lojas de calçados vendendo calçados perto de Blackwater Loch ou mesmo em Hollowgrove. Ela poderia ter comprado online, mas isso exigiria um cartão de crédito em vez de dinheiro, que é tudo o que ela tem hoje em dia. Robin cortou todos os seus cartões há muito tempo. Ela não queria que ninguém tivesse como encontrá-la.

Ela gosta do som da neve sendo compactada sob seus pés, é o único barulho que prejudica o silêncio, além do clique distante dos morcegos. Ela gosta de observá-los voando sobre o lago à noite, é uma visão bastante bonita de se ver. Robin leu recentemente que os morcegos dão à luz seus bebês pendurados de cabeça para baixo. Depois, eles têm que pegar os filhos antes que caiam muito, mas essa parte é a mesma para todos os pais. Seu caminho esta noite é iluminado pela luz da lua cheia, sem ela o céu noturno seria um mar negro, já que as nuvens esconderam tudo, exceto as estrelas mais brilhantes novamente agora. Mas tudo bem: Robin nunca teve medo do escuro.

Ela não se incomoda com tempestades de neve ou ventos uivantes e não se importa em ficar isolada do resto do mundo por alguns dias – não é tão diferente de sua rotina normal, para ser honesta. E Robin sempre tenta ser verdadeira, especialmente consigo mesma. Ela se acostumou a morar aqui agora, embora planejasse ficar apenas por um curto período quando chegasse. A vida faz outros planos quando as pessoas esquecem de viver. Semanas se transformaram em meses, e meses se transformaram em anos, e quando o que aconteceu, aconteceu, ela sabia que não poderia ir embora.

Os visitantes também não poderão sair quando quiserem, não que saibam disso ainda. É impossível não sentir um pouquinho de pena deles.

Robin chega ao carro coberto de neve e para por um momento. Ela reconheceu o homem assim que ele saiu, e a lembrança disso a deixa perturbada. Ela não sabia se o veria novamente. Nem tinha certeza se ela queria. Ele está mais velho agora, mas ela raramente

esquece um rosto e nunca poderia esquecer o dele. Sua mente volta no tempo e ela pensa no que aconteceu quando ele era menino. O que ele viu e o que não viu. A história é tão trágica agora quanto era antes, Robin se pergunta se ainda tem pesadelos com a mulher de vermelho. Ela acha que chegou a hora de ele saber a verdade, mas ele não vai gostar. As pessoas raramente o fazem.

Quando Robin chega às grandes portas de madeira da capela, ela dá uma última olhada ao redor, mas não há ninguém aqui para ver o que ela está prestes a fazer. O luar que teve a gentileza de iluminar seu caminho revela o lago e as montanhas ao longe, ela não pode deixar de notar o quão intocado e lindo este lugar é. Pessoas que fazem coisas feias não pertencem a este lugar, ela pensa, enquanto olha para o Morris Minor dos visitantes coberto de neve. É o clima preferido dela, porque a neve cobre o mundo com um lindo manto branco, escondendo tudo o que é escuro e feio por baixo.

A vida é como um jogo onde os peões podem virar rainhas, mas nem todo mundo sabe jogar. Algumas pessoas permanecem peões durante toda a vida porque nunca aprenderam a fazer os movimentos certos. Isto é apenas o começo. Ninguém jogou suas cartas ainda porque não sabia que estavam sendo distribuídas.

Robin tira uma chave do bolso do casaco e entra silenciosamente na capela.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

LINHO

Palavra do ano:

Enganar verbo. Para tirar o melhor de alguém por meio de trapaga ou engano.

29 de fevereiro de 2012 - nosso quarto aniversário

Prezado Adam,

Sinto como se sempre tivéssemos compartilhado os mesmos sonhos - e pesadelos - mas foi um ano difícil. Você me decepcionou, deveria estar ao meu lado, mas não estava. Fiquei sentada na sala de espera sozinha e com medo, apesar de você ter prometido estar lá comigo.

Depois de três anos de tentativas, dois anos de consultas, todo um elenco de médicos e enfermeiras diferentes, viagens aparentemente intermináveis a hospitais e clínicas nos últimos doze meses e uma rodada fracassada de fertilização in vitro, sinto-me arrasada. Não era assim que eu queria passar nosso aniversário.

Eu deveria saber que hoje seria horrível, não começou bem.

Dois cães jovens foram resgatados ontem à noite de um apartamento no sul de Londres. Eles foram trazidos para Battersea e fui um dos primeiros a vê-los. Apesar de todos os meus anos neste trabalho, até eu fiquei chocada. Os beagles ficaram sozinhos por muito tempo. O veterinário de plantão adivinhou pelo menos uma semana. Se não tivessem bebido água do banheiro já estariam mortos. Seus corpos emaciados faziam com que parecessem ursos de pelúcia com todo o recheio retirado. Fizemos tudo o que podíamos para tentar salvá-los, mas eles morreram esta manhã. No final, não havia mais nada que pudessemos fazer e foi mais gentil colocá-los no chão. A dona deles estava de férias na Espanha e eu gostaria que pudessemos ter dado a ela uma injeção letal. Às vezes desprezo os seres humanos, então talvez seja bom que nunca tenhamos conseguido criar um.

Devíamos nos encontrar na London Bridge à uma da tarde. Tenho tido problemas para dormir recentemente, estou exausta, mas ainda cheguei lá e na hora certa. Porque a consulta na clínica de fertilização era importante para mim. Achei que era importante para nós, mas você tem estado mais

distraído e egoísta do que nunca ultimamente. Fiquei preocupada que você pudesse esquecer, então mandei uma mensagem para lembrá-lo.

Cinco vezes.

Você não respondeu.

Nesta ocasião, realmente acho que você deveria ter colocado sua esposa antes de escrever.

A London Bridge estava movimentada e barulhenta, não apenas com os passageiros. Homens com capacetes pareciam estar por toda parte quando saí da estação, havia uma coleção impressionante de guindastes bloqueando minha visão do céu. O Shard está em construção, segundo os transeuntes que ouvi, será o edifício mais alto da Europa. Tenho certeza que será por um tempo. Até que alguém construa algo mais alto. Aposto que não demorará muito, porque os humanos estão sempre tentando superar uns aos outros.

Mesmo quando fingem que se importam.

Liguei para você quando cheguei à entrada da clínica. Seu telefone tocou duas vezes antes de ser desviado para o correio de voz. Eu sei com quem

você estava. Um produtor que demonstrou interesse em seu primeiro roteiro: *Rock Paper Scissors*. É o manuscrito que encontrei em uma gaveta que me inspirou a escrever minhas próprias cartas secretas para você. Um lampejo de atenção de alguém do ramo sobre uma história que você escreveu, em oposição a uma adaptação de outra pessoa, e você é como um cachorro no cio. Eu me pergunto se todos os escritores são egomaniacos com baixa autoestima? Ou é só você? Você disse que o almoço com ele não demoraria muito, mas acho que colocar seu primogênito em produção era mais importante do que criarmos um filho de verdade.

Nosso médico de família nos encaminhou para a clínica em London Bridge. Eventualmente. Tudo o que tem a ver com a nossa tentativa de ter um filho tem sido uma batalha desde o primeiro dia. Eu simplesmente nunca pensei que isso resultaria em brigarmos um com o outro. Conheci esse lugar estéril e sem alma nos últimos meses. Se eu somasse todas as horas que passei naquela sala de espera - muitas vezes sozinha - suspeito que deva ter passado vários dias da minha vida ali. Esperando por algo que sempre soube que poderia nunca acontecer.

Demorou meses para conseguir uma consulta, seguidos de vários meses sendo cutucados, espremidos e entrevistados por conselheiros que se intrometeram em nossa tristeza mais íntima. Olhando para trás agora, às vezes me pergunto como conseguimos sobreviver tanto tempo. Sempre que me sentia mais sozinha, dizia a mim mesma que você me amava e que eu amava você. Tornou-se um mantra silencioso dentro da minha cabeça, ali para me firmar sempre que sentisse que poderia cair. Mas o nosso casamento não é tão sólido ou estável como eu pensava.

Eu sei que você achou os compromissos difíceis. Tenho certeza de que entrar em uma sala privada, ser capaz de trancar a porta, escolher algum filme pornô para ver e se masturbar em um pote de amostras deve ser muito estressante. Desculpe. Não desejo menosprezar a sua experiência, mas penso que a maioria das pessoas sã concordaria que a sua contribuição para este processo foi menos dramática, embora ainda psicologicamente invasiva.

Tive que abrir as pernas, às vezes em uma sala cheia de médicos e enfermeiras, deixá-los colocar instrumentos de metal em meu corpo. Os mesmos estranhos me viram nua, me examinaram, me apalparam, me tocaram, alguns deles até colocaram

as mãos dentro de mim. Fui testada, repetidamente espetada com agulhas, cheia de drogas, colocada para dormir e operada. Coletei meus óvulos, mijei sangue por dias depois e não conseguia ficar de pé, muito menos andar devido à dor incapacitante após uma operação malsucedida. Mas superamos isso juntos. Você disse que tudo ficaria bem. Você prometeu e eu acreditei em você.

Afinal, outras pessoas têm filhos.

Pessoas que conhecemos, pessoas que não conhecemos. Eles fazem parecer tão fácil. Algumas delas até engravidam sem querer, nem precisam tentar. Algumas delas matam as crianças que crescem dentro delas, porque, em primeiro lugar, não as queriam. Algumas pessoas que conhecemos não queriam ter filhos, mas os tiveram mesmo assim. Porque elas poderiam. Porque todo mundo pode. Todos menos nós. É assim que parece: como se fôssemos o único casal na história com quem isso aconteceu. Às vezes é ainda pior que isso: parece que estou sozinha no mundo e que foi você quem me abandonou.

Eu queria tanto um bebê que doía fisicamente. Então, hoje, em nossa primeira consulta após nossa

segunda - e possivelmente última - rodada de fertilização in vitro, você não estava lá.

Você não estava lá quando a recepcionista nos chamou e eu tive que entrar naquele quarto sozinha. Ou quando o homem que apelidamos de Doutor Destino sentou-se atrás de sua mesa e apontou para as duas cadeiras vazias à sua frente. Ou enquanto esperávamos por você em um silêncio constrangedor e ele verificava sua pasta para lembrar nossos nomes. A clínica nunca nos tratou como seres humanos, mais como talões de cheques solitários.

O pior de tudo é que você não estava lá para ouvir a notícia que esperávamos.

Depois de tudo que passamos, o médico finalmente disse que eu estava grávida.

Eu não acreditei nele no início.

Eu o fiz repetir. Depois fiz com que ele verificasse o arquivo, convencido de que estava lendo os resultados das anotações de outra pessoa. Mas era verdade.

Doutor Destino até me fez deitar na cama e examinou minha barriga. Ele apontou uma pequena

mancha na tela e disse que era o nosso embrião. O conteúdo do seu pote de amostras e do meu óvulo, cultivados juntos em laboratório, foram implantados com sucesso em meu útero e estavam ali na tela. Vivo e crescendo dentro de mim.

Você perdeu isso.

Você chegou na recepção da clínica no momento em que eu estava saindo, e quando você começou a tentar explicar, eu disse para você não se incomodar. Estou farta de ouvir você falar sobre seu trabalho como se fosse à única coisa que importa. Você ganha a vida inventando merda e seu agente vende. Acho que já é hora de vocês se superarem. Os produtores, diretores, atores e autores sobre os quais você me conta histórias parecem uma classe de crianças mimadas, e não entendo por que você os satisfaz, ou seus acessos de raiva. Você foi realmente surpreendido por pelo menos um deles, mesmo que seja cego demais para ver.

Sinto muito. Espero que você nunca encontre esta carta, no caso improvável de encontrar, eu não quis dizer o que disse. Estou sofrendo muito agora; e essa dor precisa de um lugar para ir. Às vezes, parte meu coração a maneira como você dedica todo o seu tempo a essas pessoas e não guarda nada de

si para mim. Sou sua esposa. Minhas histórias são reais. Isso faz com que não valha a pena ouvi-las?

Eu queria pegar o metrô, mas você insistiu que pegássemos um táxi. Recusei-me a falar com você durante a primeira metade da viagem. Sinto muito por isso também, mas nunca fui de lavar roupa suja em público. Eu gostaria de ter contado a você antes, no entanto. Poderíamos ter sido mais felizes por mais tempo do que fomos.

Eu não te contei até chegarmos em casa. Já tinha arrumado a mesa da cozinha com uma toalha de linho - um aniversário deve ser sempre comemorado - mas a minha cara deu a notícia quando tirei uma garrafa de champanhe do novo refrigerador Smeg. Renovar a casa ajudou a me manter ocupada e a distrair minha mente de outras coisas. O terreiro está finalmente concluído e estou orgulhosa de ter feito a maior parte do trabalho sozinha: lixar pisos, rebocar paredes, fazer persianas romanas - é incrível o que você pode aprender apenas assistindo a alguns vídeos no YouTube.

Você chorou quando eu contei que estava grávida. Chorei quando lhe mostrei o exame. Tendo sonhado com aquele momento por tanto tempo, aquela imagem em preto e branco era a única coisa que fazia com

que tudo parecesse real. Como você não estava lá para ouvir, fiquei preocupada com a possibilidade de ter imaginado o que o médico disse.

— Espero que seja uma menina — sussurrei.

— Por que? Espero que seja um menino. Vamos usar pedra, papel e para isso.

Eu ri. — Você quer brincar de pedra, papel e tesoura para determinar o sexo do nosso filho ainda não nascido?

— Existe uma maneira mais científica? — Você respondeu, com uma cara séria.

Minha tesoura cortou seu papel, como sempre.

— Você me deixou vencer! — Eu disse.

— Sim, porque eu realmente não me importo se é menino ou menina. Eu os amarei de qualquer maneira, mas sempre amarei você mais.

Você abriu o champanhe — eu só bebi uma taça pequena — e pedimos uma pizza.

— A propósito, não esqueci nosso aniversário — você disse, devorando sua terceira fatia de Pepperoni Passion uma hora depois.

— É assim mesmo? — Perguntei, tomando um gole de limonada em uma taça de champanhe.

— Tive dificuldades com o tema do linho e está manhã fiquei preocupado por ter comprado a coisa errada...

— Então me dê agora. Então você saberá.

Você enfiou a mão na bolsa de couro que eu lhe dei no ano anterior e me entregou um pacote quadrado. Era suave. Normalmente sou muito cuidadosa ao desembulhar as coisas, mas sabia que a pizza estava esfriando, então rasquei o papel. Havia uma almofada de linho dentro. Tinha meu nome bordado junto com as seguintes palavras abaixo:

ELA ACREDITOU QUE PODERIA, ENTÃO FEL.

Tentei não fazer isso, mas chorei de novo. Lágrimas de felicidade. Parecia que você já sabia que eu estava grávida. Você acreditou em mim, mesmo

quando eu não era capaz de acreditar em mim mesma.

Eu estava prestes a agradecer quando olhei para cima e percebi a expressão estranha em seu rosto. Você estava olhando para minhas pernas e quando segui seu olhar pude ver por quê. Um fio grosso de sangue vermelho brilhante desceu até meus chinelos. Quando me levantei em pânico, havia mais.

De acordo com o primeiro médico que nos atendeu no pronto-socorro, eu não fiquei grávida o tempo suficiente para chamar aquilo de aborto espontâneo. O ginecologista que me examinou em seguida foi um pouco mais simpático, mas não muito. Olhando para trás agora, eu gostaria de nunca ter contado a você - você não seria capaz de lamentar por algo que nunca soube que tinha. E sinto muito e estou quebrada o suficiente por nós dois.

Fui direto para o nosso quarto quando chegamos em casa e até deixei Bob se esticar na ponta da cama. Tentei chorar até dormir, mas não funcionou, nada funciona. Posso conversar com o médico sobre como tomar alguns comprimidos para dormir. Percebi que meu relógio havia parado às oito e três minutos e me perguntei se essa seria a hora exata em que nosso bebê morreu. Tirei o relógio do pulso e não

quero vê-lo nem usá-lo nunca mais. Sempre me lembrarei do que você disse quando subiu e me abraçou:

— Eu te amo. Sempre amei, sempre amarei.

— Quase sempre não? — Eu perguntei, tentando fazer você sorrir, mesmo estando quebrada. Mas você não fez isso. Sorriso. Em vez disso, você parecia mais sério do que nunca.

— Sempre, sempre. Lamento muito que não possamos ter filhos, porque sei o quanto isso significa para você e que mãe maravilhosa você seria. Mas isso não muda nada para mim. Estarei com você para o resto da vida, não importa o que aconteça, porque esta é a nossa família: você, eu e Bob. Não precisamos de mais ninguém nem de nada. Nada jamais mudará isso.

Mas as palavras não podem resolver tudo, não importa o quanto você goste delas.

Horas depois, quando você estava dormindo, mas eu ainda não conseguia, pensei que era melhor me levantar e descer. Bob me seguiu, como se soubesse que algo estava muito errado. Coloquei a pizza fria e intacta - que ainda estava onde a havíamos deixado

quando comecei a sangrar - na lixeira, junto com a almofada de linho que você me deu. As palavras costuradas nela são dolorosas demais para serem lidas novamente. Você acreditou que eu poderia, então brevemente eu acreditei. Agora não tenho certeza de nada. Não sei quem devo ser se não puder ser quem sonhei que seria. Não sei o que isso significa para nós.

Passsei a gostar de escrever cartas que nunca deixarei você ler. Acho isso catártico. Elas me fazem sentir melhor, embora eu saiba que isso destruiria você se você as encontrasse. É por isso que eu as escondo. Vou guardar o exame do hospital com essa. Um lembrete do que quase tivemos. Já coloquei dentro do envelope que a clínica me deu com meu nome:

Sra. A Wright.

Estou segurando agora. Não consigo deixar ir. A recepcionista usou uma caligrafia ondulada na minha inicial, como se fosse algo bonito. Lembro-me de quando nos casamos e peguei seu sobrenome pela primeira vez. Pratiquei assinar minha nova assinatura por semanas com minhas próprias letras onduladas. Fiquei muito feliz por ser sua esposa, mas nenhum dos desejos que fiz desde então se tornou realidade.

Acho que a culpa pode ser minha, não sua. Espero que, se você descobrir a verdade, seja capaz de me perdoar e me amar, não importa o que aconteça. Sempre, sempre. Como você prometeu.

Sua esposa

xx

CAPÍTULO VINTE E SEIS

AMELIA



Ouço outro barulho lá embaixo na capela e sei que não estou imaginando.

Procuro às cegas o interruptor de luz ao lado da cama, mas ele não funciona. Ou houve outro corte de energia – o que parece estranho se houver um gerador – ou alguém cortou a energia. Tento não permitir que minha imaginação hiperativa torne essa experiência ainda mais assustadora do que é. Digo a mim mesma que deve haver uma explicação racional. Mas então ouço o som inconfundível de passos no final da escada rangente.

Prendo a respiração, determinada a não ouvir nada além do silêncio.

Mas há outro gemido vindo das tábuas antigas do piso, seguido por outro rangido, e o som de alguém subindo a escada fica cada vez mais alto. E mais perto. Tenho que cobrir a boca com a mão para não gritar quando os passos param do lado de fora da porta do quarto.

Quero alcançar Adam, mas estou congelada de medo.

Quando ouço o som da maçaneta da porta começando a girar, praticamente caio da cama na pressa de me afastar de quem está lá fora, e desejo estar usando mais do que apenas uma camisola frágil.

Agarro-me aos móveis desconhecidos, tateando nas sombras, andando o mais rápida e silenciosamente que posso em direção ao banheiro. Tenho quase certeza de que a porta tinha uma fechadura. Assim que encontro o que procuro, fecho a porta atrás de mim e me barrico lá dentro. O interruptor de luz também não funciona aqui, mas talvez isso seja uma coisa boa.

Ouçó a porta do quarto abrir lentamente e mais passos rastejantes. Pisco na escuridão, desejando que meus olhos se ajustem à luz fraca, depois prendo a respiração e recuo o máximo que posso enquanto o som do rangido das tábuas do piso se aproxima. Percebo que estou girando meu anel de noivado no dedo – algo que só faço quando estou mais ansiosa. O anel – que pertenceu à mãe de Adam – não sai mais e começou a ficar muito apertado. Meu peito sente o mesmo, meu coração está batendo tão alto que tenho medo de que quem está lá fora possa ouvir quando parar do lado de fora da porta do banheiro.

A maçaneta gira muito lentamente. Ao descobrirem que a porta está trancada, tentam novamente. Mais agressivamente desta vez. Sinto como se estivesse em *O Iluminado*⁷, mas a única janela deste banheiro é feita de vitral – mesmo que ela abrisse, eu nunca passaria por ela, e a queda desta altura no chão provavelmente seria me matar. Procuro uma arma, qualquer coisa para me defender, mas encontro pouco conforto na minha navalha Gillette Vênus. Eu o seguro na minha frente de qualquer maneira, então me pressiono contra a parede, incapaz de me afastar mais. Os azulejos das minhas costas nuas estão gelados.

Tudo fica quieto por alguns segundos. Então o silêncio é quebrado pelo som de um punho batendo na porta. Estou com tanto medo que começo a chorar, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Amelia, você está aí? Está tudo bem?

A voz do meu marido me confunde e ao mesmo tempo me acalma.

— Adam? Isso é você?

— Quem mais poderia ser?

Abro a porta e o vejo parado ali, de calça de pijama, abafando um bocejo, com os cabelos espetados em todas as direções. A luz do castiçal antigo que ele carrega lança sombras fantasmagóricas pelo quarto, de modo que agora me sinto como se estivesse em um livro de Charles Dickens.

— Porque você está chorando? Você está bem? — Ele pergunta.

Minhas palavras tropeçam na pressa de dizê-las. — Não, eu não estou. Algo me acordou, ouvi um barulho lá embaixo, as luzes não funcionavam, então ouvi alguém subindo as escadas e...

— Fui só eu, boba. Eu estava com sede e fui pegar um copo d'água. Mas acho que todos os canos devem estar congelados porque nenhuma das torneiras funciona.

— Não há água?

— Ou energia. A tempestade deve ter destruído o gerador. Tentei encontrar uma caixa de fusíveis enquanto estava lá – para o caso de conseguir consertar alguma coisa – mas não tive alegria. Bom trabalho, temos esses castiçais assustadores!

Ele segura a chama bruxuleante abaixo do queixo e faz uma série de caretas bobas, como as crianças fazem com lanternas no Halloween. Começo a me sentir melhor. Um pouco. Pelo menos há uma explicação racional. Então me sinto uma tola...

— Pensei ter ouvido um barulho lá embaixo. O som de alguém rastejando. Eu estava tão assustada...

— Eu também, foi isso que me acordou. — Adam interrompe.

Após uma breve ausência, meu terror retorna. — O quê?

— Essa foi a outra razão pela qual desci, para verificar se estava tudo bem. Mas as portas principais ainda estão trancadas, não há outra forma de entrar ou sair, este lugar é como Fort Knox. Dei uma boa olhada ao redor, nenhum ladrão – ou ovelha – conseguiu entrar e está tudo bem. Assim como o deixamos. Além disso, Bob teria latido se um estranho tivesse entrado.

Isso é verdade: Bob rosna se um estranho bate na porta da frente de casa, mas apenas até que a abramos. Em seguida, ele abana o rabo em velocidade dupla e rola para mostrar sua barriga aos visitantes – labradores são amigáveis demais para serem bons cães de guarda.

Voltamos para a cama e faço uma pergunta que ele nunca quer responder.

— Você já desejou que tivéssemos tido filhos?

— Não.

— Por quê?

Espero que Adam mude de assunto – é o que normalmente acontece a seguir – mas ele não muda. — Às vezes fico feliz por não termos filhos, porque tenho medo de que possamos tê-los fodido de alguma forma, do jeito que nossos pais nos foderam. Acho que talvez nossa linhagem tenha chegado ao fim por algum motivo.

Acho que preferia quando ele não respondia. Não gosto que ele nos descreva assim, mas parte de mim se pergunta se ele pode estar certo. Sempre me senti abandonada por pessoas com quem fui tola o suficiente para me importar, incluindo meus pais. Sim, eles morreram num acidente de carro antes de eu nascer, mas o resultado – eu crescer sozinha – é o mesmo que se eles me abandonassem deliberadamente. Se você não tem ninguém para amar ou ser amado quando criança, como você aprende?

Mas então, o amor não é como respirar? Não é instinto? Algo que nascemos sabendo fazer? Ou o amor é como falar francês? Se ninguém te ensinar, você nunca será fluente, se não praticar, esquecerá como...

Eu me pergunto se meu marido realmente ainda me ama.

— Não gosto daqui — confesso.

— Eu também não. Talvez devêssemos sair de manhã? Encontrar um bom hotel em algum lugar um pouco menos remoto?

— Isso soa bem.

— OK. Vamos tentar dormir um pouco até amanhecer lá fora, depois fazer as malas e ir embora. Talvez tome outro comprimido para dormir, pode ajudar?

Faço o que ele diz, apesar dos avisos na receita, porque estou exausta, se amanhã terei que dirigir por horas novamente, preciso descansar um pouco. Mas antes de fechar os olhos, noto que o relógio de pêndulo no canto do quarto parou. Estou feliz, pelo menos isso não vai nos acordar novamente durante a noite. Aperto os olhos para ver a hora e vejo que parou as oito e três, o que parece estranho – pensei que tivéssemos ouvido os sinos à meia-noite –, mas minha mente está cansada demais para sequer tentar entender. Adam passa o braço em volta da minha cintura e me puxa para ele. Não consigo me lembrar da última vez que ele fez isso na cama, ou me fez sentir segura assim. No mínimo, a viagem já nos aproximou. Como sempre, ele adormece em poucos minutos.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ADAM



Finjo que estou dormindo e me pergunto quanto tempo terei de abraçá-la antes de poder voltar ao que estava fazendo lá embaixo.

Amelia sempre teve dificuldade para dormir, mas os comprimidos ajudam e sua respiração muda quando eles fazem efeito. Então tudo que tenho que fazer é esperar. E ouvir. Da mesma forma que fiz um pouco antes. A segunda pílula deve resolver o problema – normalmente funciona, mesmo quando eu secretamente a esmago e coloco no chá dela. Ela é uma pessoa muito ansiosa. É para o bem dela. Assim que ela volta a dormir, saio de baixo dos lençóis, pego o castiçal que está ao lado da cama e saio do quarto o mais silenciosamente possível. Na verdade, não preciso disso para iluminar meu caminho – sei para onde estou indo – mas faço uma anotação mental para evitar as tábuas mais barulhentas do piso: sei quais rangem.

Bob me segue pela escada em espiral de madeira, e adoro ter um cachorro: eles são tão amorosos e leais. Os cães não são implacáveis ou desconfiados. Eles não ficam com ciúmes e brigam o tempo todo, então você não tem medo de estar com eles. Os cães não mentem. Ele pode

estar um pouco surdo hoje em dia, mas Bob fica sempre feliz em me ver, enquanto Amelia só vê as coisas do ponto de vista dela.

Estou cansado. De tudo isso.

Eu costumava acreditar no amor, mas naquela época eu acreditava no Papai Noel e na Fada do Dente. Já ouvi pessoas descreverem o casamento como duas peças faltantes de um quebra-cabeça que se juntam e descobrem que se encaixam perfeitamente. Mas isso está errado. As pessoas são *diferentes* e isso é bom. Duas peças de quebra-cabeças diferentes não podem e não irão se encaixar, a menos que uma tenha sido forçada a dobrar, quebrar ou mudar para caber na outra. Posso ver agora que minha esposa passou muito tempo tentando me mudar, para me fazer sentir menor, para que nos adaptássemos melhor.

Ninguém deveria prometer amar outra pessoa para sempre, o máximo que qualquer indivíduo sensato deveria fazer é prometer tentar. E se a pessoa com quem você se casou ficar irreconhecível dez anos depois? As pessoas mudam e as promessas – mesmo aquelas que tentamos cumprir – às vezes são quebradas.

Comecei a correr novamente há alguns meses. Escrever é uma profissão solitária e também não muito ativa. Passo um tempo assustador sentado de bunda no porão, e a única parte do meu corpo que faz um treino decente são meus dedos, digitando no teclado. Bob me leva para passear uma vez por dia, mas – assim como eu – ele está envelhecendo. A corrida era apenas para ficar em forma e tentar cuidar melhor de mim mesmo. Mas é claro que minha esposa presumiu que isso significava que eu estava planejando ter um caso. Algumas semanas atrás, ela colocou meus tênis de corrida no lixo na noite anterior à coleta das lixeiras. Eu a vi fazer isso. Esse não é um comportamento normal.

Acabei de comprar tênis de corrida novos, mas eles não são a única coisa na minha vida que precisa ser substituída. Posso não ser bom em reconhecer rostos, mas posso dizer que pareço mais velho. Eu certamente sinto isso. Talvez porque todo mundo na minha indústria pareça estar ficando mais jovem atualmente: os executivos, os

produtores, os agentes. Quase todo mundo na última sala de roteiristas em que estive envolvido parecia que deveria estar na escola. Esse costumava ser eu. Eu já fui o garoto novo no quarteirão. É estranho quando você ainda se sente jovem, mas todos começam a tratá-lo como se você fosse velho. Estou na casa dos quarenta e ainda não estou pronto para a aposentadoria.

Sinto atração por outras pessoas? Claro, sou humano, fomos projetados para ser. Nunca por causa de um rosto bonito – de qualquer maneira, não consigo vê-los. Nesse sentido, as pessoas são um pouco como livros para mim, e tendo a ficar genuinamente excitado com o que está dentro, em vez de apenas com uma capa chamativa. Admito que tenho pensado muito em outra pessoa ultimamente, imaginando como seria se eu estivesse com ela. Mas não é todo mundo que tem pequenas fantasias de vez em quando? Isso é tudo que eles são e isso não significa que eu realmente vou fazer algo a respeito. A última vez que dormi com alguém que não deveria, não acabou bem para mim. Eu aprendi essa lição. Eu penso. Além disso, estou sempre trabalhando, não tenho tempo para ter um caso hoje em dia. Faço o possível para aplacar o ciúme constante de minha esposa, mas não importa o que eu diga, ela simplesmente não parece capaz de confiar em mim.

De certa forma, ela está certa em não fazê-lo.

Nunca fui totalmente honesto com minha esposa, mas isso é para o bem dela.

Há tantas coisas que não posso contar a ela; um pouco como as pílulas para dormir que às vezes coloco em suas bebidas quentes antes de dormir. Coisas que ela não precisa saber. Fui eu quem desligou a energia quando ela estava na cripta mais cedo. Ela não entende caixas de fusíveis... tudo o que precisei fazer foi apertar um botão e soltar o alçapão. Esqueci o gerador lá fora, mas desliguei-o agora também e não teremos energia de volta tão cedo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

MADEIRA

Palavra do ano:

Humano substantivo. Uma boa pessoa. Alguém que é gentil e age com integridade e honra.

28 de fevereiro de 2013 - nosso quinto aniversário

Prezado Adam,

Me desculpe por ter agido com tanto ciúme ultimamente, espero que possamos deixar esses últimos meses para trás. Pareceria estranho não mencionar as coisas do bebê. Não posso fingir que não aconteceu, ou que não queria ser mãe. Nunca foi sobre ter seus filhos (desculpe), eu só queria os meus. Desisti de desistir de tantas coisas na vida, mas sabia que não poderia continuar tentando ter um filho. Não depois da última ronda de fertilização in vitro não ter funcionado. O desgosto estava me matando e minha infelicidade estava matando nosso casamento.

Eu ainda esperava secretamente que isso pudesse acontecer por um tempo. Já li todas aquelas histórias de casais que engravidam assim que param de tentar, mas não foi isso que a vida planejou para nós. Nos primeiros meses eu ainda chorava toda vez que minha menstruação chegava, não que você tenha perguntado, eu te disse isso. Mas acho que segui em frente agora, ou pelo menos me afastei o suficiente para respirar novamente. A vida pode começar a ficar cheia de buracos quando o amor não tem para onde ir.

Bob não é um bebê - eu sei disso -, mas acho que o trato como um filho substituto. E voltei ao trabalho na casa dos cachorros nos últimos meses. A promoção inesperada que recebi não rende muito mais do que antes, mas é bom me sentir reconhecida. E percebi que sou uma boa pessoa. Não poder engravidar não era um castigo, simplesmente não era o plano. Quando eu era criança, diziam-me repetidamente que eu era má, às vezes, ainda acreditava nisso. Mas eles estavam errados sobre mim. Todos eles.

Tivemos uma briga na semana passada, a primeira em muito tempo, lembra? Ainda me sinto culpada por isso. Para ser justa, acho que muitas esposas podem ter reagido da mesma maneira. Você

chegou em casa bêbado e muito mais tarde do que prometeu. Talvez não tivesse me incomodado tanto se eu não tivesse me esforçado para cozinhar. Mas em vez de pegar minha raiva silenciosa quando fiz a cena de jogar seu jantar frio e intocado no lixo, você me contou tudo sobre October O'Brien. A jovem e premiada atriz irlandesa havia se apaixonado por seu roteiro: *Rock Paper Scissors*. Ela entrou em contato através do seu agente, e uma reunião à tarde para três se transformou em bebidas e uma refeição para dois. Só você e ela. Eu não estava nem um pouco preocupada até que pesquisei a garota no Google e vi como ela era linda.

— Você mesma terá que conhecê-la — você balbuciou com um sorriso ridículo no rosto. Seus lábios estavam um pouco manchados de vinho tinto, pelo menos eu esperava que fosse isso. — Seus pensamentos sobre como melhorar o roteiro são simplesmente... geniais! — Eu ajudei você com esse roteiro anos atrás. Posso não ser uma atriz de Hollywood, mas leio. Bastante. E achei que o *Nosso Time* fez um ótimo trabalho. — Você vai amá-la... — você disse emocionado, mas eu duvidei muito disso. — Ela é simplesmente encantadora... tão absolutamente charmosa, e inteligente, e...

— Eu não sabia que ela tinha idade suficiente para beber — interrompi. Eu mesmo tomei um pouco de vinho enquanto fiquei acordada esperando.

— Não seja assim — você disse, com um olhar que me deu vontade de dar um soco em você.

— Como o quê? Não é como se não estivéssemos aqui antes. Um ator ou atriz diz que ama sua história e que não descansará até que ela seja feita em Hollywood...

— Isso é diferente.

— É isso? A menina mal saiu da escola...

— Ela tem vinte e poucos anos e já ganhou um Bafta...

— Você ganhou um Bafta aos vinte e poucos anos, mas ainda não conseguiu o que queria. Certamente é um produtor que você precisa para apoiar o projeto... ou um estúdio.

— Tenho uma chance muito melhor com uma atriz como October. Se ela bater nas portas de Los Angeles, elas abrirão para ela. Enquanto comigo, a menos que eu consiga outro grande livro para

adaptar em breve, todas as portas parecem estar se fechando. — Eu me senti mal então. Tem sido difícil para você este ano. Você ainda está conseguindo trabalho, mas não do tipo que realmente deseja. Eu estava prestes a mudar de assunto, tentar ser um pouco mais gentil, mas você atacou em legítima defesa. — É uma pena que você ainda não seja tão apaixonada por sua carreira, então talvez você entendesse.

— Isso não é justo — eu disse, embora fosse.

— Não é? Há anos que você não recebe um aumento salarial decente de Battersea, mas ainda assim fica.

— Porque adoro trabalhar lá.

— Não, porque você está com muito medo de pensar em trabalhar em outro lugar.

— Nem todos queremos governar o mundo, alguns de nós só querem torná-lo um lugar melhor.

A ideia de você não estar orgulhoso de mim foi totalmente dolorosa e devastadora. Bastante. Eu sei que você acha que eu poderia estar fazendo mais na minha vida, mas não é tudo culpa minha. Quando a

pessoa que você ama tem muitas ideias brilhantes, elas podem eclipsar completamente as suas. E eu ainda faço. Amo você. Gastei minha ambição nos seus sonhos, em vez dos meus.

Você dormiu no quarto de hóspedes naquela noite, mas nós fizemos as pazes desde então. Bem a tempo para o aniversário deste ano.

Você acordou antes de mim esta manhã, o que é praticamente inédito, e inesperado, considerando o quão tarde você dormiu reescrevendo um roteiro de dez anos atrás na noite passada. Quando você levou uma bandeja de café da manhã para o nosso quarto, pensei que devia estar sonhando. Em todos os anos que estamos juntos, você nunca fez isso antes. Então eu deveria saber que algo estava errado.

Comemos ovos dippy, como gosto de chamá-los - cozidos é o termo preferido dos adultos - com torradas. Eu estava ansiosa para passar o dia juntos, então não conseguia entender por que você acordou tão cedo ou por que parecia tão ansioso para levar as xícaras e pratos sujos de volta para baixo.

— Não precisamos nos apressar, não é? —
Perguntei.

Seu rosto confessou antes de você. — Sinto muito, preciso ir ver meu agente. Realmente não vai demorar muito...

— Mas concordamos em passar o dia inteiro juntos este ano. Tirei férias anuais.

— E nós faremos, é só por algumas horas. Eu realmente acho que Rock Paper Scissors pode realmente ser feito desta vez. Só quero conversar com ele pessoalmente - você sabe que é a única maneira de saber o que ele realmente pensa sobre qualquer coisa - enquanto o projeto ganha impulso novamente. Ver se ele concorda com os próximos passos e...

Eu sei que você não conseguiu ver a cara que eu fiz, mas deve ter lido minha linguagem corporal.

— Eu sei que é nosso aniversário, mas prometo que vou compensar você esta noite.

— Ainda vamos jantar? — Eu disse.

— Serão bebidas às cinco da tarde, no máximo. Telefone para você assim que terminar e trouxe isto para você.

Era um ingresso para uma peça de teatro que eu queria ver há meses. Está esgotado desde que abriu. O ingresso era para hoje, então pelo menos eu teria algo divertido para fazer enquanto você estivesse trabalhando. Mas também significava que você sabia que eu precisaria de algo para fazer. Sozinha. Havia apenas um ingresso. Eu te dei seu presente de aniversário então. Cinco anos é para ser um presente de madeira, então comprei para você uma régua com uma inscrição:

CINCO ANOS CASADOS, QUEM ACREDITA?

Você sorriu, ergueu duas gravatas e me pediu para escolher uma. Para ser sincera, detesto as duas, mas apontei para aquela com os pássaros. Parecia estranho até na época, visto que você normalmente nunca se veste bem para ver seu agente.

— Não é para mim, é para você — você disse, lendo minha mente.

Você enrolou a gravata de seda em volta do meu rosto para cobrir meus olhos. Então você me pegou pela mão e me levou para baixo.

— Não posso sair de camisola! — Eu sussurrei, quando ouvi você abrir a porta da frente.

— Claro que pode, você ainda está tão linda quanto no dia em que nos casamos, além disso, é a única maneira de mostrar seu verdadeiro presente de aniversário.

— Achei que fosse o ingresso do teatro — eu disse.

— Dê-me algum crédito.

— Não posso, desculpe. Você já está endividado demais.

— O presente deste ano é para ser feito de madeira, certo?

Dei mais alguns passos incertos, o caminho frio mordendo meus pés descalços, até chegar à grama. Paramos e você removeu minha venda improvisada.

Havia uma pequena árvore feia e sem folhas no meio do que costumava ser meu gramado perfeito.

— É uma árvore — você disse.

— Eu posso ver isso.

— Eu sei que você sempre quis uma magnólia, então...

— É isso que é? — Você parecia magoado. — Sinto muito, é muito gentil da sua parte. Eu amo isso. Quero dizer, talvez não agora, mas quando as flores aparecerem, aposto que ficará incrível. — Você parecia feliz novamente. — Obrigada, é o presente perfeito. Agora vá e transforme seu roteiro em um sucesso de bilheteria de Hollywood, para que Bob e eu possamos andar no tapete vermelho da Leicester Square.

Assim que você teve minha permissão, você saiu pela porta e eu fiquei sozinha no nosso aniversário. De novo.

Olhando para trás agora - retrospectiva é uma merda - acho que tudo teria ficado bem se o alarme de fumaça não tivesse disparado no teatro naquela tarde. Todos na plateia foram evacuados pouco depois de a cortina subir, o corpo de bombeiros ser chamado e a matinê que eu deveria ver foi cancelada.

É por isso que voltei para casa mais cedo do que o planejado.

Eu me peguei olhando para um casal no metrô para casa. Eles tinham a nossa idade, mas estavam de mãos dadas e sorrindo um para o outro como dois adolescentes apaixonados. Aposto que eles sempre passavam aniversários juntos e comecei a me perguntar onde estávamos na escala do normal. O júri na minha cabeça ainda estava decidido quando voltei à estação de Hampstead. Os céus se abriram quando comecei a andar e eu estava encharcada quando cheguei ao portão do jardim. Senti uma raiva inexplicável ao ver a magnólia feia que você havia plantado, quando cheguei à porta da frente, minhas mãos tremiam de mau humor e frio.

Enquanto eu lutava para colocar a chave na fechadura, ouvi uma mulher rindo dentro de nossa casa. Quando abri a porta e entrei no corredor, senti como se estivesse sonhando. Havia uma atriz de Hollywood bebendo vinho na minha cozinha. Com você. No nosso aniversário.

— O que você está fazendo em casa tão cedo? —
Você perguntou, parecendo tão chateado quanto eu.

— A peça foi cancelada — eu disse, olhando para ela o tempo todo — não pude evitar. October O'Brien era ainda mais bonita na vida real do que em todas as fotos que pesquisei online no Google.

Sua pele extremamente pálida, semelhante a porcelana, era impecável, e seu cabelo acobreado e cortado em forma de duende brilhava sob as luzes da cozinha. Se eu tivesse o meu estilo assim, pareceria um menino, mas ela parecia uma princesa elfa feliz, com seus grandes olhos verdes e um largo sorriso branco. Mesmo aos vinte e poucos anos, nunca pareci tão bem.

Então você nos apresentou, como se voltar para casa e encontrar seu marido bebendo vinho à tarde com outra mulher - que você só viu na TV e em filmes - fosse normal. Eu estava prestes a fazer papel de boba, mas então os lábios vermelhos perfeitos de October sorriram e ela explicou o que você deveria ter.

— É um prazer conhecer você — ela ronronou, estendendo uma mão perfeitamente cuidada. Por um momento não tive certeza se deveria sacudi-la, beijá-la ou dar um tapa nela. Tive uma estranha vontade de fazer uma reverência. — Seu marido confessou ontem à noite que nunca preparou uma refeição de aniversário para você. Eu disse que não queria nada com o roteiro dele até que a situação fosse corrigida, quando ele disse que não sabia cozinhar, me ofereci para ajudar. Era para ser uma surpresa... mas talvez tenha sido uma surpresa ruim?

Senti meu rosto esquentar por vários motivos ao mesmo tempo.

Em primeiro lugar, desejei ter limpado nossa geladeira mais recentemente, depois entrei em pânico com o estado de nossas panelas e frigideiras velhas - preocupada com o que ela deveria pensar sobre mim e sobre nós e sobre o estado de nossa cozinha. Então desejei ter usado um pouco mais de maquiagem, porque ao lado daquela linda criatura, eu me sentia como um morcego velho e enlameado.

Eu não precisava ter me preocupado. Acho que nunca conheci uma mulher mais gentil ou generosa - não admira que você quisesse trabalhar com ela. Até Bob se apaixonou pela nossa hóspede, mas ele ama a todos. Insisti para que October ficasse e comesse a refeição que ela havia preparado conosco - você não discute - e depois que coloquei roupas secas e abri outra garrafa, tivemos uma noite maravilhosa. Todos os três pratos estavam deliciosos - especialmente o pudim de chocolate. Achei que ficaria intimidada por alguém como October O'Brien. Ela é tão deslumbrante, bem-sucedida e inteligente... mas era totalmente charmosa, modesta e doce. Isso me fez perceber que, independentemente de quem todos pensam que são as celebridades, no final das contas elas são

apenas pessoas. Como você e eu. Mesmo os perturbadoramente bonitos.

— Eu sabia que você também a amaria se a conhecesse — você disse quando October partiu.

— Você estava certo, mas eu te amo mais.

— Quase sempre? — Você perguntou e sorriu. — Então você não se importa que eu trabalhe com ela agora? E você não vai ficar com ciúmes?

— Quem disse que eu estava com ciúmes? — Eu respondi e você levantou uma sobrancelha.

— Você não precisa estar. Ela é adorável, mas ainda é atriz.

— Você me acha adorável?

— Você é meu PMi — você disse.

— PMi?

— Pessoa mais importante.

Obrigada por um aniversário memorável este ano, que certamente não esquecerei. Cinco anos. Para onde

foi? Tantas lembranças, principalmente felizes, e estou ansiosa para fazer mais com você no futuro. Suspeito que todo mundo tem uma pessoa mais importante. Eu sou sua e você é meu. Agora e sempre.

Sua esposa

XX

CAPÍTULO VINTE E NOVE

ROBIN



Robin fica perfeitamente imóvel, escondida em um canto frio e escuro da capela, até que todos os visitantes voltem para cima. O homem desceu duas vezes e ela quase foi pega. Ela se pergunta se ele a reconheceria agora. Independentemente da cegueira facial dele, ela teme que tenha mudado de forma irreconhecível desde a última vez que se conheceram.

Quando Robin entrou, há mais de uma hora, ela pensou que eles tinham ido dormir e teve que se esconder quando o ouviu descendo a velha escada em espiral de madeira. De alguma forma, ele conseguiu evitar todos os passos mais barulhentos. Felizmente, a sala – que ela sempre pensou ser mais uma biblioteca com sofás – tinha muitos espaços escuros, as estantes forneciam ampla cobertura até que ela pudesse ver quem era. Depois disso, ela entrou na sala secreta. Segredos são segredos apenas para quem ainda não os conhece. Eles podem se transformar em mentiras quando compartilhadas, como lagartas que se transformam em borboletas, lindas mentiras podem voar para muito, muito longe. Não há nada que Robin não saiba sobre esta antiga capela: ela morava aqui.

Ela ainda poderia morar aqui agora se quisesse, mas optou por não fazê-lo.

Robin não gosta de ficar dentro do lugar por mais tempo do que o necessário atualmente. Ela sempre precisa reunir muita coragem para entrar pelas portas da velha capela, nas raras ocasiões em que isso não pode ser evitado, ela faz o que precisa fazer o mais rápido possível antes de sair novamente. Os visitantes também gostariam de sair se soubessem a verdade sobre onde estão hospedados, mas as pessoas veem o que querem ver.

A sala secreta fica atrás da biblioteca e Robin odeia mais essa parte da capela. É bastante fácil encontrá-la atrás da estante – se você souber onde procurar – mas é preciso usar os olhos. A maioria das pessoas passa a vida com os olhos fechados. E os livros são bons para esconder todo tipo de coisas, principalmente os livros fechados, assim como as pessoas fechadas.

Algumas memórias são claustrofóbicas, e a variedade que esta sala invoca sempre a sufoca, dificultando a respiração. Robin fica o mais imóvel possível, estudando o piso de parquet da sala secreta como se fosse um quebra-cabeça que ela pudesse resolver, tentando não olhar para nada que a lembrasse de um passado que ela preferiria esquecer. Mas as memórias não obedecem a ordens; elas vêm e vão quando querem.

A lua está cheia e brilhante esta noite. Ela brilha através dos vitrais, lançando uma série de padrões que parecem estranhos e desconhecidos. A visão de sua própria sombra na parede chama sua atenção e a faz se sentir pequena. Até a sombra dela parece triste. Robin não tem a intenção de fechar o punho, mas quando vê sua silhueta fazer o mesmo, ela levanta a mão, mudando o formato dos dedos. Primeiro uma pedra. Depois plano, como papel. Então ela faz um movimento cortante, como uma tesoura, e sorri.

Quando ela tem certeza de que é seguro fazê-lo, Robin se levanta para sair. Ela congela quando pensa que vê alguém, mas é apenas o seu próprio reflexo no espelho acima da lareira. A visão a choca: ela quase

não se reconheceu. Não há espelhos em sua casinha. A mulher aqui no espelho, olhando para ela na sala secreta, parece tão velha, e sua pele pálida é tão branca que poderia ser confundida com um fantasma.

Robin enfia a mão no bolso em busca da chave para trancar a sala secreta atrás dela, mas seus dedos encontram outra coisa, proporcionando-lhe uma pequena onda de conforto muito necessário: seu batom vermelho favorito. Está desgastado até virar um coto achatado. Ela se lembra da primeira vez que usou: choveu naquela noite e ela se machucou gravemente. Mas reforçou a importância de não confiar em ninguém além de si mesma.

As melhores lições são muitas vezes aquelas que não percebemos que estamos aprendendo.

Robin passa um pouquinho de batom – querendo guardar o que sobrou pelo maior tempo possível – e depois admira seu novo reflexo no espelho. Ela sorri de novo, mas não demora, sua boca logo se curvando nas bordas. Ainda assim, é uma melhoria e lhe dá coragem para fazer o que veio fazer aqui.

Os visitantes não pareciam felizes quando chegaram, nem quando ela os observou pela janela. Enquanto ela descia as escadas, passando os dedos pelas lombadas dos livros na sala que mais parecia uma biblioteca, ela notou que os visitantes também não pareciam felizes. Ela os ouviu enquanto conversavam no quarto do andar de cima. Suas vozes eram ouvidas e suas palavras pareciam saltar do teto abobadado de altura dupla até seus ouvidos.

Parece-lhe estranho que os visitantes realmente pensassem que poderiam ficar aqui de graça. Somente os tolos acreditam em algo por nada. Ela teve que reprimir uma risada quando os ouviu concordando em partir pela manhã. Mas sua diversão logo se transformou em raiva. Esse é o maior problema das pessoas hoje em dia: elas não valorizam o que têm, querem sempre mais. Eles não querem trabalhar para isso. Eles querem ganhar isso. E eles reclamam e gemem como crianças mimadas quando não conseguem o que querem. Muitas pessoas pensam que o mundo lhes deve algo e culpam os outros pelas suas

próprias escolhas de vida erradas. E todos pensam que podem simplesmente fugir se as coisas não correrem de acordo com os seus planos.

Isso não vai acontecer aqui.

Os visitantes podem dizer o que quiserem, podem até optar por acreditar se isso os ajudar a dormir quando deitarem a cabeça nos travesseiros. A tempestade lá fora pode ter parado, por enquanto, mas ninguém sairá daqui amanhã de manhã. Depois do que já viu e ouviu, Robin tem quase certeza de que pelo menos um deles nunca mais sairá deste lugar.

CAPÍTULO TRINTA

AMELIA



Ainda está escuro lá fora, mas sacudo Adam para acordá-lo.

— Bob se foi. Não consigo encontrá-lo!

Observo com impaciência enquanto meu marido esfrega os olhos para tirar o sono, pisca na escuridão e espia ao redor do quarto. Cheira como se estivéssemos em uma capela agora. Aquele cheiro bolorento de Bíblias antigas e fé cega. A única fonte de luz é a chama do castiçal que estou segurando, e Adam demora um pouco para lembrar onde estamos. Está tão frio aqui quanto suspeito que esteja lá fora agora, graças à completa perda de energia durante a noite, e ele instintivamente puxa as cobertas para cima de si.

Eu os puxo de volta. — Ouviu-me? Bob está desaparecido!

— Ele estava dormindo no patamar — diz Adam, reprimindo um bocejo.

— Bem, ele não está lá agora.

— Talvez ele tenha descido...

— Ele também não está lá! Procurei em todo o lugar, ele não está aqui!

Agora Adam parece preocupado.

Ele finalmente está ouvindo o que estou dizendo. A preocupação desconhecida em seu rosto me faz sentir pior... quem se preocupa *sou eu*, não ele. Quando estou mais ansiosa, ele sempre permanece calmo. Equilibramos as emoções um do outro, é assim que funciona o nosso casamento. Ou costumava ser.

— Bem, as portas da frente estavam definitivamente trancadas e Bob não tem chave, então ele deve estar aqui em algum lugar. Vou ajudá-la a procurar — diz ele, acendendo a outra vela e vestindo um suéter por cima do pijama... uma tentativa débil de combater o frio. — Tenho certeza de que se colocarmos um pouco de comida na tigela dele ele virá correndo... normalmente vem.

Adam ainda está meio adormecido, mas se arrasta para fora da cama e corre para o patamar. Ele faz uma pausa para olhar para a cama vazia do cachorro – como se eu pudesse estar inventando que Bob está desaparecido – e desce as escadas correndo na minha frente. Percebo que ele erra deliberadamente alguns degraus, que rangem alto quando eu os piso.

— Como você sabia quais degraus não deveria pisar? — Pergunto, seguindo-o um pouco mais de perto.

— O quê?

— Você pulou alguns degraus. Aqueles que rangem.

— Oh... bem, isso me irrita. Como armários ou portas que rangem.

— Mas só chegamos ontem à noite. Como você sabia qual...

— Talvez eu não consiga me lembrar de rostos, mas fatos e números, ou as coisas que a maioria das pessoas ignora – como os degraus que rangem – tendem a ficar na minha mente. Você sabe disso sobre mim.

Adam muitas vezes se lembra de detalhes peculiares. Uma espécie de memória fotográfica, para coisas sem importância. Decido deixar isso de lado – temos problemas maiores com os quais nos preocupar agora – e juntos procuramos em cada canto de cada cômodo o cachorro desaparecido.

— Não entendo, as portas ainda estão trancadas, ele não pode ter saído — diz Adam.

— Bem, ele não desapareceu no ar — respondo, colocando um pouco de ração na tigela de comida de Bob e chamando seu nome.

O convite é recebido com um silêncio que parece ainda mais sinistro do que antes. Eu não sei o que fazer. Pego meu telefone, mas é claro que não há sinal, e para quem eu ligaria mesmo se houvesse?

— Devíamos procurar lá fora — diz Adam, e corremos para a sala de bagagens.

Ele destranca as antigas portas da capela e as abre.

A cena que elas revelam nos paralisa.

O sol está começando a nascer atrás de uma montanha ao longe, e há luz suficiente lá fora para vermos uma parede de neve mais alta que meus joelhos. Tudo está coberto por uma espessa manta branca, e mal consigo distinguir a forma do nosso carro na entrada. Se Bob realmente estiver em algum lugar, com neve tão profunda, ele não durará muito.

Adam lê minha mente e faz o possível para acalmar os pensamentos de pânico que giram dentro dela.

— Você me viu abrir as portas, elas estavam definitivamente trancadas. A neve é mais alta que Bob – mesmo que ele pudesse ter saído, ele não teria conseguido – aquele cachorro nem gosta de chuva. Ele deve estar lá dentro... você olhou na cripta?

— Depois da noite passada? Com apenas uma vela? Claro que não.

— Vou usar a lanterna do meu telefone — diz ele.

Estou prestes a corrigi-lo – ele esqueceu que seu celular ainda está em Londres, mas então observo enquanto ele corre para encontrar a velha bolsa de couro que usa para trabalhar. Está tão surrada que eu deveria comprar algo novo para ele. Ele chega lá dentro e pega seu telefone.

Aquele que ele fingiu não encontrar no carro quando o esteve com ele o tempo todo.

A razão pela qual uma pessoa mente é quase sempre mais interessante do que a própria mentira. Meu marido não deveria contar elas; ele não é muito bom nisso.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ADAM



Pego meu celular, ligo a lanterna e corro até o alçapão. Está fechado, então não vejo como Bob poderia ter ido até lá, mas também é o único lugar que não procuramos. Abro e desço correndo os degraus de pedra o mais rápido que posso. Tudo o que encontro são as mesmas prateleiras de vinho empoeiradas e um panfleto sujo e de aparência caseira no chão: — A História da Capela Blackwater.

Tenho certeza de que isso não existia antes.

— Bob não está aí embaixo — digo, subindo os degraus, distraído pelo pedaço de papel em minhas mãos.

Amelia não responde, apenas olha. Se eu pudesse ver a expressão em seu rosto, sei que seria ruim – seus braços estão cruzados e ela está naquela posição que significa problemas. Para mim.

— O quê? — Eu pergunto.

— Achei que você não conseguiu encontrar seu telefone?

Pego.

A culpa que sinto é logo substituída pela raiva.

— Bem, felizmente percebi que você tirou meu telefone do carro antes de sairmos. Você mentiu para mim sobre isso e está agindo de forma estranha há semanas. Há mais alguma coisa sobre a qual você está mentindo para mim? Bob está realmente desaparecido?

— Não faça isso. Você sabe que eu amo Bob.

— Eu pensei que você me amava.

A ideia de que Amelia teve algo a ver com o desaparecimento de Bob é impensável, mas depois de seu comportamento maluco recentemente, não sei o que pensar.

— Tudo que eu queria era um bom fim de semana fora. Só nós dois, pela primeira vez. Não eu, você e seu maldito trabalho. A escrita, os livros, os roteiros... isso é tudo com o que você parece se importar hoje em dia. É por isso que tirei seu telefone do carro, porque você passa tantas horas olhando para ele o tempo todo que *me* faz sentir invisível.

Ela começa a chorar – sempre seu cartão para sair da prisão – e não consigo ficar com raiva dela. Não é como se eu tivesse sido honesto sobre tudo.

— Você tem sinal no seu telefone, talvez possamos ligar para alguém? — Ela pergunta. Estou em uma rede diferente da dela, então é uma pergunta sensata.

— Não. Eu já verifiquei.

Sua linguagem corporal sugere que ela está aliviada, mas isso não faz sentido. Devo estar lendo errado. Odeio quem nos tornamos, mas não tenho culpa por tudo isso. A confiança não pode ser emprestada; se você tirar, não poderá devolvê-la.

— Há algo que preciso lhe contar.

Digo as palavras tão baixinho que fico surpreso que ela as ouça.

Amelia se afasta de mim. — O quê?

— Ontem à noite... não desci para pegar um copo de água. Eu vi... algo aqui embaixo, antes de irmos para a cama. Eu não queria te assustar, então esperei até você dormir e depois desci para tentar entender a situação. Você já estava tão chateada depois do incidente da cripta. Eu não queria piorar as coisas...

— Você pode ir direto ao ponto?

— Eu faria isso se você me deixasse.

— O que você encontrou?

— Isso — eu digo, abrindo uma das gavetas da cozinha. Está repleto de artigos de jornais antigos sobre October O'Brien. — Ela é a atriz que...

— Eu sei quem ela é, Adam. Não é algo que eu provavelmente esqueça. — Amelia retruca, puxando os recortes de imprensa cuidadosamente cortados, um por um, e colocando-os sobre a mesa da cozinha. — Eu não entendo. Por que *isso* estaria *aqui*?

— E encontrei isso na cripta agora há pouco. Pensei em esconder isso de você também, sei o quanto este fim de semana significava para você, mas também sei que você não gosta de segredos.

Mostro-lhe o panfleto.

— O que é?

— Acho que você deveria ler por si mesma. Não acho que sejamos realmente bem-vindos aqui.

— Mas então por que oferecer um fim de semana grátis como prêmio do sorteio? *Eles nos* convidaram.

— *Quem* fez?

Amelia não responde por que não sabe.

Ela pega o pedaço frágil de papel branco coberto de palavras digitadas e permanece na primeira página como se estivesse com medo de abri-lo. Observo em silêncio enquanto ela lê.



A História da Capela Blackwater

Uma capela existe neste local, próximo ao Blackwater Loch, pelo menos desde meados do século IX. Quando o atual proprietário adquiriu a propriedade e terrenos envolventes, esta já se encontrava abandonada há vários anos. Com muito amor e muito trabalho, decidiram transformar este prédio abandonado em uma linda casa.

As características originais incluem várias pedras esculpidas, datadas entre 820 e 840, e é uma das capelas escocesas mais antigas já registradas. Sabemos que a capela não tem sido usada para o seu propósito original desde que o último padre, Padre Douglas Dalton, partiu em 1948. Não há relatos sobreviventes de sua estadia aqui, apenas rumores locais (não comprovados) de que ele caiu para a morte da torre do sino.

Segundo outros registros, a congregação da capela reduziu-se a quase nada à medida que a população local envelheceu, razão pela qual foi deixada ao abandono. Não se sabia muito sobre a verdadeira história da capela, até que começaram os trabalhos de construção para converter o que então era um destroço em ruínas num espaço habitável.

Escavações na cripta, para criar uma base mais sólida, revelaram que a capela tinha sido usada como prisão de bruxas no século XVI. Anéis de ferro foram encontrados nas paredes da cripta, onde mulheres e crianças condenadas por bruxaria foram acorrentadas antes de serem queimadas na fogueira. Os ossos de mais de cem supostas bruxas foram encontrados enterrados no chão, junto com seus descendentes. Os testes revelaram que um esqueleto era de uma menina de cinco anos.

Uma coleção de anedotas locais e lendas urbanas compartilham histórias semelhantes sobre a Capela Blackwater. A maioria inclui histórias de figuras fantasmagóricas que podem ser vistas flutuando sobre o lago à noite. Existem vários relatos de mulheres vestidas de bruxas, com rostos queimados e roupas chamuscadas. Há rumores de que elas andam pela capela depois do pôr do sol, espiando pelos vitrais, em busca de seus filhos assassinados. Houve vários relatos de tais avistamentos na imprensa local ao longo dos anos, antes que as pessoas ficassem tão assustadas que se afastassem.

Quase todos os construtores envolvidos na reforma da propriedade disseram que sentiram um frio inexplicável na cripta, e alguns afirmam que ouviram seus próprios nomes sendo sussurrados quando estavam lá. Mas é importante notar que nem todo mundo que visita a Capela Blackwater testemunha atividades paranormais ou aparições fantasmagóricas.

Esperamos que aproveite sua estadia.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

AMELIA



— Precisamos encontrar Bob e sair daqui — digo assim que termino de ler.

Adam guarda o panfleto e os recortes de jornais sobre October O'Brien numa gaveta da cozinha e fecha-a com firmeza, como se fazê-los desaparecer pudesse ajudar. Ainda não tenho certeza de qual é a ligação entre October e este lugar, mas ele não consegue me olhar nos olhos.

— Eu não queria assustar você...

— Eu não estou assustada. Estou com raiva — interrompo. — Eu não acredito em fantasmas. Alguém está tentando nos assustar. Ainda não sei quem ou por quê...

— Não acho que devemos tirar conclusões precipitadas.

— Concordo. Devíamos encontrar Bob, fazer as malas e entrar no carro.

Estamos vestidos menos de cinco minutos depois. Depois de procurar novamente pelo cachorro em toda a capela, não há mais lugar para procurar, exceto fora.

Agora que a neve parou de cair, é como entrar em uma pintura. O céu mudou de preto para cinza e depois para azul claro desde que acordei, e posso ver muito mais do que quando chegamos no escuro na noite passada. Existem montanhas cobertas de neve e florestas densas ao longe. Um punhado de nuvens brancas reflete-se na superfície imóvel e vítrea do vasto lago, e a antiga capela branca parece brilhar ao sol da manhã. Então noto a torre do sino e me lembro da noite passada. A parte da parede que desabou é impossível de perder. Não é à toa que a placa na porta dizia *PERIGO*.

— Adam...

— O quê?

— A parede caída.

— E daí?

— E se Bob de alguma forma subisse até a torre do sino e na parede danificada... e caísse?

— Então ele estaria quebrado na neve.

Não gostei da maneira como ele respondeu à pergunta, mas sei que Adam está certo. Começamos a procurar lá fora em silêncio. Este é sem dúvida um dos recantos mais bonitos e intocados do mundo, mas mal posso esperar para partir.

Não trouxe as melhores roupas ou sapatos para este tempo. A neve está tão alta que não temos escolha a não ser atravessá-la com nossos tênis. Minhas meias e pés ficam molhados em segundos, e a metade inferior da minha calça jeans está encharcada e pesada com água gelada. Estou tão preocupada com o cachorro que mal percebo. Vendo o local à luz do dia, podemos agora apreciar verdadeiramente o isolamento e a escala do vasto vale em que nos encontramos. Não encontramos o que procuramos, mas logo descobrimos o que aconteceu com todas as banheiras desaparecidas na propriedade. Três banheiras com pés em forma de garra estão escondidas na parte de trás e foram preenchidas com plantas – urze, pelo que parece, em vários tons de rosa e roxo.

Elas não são as únicas descobertas inesperadas.

Nós tropeçamos em um pequeno cemitério – como suponho que seria de esperar atrás de uma igreja antiga – com uma coleção de lápides de aparência velha quase completamente escondidas pela neve. Há também uma série de esculturas de madeira escura espalhadas do lado de fora da capela, pelo menos duas ou três em todas as direções que olho. Coelho esculpido à mão que parece saltar do chão congelado, uma enorme tartaruga e gigantescas corujas de madeira, empoleiradas nos tocos das árvores com as quais foram moldados. Todos eles têm olhos enormes, esculpido à mão, que parecem olhar em nossa direção, como se estivessem tão frios e assustados quanto nós. Até as árvores têm rostos esculpido, por isso é impossível não se sentir observado.

Chamo o nome de Bob repetidamente, mas depois de vinte minutos andando em círculos, não sei o que fazer. Quem não gosta de cachorro não entenderia, mas é tão angustiante quanto perder um filho.

— Você acha que alguém o levou? — Pergunto, quando parece que esgotamos todas as outras ideias.

— Por que alguém faria isso? — Adam diz.

— Por que alguém faz alguma coisa?

— Quem então? Estamos no meio do nada.

— E aquela casinha de palha pela qual passamos na pista?

— Parecia vazia.

— Não deveríamos verificar?

Ele balança a cabeça. — Não podemos simplesmente acusar alguém de...

— Não, mas poderíamos pedir a ajuda deles? Eles estão muito mais perto da estrada principal do que nós, então ainda podem ter energia... ou pelo menos um telefone que possamos usar. Não é tão longe para caminhar. Vale a pena tentar, não é? Se Bob conseguisse escapar de alguma forma, eles poderiam tê-lo visto?

Adam nunca quis realmente ter um cachorrinho. As memórias de infância que ainda assombram seus sonhos o desencorajaram – compreensivelmente – mas isso mudou quando conheceu Bob. Meu marido às vezes esconde isso bem, mas sei que ele ama aquele cachorro tanto quanto eu.

— Ok, vamos — diz Adam. Ele pega minha mão e eu deixo.

Algumas partes do lago estão congeladas e novamente meus pensamentos se voltam para Bob. Ele odeia chuva, granizo, neve ou qualquer coisa que caia do céu, mas ama a água – sempre pulando nos rios ou correndo no mar. Mas certamente nosso velho e bobo cachorro saberia ficar longe de um lago congelado. Tento não pensar nisso enquanto caminhamos em direção à cabana ao longe. Exceto pelo som de nossos passos compactando a neve fresca, o ar frio é silencioso. O silêncio pode ser assustador quando você não está acostumado, morando em Londres e trabalhando em Battersea, eu definitivamente não estou. Às vezes ouço cachorros latindo durante o sono. Mas aqui está tão quieto. Anormalmente assim. Não há nem pássaros cantando. Agora que penso nisso, não me lembro de ter visto nenhum.

Não parecia tão longe quando partimos, mas levamos mais de quinze minutos para chegar a cabana. É uma coisa minúscula, com paredes caiadas como a capela e telhado de palha. Quase como uma casa de Hobbit. É tão pequena e remota que não consigo imaginar por que alguém iria querer morar nela, mas há um carro estacionado do lado de fora – quase completamente escondido da vista – o que me dá esperança de que alguém more. É um veículo grande, talvez um velho Land Rover. É difícil dizer porque está meio enterrado pela neve. Seja o que for, tenho certeza de que aguentará melhor do que meu carro neste clima.

Limpo a garganta antes de bater na porta vermelha brilhante. Estou nervosa por algum motivo e nem tenho certeza do que vou dizer se alguém abrir.

Eu não precisava ter me preocupado; ninguém faz.

É estranho porque eu poderia jurar que ouvi vozes enquanto subíamos o caminho – talvez um rádio, ou alguém conversando com uma criança em voz baixa. Olho para Adam, que encolhe os ombros, depois bato novamente. Um pouco mais forte desta vez. Ainda não há resposta, nenhum sinal ou som de vida.

— Olhe isso — diz Adam, olhando para o telhado.

Presumo que ele esteja se referindo à palha, mas quando olho para cima, vejo a chaminé fumegante. Alguém deve estar lá dentro.

— Talvez eles não possam nos ouvir — diz ele. — Você fica aqui e eu darei uma olhada rápida nos fundos.

Ele desaparece antes que eu possa responder e fica fora por tanto tempo que começo a me preocupar.

— Qualquer coisa? — Eu pergunto, quando ele finalmente retorna. Pode ser apenas o frio ou minha imaginação, mas ele parece mais pálido do que antes.

— Sim e não — diz ele.

— O que isso significa? Só precisamos encontrar Bob.

— Está uma bagunça nos fundos, completamente coberto de vegetação e há até um banheiro externo. Desta vez não há banheira externa, pelo menos, mas acho que quem mora aqui deve ser velho. Não há outra porta, apenas algumas janelas sujas. Eu vi uma mulher lá dentro, sentada perto de uma fogueira.

— Ótimo...

— Possivelmente não — diz ele, interrompendo meus pensamentos positivos com mais pensamentos negativos. — Bati na janela para chamar a atenção dela e acho que a assustei.

— Bem, isso é compreensível... duvido que ela receba muitos visitantes até aqui. Podemos apenas pedir desculpas. Tenho certeza que ela vai querer ajudar assim que explicarmos.

— Eu não acho. Havia velas por toda parte...

— Bem, houve um corte de energia e provavelmente está bastante escuro lá dentro.

— Não, quero dizer *em todos os lugares*. Centenas delas. Ela parecia uma bruxa lançando um feitiço.

— Não seja idiota. Esse panfleto idiota colocou ideias bobas na sua cabeça...

— Isso não foi tudo. Ela tinha um animal no colo.

Imagino o pobre Bob e me sinto mal. — Que tipo de animal?

— Um coelho branco, eu acho... — O alívio inunda meu medo. Por um momento fiquei com medo do que Adam poderia dizer. — Não tive muito tempo para absorver tudo antes que ela me visse.

— E o que aconteceu quando ela fez isso?

— Ela me encarou por um longo tempo, depois foi até a janela, tão perto quanto eu estou de você agora. Ainda carregando o gordo coelho branco, se é que era isso. Então ela fechou as cortinas.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

ROBIN



Robin não puxou apenas um par de cortinas; ela fechou todas elas.

Ela também apagou todas as velas – eram apenas um punhado, não centenas, mas os homens têm predisposição ao exagero – e depois fica sentada no escuro, esperando que seu coração pare de bater tão rápido. Nunca lhe ocorreu que alguém seria rude o suficiente para invadir sua propriedade ou andar pelos fundos sem ser convidado, espiando pelo vidro como se ela fosse um animal em um zoológico. As cortinas não são realmente cortinas... são lençóis de segunda mão pregados acima das janelas. Ela percebe o tom amarelo da fumaça do cachimbo no tecido puído. Costumava ser branco. Mas não importa o que algo costumava ser, desde que funcione. E as coisas não precisam ser bonitas para servir a um propósito. Robin pode não ser mais bonita, mas ela tem todo o direito de estar aqui.

Não como eles.

Robin costumava ficar sentada no escuro, assim, quando criança, quando estava assustada. Foi uma ocorrência muito regular. Ela faz o que fez para tentar se acalmar: cruza as pernas, fecha os olhos e depois se concentra na respiração. Respirações lentas e profundas. Dentro e

fora. Dentro e fora. Pelo menos foi só ele quem a viu, isso é motivo de alegria.

Parece óbvio agora que ela pensa sobre isso – é claro que os visitantes viriam aqui em busca de ajuda – ela só está irritada porque eles conseguiram pegá-la desprevenida.

Robin se pergunta o que eles devem estar pensando agora.

Esta não é uma situação normal para nenhum deles, longe disso, e ela espera que o estresse e o medo estejam começando a cobrar seu preço. Os casais sempre pensam que conhecem seus parceiros melhor do que ninguém – especialmente quando já têm alguns anos de experiência – mas isso não significa que isso seja verdade. Robin sabe coisas sobre os dois que ela tem certeza de que eles não sabem um do outro.

Ela o viu olhando para o coelho em seu colo, com uma mistura de horror e desgosto no rosto. Mas o coelho Oscar é seu único companheiro atualmente. Como ela, ele é uma criatura de hábitos e sempre tende a pular na poltrona depois do café da manhã com grama, vegetais frescos ou – quando chega a neve – potes de comida para bebê em lata. Pelo menos ele é real, ao contrário dos personagens que *Adam Wright* inventa dentro de sua cabeça e com os quais passa todo o tempo. O *Sr. Wright* às vezes está errado. Robin não será julgada por essas pessoas.

Ela rasteja em direção à frente da casa de quatro, evitando as janelas. Ela precisa saber se os visitantes já partiram... há tanta coisa para fazer e tão pouco tempo. Mas eles não o fizeram. Perdidos. Então ela desliza para baixo e se senta com a orelha encostada na caixa de correio lacrada, ainda segurando o coelho, acariciando seu pelo. É surreal ouvi-los falando dela do outro lado da porta. Eles podem não saber quem ela é, mas Robin sabe quem eles são. Afinal, ela os convidou para vir aqui, mesmo que eles ainda não tenham percebido.

Eles irão em breve.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

AMELIA



— Devíamos tentar bater de novo — digo.

— Não acho que seja uma boa ideia — responde Adam. — Ela parecia uma maluca.

— Shhh! Ela provavelmente pode ouvir você, este lugar não tem vidros duplos. Como você sabe que era uma mulher?

Ele dá de ombros. — Cabelo longo?

Às vezes, a incapacidade de Adam de reconhecer características faciais é mais irritante do que outras.

— Se for uma mulher — digo. — Então talvez eu deva tentar falar com ela. Não vejo nenhuma outra casa por perto, ela pode ser a única que pode nos ajudar.

— E se ela não quiser nos ajudar? — Adam sussurra.

Já estou congelando, mas sinto mais frio do que antes quando ele diz isso. Penso nos recortes de jornal de October O'Brien que ele encontrou enfiados em uma das gavetas da cozinha da capela e me sinto mal. Já faz muito tempo, mas Adam trabalhou com a atriz antes do que aconteceu, aconteceu, e às vezes ainda me pergunto...

— Você acha que ela pode ser quem você viu pela janela ontem à noite? — Ele sussurra.

Dou de ombros e isso se transforma em um arrepio. Um pouco aliviada porque pelo menos ele acredita em mim agora. — Não sei. Você?

— Como eu iria saber? Eu não vi o que você viu, e nós dois sabemos que eu não seria capaz de reconhecê-los novamente, mesmo que o fizesse.

— Bem, a pessoa que você viu agora era gorda ou magra? Velho ou jovem?

— Estatura mediana, eu acho, ela tinha longos cabelos grisalhos.

— Então, velha?

— Talvez.

— Eu me pergunto se ela é a governanta?

— Se ela for, ela é ruim.

— Alguém escreveu essas notas para nós encontrarmos — lembro a ele.

— As governantas não limpam as coisas? Pelo que vi pela janela, ela não parece saber usar um espanador. Ela pode ter uma vassoura... para voar à noite...

— Este não é o momento para fazer piadas.

— Quem disse que estou brincando? Você não viu o que eu vi com todas aquelas velas e o coelho branco no colo dela como se ela estivesse lançando um feitiço. Já temos problemas suficientes agora sem incomodar a bruxa local.

Às vezes, ter uma imaginação hiperativa é uma maldição. Pego meu celular e o seguro para ver que ainda não tenho sinal. Adam observa e depois faz o mesmo com o dele.

— Qualquer coisa? — Eu pergunto, olhando por cima do ombro. Mas ele balança a cabeça e coloca o telefone de volta no bolso antes que eu veja a tela.

— Nem mesmo uma barra. Por que não subimos até o topo daquela colina? Acho que consigo ver uma trilha — diz ele, apontando para o que me parece ser uma pequena montanha. — Um de nós pode conseguir um sinal lá em cima, e se não conseguir, pelo menos teremos uma visão de todo o vale. Se houver outras casas, ou pessoas, ou mesmo uma estrada movimentada onde possamos sinalizar para alguém, poderemos ver.

Não é uma ideia completamente maluca.

— Ok. Isso soa como um bom plano. Ainda vou escrever uma nota rápida, só para garantir.

Procuro uma caneta na bolsa e encontro um envelope velho para rabiscar.

Desculpe incomodá-lo, não queríamos nos intrometer. Estamos hospedados na Capela Blackwater. Não há telefone na propriedade, nem energia devido à tempestade, nem água graças aos canos congelados, e não há sinal de celular. Se você tiver um telefone que possamos emprestar, ficaremos muito gratos e prometeremos reembolsá-lo pela ligação. Perdemos nosso cachorro. Se você o vir, o nome dele é Bob e estamos oferecendo uma recompensa generosa por seu retorno seguro.

Muito obrigada,

Amelia

Mostro o bilhete para Adam.

— Por que você adicionou aquela parte sobre a recompensa?

— Para o caso de ela ser uma bruxa e querer transformar Bob em um coelho também — sussurro, antes de tentar enfiar o bilhete na caixa de correio. Parece que está lacrada, então deslizo o envelope por baixo

da porta. Ouço um barulho e dou um passo rápido para trás. — Venha, vamos.

— Qual é a pressa? — Adam pergunta.

Observo enquanto ele saúda um melro, para o caso de ser uma pega. É um de seus muitos hábitos supersticiosos que muitas vezes me fazem amá-lo e odiá-lo ao mesmo tempo. A ideia de que deixar de saudar uma pega resultará em azar esperando por você na próxima esquina é um mito em que minha mente lógica nunca acreditou. Mas ele acredita. Porque a mãe dele fez. Dadas as nossas circunstâncias atuais, talvez eu deva começar a saudar também.

— Eu ouvi algo — eu sussurro, quando estamos um pouco mais longe. — Acho que ela estava do outro lado da porta o tempo todo que ficamos conversando. O que significa que ela ouviu cada palavra.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ROBIN



Robin ouviu cada palavra.

Ela lê o bilhete que a mulher empurrou por baixo da porta, depois o enrola até formar uma bola antes de jogá-lo no fogo.

Robin não é uma bruxa – não que ela se importe com o que eles pensam – mas francamente foi chamada de muito pior. E daí se ela não mantiver a casa impecavelmente limpa? A casa é *dela* e como ela escolhe viver é problema *dela*. *Algumas pessoas* pensam que o dinheiro é a resposta para todos os problemas da vida, mas estão erradas, às vezes o dinheiro é a causa deles. Algumas pessoas pensam que o dinheiro pode comprar amor, ou felicidade, ou até mesmo outras pessoas. Mas Robin não será comprada. Tudo o que ela tem agora é *dela*. Ela ganhou, ou encontrou, ou fez tudo sozinha. Ela não precisa nem quer o *dinheiro, as coisas ou as opiniões* de ninguém. Robin pode cuidar de Robin. Além disso, esta casa pode não parecer grande coisa, mas era um lugar para onde ela costumava fugir quando criança. Assim como sua mãe antes dela. Às vezes, a casa é mais uma memória do que um lugar.

Os comentários sobre sua aparência pessoal doeram um pouco, mais do que deveriam. Mas hoje em dia os xingamentos não doem mais

do que urtigas, e a irritação inicial logo desaparece. Além disso, ser considerada uma mulher idosa a diverte em alguns aspectos. Só porque o cabelo dela ficou grisalho, não significa que Robin seja *velha*. Ela diz a si mesma que ele não sabe do que está falando – o homem não consegue nem reconhecer seu próprio reflexo. Mas embora a vaidade nunca tenha sido uma de suas qualidades, isso não significa que ela esteja imune a insultos.

Ela arruma um pouco a si mesma e ao lugar – porque *quer*, não por causa do que ele disse – e depois puxa cuidadosamente a ponta da cortina de lençol, para verificar se os visitantes ainda não estão espreitando do lado de fora. Ela fica satisfeita ao ver que eles já estão na metade da colina. Fora do caminho e ao alcance da voz.

Agora que ela tem certeza de que eles não podem ver ou ouvir mais nada que não deveriam, Robin se senta na velha cadeira de couro e acende seu cachimbo. Ela só precisa de uma coisinha para se acalmar e acalmar os nervos, e esta é a última chance que ela terá de fumar. Os únicos visitantes com os quais ela está acostumada atualmente são Patrick, o carteiro – que sabe que não deve bater ou dizer olá – e Ewan, o fazendeiro local que pastoreia suas ovelhas nas terras ao redor do Lago Blackwater. Ele às vezes aparece com leite ou ovos para agradecer – ela deixa os animais se alimentarem de graça e entende que a agricultura se tornou um negócio difícil. Ele também conta a ela trechos de fofocas sobre vários personagens da cidade – não que Robin queira saber – mas a maioria das pessoas fica longe.

Porque todos os moradores locais conhecem as histórias sobre a Capela Blackwater.

Robin olha pela janela para ver como estão os visitantes uma última vez. Eles estão perto do topo da colina agora, então é seguro sair. Ela veste o casaco e Oscar olha para ela. Alguns anos atrás, Robin teria pensado que um coelho doméstico era uma ideia ridícula, mas acontece que eles são companheiros surpreendentemente bons. Robin enfia uma coleira de couro vermelho no bolso e segue sozinha em direção à capela. Ela sabe o que aconteceu com o cachorro dos visitantes porque ela o levou. Mas Robin não se sente nem um pouco culpada por isso,

embora ela mesma já tivesse um cachorro, e sabe o quanto eles devem estar chateados.

Pessoas más merecem as coisas ruins que acontecem com elas.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

FERRO

Palavra do ano:

Encantado adjetivo. Sentir-se feliz ou muito satisfeito.

28 de fevereiro de 2014 - nosso sexto aniversário

Prezado Adam,

Este foi um bom ano para nós dois, não foi? Você estava feliz, o que me deixou feliz, como se fosse contagioso. Henry Winter pediu que você adaptasse outro de seus livros para o cinema - um mistério de assassinato com uma pitada de terror desta vez, chamado The Black House - e as coisas parecem estar caminhando na direção certa também com seus próprios roteiros, com Rock Paper Scissors agora em pré-produção!

Devemos agradecer a October O'Brien por isso. Ter uma atriz de primeira linha a bordo não apenas ajudou a abrir portas para seus próprios projetos em Hollywood, mas também atraiu a atenção de um grande produtor, alguém em quem você confia. Vocês

três passaram muito tempo juntos este ano, e você desapareceu para Los Angeles com eles mais de uma vez, não que eu me importe. Além disso, graças a October, acabamos de celebrar um dos nossos melhores aniversários de sempre.

Eu disse a ela que nunca estivemos fora no nosso aniversário porque você está sempre muito ocupado trabalhando - é verdade - e foi então que ela sugeriu que celebrássemos nosso sexto aniversário em grande estilo em sua villa francesa. Foi muito gentil, especialmente quando ela passou por momentos tão horríveis ultimamente. A imprensa descobriu uma multa por excesso de velocidade, uma entre muitas. O rosto bonito de October - e o carro caríssimo - apareceu nos jornais pelos motivos errados. October adora dirigir carros velozes, mas agora ela tem que ir a tribunal e por causa de todas as infrações anteriores, parece que ela pode perder sua carteira de motorista.

A travessia do Eurotúnel foi muito mais rápida do que eu imaginava. Entramos no trem e pouco mais de trinta minutos depois estávamos em Calais, como num passe de mágica. Bob usou seu passaporte de animal de estimação pela primeira vez e foi muito fácil viajar com um cachorro. Vi uma mulher atravessando o canal com um coelho no banco do

passageiro do carro. Ele usava um pequeno arnês vermelho e andava na coleira, eu nunca tinha visto nada igual!

Passamos por Paris - eu queria ver Notre Dame - depois do almoço, num pequeno café às margens do rio Sena, passeamos pelos - Bouquinistes de Paris - e os livreiros de Paris não decepcionaram. Cada um tinha sua própria exposição de livros de segunda mão - centenas deles - sob um mar de cabanas com telhados verdes ao longo do caminho ao longo do rio. Exatamente como seus antecessores vinham fazendo há centenas de anos.

Você estava em seu elemento.

— Você sabia que essas livrarias foram declaradas Patrimônio Mundial da UNESCO em 1991?
— Você disse, parando para literalmente cheirar os livros. É algo que você sempre faz, embora eu tenha achado um pouco peculiar, agora acho cativante. Adoro a maneira como você pega um livro nas mãos, virando as páginas com cuidado, como se o papel fosse feito de ouro, depois cheira-os, como se pudesse respirar a história.

— Eu não sabia disso — respondi, já tendo ouvido você contar essa história várias vezes antes.

Isso é uma coisa engraçada sobre o casamento que ninguém menciona. As pessoas pensam que quando um casal fica sem histórias para contar um ao outro, o tempo deles acaba. Eu poderia ouvir suas histórias o dia todo, mesmo as que já ouvi, porque cada vez que você conta uma história é um pouco diferente. Ninguém sabe tudo sobre outra pessoa, não importa há quanto tempo estão juntos, mas se você sentir que sabe demais, algo está errado.

— Dizem que o rio Sena é o único rio do mundo que corre entre duas estantes de livros — você disse, e segurou minha mão.

— Gosto disso — respondi, porque gostei. Eu ainda gosto.

— Eu gosto de você — você respondeu, então me beijou.

Faz anos que não nos beijamos em público assim. No início, fiquei constrangida — não tinha certeza se conseguia me lembrar como — mas depois cedi à ideia de sermos nós mesmos novamente. As pessoas que éramos. Viajamos no tempo até o momento em que eu era a garota com quem você queria se casar e você era o homem que eu esperava que pudesse convidar.

October nos emprestou sua casa francesa em Champagne enquanto ela filmava outro filme na América. Ela tem quatro casas diferentes espalhadas pelo mundo. Talvez seja por isso que ela é tão boa em mudar o sotaque e a aparência. A casa dela na França fica a vinte minutos a pé da Moët & Chandon, na Avenue de Champagne - que tenho certeza de ser o melhor endereço que já ouvi - e posso entender por que ela gosta mais de morar aqui do que em Londres ou Dublin. Sinto que estamos na Disneylândia para os amantes do vinho. A avenida principal é um paraíso de paralelepípedos para quem gosta de uma taça de espumante. Castelos elegantes alinham-se nas ruas de ambos os lados, cada um de propriedade dos produtores de vinho mais antigos e conhecidos do mundo. A cidade em si está repleta de restaurantes premiados e pequenos bares fofos, todos servindo champanhe como se fosse limonada.

O refúgio francês da sua atriz favorita tem a localização perfeita: perto o suficiente para caminhar até o centro da cidade, mas longe o suficiente para nos sentirmos no campo, com vistas deslumbrantes dos vinhedos e do vale abaixo. O edifício já foi uma pequena e abandonada antiga vinícola independente. Agora é uma casa luxuosa, toda com vigas de

madeira e grandes janelas de vidro. Moderna, mas com características originais suficientes para que se sinta em casa. Nada mal para uma mulher com menos de trinta anos. Ela parece ter pegado o vírus da reforma e já está de olho em outro imóvel abandonado que quer transformar, segundo você. Em algum lugar um pouco mais remoto.

Chegamos tarde, então depois de um jantar de camembert cozido, geleia e pão francês fresco, acompanhado de uma garrafa de champanhe - bem claro - foi direto para a cama.

— Feliz aniversário — você disse na manhã seguinte, me beijando para me acordar.

A princípio eu não tinha certeza de onde estava, mas depois relaxei quando vi a vista deslumbrante do quarto de hóspedes: nada além de céu azul, sol e vinhedos. Você sorriu quando me deu meu presente e pareceu bastante satisfeito consigo mesmo. Sinto muito se pareci um pouco desapontada quando o abri. Eu ainda estava meio adormecida e não esperava que você me desse um marcador. Não me interpretem mal, no que diz respeito aos marcadores, é muito bonito: feito de ferro para representar o nosso sexto ano e gravado:

FERRO QUE ESTA FELIZ POR TER CASADO COM VOCÊ.

Você parecia achar isso hilário.

— Estou muito encantado por você adorar ler tanto quanto eu hoje em dia — você disse. — É bom passar uma noite com alguns livros e uma garrafa de alguma coisa boa em frente ao fogo, não é?

— Ninguém com menos de setenta anos usa mais a palavra encantado — respondi.

É verdade: leio tanto quanto você hoje em dia. Que escolha eu tenho? Ou é lido junto ou sozinho.

Dei-lhe o seu presente: uma chave de ferro vintage muito elaborada. Você parecia tão impressionado quanto eu provavelmente alguns minutos antes, e decidi que talvez precisássemos melhorar nossas escolhas de compra de presentes.

— O que isso abre? — Você perguntou.

— Um segredo — eu disse, enfiei a mão debaixo dos lençóis brancos.

Acho que você vai se lembrar do que fizemos então, duas vezes, no quarto de October O'Brien. Foi o melhor sexo que tivemos em muito tempo. Havia várias fotos da nossa adorável anfitriã penduradas nas paredes: October ganhando um Bafta, ou posando com membros da família real para o trabalho de caridade que ela faz, ou sorrindo com outras jovens e lindas celebridades de Hollywood que eu provavelmente deveria conhecer os nomes, mas não faço. Eu tive que me virar a certa altura, preocupada que ela estivesse nos observando.

Eu me odeio por pensar isso, mas espero que tenha sido eu que você estava imaginando na cama dela.

Fiquei de olho no lugar enquanto você tomava banho. Quem não gostaria? Havia lemas inspiradores espalhados, incluindo uma impressão emoldurada que dizia: VOCÊ CONSEGUE O QUE TRABALHA, NÃO O QUE DESEJA e - meu favorito - SEJA A PESSOA QUE SEU CÃO PENSA QUE VOCÊ É. Eu não sabia que ela tinha um. Havia também alguma correspondência fechada no capacho, e dois dos envelopes que peguei estavam endereçados a um certo R. O'Brien.

— Eu não sabia que October era casada — eu disse, colocando o envelope na penteadeira e dando uma olhada rápida em suas gavetas.

— Ela não é — você respondeu do banheiro.

— Então quem é R. O'Brien?

— O quê? — Você perguntou, gritando acima do som do chuveiro.

— Essas cartas são todas endereçadas a alguém chamado R. O'Brien.

— October é apenas o nome artístico dela. Isso ajuda a manter a vida privada dela privada — você disse. — Ainda bem que a imprensa às vezes vai atrás dela. Aquela história da multa por excesso de velocidade e todas as manchetes que ela gerou, você pensaria que ela matou alguém. — Então você imediatamente mudou de assunto e fiquei feliz, porque queria que esse tempo fora fosse só sobre nós. Somente nós.

Eu te dei essa chave de ferro porque quero te contar a verdade sobre tudo. Tudo isso. Estamos muito felizes no momento e não quero mais que haja segredos entre nós. Mas quando você a desembulhou

e segurou a chave de tudo em suas mãos, algo parecia errado. Por que arruinar o nosso presente ou comprometer o nosso futuro com o meu passado? Melhor nos deixar viver mais um pouco essa nossa versão feliz.

Todo meu amor,

Sua esposa

xx

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ADAM



Eu me cuido melhor do que minha esposa, ela passa muito tempo cuidando dos outros. Quando chegamos ao topo da colina, ela está com o rosto vermelho e um pouco sem fôlego. Eu poderia ter facilitado as coisas, talvez ter ido um pouco mais devagar, mas queria levar nós dois para o mais longe possível daquele chalé o mais rápido possível.

— Não consigo ver nada — diz ela.

— Isso porque não há nada para ver.

A rigor, nenhuma dessas coisas é verdade.

Daqui de cima há uma visão completa de trezentos e sessenta graus do vale – exatamente como previ que haveria – com apenas montanhas nevadas e áreas selvagens até onde a vista alcança. É impressionante, mas a vista de outra casa, ou de um posto de gasolina, ou de uma cabine telefônica, poderia ter sido preferível, dadas as circunstâncias. Uma paisagem linda, mas árida, era exatamente o que eu temia: nenhum lugar para correr. Ou se esconder. Estamos completamente isolados.

Eu vi algo, no entanto.

De volta à casa de campo.

Isso tem me incomodado desde então.

Não reconheci a mulher – nunca reconheci ninguém, mas tive uma estranha sensação de déjà vu. Tento guardá-la em um dos cantos mais escuros da minha mente – fora da vista –, em vez disso, olho para minha esposa. Ela está de costas para mim, ocupada apreciando a vista do vale. Posso dizer que ela está tentando recuperar o fôlego e organizar seus pensamentos, ambos parecem ter escapado dela. Eu gostaria de poder ver minha esposa como as outras pessoas veem. Reconheço o formato do corpo de Amelia, o comprimento e o estilo do seu cabelo. Conheço o cheiro do seu shampoo, do seu creme hidratante e do perfume que dou a ela nos aniversários ou no Natal. Conheço sua voz, suas peculiaridades e maneirismos.

Mas quando olho para o rosto dela, posso estar olhando para qualquer pessoa.

Li um thriller sobre uma mulher com prosopagnosia no ano passado. Fiquei genuinamente entusiasmado no início... não se escreveu muito sobre a cegueira facial. Achei que poderia ser uma boa premissa e dar um bom drama de TV, além de ajudar a aumentar a conscientização sobre a doença, mas infelizmente não. A escrita foi tão decepcionante e medíocre quanto o enredo, e recusei o trabalho. Passo tanto tempo reescrevendo as histórias de outras pessoas que gostaria de ser melhor reescrevendo as minhas.

Às vezes penso que deveria ter sido um autor. As palavras de um autor são tratadas como ouro, são intocáveis e vivem felizes para sempre dentro de seus livros – mesmo os ruins. As palavras de um roteirista são, em comparação, jujubas; se um executivo não gosta delas, eles as mastigam e cospem fora. Junto com quem as escreveu. Minha própria experiência na vida real teria sido um thriller melhor do que aquele. Imagine não ser capaz de reconhecer sua esposa, ou seu melhor amigo, ou a pessoa responsável pelo assassinato de sua mãe bem na sua frente quando criança.

Minha mãe foi quem me ensinou a ler e a me apaixonar pelas histórias. Devorávamos juntos os romances da biblioteca do apartamento municipal onde cresci, e ela disse que os livros me levariam a qualquer lugar se eu deixasse. Mentiras gentis são primas das mentiras brancas. Ela também disse que meus olhos ficavam quadrados por causa de toda a TV que eu insistia em assistir, mas quando nossa velha TV quebrou, minha mãe vendeu todas as suas joias – exceto seu amado anel de safira – na loja de penhores para me comprar outra. Ela sabia que os personagens que eu amava em livros, filmes e programas de TV preenchiam as lacunas deixadas pela família ausente e pelos amigos inexistentes quando eu era criança.

Vê-la morrer sempre será a pior coisa que já aconteceu comigo.

— O que é que devemos fazer agora? — Amelia pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Foi uma subida longa e íngreme até ao topo desta colina, ambos estamos mal vestidos para a caminhada e para o clima, parece que foi tudo em vão. Nenhum de nós tem sinal em nossos telefones, mesmo aqui. Não há sinal de Bob ou qualquer forma de pedir ajuda. Posso ver a capela ao longe, e ela parece muito menor do que antes. Menos ameaçadora. O céu, por outro lado, escureceu desde que saímos. As nuvens parecem determinadas a bloquear o sol e Amelia está tremendo. Estava tudo bem quando estávamos em movimento, mas também sinto frio desde que paramos e sei que não devemos ficar parados por muito tempo.

Ao chegar ao topo de uma colina, muitas vezes você pode olhar para trás e ver todo o caminho que percorreu para fazer a jornada. Mas enquanto você está no caminho, às vezes é impossível ver para onde está indo ou onde esteve. Parece uma metáfora para a vida, eu ficaria tentado a escrever o pensamento se não estivesse com tanto frio. Dou uma última olhada ao redor, mas além da capela e da cabana, não há realmente nada para ver, exceto uma paisagem coberta de neve por quilômetros em todas as direções.

— Acho que realmente estamos no meio do nada — digo.

— Estou congelando — ela responde com os dentes batendo. — Pobre Bob.

Tiro minha jaqueta e a enrolo. — Venha, vamos. Acenderemos o fogo quando voltarmos, nos aqueceremos e bolaremos outro plano. Será mais fácil descer.

Estou errado sobre isso.

O chão parece ainda mais escorregadio agora do que na subida, uma combinação de neve e gelo torna o nosso progresso lento. O céu lamacento fica com um tom mais escuro de cinza, embora nós dois façamos um bom trabalho fingindo não notar as primeiras gotas de granizo, segundos depois é impossível ignorá-las. Nossas roupas não foram projetadas para resistir ao inverno extremo, e nós também não. O vento sopra granizo sobre nós de todas as direções, em poucos minutos estamos ambos encharcados. Até eu estou tremendo agora.

Justamente quando penso que as coisas não podem piorar – em termos de clima – o gelo se transforma em granizo, caindo do céu como balas. Prevejo que ambos estaremos cobertos de hematomas quando voltarmos. Se voltarmos. Sempre que me atrevo a olhar para cima, arriscando ficar com o rosto cheio de minúsculas bolinhas de gelo, percebo que não parecemos estar descendo a colina. A capela ainda parece pequena e muito distante.

O bombardeio de cima diminui e o granizo se transforma em neve.

— Vamos tentar progredir um pouco mais enquanto podemos — digo, estendendo a mão para ajudar Amelia a descer de uma parte a outra do caminho rochoso. Mas ela não pega minha mão.

— Posso ver alguém — diz ela, olhando para longe.

Protejo os olhos, examino o vale abaixo, mas não vejo nada. — Onde?

— Indo para a capela — sussurra Amelia, como se pudessem ouvi-la do que ainda deve estar a mais de um quilômetro de distância.

Com certeza, vejo a forma de uma pessoa subindo os degraus da capela.

Procuro a chave gigante com a qual tranquei as velhas portas de madeira antes de sairmos e começo a relaxar quando a encontro no bolso. Mas minha breve sensação de conforto evapora quando observo a figura sombria abrir as portas e desaparecer lá dentro. Tenho certeza de que devo ter imaginado isso – embora seja difícil ter certeza de alguma coisa desta distância, mas parecia que estava usando um quimono vermelho. Igualzinho ao que minha mãe costumava usar quando convidava... amigos para ficar. Tento Control-Alt-Delete o pensamento, como sempre, mas as chaves em minha mente ficam presas. Posso ter imaginado o que estava vestindo, mas alguém acabou de entrar na capela. Mesmo que eu descesse a colina correndo e conseguisse não escorregar no gelo ou cair na neve, acho que levaria pelo menos vinte minutos para voltar lá e confrontar quem acabou de entrar.

— Diga-me como acabamos ficando neste lugar de novo — eu digo, com uma voz trêmula que soa como uma imitação pobre da minha.

— Eu já te disse. Ganhei o fim de semana fora no sorteio de Natal dos funcionários.

— E você descobriu quando recebeu um e-mail?

— Sim.

— E o e-mail era de...?

— A governanta. Eu já te disse.

— Alguém mais que você conhece no trabalho ganhou algo semelhante?

— Nina ganhou uma caixa de chocolates Quality Street, mas comprou vinte rifas, então com certeza ganharia alguma coisa.

— Quantos bilhetes de rifa você comprou? — Eu pergunto, já temendo a resposta.

— Apenas um.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

ROBIN



Robin não leva muito tempo para caminhar do chalé até a capela.

Oscar parecia muito triste quando ela o deixou para trás, suas grandes orelhas brancas e caídas pareciam cair ainda mais do que o normal. Robin precisava desesperadamente de algum conforto e companhia quando chegou a Blackwater, e Oscar parecia um bom nome para o companheiro que encontrou. Robin sempre gostou muito daquelas sólidas estátuas de bronze que a indústria cinematográfica distribuía uma vez por ano. Seu único Oscar pode ser um coelho, mas ela o ama.

Ela avistou os visitantes no mirante no topo do morro ao longe e sabia que tinha pelo menos meia hora para fazer tudo o que precisava. Eles não conseguiriam voltar a tempo de detê-la, mesmo que tentassem. Ao contrário deles, ela tem equipamentos adequados para o inverno. Mesmo que as botas emprestadas sejam muito grandes, elas ainda são melhores do que os tênis da moda para caminhadas em colinas e campos cobertos de neve.

Ela para do lado de fora da capela brevemente antes de entrar, parando um momento para olhar para os vitrais e para o pequeno campanário branco situado no topo do edifício. Com o lago e as

montanhas ao fundo, é como olhar uma pintura. Ela percebe que está aqui há muito tempo em mais de um aspecto; uma pessoa pode se tornar imune à beleza quando exposta a ela com muita frequência. Quando Robin entra, o vento também entra, soprando no ar uma nuvem de partículas de poeira disfarçadas de neve. Ela se diverte com o fato de os visitantes pensarem que ela é a governanta. Não é por isso que ela tem uma chave.

Robin tira as botas na sala de bagagens – o lugar pode estar imundo, mas não há necessidade de piorar as coisas – e depois vai até a cozinha. Suas meias têm mais buracos do que um par de meia arrastão, mas não desperdice, não queira. A capela está ainda mais fria que o normal e já cheira diferente de antes de eles chegarem. Vestígios do cachorro, junto com o perfume avassalador da mulher, agora permeiam o ar viciado.

Ela corre para a sala que mais parece uma biblioteca, depois tira a luva da mão direita e passa os dedos pelas lombadas dos livros que se alinham nas estantes. Ela faz isso toda vez que vem aqui, da mesma forma que algumas pessoas não resistem a tocar nas pontas do trigo no campo. Ela percebe um leve cheiro de fumaça e vê que os visitantes queimaram todas as toras que ela deixou para eles na noite anterior. Não que isso importe agora. Pelo menos, não para ela. Isso pode ser importante para eles mais tarde.

Quando ela se agarra ao corrimão da escada em espiral, um milhão de lembranças indesejadas inundam sua mente, afogando sua coragem e turvando sua concentração.

Seu foco determina seu futuro.

Robin gosta bastante de lemas inspiradores como esses. Ela repete as palavras para si mesma até que seus pensamentos fiquem firmes novamente, então sobe as escadas barulhentas, ignorando os rostos que faltam entre as fotos emolduradas na parede.

A cama onde os visitantes dormiram na noite passada não foi feita. Ainda parece estranho deixá-los dormir aqui. Mas não demora muito para que Robin ajeite os lençóis, endireite o edredom e ajeite os

travesseiros. É o mínimo que ela pode fazer: se os visitantes ainda estiverem aqui esta noite – e estarão – eles precisarão descansar. Aí ela olha dentro das malas e estuda as coisas, porque pode e porque quer.

Ela começa no banheiro. Robin encontra o shampoo da mulher, cheira-o antes de jogar o conteúdo na pia. Ver as escovas de dente rosa e azul lado a lado provoca outra onda de irritação, então ela pega as duas e as usa para limpar o vaso sanitário. Ela esfrega com tanta força que as cerdas parecem achatadas. Então ela coloca tudo de volta como encontrou.

Os potes de creme facial deixados no parapeito da janela parecem caros, então Robin aplica um pouco nas próprias bochechas. Já faz um tempo que sua rotina de cuidados com a pele consistia em algo além de uma flanela molhada uma vez por dia, e o hidratante é tão gostoso que ela decide mantê-lo, guardando o pote no bolso. Ela volta para o quarto e dá uma última olhada ao redor, percebendo que a gaveta de uma das mesas de cabeceira está ligeiramente aberta. Ela olha mais de perto, esperando que algo tenha sido deixado lá dentro.

A forma como algumas pessoas confiam cegamente nos outros sempre deixou Robin perplexa. Pelo menos um dos visitantes acreditava que vinha passar um fim de semana fora e que a Capela Blackwater era algum tipo de aluguel para temporada. Não é e nunca será. Pelo menos não enquanto ela estiver viva.

Quando Robin pensa nas propriedades em que as pessoas pagam grandes quantias de dinheiro para ficar: hotéis, Airbnbs, casas de campo caras à beira-mar, ela não consegue deixar de pensar em todas as outras centenas de estranhos que dormiram nos mesmos lençóis, bêbados desde o início. mesmos copos, ou cocô no mesmo banheiro antes. Todas aquelas pessoas, usando os mesmos códigos de acesso todos os dias de mudança – mãos diferentes colocando as mesmas chaves em bolsos diferentes uma vez por semana. As fechaduras raramente são trocadas, mesmo quando as chaves dos imóveis alugados são perdidas, então quem sabe quantas pessoas podem realmente ter uma cópia. Qualquer pessoa que já tenha ficado lá pode voltar a qualquer momento e entrar.

Ela encontra uma carteira na gaveta. Parece estranho que o homem a tenha deixado para trás, mas os donos de animais agem de forma estranha quando preocupados com seus animais de estimação. Robin pode entender isso. Ela tira os cartões de crédito da carteira, um por um, esfregando o polegar no nome em relevo. Então ela encontra um formato de papel amassado entre as dobras de couro. Ela o segura contra a luz e vê que é um grou de origami. Está um pouco queimado nas bordas, mas Robin sabe que os grous supostamente trazem boa sorte, e o fato de ele carregá-lo na carteira faz com que ela o odeie um pouco menos. Ela coloca todo o resto como o encontrou.

Há um inalador na gaveta do outro lado da cama. Robin coloca na boca e dá uma tragada, mas não é tão satisfatório quanto seu cachimbo. Ela expele o resto do conteúdo no ar e leva consigo o inalador vazio, junto com os comprimidos para dormir prescritos que encontrou. Depois de uma rápida viagem até a torre para tocar o sino da capela, Robin volta para dentro para terminar o que começou.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

AMELIA



Adam começa a descer a colina correndo em direção à capela, mas não consigo acompanhá-lo.

Ele tem estado um pouco preocupado com sua própria saúde e preparo físico recentemente e começou a tomar vitaminas e suplementos, o que é novidade. Sua obsessão por correr pelo menos duas vezes por semana finalmente está dando resultado, e eu digo a ele para não esperar; quanto mais cedo um de nós voltar, melhor. Continuo tendo que parar para recuperar o fôlego. Esqueci de trazer meu inalador – deixando-o tolamente ao lado da cama, em pânico para encontrar Bob –, mas sei que ficarei bem, desde que tome meu tempo e tente manter a calma.

Parece mais fácil na minha cabeça do que na realidade.

Se nós dois não tivéssemos visto alguém entrando na capela, eu poderia ter pensado que estava imaginando. Mas foi real. Talvez seja a governanta misteriosa? Vindo verificar se estamos bem depois da tempestade? Digo a mim mesma que quem quer que seja poderá nos ajudar. E quero. Porque nenhuma das outras possibilidades de audição dentro da minha mente é boa. Quando chego à trilha coberta de neve no sopé da colina, fico aliviada por estar novamente em uma superfície

plana. A vantagem de Adam aumentou. Ele não está longe da capela agora, então corro o mais rápido que posso, tentando alcançá-lo.

Paro quando o sino da torre começa a tocar.

A neve bate em meu rosto. Não vi Adam entrar, mas ele deve ter visto, porque quando olho para cima, protegendo meus olhos da nevasca implacável, ele desapareceu. Ele tocou o sino? Lembro-me antes, quando Adam disse que as portas principais eram a única entrada e saída da capela. Não vi ninguém sair, o que significa que quem quer que vimos entrar ainda está lá. Qualquer coisa pode estar acontecendo. A última tempestade de neve parece ter deixado o mundo preto e branco. Mal consigo ver minha própria mão quando a seguro na frente do rosto. Tento correr mais rápido, mas continuo correndo e meu peito começa a doer. Meu coração está batendo muito rápido e minha respiração está muito superficial. Minha ansiedade piora sabendo que mesmo em uma emergência médica não temos como pedir ajuda.

Quando finalmente chego às enormes portas da capela, não preciso me preocupar em bater – elas estão abertas e o chão da sala de bagagens está coberto de neve. Vejo um par de botas Wellington grandes e desconhecidas ao lado do antigo banco da igreja e percebo que alguém desenhou vários rostos sorridentes na poeira da superfície de madeira. Eu me pergunto se isso significa alguma coisa e levanto a tampa, mas está vazia. Quando olho para cima, vejo meu reflexo na parede de pequenos espelhos. Eu pareço destruída.

— Adam? — Eu chamo, mas me deparo com um silêncio estranho.

A cozinha está vazia, assim como a sala cheia de livros. Subo correndo a escada em espiral de madeira até o primeiro andar, ofegando e agarrando o corrimão como uma bengala. Ignoro a placa de PERIGO, MANTENHA-SE FORA na porta mais distante e subo os degraus da torre do sino. Mas não há ninguém lá e o quarto também está vazio. Não faz sentido. A dor no meu peito não está melhorando, então abro a gaveta ao lado da cama. Meu inalador desapareceu. Tenho certeza de que foi onde deixei, e agora o pânico começa a tomar conta de mim.

Preciso encontrar Adam. De volta ao patamar, tento abrir as outras portas, mas ainda estão todas trancadas. Ele não está aqui, já procurei em todos os cômodos. Então me lembro da cripta.

— Adam! — Eu grito novamente.

Silêncio.

Corro tão rápido que quase caio da escada que range.

— Eu estou aqui! — Ele chama quando chego à sala, mas não consigo vê-lo.

— Onde você está? — Eu grito de volta.

— Atrás da estante na parede do fundo.

Ouçoo suas palavras, mas não consigo entendê-las.

Sigo o som de sua voz, olhando para as estantes repletas de livros do chão ao teto. Não entendo até ver um raio de luz revelando uma porta secreta, coberta por lombadas de livros antigos. Hesito antes de abri-lo, mais uma vez sentindo como se tivesse caído na toca do coelho ou ficado presa em um dos livros sombrios e perturbadores que meu marido adora adaptar.

A porta fina se abre e revela outro cômodo. É um escritório, mas diferente de tudo que já vi antes. O espaço longo, estreito e escuro tem apenas um vitral para iluminar. Há uma mesa antiga em uma das extremidades e meu marido está sentado nela.

— Quem quer que estivesse aqui se foi — diz Adam sem erguer os olhos. — Eu procurei em todo o lugar. A única coisa que notei de diferente foi que a porta desta sala estava aberta.

— Eu não entendo...

— Acho que estou começando. Eu reconheço esta sala.

Ele não parece notar que mal consigo respirar. Não existem suplementos para pessoas que sofrem de déficit de simpatia, e meu marido sempre se distraiu facilmente com seus próprios pensamentos e sentimentos. — Você reconhece?

— Sim, eu já vi isso antes. A princípio não consegui pensar onde e então percebi isso — diz ele, batendo na mesa de madeira brilhante. — Vi uma foto desse escritório em uma revista, ainda que á alguns anos. E lembro sobre quem era o artigo. Você diz que ganhou um fim de semana fora por acaso, numa rifa, mas isso não pode ser verdade. É tudo muita coincidência. Eu sei a quem esta propriedade pertence agora.

CAPÍTULO QUARENTA

COBRE

Palavra do ano:

Desorientado adjetivo. Sentindo-se confuso e desconcertado.

28 de fevereiro de 2015 - nosso sétimo aniversário

Prezado Adam,

Foi um ano difícil.

October O'Brien foi encontrada morta num hotel de Londres há alguns meses e você foi uma das últimas pessoas a vê-la viva. Suspeita de suicídio segundo os jornais. Não houve nenhum bilhete, mas garrafas vazias de álcool e comprimidos foram encontrados ao lado de sua cama. Foi obviamente devastador. É surpreendente; a mulher sempre pareceu tão feliz e positiva, pelo menos externamente. Quase trinta anos e tanto para viver. Vocês dois se tornaram bastante próximos - eu também gostava dela - mas isso também significa que as filmagens de Rock Paper Scissors foram canceladas. Você não

pode fazer uma série de TV sem a estrela do programa.

O funeral foi horrível. Você poderia dizer que muitas pessoas estavam apenas representando o que achavam que o luto deveria ser. Canalhas de duas caras. Parece que amigos genuínos são ainda mais difíceis de conseguir quando você é famoso. Fiquei surpresa ao descobrir que o nome verdadeiro de October era Rainbow O'Brien. Seus pais eram hippies e ninguém na cerimônia usava preto.

— Graças a Deus ela usou um nome artístico — você sussurrou.

Assenti, mas não tinha certeza se concordava. Ela era um pouco como um arco-íris: linda, cativante, colorida e desapareceu de nossas vidas quase assim que apareceu nelas. Eu costumava pensar que um nome era apenas um nome. Agora não tenho tanta certeza. Eu também me tornei bastante amiga de October - bebidas ocasionais, passeios com cães e visitas a galerias de arte - e também sinto falta dela. Parece que algo, não apenas alguém, está faltando em nossas vidas, agora que ela não está mais nelas.

Uma viagem à New York parecia uma ótima maneira de passar nosso sétimo aniversário e distrair tudo, até que percebi que coincidia com a estreia do último filme de Henry Winter, *The Black House*. Você estava tão ansioso para agradar, lisonjeado quando ele disse ao agente e ao estúdio que só compareceria se você o fizesse. Você pensou que era porque ele estava satisfeito com a adaptação e queria que você recebesse o crédito que merecia por escrever o roteiro. Mas não era por isso que ele queria você lá. Ou por que ele sugeriu que você convidasse sua esposa.

Você tem estado mal-humorado e um pouco distante recentemente, eu não queria começar outra briga, mas brincar de groselha⁸ para dois escritores enquanto eles se deliciavam com o calor temporário do sol inconstante de Hollywood não me atraiu muito. Nem andar pelo tapete vermelho do antigo cinema em Manhattan onde a estreia foi realizada. O Ziegfeld era o meu tipo de lugar: um cinema antigo decorado em vermelho e dourado, com um mar de assentos macios de veludo vermelho. Mas ser fotografada no caminho me fez sentir uma fraude. Detesto que me tirem fotografias mesmo nas melhores alturas, em comparação com todas as lindas criaturas presentes - com as suas cinturas finas e cabelos grandes,

temi que pudesse ser uma decepção para vocês. É difícil brilhar rodeada de estrelas. A ideia de ser normal parece deixar você tão infeliz, mas é tudo que eu sempre quis que fôssemos.

O acordo era que passaríamos um tempo a sós depois da estreia, mas então Henry queria que você o acompanhasse em mais alguns eventos no dia seguinte. Eu entendo por que você não pôde dizer não. Eu só queria que você não quisesse dizer sim. Entendo que você sempre foi um grande fã dele e entendo o quanto você está grato por ele ter permitido que você adaptasse seu trabalho. Eu sei o que isso significa para sua carreira, mas já não paguei o preço por isso? Vaguear sozinha por uma cidade enquanto você segura a mão de um autor em vez da minha não é minha ideia de feliz aniversário.

Você não é você mesmo há um tempo. Eu sei que você está de luto por October, entendo que ela era mais do que apenas uma colega, e o sonho de ver seu próprio trabalho na tela parando, novamente, também deve ser perturbador. Mas ainda parece que há algo mais acontecendo. Algo que você não está me contando. Tem moradores na nossa vida, aqueles que ficam anos, e tem os turistas que estão só de passagem. Às vezes pode ser difícil perceber a diferença. Não podemos, não devemos conseguimos e

não devemos tentar segurar todos que encontramos, e conheci muitos turistas na minha vida, pessoas que eu deveria ter mantido a uma distância segura. Se você não deixar ninguém chegar muito perto, eles não poderão te machucar.

Passei o dia sozinha, visitando partes de Nova York que nunca tinha visto antes, enquanto você seguia Henry Winter pela cidade. O autor idoso pode parecer encantador para você, nas raras ocasiões em que você esteve na companhia dele, mas na vida real o homem vive como um eremita, bebe como um peixe e é impossível de agradar. Não posso te dizer isso, porque não deveria saber. Eu li todos os seus livros também, assim como você. Seu mais recente foi, na melhor das hipóteses, medíocre, mas você ainda age como se o homem fosse a reencarnação de Shakespeare.

Tentei não pensar nisso quando visitei a Estátua da Liberdade. A balsa para a ilha estava lotada, mas eu ainda me sentia sozinha. Dentro do monumento, juntei-me a um grupo de estranhos para um passeio. Havia famílias, casais, amigos, e ao subirmos a escada, percebi que todos pareciam ter alguém com quem compartilhar a experiência. Exceto eu. Um amigo do trabalho mandou uma mensagem perguntando como estava indo a viagem. Não o

conheço há muito tempo e parecia um pouco familiar demais, então não respondi.

Existem trezentos e cinquenta e quatro degraus até a coroa da Estátua da Liberdade. contei silenciosamente as razões pelas quais ainda estávamos juntos enquanto os subia. Ainda há muitas coisas boas em nosso casamento, mas um número crescente de coisas ruins me faz sentir como se estivéssemos começando a nos desfazer. Essa distância entre nós, os espaços vazios em nossos corações e palavras; isso me assusta. Muitos casais que conhecemos estão se atrapalhando, mas a maioria deles tem a cola de uma jovem família para mantê-los unidos. Nós só temos nós. Fiz algo que nunca faço no topo... tirei uma selfie.

Fui para Coney Island depois disso. Acho que deve ser mais movimentado no verão, mas gostei bastante de passear pelas arcadas fechadas. Até encontrei um presente de última hora para você - o tema cobre deste ano representou um certo desafio. Tivemos tantos altos e baixos ao longo do nosso relacionamento, mas suponho que o sétimo ano seja difícil. Já ouvi falar da coceira dos sete anos e tenho certeza de que você também deve ter ouvido. Aconteça o que acontecer, sei que não serei a primeira a arranhá-lo.

Quando meus pés doeram de tanto caminhar, voltei para o apropriadamente chamado Library Hotel. É um refúgio boutique pequeno, mas perfeitamente formado, cheio de livros e personalidade. Cada andar tem uma matéria e o nosso era matemática. O terror poderia ter sido mais apropriado; dada a forma como esta noite acabou.

Eu tinha reservado uma mesa para jantarmos - sabia que você esqueceria de lembrar - em uma churrascaria próxima chamada Benjamin, recomendada pelo concierge. A decoração e a atmosfera me fizeram pensar em *O Iluminado* e *O Poderoso Chefão* - o que mais uma vez parece bastante adequado em retrospectiva - mas o serviço e os bifes eram perfeitos. Assim como o vinho. Bebemos duas garrafas de vinho tinto enquanto eu ouvia você me contar sobre seu dia com Henry. Você não perguntou sobre o meu, nem notou o vestido novo que comprei na Bloomingdale's. Me elogiar é algo que você só faz por acidente hoje em dia.

Esqueci de acenar esta noite quando você entrou no restaurante, mas de alguma forma você ainda sabia que era eu. Dado que todos os rostos parecem iguais para você e eu estava usando algo que você nunca tinha visto, sua confiança ao se sentar à nossa mesa era estranha e surpreendente. Fiquei

igualmente perplexa com a quantidade de atenção que você prestou à garçonne, me perguntando como você reconhecia a beleza de seus traços de vinte e poucos anos se não conseguia ver seu rosto.

Acho que sabia que iríamos discutir antes mesmo de você dizer o que disse. Às vezes, as brigas são como tempestades e você pode vê-las chegando.

— Sinto muito por fazer isso, mas Henry quer que eu vá com ele para Los Angeles. Dado todo o burburinho em torno deste filme, o estúdio quer adaptar outro de seus livros, ele diz que só aceitará a ideia se eu for encontrá-los e concordar em escrever o roteiro.

— E quanto à *Rock Paper Scissors*? Você não vai desistir disso, não é? É terrível em relação a *October*, mas há outras atrizes. Trabalhar nos romances de Henry deveria ser apenas um trampolim para...

— Não acho que escrever o roteiro de um filme de sucesso de um livro best-seller, escrito por um dos autores mais bem-sucedidos de todos os tempos, seja um trampolim.

— Mas o objetivo disso era ajudá-lo a fazer seus próprios programas de TV e filmes - não os

dele - para fazer o que você realmente queria.

— É isso que eu quero. Sinto muito se minhas escolhas profissionais não são boas o suficiente para você.

Nós dois sabíamos que não era isso que eu queria dizer, e pude ver que você não estava nem um pouco arrependido.

— E o que eu quero? Foi ideia sua passarmos alguns dias juntos em Nova York e até agora mal te vi...

— Porque eu não poderia deixar você para trás. Eu nunca teria ouvido o fim disso.

Pela primeira vez, parece que sou eu quem não consegue reconhecer meu cônjuge. — O quê?

— Você não parece ter amigos ou mesmo uma vida própria atualmente.

— Tenho amigos — digo, lutando para pensar no nome de alguém que possa ajudar a sustentar minha afirmação.

É difícil quando todas as pessoas da minha idade que eu conhecia parecem ter filhos agora. Todos eles desapareceram dentro de suas novas e felizes famílias, e os convites secaram. Isso me lembrou um pouco da escola... sendo rejeitada pelas crianças legais porque eu não tinha o último acessório indispensável. Mudei de escola mais de uma vez enquanto crescia. Eu sempre fui a garota nova e todo mundo já se conhecia há anos. Eu não me encaixava - nunca me encaixo -, mas as adolescentes podem ser cruéis. Tentei fazer amigos e consegui por um tempo, mas sempre estive no sistema solar externo daqueles relacionamentos de infância. Como um planeta menor e mais silencioso, orbitando distantemente os mais brilhantes, mais bonitos e populares.

Ainda tentei manter contato - participando de festas de aniversário ocasionais, ou despedidas de solteira obrigatórias ou casamentos de alguém com quem não falava há anos - mas à medida que todos crescemos e nos distanciamos, acho que fiquei mais distante. Meus relacionamentos de infância deram o tom para aqueles que formei quando adulta. Foi mais autopreservação do que qualquer outra coisa da minha parte. Jamais esquecerei a mulher que fingiu amamentar os filhos até os quatro anos de idade.

Sempre inventando desculpas para evitar me ver...
como se minha infertilidade pudesse ser contagiosa.
Hoje em dia me preocupo mais em gostar de mim
mesma do que em ser querida pelos outros, e não
perco mais meu tempo com amigos falsos.

Você pegou minha mão, mas eu a puxei, então você
pegou seu vinho.

— Sinto muito — você disse, mas eu sabia que
não, na verdade não. — Eu não quis dizer isso —
você acrescentou, mas era apenas mais uma mentira.
Você fez. — Henry é um escritor sensível. Ele
realmente se preocupa com seu trabalho e em quem
ele confiará. Ele teve um ano difícil...

— Já tive vários. Quanto a mim? Você está
agindo como se ele fosse seu melhor amigo de
repente. Você mal conhece o homem.

— Eu o conheço muito bem; conversamos o tempo
todo.

Já faz um tempo que não me sinto tão
desconcertada. Quase engasquei com meu bife. — O
quê?

— Henry e eu conversamos com bastante regularidade. No telefone.

— Desde quando? Você nunca mencionou isso.

— Eu não sabia que precisava contar a você sobre todas as pessoas com quem falo ou obter sua permissão.

Nós nos encaramos por um momento.

— Feliz aniversário — eu disse, colocando um pequeno embrulho de papel sobre a mesa.

Você fez uma careta que me fez pensar que tinha esquecido de me dar um presente, mas depois me surpreendeu tirando algo do seu bolso.

Você insistiu que eu abrisse o seu primeiro, então eu abri. Era uma pequena moldura suspensa de cobre e vidro. Dentro havia sete moedas de cobre de um centavo. Todas tinham datas diferentes, uma de cada um dos sete anos em que estamos casados. Deve ter levado muito tempo e reflexão para encontrar todas elas.

Você limpou a garganta e pareceu um pouco envergonhado. — Feliz Aniversário.

Eu agradei e queria ser grata, mas algo ainda parecia quebrado entre nós. Parecia que eu tinha passado a noite com alguém que parecia e falava como meu marido, mas não era. Você abriu meu presente comprado às pressas e eu corei de vergonha depois de todo o esforço que você fez.

— Onde você conseguiu isso? — Você perguntou, segurando a moeda americana contra a luz das velas. Tinha um rosto sorridente esculpido, ao lado da palavra "liberdade".

— Coney Island esta tarde — respondi. — Me deparei com uma máquina de fliperama que dizia Lucky Pennies. O grou de papel que lhe dei parece um pouco desgastado, então pensei em lhe dar algo novo para dar sorte, para guardar na carteira.

— Vou valorizar os dois — você respondeu, guardando a moeda com seu grou.

Você logo voltou a falar sobre Henry Winter. Seu assunto favorito. Enquanto ouvia pela metade, não conseguia parar de pensar na morte prematura de October O'Brien, ou em como você parece se importar mais com a escrita de Henry hoje em dia do que com a sua própria. Existem muitas histórias de terror em Hollywood, e não me refiro às que são

transformadas em filmes. Eu ouvi todas elas. Talvez eu devesse ficar grata por você ser um roteirista que ainda está conseguindo trabalho; nem sempre é o caso e a concorrência é acirrada. Alguns escritores são como maçãs e logo apodrecem se não forem colhidos.

Você derramou o resto do vinho em sua taça e bebeu.

— Você não se preocuparia tanto com minha carreira se se importasse mais com a sua — você disse com palavras arrastadas, e não pela primeira vez. Eu queria quebrar a garrafa na sua cabeça. Adoro meu trabalho na Battersea Dogs Home. Isso me faz sentir melhor comigo mesma. Talvez porque — assim como os animais dos quais passo meu tempo cuidando — eu também tenha me sentido frequentemente abandonada pelo mundo. Raramente é culpa deles não serem amados e indesejados, assim como nunca foi minha.

— Tenho certeza de que poderia escrever algo tão bom quanto você, ou Henry Winter, aliás...

— Sim, todo mundo pensa que pode escrever até se sentar e tentar fazê-lo — você interrompeu com seu sorriso mais condescendente.

— Eu me importo mais com o mundo real do que com fantasias — eu disse.

— Entregar-me às minhas fantasias pagou pela nossa casa.

Você pegou sua taça novamente antes de perceber que estava vazia.

— Conte-me sobre seu pai — eu disse, sem realmente pensar. Você colocou a taça na mesa com muita força, estou surpresa que ela não tenha quebrado.

— Por que você está trazendo isso à tona? — Você perguntou sem fazer contato visual. — Você sabe que ele foi embora quando eu era criança. Não creio que Henry Winter seja secretamente meu pai há muito perdido, se era para lá que você estava indo...

— Não é?

Suas bochechas ficaram vermelhas. Você se inclinou antes de responder e baixou a voz, como se estivesse preocupado com quem poderia ouvir.

— O cara é meu herói. Ele é um escritor incrível e sou muito grato por tudo que ele fez por mim,

portanto, por nós. Isso não é a mesma coisa que imaginá-lo como uma espécie de pai substituto.

— Não é?

— Não sei o que você está tentando dizer...

— Não estou tentando dizer nada, estou lhe dizendo que acho que você desenvolveu algum tipo de ligação emocional com o homem... é como uma obsessão. Você abandonou todos os seus projetos para trabalhar dia e noite nos dele. Henry Winter iniciou sua carreira quando você estava sem sorte, então sim, você lhe deve alguma gratidão, mas a maneira como agora você busca constantemente a aprovação dele sempre que escreve algo novo é... na melhor das hipóteses, carente e na pior, narcisista.

— Uau — você disse, recostando-se como se eu tivesse tentado bater em você fisicamente.

— Você já deveria acreditar em si mesmo o suficiente para saber que seu trabalho é bom, sem precisar que ele diga isso.

— Eu não sei do que você está falando. Henry nunca disse que gosta do meu trabalho...

— Exatamente! Mas é tão óbvio - para ele e para todos os outros - o quão desesperado você está para que ele o apoie de alguma forma. Você precisa parar de esperar secretamente que ele o faça. Ele raramente diz algo gentil sobre o trabalho de outro escritor - ele raramente tem uma palavra gentil a dizer sobre alguma coisa ou alguém - apenas aceita o relacionamento como ele é. Ele é um autor, você é um roteirista que adaptou alguns de seus livros. O fim.

— Acho que tenho idade suficiente para fazer minhas próprias escolhas e escolher meus próprios amigos, obrigado.

— Henry Winter não é seu amigo.

Quando saímos, não quebrei o silêncio desconfortável para avisar que vi Henry sentado a algumas mesas de distância de nós no restaurante. Era difícil não notá-lo, vestindo uma de suas jaquetas de tweed, sua marca registrada, e uma gravata-borboleta de seda. Seu cabelo branco estava ralo e ele parecia um velhinho inofensivo, mas os penetrantes olhos azuis ainda eram os mesmos de sempre. Ele esteve nos observando o tempo todo que estivemos lá.

Você continuou falando sobre ele durante todo o caminho até o Library Hotel, e minhas palavras sobre o assunto foram esquecidas assim que as pronunciei. Pela expressão alegre em seu rosto, qualquer um pensaria que você passou o dia com o Papai Noel, em vez de um Ebenezer Scrooge em forma de livro.

Quando voltamos para nossa suíte temática de matemática, as coisas não estavam dando certo para mim. Comi os dois chocolates em nossos travesseiros enquanto você estava no banho - embora eu odeie chocolate amargo - acho que queria machucar você de alguma forma, por mais infantil que isso pareça. Meu telefone tocou e por um momento pensei que poderia ser você, me mandando uma mensagem do banheiro do hotel - ninguém mais me manda mensagens tarde da noite. Ou durante o dia. Mas não era você, era meu novo amigo do trabalho dizendo que sentia minha falta. A ideia de alguém sentir minha falta fez meus olhos se encherem de lágrimas. Enviei-lhe uma selfie minha no topo da Estátua da Liberdade e ele respondeu imediatamente com um sinal de positivo. E um beijo.

Você está dormindo agora, mas estou acordada como sempre, escrevendo uma carta que nunca deixarei você ler. Desta vez em papel timbrado do

hotel. Uma onda de ressentimento de sete anos pode ser mais precisa do que uma coceira. Não posso ser honesta com você, mas preciso ser honesta comigo mesma.

Eu odeio não gostar de você agora, mas ainda te amo.

Sua esposa,

xx

CAPÍTULO QUARENTA E UM

ROBIN



Robin fica onde está até que os dois visitantes estejam no escritório secreto. Então ela destranca a porta do quarto onde está escondida, desce a escada – evitando os degraus que ela sabe que vão ranger – e sai da capela. Ela encontra seu companheiro silencioso exatamente onde o deixou. Ele não parece impressionado por ter sido abandonado no frio. Robin faz o que precisa fazer lá fora o mais rápida e silenciosamente possível e depois espera.

Ela é boa em esperar. A prática pode tornar uma pessoa boa em qualquer coisa, e pelo menos ela não está sozinha desta vez. A neve parou de cair, mas ainda está frio. Robin preferiria voltar para casa, mas não adianta apressar algo tão importante. Ela teve o cuidado de seguir as pegadas anteriores dos visitantes, mas tentar passar despercebida nem sempre é fácil. Esse é o problema de seguir os passos de outra pessoa; se você deixar uma marca maior do que a deles, eles tendem a ficar chateados. Robin aprendeu da maneira mais difícil que é sempre melhor não ter pressa, e tarde é melhor do que nunca. Às vezes, o madrugador come muitas minhocas e morre.

Os vitrais são lindos, mas deixam entrar o frio e sair o som, por isso ela está ouvindo do lado de fora do escritório. Ela destrancou a

porta secreta e a deixou aberta deliberadamente, para que os visitantes pudessem encontrá-la por si próprios. Depois que a ficha cair, as coisas não deverão demorar muito mais.

Ouvi-los no lugar onde ela morava, rir e sonhar é uma experiência tão estranha e surreal. Um pouco como uma intoxicação alimentar. Ela se sente doente e com febre, mas já sabe que se sentirá melhor novamente quando tirar o que quer que esteja podre de seu organismo. Ela quer que os visitantes saiam da capela, mas ainda não. Ainda há muito a dizer e fazer antes que este capítulo desagradável de suas vidas chegue ao fim.

— Vai ficar tudo bem, você vai ver — diz ela ao companheiro, mas ele não responde. Ele apenas olha para ela, parecendo tão triste e frio quanto ela está começando a sentir.

Sempre que sua vida tomou um rumo errado no passado, Robin tentou identificar o momento exato em que se perdeu. Sempre há um. Se você estiver preparado para abrir os olhos e olhar para trás o suficiente, normalmente poderá ver o instante em que fez uma escolha errada, disse algo que não deveria ou fez algo de que se arrependeu. Uma má decisão muitas vezes leva a outra e então, antes que você perceba, não há como voltar para onde você estava.

Mas todo mundo comete erros.

Às vezes, as pessoas que parecem mais inocentes acabam sendo culpadas de coisas horríveis. Às vezes, as pessoas que fazem coisas ruins são apenas pessoas más. Mas sempre há uma razão pela qual uma pessoa se comporta dessa maneira. A mulher da loja local era um bom exemplo de alguém com um passado muito mais sombrio do que você esperaria. Patty, a lojista hostil, com rosto vermelho, olhos redondos, mau hálito e hábito de enganar estranhos, tinha uma lista de infrações mais longa do que a Bíblia que guardava atrás do balcão. Desde agressão agravada até dirigir acima do limite. Todos na cidade sabiam, mas tinham que conseguir suprimentos em algum lugar. Poucas pessoas são genuinamente capazes de perdoar e ninguém realmente esquece. Às vezes você simplesmente sabe que uma pessoa é uma má

notícia assim que a conhece, porque ela é podre, por dentro e por fora, e o instinto lhe diz para ficar longe.

As vidas continuam independentemente de as pessoas a quem pertencem. Robin queria seguir em frente, ela se esforçou tanto para deixar seus próprios erros para trás e não ser consumida por arrependimentos. Mas nossos segredos têm o hábito de nos encontrar, e tudo de que ela tentou fugir a alcançou eventualmente. Cobrindo o seu presente com a poeira do seu passado.

Seu companheiro começa a ficar inquieto.

— Shh — ela sussurra. — Espere um pouco mais.

Ele ainda parece impressionado, mas faz o que ela diz, como sempre.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

AMELIA



O tempo congela quando Adam diz que sabe a quem pertence a capela.

Olho ao redor do escritório secreto, pensando que se poderia revelar a resposta antes dele, mas tudo que consigo ver são mais livros empoeirados, uma escrivania velha e meu marido. Suas belas feições se transformaram em uma carranca decepcionada e uma carranca feia. Ele parece mais irritado do que com medo. Como se tudo isso fosse de alguma forma *minha* culpa.

Acho que quando você se sente abandonado pelos próprios pais, é impossível não passar o resto da vida suspeitando que as pessoas conspiram para te deixar. É algo que sempre me deixa ansiosa com todos, até mesmo com Adam, apesar de há quanto tempo estamos juntos. Sempre que me aproximo de alguém – parceiros, amigos, colegas – chega inevitavelmente um ponto em que tenho de me afastar. Eu reconstruo barreiras, mais altas do que antes, para me sentir segura. O medo constante do abandono torna impossível confiar em alguém, até mesmo no meu marido.

Consegui acalmar minha respiração quando o encontrei aqui, mas essa nova ansiedade está pressionando meu peito.

— Os escritores são uma espécie peculiar de ser humano — diz Adam, ainda olhando para a escrivania antiga como se estivesse falando com ela, e não comigo. Está tão frio nesta sala que posso ver sua respiração. — Há pessoas com quem trabalhei ao longo dos anos – pessoas em quem confiei – que acabaram por ser nada mais do que...

A luz dos vitrais lança fragmentos de cor no piso de parquet, e ele parece distraído demais com eles para terminar seu pensamento. Tento pensar em alguém com quem ele brigou desde que o conheço, mas não são muitos. Ele tem o mesmo agente desde o início. Todo mundo ama Adam, mesmo as pessoas que não amam.

— Você se lembra do filme *Gremlins*? — Ele pergunta. Fico feliz que ele não espere uma resposta porque não sei o que dizer ou ver como isso é relevante. — Havia três regras: não molhá-los, não os expor a luzes fortes e não alimentá-los depois da meia-noite. Caso contrário, coisas ruins acontecem. Autores são como Gremlins. Todos eles começam como Gizmo – essas criaturas individuais e interessantes que são divertidas de se ter por perto – mas se você quebrar as regras: se eles não gostarem da adaptação do livro ou acharem que você mudou muito a história original, os autores se transformam em monstros maiores do que aqueles sobre os quais escrevem.

— Do que você está falando, Adam? Quem é o dono desta propriedade?

— Henry Winter.

Eu congelo. Sempre tive medo de Henry, e não apenas por causa dos livros sombrios e distorcidos que ele escreve. O que mais me assustou na primeira vez que o vi foram seus olhos. Eles são muito azuis e muito penetrantes, quase como se ele pudesse olhar dentro de uma pessoa, não apenas para ela. Ver coisas que ele não deveria ser capaz de ver. Saber coisas que ele não deveria saber. Minha respiração começa a ficar um pouco fora de controle novamente.

— Você está bem? Onde está o seu inalador? — Adam pergunta.

— Estou bem — insisto, agarrando as costas da cadeira.

— O *Daily Mail* queria fazer uma reportagem sobre onde Henry escreveu seus livros quando o último filme foi lançado. Ele não permitia que mandassem um jornalista ou, Deus me livre, um fotógrafo – ele sempre odiou isso. Eu o conhecia há anos, mas ele nem me dizia onde morava quando não estava em Londres – sempre preocupado obsessivamente com a privacidade por motivos que nunca consegui entender completamente. Só vi uma foto dele em seu escritório – que o jornal disse ter sido “fornecido pelo autor”. É isso. A sala onde ele escreve. Lembro-me da foto dele sentado nesta mesa — diz Adam, tocando a mesa de madeira escura. É uma coisa velha e peculiar sobre rodas, com muitas gavetas pequenas. — Pertenceu a Agatha Christie, e Henry pagou uma pequena fortuna por ela em algum leilão de caridade anos atrás. Ele se tornou bastante supersticioso sobre isso; uma vez me disse que achava que não conseguiria escrever outro terror em nenhum outro lugar.

— Tem certeza?

— Sim. Olhe para as prateleiras desta sala.

Viro-me e faço o que ele diz, mas as estantes que ficam na parede dos fundos do escritório parecem exatamente iguais às da sala. Então noto as lombadas dos livros e vejo que todos foram escritos por Henry Winter. Deve haver centenas deles, incluindo traduções e edições especiais. É uma parede gigante e exatamente o que eu esperaria de um homem como ele.

— Então, o que é isso? Uma pegadinha? Uma piada de mau gosto?
— Eu pergunto. — Por que Henry enviaria um e-mail de uma conta falsa, me dizendo que ganhei um fim de semana em seu esconderijo secreto na Escócia? Por que está tudo coberto de poeira? Onde ele está? E onde está Bob?

— Tem certeza de que está bem? — Adam pergunta. — Sua respiração parece...

— Estou bem.

Ele não parece convencido, mas continua mesmo assim. — Acho que ele pode estar chateado comigo. Desde que eu disse que não queria mais adaptar os livros dele...

Eu olho para ele, surpresa. — Você fez o quê? Eu não entendo.

— Acabei de decidir que talvez fosse hora de me concentrar no meu próprio trabalho.

— Você não me contou...

— Eu não poderia suportar o inevitável, *eu te avisei*. Ele não recebeu bem a notícia. Era como uma criança mimada fazendo birra. Durante toda a minha vida, coloquei Henry Winter num pedestal muito alto. Eu olhei para ele mesmo quando ele não olhou para mim. Mas então eu o vi como ele era pela primeira vez: um velho egoísta, rancoroso e solitário.

Eu absorvo suas palavras, processando o que elas significam para ele e para nós.

— Quando foi isso?

— Um tempo atrás. Tentei manter as coisas amigáveis, mas ele ignorou minhas ligações e não falo com ele há... muito tempo. Seus livros eram tudo o que ele tinha. Mas se há uma coisa que aprendi tanto na vida quanto na ficção, é que ninguém é apenas um herói ou apenas um vilão. Todos nós temos a capacidade de sermos ambos.

Adam me encara quando diz a última frase. Estou prestes a perguntar por que quando vejo meu inalador na mesa atrás dele.

— Por que você tem isso? — Eu pergunto.

— Seu inalador? — Ele diz. — Eu nem percebi que estava lá.

Eu fico olhando para ele por um longo tempo. Normalmente posso dizer quando ele está mentindo e não acho que esteja.

Pego o inalador e coloco-o no bolso. — Acho que estamos ambos exaustos e agora que sabemos a quem pertence este lugar, só quero encontrar Bob e sair daqui.

Assim que digo o nome dele, ouço um cachorro latindo lá fora.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

ADAM



Corremos para a neve.

Eu não sei o que esperar. Henry Winter parado do lado de fora da capela? Seguindo o exemplo de Bob e rindo loucamente como um vilão de comédia? Talvez ele finalmente tenha perdido as bolas de gude restantes? O homem escreve ficção sombria e distorcida, mas ainda tenho dificuldade em acreditar que ele seria capaz de algo assim na vida real.

O som de um cachorro latindo para assim que saímos.

— Bob! — Amelia chama.

É inútil – o pobrezinho é praticamente surdo na melhor das hipóteses – mas começo a gritar o nome dele também.

O vale agora está estranhamente silencioso.

— Talvez não tenha sido Bob? — Eu digo.

— Foi ele, eu sei — ela insiste. — Havia um par de botas Wellington masculinas perto da porta quando voltei, agora elas

sumiram. Quem quer que estivesse aqui antes saiu e trouxe Bob com ele.

Ela corre mais longe na neve e não tenho escolha a não ser segui-la.

As ovelhas estão de volta. Elas olham em nossa direção, mas não são tão assustadoras quanto no escuro da noite passada. Nós dois paramos quando vemos as costas de uma pessoa vestindo uma jaqueta de tweed, calças escuras e o que parece ser um chapéu panamá... no meio do inverno... na neve gelada até os joelhos. Amelia olha em minha direção. Não consigo ler a expressão em seu rosto, mas se for algo parecido com o que estou sentindo, imagino que seja de terror.

Lembro a mim mesmo que conheci esse homem tão bem quanto você conhece alguém com quem trabalha e que só conheceu algumas vezes. Limpo a garganta e dou um passo mais perto.

— Henry? — Eu digo gentilmente.

Por alguma razão, lembro-me dos chifres na parede da sala de bagagens. Ocorre-me que os autores de mistérios e thrillers de assassinato provavelmente conhecem muitas maneiras de matar uma pessoa sem ser pego, eu não quero especialmente ter meus restos mortais pendurados na parede. Ele não se move. Digo a mim mesmo que ele provavelmente é um pouco surdo, como o cachorro, e continuo até ficarmos cara a cara.

Exceto que ele não tem rosto.

O que pareço estar olhando é uma espécie de espantalho, mas com cabeça de boneco de neve. Ele tem rolhas de vinho no lugar dos olhos, uma cenoura no lugar do nariz, um cachimbo saindo do espaço onde deveria estar sua boca e uma das gravatas-borboleta azuis de seda de Henry Winter amarrada no pescoço. É um tom mais escuro do que deveria, saturada de neve derretida. A bengala de Henry, aquela com cabo de cabeça de coelho prateado, está apoiada nela, como se quisesse se apoiar.

Amelia vem ficar ao meu lado. — O que...

— Eu não sei mais.

— Isso não estava aqui antes, estava?

— Não. Acho que teríamos notado. Eu realmente não entendo o que está acontecendo.

Ficamos lado a lado em silêncio, olhando para o boneco de neve espantalho enquanto sua cabeça derrete lentamente. Um de seus olhos de cortiça já escorregou até a metade do rosto. Além da estranha árvore de aparência morta e das esculturas de madeira de aparência assustadora, estamos no meio de uma vasta área aberta. Quem fez isso deve estar por perto. E se Bob estiver perto o suficiente para ser ouvido latindo, deveremos ser capazes de localizá-lo, mas tudo que consigo ver é um espaço em branco vazio. Graças às ovelhas, a neve foi mexida em quase todos os lugares fora da capela. Se houvesse pegadas a seguir, não há agora.

— Temos que encontrar Bob. Ele está aqui em algum lugar, nós dois o ouvimos, e só temos que continuar procurando — diz Amelia, eu a sigo.

Existe um pequeno cemitério nos fundos da capela. As lápides antigas são pouco visíveis graças à neve, mas uma se destaca quando me aproximo. A razão pela qual me chama a atenção é porque alguém a limpou, de modo que o granito cinza escuro se destaca de todo o resto coberto de branco. E, ao contrário de todas as outras lápides, esta parece relativamente nova.

Isso não é tudo.

Há uma coleira de couro vermelha em cima dela.

Amelia a pega e vejo o nome de Bob na etiqueta, como se eu tivesse alguma dúvida de que aquilo pertencia a ele.

— Eu não entendo. Por que tirar a coleira do cachorro e deixá-la aqui? — Ela diz.

Mas eu não respondo. Estou muito ocupado olhando para a lápide.

HENRY WINTER

PAI DE UM, AUTOR DE MUITOS.

1937-2018

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

AMELIA



— Eu não entendo. Se Henry morreu há dois anos, não saberíamos disso? — Eu pergunto.

Adam não responde. Ficamos lado a lado em silêncio, olhando para a lápide de granito, como se isso pudesse fazer desaparecer as palavras nela gravadas. Não importa quantas vezes eu reorganize as peças desse quebra-cabeça dentro da minha cabeça, elas simplesmente não se encaixam. Posso ver a confusão, o medo e a tristeza no rosto do meu marido. Eu sei que ele pensou que tudo o que temos foi resultado de Henry Winter ter lhe dado sua grande chance e confiado a ele seus livros. Uma briga boba não mudou isso. O homem morrer quando eles nem sequer se falavam vai atingi-lo duramente. Mas Adam deve perceber que temos problemas maiores agora: se Henry não nos enganou para virmos aqui, quem o fez?

— Devíamos voltar para dentro — diz Adam.

Ele ainda está olhando para a lápide, como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

— E Bob? — Eu pergunto.

— Bob não tirou a própria coleira e a deixou aqui para que a encontrássemos. Alguém fez isso. Não sei o que está acontecendo, mas não estamos seguros.

Suas palavras soam tão melodramáticas, mas eu concordo.

Assim que voltamos para dentro da capela, Adam tranca as portas e empurra o grande banco de madeira da igreja na frente deles.

— Quem quer que vimos entrando antes devia ter uma chave. Isso vai impedi-los de voltar sem que nos ouçam — diz ele, indo em direção à cozinha. — Você pode me mostrar o e-mail que recebeu sobre ganhar um fim de semana neste lugar novamente?

Procuro meu telefone dentro do bolso, mas em vez disso encontro meu inalador. Agora que minha respiração voltou ao normal, não preciso disso, mas me sinto melhor sabendo que está por perto.

Encontro o e-mail no meu celular e entrego-o a Adam.

— info@blackwaterchapel.com, esse é o endereço de e-mail que eles usaram? — Ele pergunta.

— Sim. Parecia um verdadeiro aluguel por temporada.

— Henry tinha uma queda pelo número três e pela cor preta. Muitos de seus livros foram ambientados em Blackdown ou Blacksand... Acho que pode ter havido uma Blackwater também...

— Você nunca mencionou isso antes.

— Eu não percebi que havia uma conexão até agora. Mas Henry não pode ter enviado este e-mail – ele não lida com e-mails, nem com internet, nem tem celular. Ele acha que eles causam câncer. *Pensamento*.

Por um momento, acho que Adam pode chorar.

Coloquei minha mão em seu ombro: — Sinto muito, eu sei o quanto você...

— Estou bem. Ele nem tinha entrado em contato desde...

Adam para e olha para o nada.

— O que é? — Eu pergunto.

— Eu não tinha notícias dele ou sobre ele desde setembro passado, quando seu último agente me enviou uma cópia de seu último livro. Felizmente, este agente aprova adaptações para a tela, não como o primeiro de Henry. Ele é um cara legal, até brincamos sobre como Henry também não estava falando com ele, mas o autor ainda havia enviado seu manuscrito, três dias antes do prazo, embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante como de costume.

— Então?

— A lápide lá fora diz que ele morreu há dois anos. Pessoas mortas não podem escrever livros ou enviá-los aos seus agentes.

Demoro alguns segundos para processar esta última informação.
— Você está dizendo que acha que ele não está realmente morto?

— Não sei mais o que pensar.

— Ele tinha família? Certamente alguém saberia se ele falecesse. Um dos meus antigos pais adotivos morreu no ano passado, lembra? Charlie, o cara que trabalhou no supermercado a vida toda e sempre trazia para casa comida de graça que estava prestes a estragar. Eu não falava com ele há mais de uma década, mas ainda soube quando ele morreu. Henry Winter é um autor mundialmente famoso, teríamos lido sobre sua morte nos jornais ou...

Adam balança a cabeça. — Não havia ninguém. Ele era um eremita confesso e gostava de viver sua vida dessa maneira... na maior parte do tempo. Sempre que bebia uísque demais, Henry ficava com lágrimas nos olhos por não ter filhos – ninguém para cuidar de seus livros quando ele estivesse fora. Era só com isso que ele realmente se importava: os livros. O homem era estoico como uma árvore em todos os outros momentos.

— Bem, alguém deve tê-lo ajudado. Henry não era nenhum frangote se nasceu em 1937 — digo.

Os olhos de Adam se estreitam. — Esse é um detalhe estranho para lembrar.

— Na verdade. Estava escrito na lápide e Amelia Earhart desapareceu em 1937. Recebi o nome dela. Você não se lembra de por que foi chamada assim? Acho que os nomes são importantes.

Adam me encara como se meu QI tivesse caído para um nível perigosamente baixo. — Henry Winter não teve filhos; ele não tinha família alguma. Acho que a única pessoa que lhe restou na vida, além de seu agente, fui eu, e nem estávamos nos falando quando ele morreu...

Sua voz treme e ele desvia o olhar.

— A lápide lá fora dizia “Pai de um filho”. Alguém mandou fazer isso e alguém o enterrou. Ele não poderia ter feito isso sozinho.

A maneira como Adam olha para mim me assusta um pouco. É difícil não dizer a coisa errada quando nada parece certo. Às vezes penso que a sua incapacidade de reconhecer os rostos das outras pessoas pode tornar mais difícil para ele controlar as expressões por si próprio. A expressão desgastada desapareceu e é quase como se ele estivesse... sorrindo. Ela desaparece tão rapidamente quanto apareceu.

— Devíamos sair daqui enquanto ainda está claro — diz ele, adotando uma expressão séria mais uma vez para combinar com seu tom.

— E Bob?

— Encontraremos uma delegacia de polícia, explicaremos a situação e pediremos ajuda.

— O carro está coberto de neve. As estradas parecem perigosas...

— Tenho certeza de que podemos desenterrá-lo. Eu me sentiria mais seguro lá fora do que se ficasse aqui por mais uma noite, não é?

Ele abre a porta da despensa onde vimos a parede de ferramentas quando chegamos. O freezer de tamanho industrial emite uma trilha sonora misteriosa e evito olhar para o alçapão da cripta. Prefiro esquecer o que aconteceu lá embaixo.

— Você vai abrir nossa saída? — Pergunto quando Adam tira um machado da parede.

— Não, só acho que ter algo para autodefesa pode não ser uma má ideia — ele responde, tirando uma pá de um gancho enferrujado com a outra mão.

O Morris Minor está coberto de tanta neve que combina com a paisagem. Sinto-me como uma peça sobressalente quando Adam começa a retirá-la das rodas do carro. Está muito frio, mas ele ainda está suando por causa do esforço. Até que ele para e olha para a roda dianteira como se ela o tivesse ofendido. Ele larga a pá e se curva atrás do lado dianteiro esquerdo do carro, de modo que não consigo mais ver o que ele está fazendo.

— Eu não acredito — diz ele, parecendo sem fôlego.

— O quê?

— Parece que temos um pneu furado.

Eu me apresso. — Está tudo bem, nessas estradas neste carro é de se esperar. Tenho um kit de conserto no porta-malas, desde que consigamos encontrar o buraco e ele seja pequeno o suficiente para que eu possa...

Paro de falar quando vejo por mim mesma. Não será problema encontrar o buraco porque é do tamanho de um punho. Há um corte em forma de sorriso na borracha: o pneu foi claramente cortado. Eu já estava com tanto frio que mal conseguia sentir as mãos ou os pés, mas o frio que sinto agora se espalha por todo o meu corpo.

— Talvez tenhamos passado por cima de um vidro? — Ele diz.

Eu não respondo. O conhecimento de Adam sobre carros é muito limitado porque nunca possuiu um. Eu costumava achar isso cativante, agora nem tanto. Ele começa a desenterrar a roda traseira e então para abruptamente. De novo.

— Você já teve dois pneus furados ao mesmo tempo? — Ele pergunta.

Parece que a roda traseira também foi cortada. É o mesmo com os outros dois.

Alguém realmente não quer que partamos.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

ROBIN



Robin entra novamente na cabana e tranca a porta. Ela pega uma pequena toalha vermelha de um gancho na parede e depois limpa a neve das patas, pernas e barriga do cachorro, antes de cuidar de si mesma. Ele abana o rabo enquanto ela o seca e depois lambe o rosto dela. Robin sorri, ela gosta de todos os animais, principalmente de cachorros como este. Até Oscar, o coelho, gostou do novo hóspede.

A esta altura, os visitantes já saberão que a capela pertencia a Henry e que ele já faleceu. Robin gostaria de ter visto seus rostos quando encontraram a lápide, mas ela e Bob já haviam partido há muito tempo. Ele é um cachorro muito amigável e afetuoso – mesmo que latir para o vento de vez em quando – do tipo que confia em todos.

Está frio, mesmo dentro da cabana. Robin acende o fogo e se senta no tapete próximo, tentando aquecer os ossos. Ela sente falta do cachimbo, mas agora ele acabou, então ela abre um pacote de Jammie Dodgers. O cachorro deita-se ao lado dela, apoiando o queixo nas pernas dela, olhando para ela enquanto ela come, esperando que ela deixe cair alguma coisa. Robin gosta de morder cada biscoito,

mordendo pedacinhos das bordas externas até sobrar apenas o centro da geleia... fazendo com que o prazer que isso lhe proporciona dure o máximo possível.

Apesar de estar tão perto das chamas, ela ainda mal consegue sentir as mãos. Seus dedos eram um arco-íris vermelho e depois azul depois de usá-los para limpar toda aquela neve da lápide de Henry. Mas os visitantes nunca a teriam encontrado se ela não o tivesse feito, e ela precisa de coisas para se manter no caminho certo. Há uma razão pela qual ela os convidou para vir aqui neste fim de semana, e não por qualquer outra.

Robin se lembra de quando Henry morreu.

— Eu preciso que você venha.

Foi o que ele disse quando ligou. Não “olá” ou “como vai você?” Apenas cinco pequenas palavras. *Eu preciso que você venha*. Ele não precisou dizer onde, embora eles não se falassem há muito tempo. Ele também não precisava dizer o porquê, mas disse.

— Estou doente — foram as duas palavrinhas extras proferidas quando ela não respondeu. Isso acabou sendo um eufemismo.

Ela sabia que Henry já havia vendido seu apartamento em Londres e estava morando em seu refúgio escocês em tempo integral. Ele sempre foi um eremita que preferia sua própria companhia. O que ela não esperava era que seria ela quem ele ligaria em sua hora de necessidade. Mas não ter mais ninguém era uma das poucas coisas que tinham em comum. Os escritores são capazes de criar os mundos mais elaborados e populares, às vezes deixando para si mundos bastante pequenos. Alguns cavalos precisam de antolhos para fazer o que fazem de melhor e vencer a corrida. Eles precisam se sentir sozinhos e sem distrações. Alguns autores são iguais; é uma profissão solitária.

O silêncio não pode ser citado erroneamente. Era um dos lemas de Robin. Mas quando ela ainda não falou, a linha telefônica estalou e Henry falou mais uma vez antes de desligar.

— Estou morrendo. Venha ou não venha. Só não conte a ninguém.

Ela ainda pode ouvir o tom de discagem se fechar os olhos.

Ele explicou mais tarde que estava sem troco para o telefone público do hospital. Insistiu que não havia sido deliberadamente dramático ou rude. Robin não acreditou nele. Ela nunca fez isso. Mas ela entrou no carro mesmo assim, porque a vida pode ser tão imprevisível quanto a morte.

Ela não reconheceu o homem sentado na beira da cama do hospital. Sua última foto oficial de autor havia sido tirada pelo menos dez anos antes e Henry não envelheceu bem. A jaqueta de tweed, sua marca registrada, parecia grande demais, como se pertencesse a outra pessoa, não havia gravata-borboleta de seda e tudo o que restava do cabelo branco eram algumas mechas finas, penteadas sobre a cabeça rosada e careca. Parecia estranho que o rosto dele não fosse mais familiar para ela, mas as pessoas perdem o contato o tempo todo. A distância não era um fator decisivo nessas questões. Mesmo os vizinhos que vivem lado a lado nem sempre sabem os nomes uns dos outros.

Não houve saudação. Sem abraço. Nem, obrigada.

— Quero ir para casa — foi tudo o que ele disse.

Robin observou Henry assinar os formulários de liberação usando uma caneta-tinteiro que trazia no bolso interno da jaqueta. Seus dedos trêmulos agarraram a caneta com tanta força que os ossos de sua mão pareciam prestes a romper sua pele fina como papel. Ela esperou sem dizer uma palavra enquanto ele rubricava várias declarações reconhecendo que estava deixando o hospital contra orientação médica.

O hospital ficava a mais de uma hora de distância de Blackwater, e eles ficaram sentados em silêncio durante toda a viagem pelas estradas sinuosas das Terras Altas. Uma vez de volta à capela que ele transformara em casa, Henry mancou até o salão que transformara em biblioteca, acenando para que ela o seguisse. Então ele abriu a porta secreta na parede de trás dos livros. Robin não ficou impressionada – ela já tinha visto isso antes – mas foi a primeira vez que ele a convidou para *entrar* em seu escritório.

Ela olhou para os coelhos brancos que pareciam cobrir todas as superfícies. O papel de parede era coberto com um padrão brilhante deles, as persianas romanas eram costuradas com uma variedade de saltos, havia grandes orelhas e rabos de cavalo costurados nas almofadas dos assentos da janela, havia até um coelho em um dos vitrais.

Então ela notou a gaiola no canto da sala. Grande o suficiente para acomodar uma criança pequena. *Isso* era algo que ela nunca tinha visto antes e não estava vazia.

— Você tem um coelho como animal de estimação? — Robin perguntou, olhando para a criatura.

— Mais como um companheiro, na verdade. Gosto bastante de coelhos brancos.

— Eu notei — ela respondeu, examinando a sala novamente. — Isso tem um nome?

Ele sorriu. — Ela têm. Eu a chamei de Robin.

Robin não sabia o que pensar disso. — Por que?

Seu sorriso desapareceu. — *Ela* me lembrou de você.

Henry foi até a cadeira de sua mesa e sentou-se.

— Não sei quanto tempo temos, então é melhor não desperdiçá-lo. Eu gostaria de lhe mostrar onde meu testamento está guardado. Está tudo arranjado, só preciso que alguém aperte o botão, por assim dizer, quando chegar a hora. Existem planos escritos para o que eu gostaria que acontecesse comigo. Quero ser cremado, mas tudo que você precisa saber está na pasta. Estou na metade do meu último terror, não poderei terminá-lo agora. Meu agente cuidará de quase tudo em formato de livro quando chegar a hora. Mas pode haver algumas decisões sobre meu patrimônio literário que eu preferiria... — Ele olhou para ela, seus grandes olhos azuis suplicantes, como se esperassem que Robin dissesse alguma coisa. Quando ela não o fez, ele pareceu ceder, pegando gentilmente seus pensamentos cansados quase de onde os havia deixado. — Você deve fazer o que achar certo. Isso é tudo que qualquer

um de nós pode fazer no final. Eu prometo que tentei. Há alguns outros endereços de e-mail que você provavelmente deveria ter – pessoas que precisam saber que estou morto antes de lerem isso nos jornais – por que não os rabisco agora enquanto me lembro?

Robin observou enquanto ele tirava um laptop da gaveta da escrivaninha. O rosto de Henry se esticou em algo parecido com um sorriso quando ele viu a expressão dela, as linhas e vincos abundantes em sua pele duplicando em número.

— Eu sei eu sei. Todo mundo pensa que não entendo como usar a tecnologia moderna, mas estou velho, não senil. Gosto bastante que pensem que sou tão velho que escrevo os livros com uma pena e um pote de tinta, mas este pequeno laptop me poupa muito tempo. É muito mais fácil editar para começar. Eu uso a máquina de escrever para enviar a versão final ao meu agente – para manter a ilusão da pessoa que eles pensam que eu sou – mas uso um computador para todos os outros rascunhos. Porém, eu estabeleço um limite para os telefones celulares – essas coisas causam câncer, marque minhas palavras.

Ele digitou a senha no laptop usando apenas o dedo indicador, e bem devagar, então ela viu o que era sem realmente querer: Robin. Saber que ele usava o nome dela para suas senhas e também para seu animal de estimação a fez sentir uma sensação avassaladora de perplexidade e culpa. Ela não sabia o que dizer, então – mais uma vez – não disse nada. Ele abriu sua conta de e-mail usando a mesma senha e isso a fez querer chorar. Ela o conhecia bem o suficiente para saber que ele queria viver – e escrever – para sempre. Mas nem todo o dinheiro do mundo pode comprar mais tempo.

— Provavelmente coisas e bobagens, normalmente são — disse Henry, voltando sua atenção para alguma postagem fechada sobre a mesa. Ele pegou um abridor de cartas de prata, que parecia pesado em sua mão frágil, e cortou entre as dobras do envelope superior. Seus dedos tremeram um pouco quando ele retirou o que havia dentro: uma carta de seu agente. Robin leu por cima do ombro e viu como o velho sorriu quando soube que seu último livro era um best-seller do *New York Times*.

— Isso não é alguma coisa? — Ele disse, parecendo muito mais com o que era antes, aquele de quem ela se lembrava. — Eu não sabia quando o estava escrevendo, mas esse será o último livro que publicarei. Significa muito para mim que meus leitores tenham gostado.

— Bem, as opiniões deles sempre foram mais importantes — disse Robin, e seu rosto se contraiu. — Quero dizer, parabéns — acrescentou ela, porque o que mais ela poderia dizer a um homem moribundo? Ela olhou para o laptop novamente. — Seu agente ainda escreve cartas para você e as envia pelo correio?

— Sim.

— Ele não sabe que você tem e-mail?

Henry sorriu. — Há muitas coisas que meu agente não sabe sobre mim.

Uma conversa silenciosa ocorreu entre eles, um raro momento de compreensão. Então eles se reiniciaram e tudo desapareceu.

— Há um pouco de champanhe na cripta — disse ele. — Vá buscar uma garrafa para nós, sim? Tome uma bebida comigo para comemorar meu último best-seller? Então prometo que contarei tudo o mais que você precisa saber. Tranquei o alçapão, até eu fico com calafrios às vezes.

— Mas todas aquelas histórias sobre corpos sendo encontrados na cripta, e bruxas, e fantasmas... você inventou tudo isso para manter as pessoas longe daqui.

Ele sorriu. — Sim, tudo apenas uma invenção da minha imaginação sombria e distorcida. Mas funcionou, não foi! A única coisa que os construtores encontraram na cripta quando restauramos o local foi umidade. Gosto de paz, tranquilidade e privacidade. Não quero que as pessoas me incomodem, mas às vezes me assusto. Passei tantos anos dentro dessas histórias, que o mundo que inventei me pareceu mais real do que aquele em que vivi. — Seus olhos azuis lacrimejaram e Robin percebeu que sua mente havia vagado em algum lugar distante.

Mas então ele piscou e voltou. — A chave do cadeado do alçapão está em uma das gavetas da cozinha... esqueci qual.

Robin hesitou, mas depois fez o que ele pediu. A primeira coisa que viu ao entrar na despensa foi o freezer gigante, depois notou todas as ferramentas alinhadas na parede, incluindo todos os cinzéis de marcenaria e ferramentas de alvenaria arrumadas de acordo com o tamanho. O machado a assustou tanto quanto sempre. Durante anos, Henry gostou de esculpir coisas em madeira e pedra, ele disse que era um pouco como esculpir ficção da vida real. Exigia apenas paciência, imaginação e mão firme. Todo verão, ele derrubava com aquele machado uma velha árvore que bloqueava sua visão do lago e depois esculpia cuidadosamente uma escultura de animal no toco restante. Corujas e coelhos eram seus favoritos. Todos com olhos assustadores e enormes, um pouco parecidos com os dele.

O alçapão estava realmente trancado e ela levou uma eternidade para encontrar a chave. O cheiro de umidade enquanto ela descia os degraus de pedra a lembrava de tantas coisas que ela preferiria ter esquecido. Mas não havia fantasmas na cripta – pelo menos não daquela variedade e não naquele dia – apenas álcool. Quando voltou ao escritório segurando uma garrafa de champanhe empoeirada, ficou surpresa ao encontrar Henry ainda olhando para o frágil recorte da lista dos mais vendidos do *New York Times*. Seu agente havia circulado seu livro em vermelho. Era o número um.

Robin serviu dois copos e estendeu um para o velho pegar, mas ele não o fez. Quando ela olhou um pouco mais de perto, ela percebeu que ele não estava se movendo e seus olhos azuis não piscavam há algum tempo. Ela sentiu o pulso, mas não havia nenhum. Sobre a mesa, ela notou alguns itens que não estavam ali antes: um frasco vazio de comprimidos, uma lista de instruções e um testamento. Ela bebeu a taça de champanhe que estava em sua mão. Não para comemorar, mas porque ela precisava de álcool. Pelo menos ele morreu feliz.

Robin enterrou Henry naquela noite, com medo de que alguém pudesse ver se ela esperasse o sol nascer. Ela envolveu o corpo dele em um lençol velho junto com alguns de seus livros favoritos e depois o

arrastou para fora da capela. Em seu testamento, ele pediu para ser cremado, mas ter um cemitério do lado de fora e uma pá provou ser muito conveniente. Embora seja um trabalho árduo. Havia outras instruções que Robin decidiu ignorar também. Como contar a alguém que Henry havia morrido. Na manhã seguinte, ela encomendou on-line uma lápide muito bonita usando os dados da conta bancária de Henry, quando chegou, ela mesma a gravou usando as ferramentas de Henry. Ele tinha uma quantidade impressionante de dinheiro – mais do que ela imaginava – mas Robin nunca gastou um centavo consigo mesma. Apesar de ficar claro em seu testamento que o autor havia deixado para ela uma quantia considerável. A única vez que ela usou o cartão do banco novamente foi para comprar adereços para os visitantes, porque isso era para *elas*, não para ela. Dois dias depois da morte de Henry, ela demitiu sua faxineira, sabendo que ninguém mais vinha visitar o recluso. Até o Blackwater Inn havia fechado anos antes, graças a Henry. Ele estaria tão sozinho na morte quanto escolheu estar na vida.

Quando Robin encontrou o trabalho de Henry em andamento em seu laptop, ela o leu mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. Era outro terror tipicamente sombrio e sinuoso de Henry Winter. Ela não percebeu que estava prendendo a respiração durante uma cena particularmente assustadora, até que o coelho fez um som inesperado em sua gaiola e a fez pular. Robin não gostou que seu homônimo fosse preso. Ela carregou o enorme coelho branco para fora da capela, como ele não fugiu, fechou as portas atrás dele, esperando nunca mais vê-lo novamente. Mas não se mexeu. Quando ela o levou para mais longe, mais perto da grama alta e do lago, ele simplesmente voltou, parado do lado de fora daquelas enormes portas góticas, como se esperasse para ser deixado entrar. Ela não entendia naquela época, mas nem todo mundo quer ser libertado.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

BRONZE

Palavra do ano:

Atelofobia substantivo. O medo de não fazer algo certo ou o medo de não ser bom o suficiente. Uma extrema ansiedade de fracasso em alcançar a perfeição.

29 de fevereiro de 2016 - nosso oitavo aniversário

Prezado Adam,

Não comemoramos nosso aniversário este ano.

Tenho passado muito tempo com um amigo do trabalho e você tem, bem, passado tempo com seu trabalho. Você teve dificuldades com a última adaptação dos livros de Henry Winter. Pessoalmente, acho que porque você estava se esforçando demais para agradar o autor, em vez de ser fiel a si mesmo. Mas como você disse quando me ofereci para tentar ajudar algumas semanas atrás, o que eu sei?

Eu sei que as mentiras que contamos a nós mesmos são sempre as mais perigosas. E sei que

às vezes os pensamentos que escondemos nas margens da nossa mente são os mais honestos, porque são só nossos e pensamos que ninguém mais os verá. Enquanto você pensa em Henry Winter e seus livros, eu penso em deixá-lo.

Meu amigo no trabalho é gentil, atencioso e genuinamente interessado em mim. Ele nunca me faz sentir estúpida, insignificante ou dado como certa. A cegueira facial não é a única maneira de você me fazer sentir invisível. Você me faz sentir como se não fosse boa o suficiente todos os dias. É uma coisa terrível de confessar, mas às vezes me pergunto se a única razão pela qual fico é por causa de Bob. E esta casa.

Adoro esta grande e bela relíquia vitoriana, escondida num canto de Londres que o tempo esqueceu. Meu sangue, suor e lágrimas literalmente penetraram em cada centímetro do lugar enquanto eu a restaurava. Com pouca e quase nenhuma ajuda sua. Quando éramos mais jovens, não ousava imaginar que um dia poderíamos dividir uma casa como esta. Você provavelmente fez; seus sonhos sempre foram maiores que os meus. Mas os seus pesadelos também o são. Você e eu tivemos o tipo de infância que é melhor esquecer, mas as sementes da ambição crescem melhor em solo raso.

Como você ousa convidá-lo aqui sem nem me perguntar primeiro?

Eu tive um dia tão difícil no trabalho - e, sem ofensa, mas meu trabalho é de verdade, eu não fico sentada inventando merda e escrevendo o dia todo - tudo que eu queria era voltar para casa, tomar banho e abrir uma garrafa de vinho. Eu podia ouvir vozes dentro de casa antes mesmo de colocar a chave na porta. Sua e uma outra. E cheirava como se algo estivesse queimando. Encontrei você na sala, bebendo uísque com Henry Winter, enquanto ele fumava cachimbo em nossa casa para não fumantes. A princípio pensei que estava imaginando, mas a jaqueta de tweed e a gravata-borboleta de seda pareciam autênticas o suficiente para serem reais.

— Olá, querida. Temos uma visita — você disse, como se eu não pudesse ver isso por mim mesma.

Qualquer outra pessoa teria reconhecido a expressão de horror no meu rosto, ele reconheceu, mas você não reconheceu porque não pode. Ainda assim, eu teria pensado que você poderia ter percebido meu extremo desconforto de outra maneira. Às vezes você demonstra a inteligência emocional de um sapo com danos cerebrais.

Vocês dois me encararam, esperando que eu falasse, mas o que eu poderia dizer? Um de vocês não tinha a menor ideia da situação, enquanto o outro parecia muito feliz com isso.

— Olha, este é o novo livro de Henry — você disse, segurando um livro de capa dura vermelha brilhante e parecendo muito satisfeito, como se você mesmo o tivesse escrito e quisesse uma estrela dourada.

Henry deu de ombros com falsa modéstia. — Provavelmente não é sua preferência.

— Não, realmente não. Já vejo horror suficiente no mundo real — respondi. Talvez você não consiga ler as expressões do meu rosto, mas sou fluente nas suas, e se olhares pudessem matar eu estaria no necrotério. Poderíamos ter cortado a tensão com uma colher de chá, então não foi surpresa que Henry percebesse.

— Sinto muito por me intrometer. Vendi meu apartamento em Londres no ano passado e me retirei em tempo integral para meu refúgio na Escócia — você e Adam devem vir me visitar — tenho uma reunião com meu editor na cidade amanhã, mas houve um problema de última hora com minha reserva de

hotel, e seu marido insistiu para que eu ficasse aqui... — eu não disse uma palavra, — mas não quero me intrometer. Eu sempre poderia...

— Você é mais que bem-vindo aqui. Não é, querida? — Você interrompeu, olhando para mim.

— Claro — eu disse. — Na verdade, estou apenas me trocando e saindo para ver uma amiga. Espero que você tenha uma ótima noite.

Eu me senti como um convidado indesejado em minha própria casa.

Praticamente subi as escadas correndo e fiz uma mala. Passei o fim de semana inteiro com minha amiga do trabalho. Fomos a uma galeria de arte num dia e ao teatro no outro. Eu me senti viva, feliz e livre. Gosto mais da companhia dela do que da sua atualmente. Ela tende a gostar mais de animais do que de pessoas, por isso começou a trabalhar como voluntária na Battersea Dogs Home. Ela me escuta, ri das minhas piadas e não faz com que eu me sinta a segunda melhor o tempo todo. Ela adora refeições de microondas e comida enlatada no almoço — nunca a vi comer salada ou qualquer coisa verde —, mas ninguém é perfeito e há muitas coisas piores na vida para se viciar.

Quando voltei para casa no final do fim de semana, fiquei aliviada porque Henry havia partido. Fiquei triste por você não parecer realmente se importar onde eu estive ou com quem eu estava. Você sabia que era uma amiga do trabalho, mas nem perguntou qual era o nome dela. Em vez disso, você apenas olhou para mim com uma expressão peculiar no rosto.

— O que está errado? — Eu perguntei, preocupando-me com Bob, que claramente sentiu mais a minha falta do que você.

— Não há nada de errado — você disse naquele tom mal-humorado de homem que significava que algo estava. — Você mudou seu cabelo.

— Só um corte.

Você reconhece meu cabelo mais do que meu rosto, e sempre parece incomodar um pouco quando eu o mudo. Honestamente, é apenas alguns centímetros mais curto e com alguns destaques a mais do que antes, mas é bom se sentir notada. Tive vontade de me mimar um pouco, como se merecesse um presente, mas percebi pelo seu rosto que havia outra coisa em sua mente.

— Você quer me contar o que está incomodando você agora ou depois do jantar? — Perguntei.

— Nada está me incomodando. — Você fez beicinho como uma criança mimada. — Terminei meu roteiro hoje... e gostaria de saber se você gostaria de tomar uma bebida no pub para comemorar? — Eu estava prestes a protestar educadamente que estava cansada, mas você antecipou minha recusa com mais palavras suas. — Além disso, gostaria de saber se você poderia lê-lo antes de enviá-lo ao meu agente?

E lá estava, não apenas na sua voz, mas nos seus olhos.

Você ainda precisava de mim.

Apesar de todos os colegas e amigos em forma de escritor em sua vida, em Londres e Los Angeles, você ainda se importava com o que eu pensava do seu trabalho. Assim como quando nos conhecemos.

— Eu não pensei que ainda fosse seu primeiro leitor? — Eu disse, minha vez de parecer petulante.

— Claro. Sua opinião sempre foi mais importante. Para quem você acha que estou escrevendo

secretamente todas essas histórias?

Eu tentei muito não chorar. — Eu?

— Quase sempre.

Isso me fez sorrir. — Vou pensar sobre isso.

— Talvez um jogo de pedra, papel e tesoura ajudasse a tomar a decisão?

— Talvez devêssemos jogar por outra coisa? —
Eu disse, forçando-me a olhar nos seus olhos.

— Como o quê?

— Tipo... se ainda deveríamos ou não ficar juntos?

Isso chamou sua atenção - ainda mais do que o cabelo - e nenhum de nós estava sorrindo naquele momento. Não sei o que esperava que você dissesse, mas não foi...

— Ok. Vamos fazê-lo. Um jogo de pedra, papel e tesoura decidirá o futuro do nosso casamento. Se eu perder, acabou.

Eu não tinha mais certeza de quem estava pagando de quem era o blefe ou se era isso mesmo. Você sempre me deixou vencer sempre que jogávamos. Minha tesoura cortaria seu papel. Todo. Vez. Não sei o que me fez querer que as coisas fossem diferentes, mas minha mão adquiriu um novo formato. Para minha surpresa, a sua também.

Na primeira tentativa, nós dois formamos uma pedra e deu um empate.

Mas se eu não tivesse mudado minha escolha... você teria vencido.

Na segunda tentativa, nós dois escolhemos papel.

Com as apostas consideravelmente mais altas do que o normal, a terceira rodada do jogo infantil pareceu ridiculamente tensa.

Jogamos novamente. Eu escolhi torcer, mas você decidiu ficar. Seus dedos em forma de papel envolveram meu punho em forma de pedra e você venceu.

— Acho que isso significa que ficaremos juntos
— eu disse.

Você segurou minhas duas mãos e me puxou para mais perto.

— Isso significa que às vezes a vida muda as pessoas, até mesmo nós. Ambos somos versões diferentes de nós mesmos em comparação com quem éramos quando nos conhecemos. Quase irreconhecível em alguns aspectos. Mas eu amo todas as versões de você. E não importa o quanto mudemos, o que sinto por você nunca mudará — você disse, eu queria acreditar em você. Chegamos tão longe, você e eu, e fizemos isso juntos. É por isso que não posso nos deixar desmoronar.

Não fomos ao pub e não fizemos muito para comemorar nosso aniversário este ano. Em vez disso, fiquei acordada até tarde para ler seu trabalho. Era bom. Talvez o seu melhor. Sentir-se necessária não é o mesmo que sentir-se amada, mas é próximo o suficiente para me lembrar de quem éramos. Quero encontrar essa versão de nós novamente e avisá-los para não deixarem a vida mudar muito quem eles são.

Deixei minhas anotações sobre o manuscrito, junto com meu presente de aniversário para você, na mesa da cozinha, antes de sair cedo para o trabalho no dia seguinte. Era uma pequena estátua de bronze de

um coelho saltando no ar. Você pensou que tinha algo a ver com *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* - sabendo que esse era um dos meus livros favoritos quando criança - mas você estava errado. Comprei porque me lembrou um provérbio russo que um velho me ensinou uma vez. Ainda gosto bastante disso:

Se você perseguir dois coelhos, não pegará nenhum deles.

Você me deu uma bússola de bronze alguns dias depois, com a seguinte inscrição:

PARA QUE VOCÊ SEMPRE POSSA ENCONTRAR
O CAMINHO DE VOLTAR PARA MIM.

Eu não tinha percebido que você pensava que eu estava perdida.

Sua esposa,

xx

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

AMELIA



Adam abandona o carro com os pneus furados e volta furiosamente para dentro da capela. Eu o sigo pela sala de bagagens, pela cozinha, depois pela sala, até que ambos estamos no meio do escritório secreto de Henry Winter. Adam olha ao redor da sala. Não tenho certeza do que ele está procurando ou espera encontrar. Eu preferia quando pensava que íamos embora.

Coelhos brancos são definitivamente um tema aqui... eles saltam por todo o papel de parede, nas persianas, nas almofadas. As escolhas de design de interiores são inesperadas para um homem de oitenta anos que gostava de escrever livros sombrios e perturbadores. Mas como Adam sempre diz, os melhores escritores tendem a não ter nada e tudo em comum com seus personagens.

Adam me encara com uma expressão estranha no rosto.

— Se você sabe alguma coisa sobre o que realmente está acontecendo aqui, então agora seria um bom momento para me contar — diz ele, em um tom que normalmente reserva para ligações não solicitadas.

— Não comece a tentar me culpar. Este lugar pertence ao autor cujos livros você passou os últimos dez anos de sua vida adaptando. Eu

nunca gostei dele. Ou seus livros. E tudo o que vi neste fim de semana sugere que *você é* a razão de estarmos presos aqui.

Adam olha novamente para a escrivaninha antiga, aquela que pertenceu a Agatha Christie. É feito de madeira escura e bem pequena, mas tem dez gavetas minúsculas embutidas, que só noto quando ele começa a retirá-las. Cada uma parece uma caixa de madeira em miniatura, quando ele coloca a primeira na palma da mão, cai uma pequena estátua de bronze de um coelho.

— Já vi isso antes — ele murmura, já indo para a próxima gaveta.

Dentro dela, ele encontra um pássaro de papel de origami, igual ao que sempre carrega na carteira. Observo em silêncio enquanto a cor parece sumir de seu rosto.

Não gosto de ver meu marido assim. Todas as outras pessoas veem uma versão diferente do homem que conheço. Eles não têm conhecimento de seu humor, ou de suas inseguranças, ou de seus pesadelos regulares sobre uma mulher de quimono vermelho sendo atropelada por um carro. Ele não apenas acorda sem fôlego e coberto de suor quando sonha com ela, às vezes ele grita. Adam passou a vida inteira fugindo das coisas que mais o assustavam, embora o menino agora pareça um homem, ele não mudou tanto.

Não aos meus olhos.

Ele abre outra gaveta e segura uma chave de ferro que parece antiga.

A próxima está cheia de moedas de cobre. Deve haver mais de cem delas, cada uma com buracos no lugar dos olhos e um rosto sorridente esculpido.

CAPÍTULO QUARENTA OITO

CERÂMICA

Palavra do ano:

Monachopsis substantivo. A sensação sutil, mas persistente, de estar fora do lugar. Incapaz de reconhecer o habitat pretendido, nunca se sentindo como se estivesse em casa.

28 de fevereiro de 2017 - nosso nono aniversário

Prezado Adam,

Nossa casa não parece mais nossa casa, mas pelo menos você não esqueceu nosso aniversário este ano. Isso é alguma coisa, suponho. Você esteve ocupado escrevendo novamente e eu me ocupei fazendo outras coisas com outras pessoas.

Optamos por uma noite tranquila - como fazemos na maioria das noites - mas com uma garrafa de champanhe e comida para viagem para comemorar nossos nove anos de casamento. Nós dois concordamos que comer na sala enquanto assistimos a um filme era a melhor opção - ficar sentado em silêncio apenas destaca nossa luta para conversar

atualmente. Você me deu um voucher impresso comprado em um site de última hora para uma aula de cerâmica. Eu te dei uma caneca que dizia *VÁ LÁ, ESTOU ESCRIVER*. Pensei em sugerir que vissemos um conselheiro matrimonial, mas até agora nunca pareceu o momento certo. Nós dois estamos agindo com tanto cuidado que paramos.

Senti um misto de alívio e excitação quando a campainha tocou e nos salvou de nós mesmos. Você deu um pulo para atender e passou tanto tempo no corredor que presumi que fosse alguém que você conhecia. Mas era minha amiga do trabalho. Ela estava chorando. Tive uma ligeira oscilação quando vi vocês dois juntos. Tento não falar sobre nós com ela, mas ela sempre pergunta, então é difícil não falar sem parecer rude. Acho que só queria mantê-la para mim, uma amiga minha que não tinha nada a ver com você, por mais bobo que isso possa parecer.

— O que está errado? — Eu perguntei, vendo vocês dois parados ali na porta, você de chinelos, ela de salto alto com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ela começou como voluntária na Battersea Dogs Home no ano passado. Se realmente tivéssemos que pagar a todos que trabalham para a instituição de caridade, logo estaríamos à falência. Os voluntários

ajudam os funcionários em quase tudo: cuidar dos animais, lavá-los, passear com eles, alimentá-los. Eles limpam canis, ajudam a conscientizar e arrecadar fundos em eventos, e alguns até me ajudam no escritório. Foi assim que nos conhecemos. Em troca, ajudei-a conseguir um emprego remunerado de tempo integral no início deste ano, então agora nos vemos quase todos os dias.

Meus colegas não foram afetuosos com ela como eu. Eles faziam piadas de que poderíamos ser gêmeas se o meu cabelo não fosse loiro e liso, e o dela, uma mecha de cachos castanhos. Mas acho que a maioria dos comentários mal-intencionados foram de olhos verdes. A fofoca quase sempre é filha do ciúme. Ela é tímida e socialmente desajeitada, o que deixa as pessoas desconfiadas. Ela também é um pouco quieta demais e sempre fala como se duvidasse de tudo o que sai de sua boca, experimentando as palavras para ver o tamanho, como se estivesse preocupada que elas não cabessem. Mas não esta noite.

— Sinto muito por aparecer assim, sem ser convidada — disse ela, enxugando o rosto manchado de lágrimas com as costas da mão. Ela usava um casaco enorme e fofo com capuz, que não combinava em nada com os saltos.

— O que aconteceu? Você está bem? — Eu perguntei e ela começou a soluçar. — Entre...

— Não, eu realmente não posso. Adam disse que é seu aniversário...

Seu nome em seus lábios soou estranho aos meus ouvidos.

— Oh, não se preocupe com isso. Estamos casados há quase uma década; nós nem fazemos mais sexo.

O olhar que você me deu então foi impagável.

Eu me pergunto o que meu próprio rosto fez quando ela aceitou o convite, entrou e baixou o capuz para revelar uma cabeça loira. Os cachos camundongos sumiram, em vez disso ele foi penteado exatamente como o meu e tingido exatamente no mesmo tom.

— Oh... — ela disse, observando minha reação enquanto tirava o casaco. — Eu fiz meu cabelo.

— Então, entendo — eu disse, observando o resto da reforma. Seu uniforme de trabalho, um moletom Battersea, jeans velhos e tênis — que era

praticamente tudo o que eu já a vi usar - foi substituído por um vestido vermelho justo. Ela parecia diferente, mas familiar: ela se parecia comigo. Ela até parecia um pouco comigo. O sotaque do East End com o qual eu estava acostumada desapareceu, mas muitas pessoas soam diferentes quando estão nervosas. E ela parecia super nervosa perto de você.

— Eu queria estar bonita porque tinha um encontro... mas foi ruim. Ele disse que queria me buscar e eu pensei que ele estava sendo antiquado e gentil, mas agora ele sabe onde moro. Ele me ameaçou e ficou muito agressivo quando não o convidei e... sinto muito, não conheço mais ninguém em Londres, exceto você e...

— Está tudo bem, você está segura agora. Uma taça de champanhe ajudaria? — Você sugeriu, e ela sorriu com dentes que pareciam mais brancos do que antes.

Você é sempre um marido melhor quando temos audiência.

Senti muita pena dela enquanto nós três estávamos sentados na sala, bebendo nosso champanhe de aniversário e ouvindo suas histórias de terror

aparentemente intermináveis sobre a vida de solteira. Eu não poderia imaginar estar sozinha na nossa idade. O mundo mudou tanto - namoro online, encontros online, aplicativos de namoro - tudo parece horrível. Eu nunca tinha visto isso antes - talvez porque ela fez um ótimo trabalho escondendo-o sob as camisetas largas e os jeans velhos que normalmente usava - mas minha amiga fica muito bonita quando se esforça. Se a vida de solteira é tão difícil para ela, imagine como seria para nós, meros mortais. Eu me sentia velha demais para esse tipo de besteira. Eu observei você, observando ela e sendo tão gentil e atencioso. Ela sorria constantemente enquanto você conversava educadamente, como se houvesse uma cota de sorrisos que ela precisava cumprir antes do final da noite. Fiquei feliz que vocês dois pareciam se dar bem. Ao abrirmos outra garrafa e sentarmos e ouvi-la falar sobre encontros terríveis com homens terríveis, percebi a quão sortuda eu era por ter um dos bons.

— Bem, foi bom finalmente conhecer sua esposa do trabalho — você sussurrou, enquanto subíamos na cama. Ela estava dormindo em nosso quarto de hóspedes, dada a quantidade de álcool que consumiu, provavelmente não havia necessidade de abaixar a voz.

— Não sei por que nunca a convidei antes.
Agora que penso nisso, não tenho certeza de como ela sabia onde me encontrar - acho que nunca lhe dei nosso endereço - mas estou feliz que ela tenha feito isso.

— Ela não é exatamente o que eu imaginei pela maneira como você a descreveu. Ela parece... legal.

— Você disse isso como se fosse um insulto. Você a achou atraente?

Você riu. — Não.

— Realmente? Mesmo com o cabelo, os saltos altos e a maquiagem...

— Realmente não. Além disso, não consigo ver tudo isso, lembra? Eu só vejo o que está dentro.

— E o que você viu? Dentro?

— Uma atriz. Já conheci o suficiente delas para saber.

Eu ri. — Isso é loucura... ela é uma ratinha quieta na maior parte do tempo.

— Nem todas as atrizes estão no palco. Algumas andam entre nós, disfarçadas de pessoas normais. — Nós dois rimos e você me abraçou mais perto. Há algo de mágico em estar em uma cama quente quando está frio lá fora. Compartilhar o calor corporal com alguém que você ama. Ou costumava. Mas só porque ainda dividimos a cama não significa que ainda compartilhamos as mesmas opiniões.

— O que você vê dentro de mim? — Perguntei.

— O mesmo de sempre, minha linda esposa.

Você olhou para mim então e eu me senti vista.

— O quê aconteceu conosco? — Eu perguntei, esperando que você desviasse o olhar ou mudasse de assunto, mas você não o fez.

— Eu não sou quem era há dez anos, e você também não, e está tudo bem. A única pergunta que precisamos nos fazer é: amamos quem somos agora? Ouvir sua amiga esta noite me fez sentir solitário e sortudo ao mesmo tempo. O sucesso de um relacionamento não pode ser medido apenas pela longevidade. Adoro que celebremos esses marcos a cada aniversário, e até sorrio com as notícias sobre casais que estão juntos há setenta anos, mas também

acho que é possível ter um caso de uma noite que pode ser mais profundo do que alguns casamentos. Não se trata de quanto tempo dura um relacionamento, mas do que ele ensina um sobre o outro e sobre você mesmo.

— O que você está dizendo?

Você sorriu. — Pedra. Papel. Tesoura.

— O quê?

— Você me ouviu, pedra, papel e tesoura. Se você vencer, ficaremos juntos para sempre.

Deve ter passado um ano desde a última vez que jogamos esse jogo. Mas você me deixou vencer como sempre fazia, minha tesoura cortando seu papel. Parece bobagem, mas senti como se fosse um sinal de que talvez também fôssemos mais parecidos com quem éramos.

— O que teria acontecido se eu tivesse perdido?

— Perguntei.

— De qualquer maneira, ficaríamos juntos para sempre, porque eu amo você, Sra. Wright — você respondeu, passando o braço em volta da minha

cintura. Se fosse o álcool falando, eu não me importava. Você passa o dia todo trabalhando com palavras, mas essas eram as únicas três que eu precisava ouvir.

— Eu te amo mais — eu disse, e fizemos amor pela primeira vez em muito tempo.

Eu sou uma garota que gosta de estar na mesma página quando se trata de relacionamentos, é uma maneira perigosa de ser. Uma queda feia, ou um deslize infeliz, e tudo o que me importa pode rachar e quebrar. Eu encontrei minha pessoa quando encontrei você, e nunca mais precisei ou quis outra pessoa desde então. Certo ou errado, eu coloquei toda a minha parte emocional em nós. Adotei suas esperanças e sonhos e os amei como se fossem meus. Eu me importava tanto com você que não tinha mais nada para dar a ninguém, nem a mim mesma. Eu estava satisfeita com um círculo social grande o suficiente para dois. Você sempre foi o suficiente para mim, mas nunca senti que era o suficiente para você. Talvez isso possa mudar. Talvez se eu tentar te amar um pouco menos, a balança possa pender a meu favor e você possa me amar um pouco mais?

Preocupo-me muito com minha amiga de trabalho, mas não quero acabar como ela. Vê-la aqui em nossa casa - tão solitária, triste e quebrada - foi um alerta. Engraçado como o infortúnio de outra pessoa pode fazer você perceber o que tem. Precisamos parar de considerar uns aos outros como garantidos. Essa é outra coisa que ninguém lhe conta sobre casamento; às vezes é bom, às vezes é ruim, não significa que acabou. Talvez isso seja tão bom ou tão ruim quanto possível? Então, embora nossa casa tenha deixado de parecer um lar, vou tentar consertar isso e vou tentar nos consertar. Mesmo que isso signifique aconselhamento, ou compromissos, ou talvez algum tempo longe, só você e eu... e Bob. Talvez todos os casamentos tenham segredos, e talvez a única maneira de continuar casado seja guardá-los.

Sua esposa,

xx

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

ADAM



— O que isto significa? — Pergunto, segurando a pequena gaveta cheia de moedas em uma mão e uma caneca quebrada VÁ EMBORA, ESTOU ESCRREVENDO na outra. Posso sofrer de cegueira facial e de algum problema neurológico estranho, mas não há nada de errado com minha memória (na maior parte do tempo). A mesa está cheia de presentes de aniversário que minha esposa me deu ao longo dos anos. — Você está envolvida em tudo isso?

— O quê? Não! — Amelia diz.

Eu fico olhando para ela, procurando a verdade, mas não consigo nem ver seu rosto. Suas feições estão girando como uma pintura de Van Gogh e sinto tontura só de olhar em sua direção. Às vezes consigo reconhecer as pessoas pelo formato ou pela cor do cabelo, ou por um par de óculos característico. Às vezes não sei se os conheço.

— Então como você explica isso? — Eu digo, voltando-me para a mesa. — Você organizou esta pequena viagem à Escócia, você nos trouxe até aqui...

— Não consigo explicar nada do que aconteceu neste fim de semana.

— Não pode ou não quer? Você já sabia que Henry Winter estava morto?

— Acho que você precisa se acalmar. Eu não sabia de nada. Eu ainda não sei. Exceto aquilo...

— O quê? — Eu pergunto a ela.

— Você disse que Henry entregou um novo livro em setembro, mas agora sabemos que ele morreu no ano anterior.

— Então?

— Então, e se outra pessoa escreveu? — Ela grita a pergunta e percebo que também estive gritando.

É uma sugestão ridícula. Desde então, o livro foi publicado em todo o mundo. Será que ela acha mesmo que ninguém – incluindo seu agente, seus editores e seu exército de fãs – teria notado se outra pessoa tivesse escrito um livro de Henry Winter? Mas aí eu faço as contas e ela tem razão, não bate.

— Isso não é possível — respondo. A resposta na minha cabeça é menos decisiva, mas não a compartilho com minha esposa.

Os escritores são uma espécie estranha e imprevisível. Ser um exige paciência, determinação, automotivação suficiente para trabalhar sozinho no escuro e autoconfiança para continuar quando as sombras tentam consumi-los. E elas tentam... eu deveria saber. A outra coisa que todos os escritores têm em comum é que, na melhor das hipóteses, são excêntricos, na pior, loucos. Henry fingiria sua própria morte por algum motivo?

— Nós dois vimos alguém entrar na capela mais cedo. Lembra-se? É quem devemos culpar por tudo isso. Não um ao outro — diz Amelia.

— E a mulher na cabana?

— A bruxa com as velas e o coelho branco? Você disse que ela era velha...

— Eu disse que ela tinha cabelos grisalhos. Não vimos mais ninguém desde que chegamos.

— Então, vamos voltar. Bater na porta dela novamente. Na pior das hipóteses, ela lança um feitiço e nos transforma em coelhos brancos também — responde Amelia, parecendo mais calma do que deveria.

Talvez porque ela já saiba o que está acontecendo aqui e tudo isso seja uma encenação.

Sempre me sentirei culpado por trair minha esposa, mas Santa Amelia também dormiu com alguém que não deveria. É como se ela convenientemente esquecesse essa parte da história. Mas não posso. “Chame-me de Pamela” disse a conselheira, que precisávamos seguir em frente, aprender a deixar isso para trás, mas ainda estou chocado com a facilidade com que minha esposa mente.

Eu gostaria de poder ver o rosto dela agora, do jeito que outras pessoas podem. Eu me pergunto se ela parece assustada? Ou ela parece tão composta quanto parece? E se for assim, visto que parecemos estar presos e possivelmente em perigo, por que ela não está tão assustada quanto eu? Ela parece ter esquecido completamente de seu amado cachorro. Ela está mentindo sobre alguma coisa e não sei o que me assusta. Um casamento mal-assombrado é tão assustador quanto uma casa mal-assombrada.

— Venha comigo — eu digo, pegando a mão dela... ela está sempre reclamando que eu não a seguro com frequência suficiente.

Seu rosto e voz podem não denunciá-la, mas Amelia não consegue controlar a respiração. Se ela está genuinamente estressada ou assustada, é sempre a primeira coisa a desaparecer.

Chegamos à velha escada em espiral de madeira que leva ao primeiro andar, e aponto para a galeria de fotos em preto e branco na parede. Isso está me incomodando desde que chegamos aqui.

— Quem são as pessoas nessas fotos, você reconhece algum de seus rostos? — Eu pergunto.

Posso dizer que os retratos ao pé da escada são de pessoas vestidas com roupas vitorianas. Os mais próximos do topo parecem mais recentes. Posso ver que alguns dos sujeitos são adultos, outros são crianças, mas – como sempre – não consigo ver nenhum dos seus rostos.

Amelia balança a cabeça, então começo a puxá-la escada acima.

— Que tal agora? Alguém aqui parece familiar?

— Você está me assustando, Adam — ela diz, e posso ouvir pela sua respiração que ela está dizendo a verdade. Estou prestes a me desculpar quando ela fala novamente.

— Espera aí, acho que essa foto é do Henry adolescente... e a que está abaixo também se parece um pouco com ele, só que mais jovem, com um homem e uma mulher. Pais, talvez.

— Algum tipo de árvore genealógica, talvez? Continue — eu digo, não a deixando ir.

— Tenho quase certeza de que a maioria dessas fotos é de Henry. Não percebi até agora, mas não sabia o que procurar. Ele é muito mais jovem do que o rosto que vejo nas capas dos livros e nos jornais – todos tão desatualizados.

Agora eu solto a mão dela.

Eu mesmo fico olhando as fotos, tentando ver o que ela vê, mas é inútil.

— Alguém mais parece familiar? — Pergunto, quando Amelia para abruptamente no topo da escada. Percebo que ela gira o anel de noivado de safira várias vezes no dedo.

— Tem algumas fotos de uma garotinha também... espere.

— O quê?

— Essas fotos não estavam aqui antes. Você se lembra? Havia apenas três formas retangulares desbotadas com pregos enferrujados saindo da parede. Alguém os colocou de volta. — Estou prestes a perguntar se foi ela, mas mordo a língua. — Acho que esta foto é de...

Vejo algo por cima do ombro dela antes que ela termine a frase.

— Uma das outras portas está aberta — interrompo, correndo em direção a ela.

Todas as portas do patamar estavam trancadas ontem à noite, exceto a que dava para o quarto onde dormíamos e a que dava para a torre do sino. Mas agora outra porta está aberta e me vejo dentro de um quarto de criança.

Tudo está coberto de poeira como o resto da capela, mas este quarto também está cheio de teias de aranha. Cheira a mofo, como se não tivesse ao ar há meses. Talvez mais. A coisa mais assustadora que me chama a atenção é a grande casa de bonecas no meio do quarto. Parece antiga. Também se parece muito com a nossa casa em Londres – uma casa vitoriana de fachada dupla. Não consigo evitar de abrir as portas empoeiradas, quando vejo que os cômodos internos estão decorados de maneira semelhante à nossa casa, começo a me sentir mal. As mesmas duas bonecas esculpidas em madeira estão em todos os quartos, mas não são réplicas em miniatura de Amelia e de mim. Um é um velho do tamanho de uma boneca, vestindo jaqueta de tweed e gravata borboleta, o outro é uma boneca menina, vestida de vermelho. Em todas as cenas de faz de conta eles estão de mãos dadas, e o velho está sempre fumando cachimbo. Quando olho mais de perto, vejo que os cachimbos são na verdade copos e talos de bolota.

— Você viu isso? — Amelia pergunta.

Ela está segurando uma velha caixa de surpresas. Eu tive uma exatamente igual quando criança e isso me aterrorizou. A princípio não entendo o significado, até ver que o nome Jack foi riscado, de modo que agora está escrito Adam-na-caixa.

Minha mãe me ensinou o nome francês para essas coisas quando eu era pequeno: *diable en boîte*, literalmente “caixa do diabo.” Tantas coisas inesperadas me lembram dela. E sempre que o fazem, revivo a noite em que ela morreu: a chuva, o som terrível dos freios do carro, o quimono vermelho dela voando no ar. O cachorro era meu. Implorei a ela que me deixasse ficar com um, mas não cuidei dele. Se eu, aos treze anos, tivesse levado o cachorro para passear, como prometi, ela não teria morrido andando pela calçada naquela noite.

Meus dedos, aparentemente independentes da minha mente, encontram a manivela da *Adam*-na-caixa e a giram. Devagar. A melodia nostálgica toca e a voz da minha mãe canta dentro da minha cabeça.

Minha mãe me ensinou a costurar;

E como enfiar a linha na agulha;

Cada vez que meu dedo escorrega;

Pop! Vai à doninha.

Jack sai da caixa e eu pulo, mesmo sabendo o que estava por vir. Com seu cabelo ruivo selvagem, rosto pintado e roupa azul manchada, parece assustador, ainda mais do que aquele de que me lembro quando criança, porque faltam-lhe os olhos.

Acho que entendi a mensagem não tão sutil, mas o que mais *não* estou vendo?

Ao me virar para observar o resto do quarto, noto que o papel de parede, as cortinas, os travesseiros e o edredom estão todos cobertos de imagens desbotadas da mesma coisa: robins⁹. Então vejo o quadro-negro infantil empoeirado e independente no canto do quarto. As palavras de giz desapareceram e foram claramente escritas anos atrás, mas ainda consigo decifrá-las:

Não devo contar histórias.

Não devo contar histórias.

Não devo contar histórias.

CAPÍTULO CINQUENTA

ESTANHO

Palavra do ano:

Metanoia substantivo. Uma mudança transformadora de coração. A jornada de mudar a mente, a si mesmo ou o modo de vida.

28 de fevereiro de 2018 - nosso décimo aniversário

Prezado Adam,

Não é realmente o nosso décimo aniversário. Estou escrevendo esta carta um pouco tarde por causa do que aconteceu.

Achei que as coisas estavam muito boas entre nós este ano. Achei que estávamos felizes. Eu estava, e pensei que você também estava. Olhando de fora, nosso casamento era definitivamente bastante sólido. Mas eu era cega, estúpida, uma tola crédula, errada. Nada parece real agora que sei a verdade. Sinto-me como se estivesse presa dentro de um globo de neve, mais uma sacudida e desaparecerei completamente.

Durante muito tempo, parecia que alguém estava nos observando. Não consigo explicar o sentimento nem colocá-lo em palavras, mas acho que todos sabemos quando estamos sendo observados. Seja no trabalho, passeando com o cachorro ou apenas no metrô. Você pode sentir quando os olhos de outra pessoa estão olhando em sua direção por mais tempo do que deveriam. Você sempre sabe. É instinto.

Normalmente, quando chego em casa do trabalho, você ainda está no seu escritório. Mas na noite anterior ao nosso décimo aniversário, encontrei você sentado na sala, no escuro, assistindo a um episódio antigo do *The Graham Norton Show* no BBC iPlayer. Henry Winter é conhecido por nunca dar entrevistas, mas para comemorar a publicação de seu quinquagésimo terror em cinquenta anos, ele concordou em dar uma no ano passado. Assistimos juntos na época. Graham Norton estava engraçado e charmoso como sempre, mas lembro-me de me sentir mal quando ele apresentou Henry. Um velho que mal reconheci subiu no palco antes de se sentar no sofá vermelho. A bengala, com cabo prateado em forma de cabeça de coelho, era uma novidade em seu paletó de tweed e uniforme de gravata-borboleta. Assim como o sorriso em seu rosto. Parecia que doía.

Eu gostaria que nunca tivéssemos visto a entrevista, mas vimos, e ontem à noite vi você assistindo repetidas vezes. A parte em que Henry Winter mencionou você. Fiquei em silêncio no corredor de nossa casa e observei enquanto você rebobinava e tocava sete vezes.

Graham inclinou-se para frente. — Agora, diga-me, só entre nós... — o público riu, — o que você realmente acha das adaptações de seus livros para a TV e o cinema?

O sorriso falso desapareceu do rosto fortemente enrugado de Henry.

— Não tenho televisão, sempre preferi ler.

— Mas você deve tê-los visto? — Graham persistiu, tomando um gole de vinho branco.

— Eu os vi. Não posso dizer que gosto muito deles. Mas fui persuadido a deixar o roteirista tentar - sua carreira não estava indo a lugar nenhum antes de eu dizer sim - e mesmo que eu não goste do que ele fez com os livros, muitas outras pessoas gostam. Então...

Graham riu. — Caramba, vamos torcer para que ele não esteja assistindo!

Mas você estava assistindo. Eu também. Acho que você não falou com Henry nem escreveu nada novo desde então.

Você culpou seu agente pelo que Henry disse, e eu me senti péssima... gosto do seu agente, ele é um dos mocinhos no que às vezes pode ser um mau negócio, mas ainda assim não consegui lhe contar a verdade. Achei que as coisas entre nós finalmente estavam de volta aos trilhos, dizer a você que fui eu a razão pela qual Henry deixou você adaptar os livros dele não parecia uma ideia muito brilhante.

Não sei o que fez você ficar sentado no escuro e assistir a um clipe antigo de Henry colocando você no chão. Não sei por que você ainda se importa com o que ele pensa. Notei então a garrafa de uísque pela metade - a marca favorita de Henry - ao lado do seu prêmio Bafta. É difícil quando o ponto alto da carreira de alguém vem logo no início. Às vezes é melhor começar aos poucos... dar espaço para crescer.

Voltei para o corredor, bati a porta da frente e subi correndo as escadas. — Só vou tomar um

banho rápido — gritei, para que você pensasse que não te vi. Quando desci, a TV estava desligada, o uísque havia acabado e o Bafta estava de volta na prateleira. Eu me perguntei há quanto tempo você estava fingindo estar bem, quando na verdade estava se sentindo quebrado. Representando todas as noites quando chegava em casa. Seu trabalho significa que você passa muito tempo sozinho. Um pouco demais às vezes, talvez. Eu queria consertar você, mas não sabia como.

No dia seguinte - nosso aniversário - decidi sair mais cedo do trabalho. Eu estava determinada a animá-lo e surpreendê-lo. Algo parecia errado enquanto eu caminhava pelo caminho do jardim. A árvore de magnólia que você plantou no meio do gramado no nosso quinto aniversário parecia que estava morrendo. Optei por ignorar o que poderia ter sido um sinal e deixei Bob e eu entrarmos em casa. Tudo estava quieto e silencioso, como sempre acontece quando você está no escritório, o que quase sempre acontece. Havia uma lata de feijão cozido na mesa da cozinha... pensei que fosse algum tipo de brincadeira, sabendo que a lata era o presente tradicional durante dez anos de casamento. Sorri e subi direto para o nosso quarto. Planejei passar um

pouco de tempo me cuidando, em vez de cães abandonados, para variar, antes de surpreender você.

Mas você me surpreendeu em vez disso.

Você ainda estava na cama.

Com minha amiga do trabalho.

Ela ligou dizendo que estava doente naquela manhã. Agora eu sabia por quê.

Tudo parou quando entrei no quarto. Não me refiro apenas a você, ou a ela, ou ao que você estava fazendo. E não quero dizer apenas que parei de respirar - embora parecesse que parei - foi como se o próprio tempo tivesse parado perfeitamente, esperando que os pedaços da minha vida quebrada caíssem e ver onde eles iriam parar.

Eu apenas fiquei ali, olhando, incapaz de processar o que estava vendo.

Ela sorriu. Sempre me lembrarei disso. Então me lembro de você olhando entre nós duas. Sua esposa na porta e sua amante na nossa cama.

— Achei que fosse você — você disse, enrolando o lençol em volta de si. Quando eu não respondi, você disse de novo. Como se as palavras pudessem soar menos como mentiras se você as dissesse uma segunda vez. — Pensei que era você.

Só de pensar em mentir pode fazer você corar e suas bochechas ficarem vermelhas.

Não estou orgulhosa do que fiz a seguir. Eu gostaria de ter dito algo inteligente, mas nunca fui boa em saber o que dizer até muito depois de um acontecimento, e mesmo agora não consigo encontrar as palavras certas para o que vi naquela tarde. Então não disse nada, mas fui até o galpão do jardim, peguei uma pá e desenterrei aquela maldita magnólia do meu outrora perfeito gramado. Ela saiu e você apenas assistiu com horror. A árvore já estava maior do que eu, mas arrastei-a pela porta da frente e subi as escadas, arranhando as paredes e deixando um rastro de terra e galhos quebrados atrás de mim. Depois a joguei na cama onde você dormiu com ela, antes de enfiá-la debaixo dos lençóis, como um bebê.

— Eu farei o que você quiser para consertar isso. Aconselhamento? Um feriado? Poderíamos ir para a Escócia, como fizemos na nossa lua de mel?

Qualquer coisa? — Você disse, enquanto eu arrumava uma mala. Mas não acho que nada possa nos consertar agora. Você quer?

Sua esposa

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

AMELIA



Adam ainda não juntou as peças do quebra-cabeça.

Ele olha para o quarto da menina onde tudo está coberto de tordos, parecendo uma criança perdida. Até eu pegar sua mão e levá-lo de volta ao patamar. Paramos no topo da escada em espiral e aponto para a última foto emoldurada na parede.

— Quem é esse? — Ele pergunta, embora eu tenha quase certeza de que ele já deve saber. Ter cegueira facial não pode impedir alguém de ver a verdade.

O relógio de pêndulo do quarto começa a tocar e nós dois pulamos... Achei que tinha parado.

— É você — eu digo. Estudamos então a imagem: o terno caro que ele usou no casamento, os confetes nos ombros, o vestido de noiva, as alianças, os sorrisos felizes... e outra pessoa na foto. — Henry está em segundo plano. Nós dois sabemos que ele não foi convidado, mas o fato de ele estar lá – parado na rua em frente ao cartório, pelo que parece – junto com a visão desta foto em sua parede de retratos de família, sugere que ele pensava em você como muito mais do que apenas um roteirista que adaptou seus livros.

Adam ainda não entende.

Isto não vai ser fácil. Mas meu marido precisa saber a verdade agora, e precisa ser eu quem lhe conte.

— A mulher na foto do casamento não sou eu.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

ADAM



— O que você quer dizer? — Pergunto, olhando para a foto de uma noiva e de um noivo cujos rostos não consigo ver.

— É uma foto do seu primeiro casamento. Quando você se casou com Robin.

Ficamos em silêncio no topo da escada. Parece que ficamos assim por muito tempo, enquanto tento processar o que Amelia disse.

— Eu não entendo...

— Acho que sim — diz ela. — Acho que embora você tenha sido casado com Robin por dez anos, ela nunca lhe contou que era filha de Henry Winter. Acho que ela cresceu aqui e o quarto daquela menina era dela.

Fico olhando para minha segunda esposa por um longo tempo, tentando ver em seu rosto se isso é algum tipo de brincadeira. Mas os redemoinhos de Van Gogh estão de volta e eu agarro o corrimão para me equilibrar.

— Isso é uma loucura. Isso não pode ser verdade!

Amelia balança a cabeça. — Eu sei que você não consegue ver, mas essas três fotos na parede – as que estavam desaparecidas ontem – são todas da sua ex-mulher. Este é você e Robin se casando, com uma bomba fotográfica de Henry. — Ela aponta para a próxima foto. — Esta é Robin quando ela era mais jovem, adolescente, eu acho, em um barco a remo pescando no Lago Blackwater. E esta... — ela aponta para o quadro final, — é uma garotinha, que se parece com Robin, sentada no colo de Henry lendo um livro, enquanto ele fuma cachimbo.

Minha mente está correndo para frente e para trás no tempo e falo meus pensamentos em voz alta.

— Isso não pode ser real. Henry não teve filhos...

— A lápide no cemitério diz diferente.

— Robin nunca quis falar sobre sua família, especialmente sobre seu pai. Ela disse que eles estavam separados...

— Não duvido, mas acho que há uma razão pela qual ela nunca lhe contou quem ele era.

Estudo novamente os rostos nas fotos, mas mesmo agora que sei o que procurar, todos parecem iguais.

— Eu sei que você não pode ver por si mesmo, então você vai ter que confiar em mim — diz Amelia. Depois de me seduzir, o marido de sua melhor amiga, confiar nela é algo em que nunca fui muito bom. — Estou lhe dizendo que essas fotos são todas da sua ex-mulher. As dela quando menina parecem iguais as de Henry quando menino. A semelhança é estranha. Eles poderiam ser gêmeos separados por quarenta anos, ou talvez fosse hora de aceitar que Robin é filha de Henry.

Suas palavras parecem uma série de tapas, beliscões e socos. Não consigo entender isso, mas estou começando a acreditar no que Amelia está dizendo.

— Não entendo por que nenhum deles teria me contado algo tão grande como isso — digo, odiando o som patético da minha própria voz. Talvez eu não consiga ver a beleza por fora, mas Robin era a pessoa

mais linda por dentro. Eu podia sentir isso sempre que ela estava na mesma sala. Todos os outros também souberam disso assim que a conheceram – ela era tão boa, genuína e honesta. Não consigo imaginá-la mentindo para mim sobre nada, muito menos sobre algo tão grande como isso.

— Talvez houvesse uma boa razão pela qual nenhum deles queria que você soubesse? Quem você conheceu primeiro? Como surgiu a ideia de você adaptar os livros de Henry Winter? — Amelia pergunta.

Lembro-me daquele dia feliz, quando Robin e eu dividíamos um apartamento de porão de baixa qualidade em Notting Hill. Tínhamos tão pouco naquela época, mas muito mais do que tenho agora. Éramos almas gêmeas que sobreviveram a infâncias difíceis e estávamos sozinhos no mundo até nos encontrarmos. Robin sempre acreditou em mim e no meu trabalho, não importa o que acontecesse. Ela acreditou em mim quando ninguém mais acreditou e sempre esteve lá sempre que eu precisei dela. Sempre. Sem nunca querer nada em troca. Sinto Amelia olhando para mim, esperando uma resposta.

— Meu agente ligou aleatoriamente quando eu estava desempregado, dizendo que Henry Winter havia me convidado para encontrá-lo em seu apartamento em Londres — digo, uma de minhas lembranças mais felizes apagada assim que o faço.

— Isso é normal?

Eu não respondo a princípio. Nós dois sabemos que não é. — Bem, o agente *dele* morreu de repente...

— Do quê?

— Não me lembro... só que foi um choque. Seu agente era bem jovem.

— Engraçado como as pessoas que se interpuseram entre você e Robin parecem morrer ou desaparecer.

— O que isso significa?

— Ela não tinha exatamente muitos amigos.

Ela não precisava deles. Ela me tinha, com ou sem razão, eu era tudo o que ela queria. Mas eu tomei isso como certo.

— Ela não tinha problemas em fazer amigos — digo, ciente de que agora estou defendendo minha ex-mulher. — Todo mundo gostava de Robin. Ela raramente gostava deles também. Ela se tornou bastante amiga de October O'Brien quando trabalhávamos juntos.

— October morreu. Há uma gaveta cheia de recortes de jornais sobre ela na cozinha.

— Você não pode pensar seriamente que... foi *suicídio*. Robin também era sua amiga. Ela conseguiu um emprego para você em Battersea quando você era voluntária, foi gentil com você, confiou em você...

— Isso não é sobre mim. Será que aquele encontro inesperado com um autor de best-sellers internacional aconteceu porque você estava morando com a filha dele? — Amelia diz, como se falasse em voz alta sobre meus medos particulares. — Acho que durante esses dez anos em que você foi casado com Robin, você foi genro de Henry Winter. Você simplesmente não sabia disso.

— Bob — eu sussurro.

— E ele?

— Ele era o cachorro de Robin. Ela o adotou em Battersea, amou-o como se fosse uma criança. Se ela o tiver, pelo menos sabemos que ele está seguro.

— Você realmente acha que ela está por trás de tudo isso? — Amelia pergunta.

— Quem mais pode ser? A questão mais importante neste momento é: por que estamos aqui e por que agora? Se ela quisesse vingança, seria preciso esperar muito tempo. Então o que ela quer? Por que nos enganar para virmos para a Escócia?

— Não sei, ela é sua ex-esposa.

— Ela é sua ex-amiga. Você me disse que quando ganhou um fim de semana aqui, o e-mail dizia que só poderíamos vir neste fim de semana. Isso está certo? — Eu pergunto.

Ela dá de ombros. — Sim. Mas por quê? O que há de tão especial neste fim de semana?

— Não sei. Qual é a data?

Amelia verifica seu telefone. — Sábado,... vinte e nove de fevereiro. É um ano bissexto, eu nem tinha percebido. Isso significa alguma coisa?

— Sim — eu digo. — É nosso aniversário de casamento.

Ela parece confusa. — Nós nos casamos em setembro...

— Não é *nosso*. É a data em que me casei com Robin.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

ROBIN



Robin se lembra de ter saído de casa em Londres, no dia em que encontrou Adam e Amelia na cama juntos. Ela se lembra da árvore de magnólia e de tirar o anel de noivado de safira que pertencera à mãe de Adam, junto com sua aliança de casamento, e deixá-los na mesa da cozinha. O resto é, na melhor das hipóteses, um borrão. Ela pegou sua bolsa, algumas de suas coisas favoritas, entrou no carro e dirigiu. Ela não sabia o que iria fazer, nem para onde iria, só precisava ir para muito, muito longe deles, o mais rápido possível. Seu maior erro foi deixar Bob para trás. As únicas pessoas que não se arrependem são os mentirosos.

Foi então que Henry ligou. Para dizer a ela que ele estava morrendo e pedir que ela voltasse para casa.

Robin não falava com o pai há anos, mas uma série de estrelas cadentes pareciam se alinhar naquela tarde, para guiá-la de volta à casa de onde ela fugiu quando criança. Verdade seja dita, ela não tinha outro lugar para ir.

Robin ainda se lembra de quando Amelia começou a trabalhar como voluntária na Battersea Dogs Home, e de como ela teve pena da criatura tímida e solitária, da mesma forma que teve pena de todos os

animais abandonados que chegaram lá. Ela ajudou Amelia a conseguir um emprego e uma vida, tornou-se sua amiga e em troca a mulher roubou-lhe o marido. Ela parece tão diferente agora, com seus cabelos loiros, roupas elegantes e o ex-marido de Robin de braço dado. Mas, por mais terrível que seja ser traída por uma amiga, foi Adam quem Robin culpou a princípio. Para tudo.

Não mais.

Agora ela culpa os dois, e é disso que se trata este fim de semana e por que ela os enganou para virem aqui.

Robin passou por luto apenas três vezes em sua vida:

Quando ela parou de tentar ter um filho.

Quando seu marido a traiu.

E quando a mãe dela se afogou em uma banheira com pés.

O mundo inteiro pensou que foi um acidente, *mas não foi*. Robin sempre acreditou que Henry foi o responsável pela morte de sua mãe. Foi por isso que ele realmente mandou Robin para o internato, e por que ela fugiu assim que teve idade suficiente para partir para sempre. Ele removeu quase todos os vestígios de sua mãe da capela escocesa que ela amorosamente converteu em lar. As banheiras foram as primeiras a desaparecer. Sua mãe adorava cozinhar, então Henry esvaziou quase todos os armários e gavetas da cozinha até que restassem apenas dois de tudo; dois pratos, dois talheres, duas xícaras. *Nenhuma* panela, forma ou frigideira foi deixada para trás. O cheiro da comida o lembrava da esposa morta, então a velha governanta preparava grandes porções de refeições em casa e depois enchia o freezer da capela com elas para que ambos não morressem de fome. Robin guardou o que pôde dos pertences da mãe, incluindo dois pares de tesouras de bordar douradas e prateadas em forma de cegonha – sua mãe adorava costurar e também cozinhar – e os escondeu debaixo da cama. Ela nunca acreditou que a morte de sua mãe fosse acidental. Pessoas que leem e escrevem romances policiais e thrillers sabem que

há um número infinito de maneiras de escapar impune de um assassinato. Robin suspeita que isso acontece o tempo todo.

Sempre foi como se seus pais estivessem desempenhando um papel em uma peça para a qual prefeririam não ter participado. Será o desinteresse uma forma de negligência? Robin pensa assim. Mas as coisas ficaram muito piores depois que sua mãe morreu. Seu mundo tornou-se muito pequeno e muito solitário muito rapidamente. Henry pensou que gastar dinheiro no problema resolveria o problema, como sempre fez, e foi por isso que ela nunca quis um centavo dele quando adulta. Ela preferia dormir em uma cabana gelada, com banheiro externo, do que passar mais uma noite sob o teto dele. Seu dinheiro era dinheiro de sangue em mais de um aspecto.

Henry comprou a casa de boneca mais chique que Robin já tinha visto quando sua mãe morreu. Cada cômodo tinha as mesmas duas pequenas figuras dentro dela. Uma parecia Henry, a outra era uma Robin em miniatura. Uma família de brinquedos feliz para substituir a verdadeira quebrada. Ele mesmo esculpiu as bonecas com seus cinzéis de madeira, assim como as estátuas do lado de fora da capela, e todos os pássaros em forma de robins que ele havia cortado ao longo dos anos, enquanto fumava seu cachimbo ou bebia um copo de uísque.

Ninguém mais sabia o que realmente aconteceu com a mãe de Robin. Ninguém suspeitou de nada. Henry até escreveu sobre um homem que matou sua esposa na banheira alguns anos depois, em seu romance policial chamado *Drowning Your Sorrows*. Isso fez Robin questionar se todas as suas histórias poderiam ser baseadas em fatos e não em ficção, e esse pensamento a aterrorizou. O livro era um grande best-seller, todos no internato falavam dele, até os professores.

Isso inspirou Robin a escrever sua própria história. Seu professor de inglês ficou tão impressionado que, sem que Robin soubesse, ele enviou uma cópia para Henry no final do semestre, dizendo que o dom de contar histórias claramente era de família. Era sobre um romancista que cometia crimes na vida real e depois escrevia sobre eles em seus livros, sempre escapando impune de assassinatos.

Quando Robin voltou para casa naquele Natal, Henry mal falou com ela. *Ele* ficou trancado em seu escritório secreto com seus amados livros. Como sempre. Uma tarde ela encontrou suas bonecas flutuando na pia do banheiro. Parecia que elas estavam se afogando, assim como sua mãe havia feito na banheira com pés. Quando ela acordou na manhã de Natal, não havia presentes na meia pendurada na ponta da cama. A única coisa que mudou durante a noite foi que o cabelo de Robin foi cortado. Havia duas longas tranças loiras sobre o travesseiro onde ela dormira, e a linda tesoura de cegonha da mãe estava na mesinha de cabeceira.

Henry Winter não escreveu apenas sobre monstros. Ele era um.

Ele a fez escrever versos como punição por escrever aquela história na escola:

Eu não devo contar histórias

Não devo contar histórias.

Não devo contar histórias.

Então Robin nunca mais escreveu uma palavra de ficção.

Até Henry morrer.

Depois de enterrá-lo no cemitério atrás da capela, Robin voltou ao escritório secreto onde ela nunca teve permissão de entrar quando criança e sentou-se naquela mesa antiga. Ela pegou o laptop do pai morto. Lembrar a senha foi fácil: era o nome dela. Ela encontrou o trabalho incompleto de Henry em andamento e começou a ler. A ideia parecia maluca em sua cabeça a princípio. Que outra palavra existia para descrever uma mulher que trabalhava com cães tentando terminar um livro de um autor de best-seller internacional?

Mas foi isso que ela fez.

Robin apagou a maior parte do que Henry havia escrito – ela não achou muito bom – e depois substituiu por suas próprias palavras. Ela escreveu três rascunhos em três meses, quando o livro foi concluído e ela o editou da melhor maneira possível, sentiu como se a transição da

história de seu pai para a dela fosse perfeita. Depois ela digitou o livro inteiro de novo... na máquina de escrever de Henry, exatamente como ele teria feito. O verdadeiro teste seria enviá-lo ao seu agente: se alguém conseguisse perceber a diferença, seria ele.

Robin já sabia que Henry sempre embrulhava seus manuscritos em papel pardo e os amarrava com barbante – ela já o vira fazer isso muitas vezes quando criança – então ela fez o mesmo e depois levou o pacote até o correio.

Robin mal tinha saído da Blackwater desde que chegou, três meses antes. Parecia-lhe estranho que o mundo fora das grandes portas de madeira da capela fosse o mesmo em que vivera antes, quando a vida de Robin mudara de forma irreconhecível. Não havia motivo para partir até então, aquela era sua primeira viagem a Hollowgrove – a cidade mais próxima de Blackwater Loch – em mais de vinte anos. Mas enquanto Robin dirigia seu velho Land Rover, com o manuscrito ao seu lado no banco do passageiro, ela ainda estava com medo de que alguém pudesse reconhecê-la. Eles não fizeram isso. Mas Patty, na loja da esquina, reconheceu o pacote de papel pardo.

— Esse é um novo livro do Sr. Winter? — Ela perguntou, mascando chiclete entre as palavras, como se fosse uma adolescente, e não uma mulher de quase cinquenta anos. Robin sentiu suas bochechas ficarem vermelhas e não conseguiu responder. — Está tudo bem se for um segredo, posso mantê-lo — mentiu Patty. — É assim que ele sempre os publica... amarrados com barbante e tudo o mais.

Robin congelou, ainda incapaz de falar. Os olhos de Patty se estreitaram.

— Você é a nova governanta? Ouvi dizer que ele dispensou a última...

— Sim — disse Robin, sem pensar muito.

Patty bateu na lateral do nariz com o dedo indicador. — Entendo, querida. Provavelmente lhe disse para não contar nada a ninguém, não foi? Como se alguém por aqui se importasse se ele escreveu um novo

livro. A única autora que amarei será Marian Keyes, agora há uma mulher que sabe escrever. Pareço ter tempo para ler as palavras de um louco? Isso é o que Henry Winter é, se você me perguntar: todos os livros perturbadores que ele escreveu. Você tem minhas mais profundas condolências trabalhando para um velho avarento como esse. Não se preocupe com nada, Patty irá postar e guardar todos os seus segredos.

Se ao menos Patty soubesse quão grandes eram os segredos de Robin.

Depois disso, a espera foi a parte mais difícil.

Robin finalmente entendeu como é desesperador para os escritores enviar seus trabalhos para o mundo. Nos dias seguintes à publicação do manuscrito, ela manteve as cortinas fechadas, comeu refeições congeladas quando estava com fome, dormiu quando estava cansada demais – ou bêbada – para ficar acordada e perdeu completamente a noção de que dia era hoje. Quando o telefone tocou, ela sabia que não poderia atender. Qualquer pessoa que ligasse esperaria ouvir a voz de Henry, inclusive seu agente, então ela esperou mais um pouco.

Quando chegou uma carta do agente de Henry no dia seguinte, Robin levou algumas horas e mais uma garrafa de vinho para ter coragem de abri-la.

Quando ela finalmente o fez, ela chorou.

Terminei o manuscrito de madrugada. É o seu melhor até agora!

Será enviado aos editores hoje.

Foram lágrimas de alegria, alívio e tristeza.

Ela queria contar para alguém, mas Oscar, o coelho, não era muito bom em conversar. Ela o renomeou no primeiro dia em que se conheceram, porque Oscar era um menino coelho, não uma menina, sem o conhecimento de Henry. E Robin era o nome dela. Foi a única coisa boa que seu pai lhe deu. Ela estava muito orgulhosa daquele livro, mas a verdade, dita ou não, ainda era impossível de ignorar. O melhor

livro de Henry até então era realmente dela, mas ainda seria o nome dele na capa.

Robin tentou colocar a carta do agente de Henry em uma das gavetas da escrivaninha – ela não queria mais olhar para ela –, mas as gavetas estavam cheias demais. Ela puxou as primeiras páginas do que parecia ser um manuscrito antigo e ficou surpresa ao encontrar o nome do ex-marido impresso na capa:

ROCK PAPER SCISSORS

Por Adam Wright

Anexada a ela estava uma carta de Adam, datada de vários anos atrás:

Eu sei o quanto você está muito ocupado, mas sempre me perguntei se esse roteiro poderia funcionar como um livro. Acho que essa pode ser minha melhor chance de conseguir. Ficarei muito grato pela sua opinião. Espero que você tenha gostado da última adaptação, seu agente disse que sim e disse que passaria esta carta para mim. Foi uma honra ajudar a dar vida aos seus personagens na tela. Qualquer conselho que você possa me dar sobre o meu será recebido com gratidão. Sempre foi meu sonho e gosto de pensar que alguns sonhos se tornam realidade.

Ela ficou muito triste por Adam ter confiado a seu pai seu trabalho mais querido. Ela sabia que Henry provavelmente nem se deu ao trabalho de lê-lo.

Uma das poucas coisas que Robin levou antes de fugir de sua casa em Londres foi a caixa de cartas de aniversário que ela escrevia secretamente para Adam todos os anos. Ela ainda sentia falta dele – e de Bob – todos os dias. Ela releu aquelas cartas naquela noite, junto com o roteiro de Adam, e uma nova ideia se formou em sua cabeça. A ideia parecia muito maluca no início, mas ela percebeu que havia uma maneira de reescrever a história de sua própria vida e proporcionar a si mesma um final mais feliz do que o que a vida havia escolhido até então.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

AÇO

Palavra do ano:

Despreocupado adjetivo. Livre de preocupação, culpa ou ansiedade; despreocupado.

28 de fevereiro de 2019 - qual seria o nosso décimo primeiro aniversário

Prezado Adam,

Claro que não é o nosso décimo primeiro aniversário, porque não duramos tanto. Agora moro em uma casa de palha na Escócia e você está em nossa casa em Londres. Com ela. Mas eu ainda queria escrever uma carta para você. Guardarei esta para mim, junto com todas as outras cartas secretas de aniversário que escrevi ao longo dos anos. Eu sei que pode parecer loucura, especialmente agora que estamos divorciados, mas sentei-me perto do lago e li-as recentemente. Todas elas. Meu Deus, tivemos altos e baixos, mas houve mais momentos bons do

que ruins. Mais lembranças boas do que tristes. E eu sinto sua falta.

Em primeiro lugar, queria pedir desculpas pelas mentiras. Todas elas. Cresci cercada por livros e ficção... é difícil não crescer quando seu pai é um autor mundialmente famoso. Minha mãe também era escritora, mas também nunca contei sobre ela. Não espero que você entenda, mas não poderia falar sobre eles com você.

Quando nos conhecemos, eu acreditei em você e na sua escrita, mas estava impaciente e queria que seus sonhos se tornassem realidade rápido demais para que pudéssemos nos concentrar nos nossos. Há anos que não falava com Henry, liguei para ele e pedi que deixasse você adaptar um de seus livros. Foi concebido para ser apenas uma adaptação. Achei que isso levaria ao sucesso com seus próprios roteiros, mas, ao tentar ajudar sua carreira, às vezes me preocupo por ter matado seus sonhos. Henry usou você como uma forma de tentar se aproximar de mim. Ele não estava nem um pouco interessado em mim quando eu era criança. Mas acho que sua própria mortalidade o fez perceber que eu poderia ser útil como adulta - alguém para cuidar de seus preciosos livros quando ele se fosse. Meu pai se

importava com cada um de seus livros muito mais do que jamais se importou comigo.

Esses últimos dois anos me ensinaram muito sobre mim mesma. Agora que deixei "tudo" para trás, percebi o quão pouco eu tinha. É muito fácil ficar cego pelas luzes artificiais da cidade, mesmo que elas nunca possam brilhar tanto quanto as estrelas em um céu sem nuvens, ou a neve branca em uma montanha, ou os raios de sol dançando em um lago. As pessoas confundem o que querem com o que precisam, mas agora percebi como essas coisas são diferentes. É como às vezes as coisas e pessoas que pensamos que precisamos são aquelas das quais deveríamos ficar longe. Meu cabelo está mais grisalho do que loiro ultimamente - não vou ao cabeleireiro desde que saí de Londres, e ele cresceu muito. Eu uso em tranças para evitar muitos emaranhados e nós. Sinto falta de nossa casa, de nós e de Bob, mas acho que as Terras Altas da Escócia combinam comigo. E percebi que tenho mais em comum com meu pai do que costumava admitir, até mesmo para mim mesma.

Henry gostava tanto da sua privacidade que comprou tudo neste vale, juntamente com a antiga igreja e a casa de campo, antes de eu nascer. O laird escocês de quem Henry comprou o terreno

tinha muitas dívidas de jogo, por acaso, era fã dos livros de Henry, então o vendeu por uma quantia ridiculamente pequena. Henry até comprou o pub mais próximo alguns anos depois, para poder fechá-lo. Ele só queria paz e sossego e ficar sozinho. Completamente sozinho.

Os habitantes locais não ficaram impressionados com o fato de um estranho possuir grande parte do vale. Houve petições para impedir que Henry convertesse a igreja - embora ninguém a tivesse usado durante meio século - mas ele o fez mesmo assim. Ele era um homem que sempre fazia o que queria e conseguia o que queria. Quando a interferência local continuou, ele inventou histórias de fantasmas sobre a Capela Blackwater, para que qualquer um que ainda não soubesse que deveria ficar longe o fizesse. Por que ele queria viver uma vida tão solitária, escondido do mundo em auto-isolamento, costumava me deixar perplexa. Não há lojas, nem bibliotecas, nem teatros, nem pessoas num raio de quilômetros, não há nada aqui, exceto as montanhas, o céu e um lago cheio de salmões. O homem nem comia peixe. Mas agora, acho que finalmente entendi.

Não tenho quase nada, mas quase tudo que preciso. O amor do meu pai pelo bom vinho

significava que a cripta estava abarrotada dele, e a sua antiga governanta deixava no congelador um abastecimento aparentemente interminável de refeições caseiras e rotuladas à mão. A biblioteca pessoal de Henry está repleta de todos os meus livros favoritos, e as vistas em constante mudança daqui me deixam sem fôlego todos os dias. Mas pode ser difícil aproveitar as coisas boas da vida quando você não tem alguém com quem compartilhá-las. Sinto falta das nossas palavras do dia e das palavras do ano. Não como muito bem - hoje em dia gosto um pouco demais de comida enlatada, mas me sinto melhor do que nunca em Londres. Talvez seja o sabor do ar fresco nos meus pulmões ou as longas caminhadas que faço explorando o vale. Ou talvez seja apenas me sentir livre para ser eu.

Pode ser difícil sair da sombra dos pais quando você herda os sonhos deles. Muitas vezes escrevi histórias quando criança, mas o lugar de Henry sempre foi grande demais para ser preenchido. Além disso, ele me disse desde cedo que achava que eu não conseguiria escrever. Nunca pensei que seria capaz de escrever um livro inteiro, mas os sonhos só podem se tornar realidade se ousarmos sonhá-los. Minha autoconfiança me divorciou muito antes de você, mas a vida me ensinou a ser corajosa

e a sempre tentar de novo. Se você nunca desiste de algo, você nunca poderá falhar.

Sempre que comparava as palavras do meu pai com as minhas, as dele pareciam mais pesadas, mais fortes, mais permanentes do que os pensamentos dentro da minha cabeça, que sempre pareciam ir e vir como a maré. Lavando minha confiança. Mas os castelos feitos de areia nunca permanecem altos para sempre. Estou livre de seu julgamento agora e percebi que a única pessoa que me forçou a viver em sua sombra fui eu. Eu poderia ter saído quando quisesse se não tivesse tanto medo de ser vista.

Às vezes sento-me em frente ao lago quando o sol está começando a se pôr e finjo que você e Bob estão aqui, sentados ao meu lado. Gosto de fumar o cachimbo de Henry à noite e observar o salmão saltando na água, antes que a lua nasça no céu para substituir o sol. Então ouço o som dos sapos cantando e observo os morcegos voando e voando alto no céu, até ficar tão frio e escuro que tenho que voltar para a cabana. Não gosto de dormir na capela - muitas lembranças infelizes assombram os quartos - mas me apaixonei por Blackwater Loch. Neste lugar nunca me senti em casa até que eu o deixei. Eu gostaria de poder compartilhar isso com você,

junto com todos os segredos que fui forçada a guardar. Você prometeu me amar para sempre, mas me pergunto se você ainda pensa em mim ou sente minha falta?

É difícil imaginar Amelia na nossa antiga casa em Londres, dormindo na minha cama com meu marido, passeando com o cachorro, cozinhando na minha cozinha, trabalhando no meu escritório em Battersea, no emprego que a ajudei a conseguir. Ainda não consigo acreditar que você deu a ela meu anel de noivado. Ou que ela gostaria de usar algo que já foi da sua mãe e depois meu. Mas roubar coisas que pertencem a outras pessoas parece ser um hábito dela. Ela é o tipo de mulher que espera algo em troca de nada e pensa que o mundo tem uma dívida com ela. Ela estava sempre lendo revistas na hora do almoço - nunca livros - e gostava de participar de todos os concursos dentro delas, ou no rádio, ou na TV diurna, na esperança de ganhar algo de graça. Foi assim que eu soube que ela nunca recusaria um fim de semana grátis fora. Foi quase fácil demais fazer você vir aqui.

Tenho certeza de que não sou a primeira ex-mulher a querer vingança. Às vezes eu imaginava matar vocês dois, tentando não pensar nisso. Minha variedade pessoal de fúria sempre foi

surpreendentemente calma. Em vez disso, leio e escrevo. É um mecanismo de enfrentamento da solidão que desenvolvi quando era criança, quando meu pai estava sempre ocupado demais trabalhando para me notar. Parece bobagem agora, mas nunca percebi antes como vocês dois são parecidos. Parece que passei a vida inteira me escondendo em histórias: lendo as de outras pessoas quando era criança e agora escrevendo as minhas.

Há um segredo que quero compartilhar. Escrevi um livro e agora estou escrevendo outro. Os sonhos são como vestidos na vitrine de uma loja; eles são bonitos, mas às vezes não cabem quando você os experimenta. Alguns são muito pequenos, outros são muito grandes. Felizmente, minha mãe me ensinou a costurar, e os sonhos podem ser ajustados para caber, assim como os vestidos.

Acho que meu novo livro é bom e você está nele.

Rock Paper Scissors tem tudo a ver com escolhas. Eu fiz a minha, chegará o momento em que você precisará fazer a sua. A única coisa boa de perder tudo é a liberdade que advém de não ter mais nada a perder.

Sua (ex) esposa.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

AMELIA



As pessoas tendem a pensar que a segunda esposa é uma vadia e a primeira uma vítima, mas isso nem sempre é verdade.

Eu sei como parece. Mas dez anos é muito tempo para se casado, e o deles já havia chegado ao fim. Eu não achava que fosse possível ser gentil demais – a gentileza deve ser uma coisa boa –, mas Robin era o tipo de pessoa que convidava as pessoas a pisarem nela: seus colegas, seu marido, eu. Na cabeça dela, ela fez amizade comigo por pena quando comecei a trabalhar como voluntária no Battersea Dogs Home. Mas a verdade é que ela precisava de uma amiga mais do que eu. Nunca conheci uma mulher mais solitária.

É claro que fiquei grata quando ela me ajudou a conseguir um emprego de tempo integral, claro, me senti culpada por dormir com o marido dela. Mas não foi um caso sórdido. O relacionamento deles acabou muito antes de eu entrar em cena, Adam e eu estamos casados agora. Em vez de todos nós sermos infelizes. E ela estava infeliz – reclamando constantemente do marido, o grande roteirista de Hollywood, enquanto alguns de nós estávamos presos namorando os rejeitados da vida.

Desde a primeira vez que conheci meu marido, ele era como uma coceira que eu não resisti a coçar. Fiquei muito tempo à margem, observando, esperando, tentando fazer a coisa certa. Mudei meu cabelo, minhas roupas, até meu jeito de falar, tudo por ele. Tentei ser quem ele precisava que eu fosse. Não por mim, mas porque pensei que poderia consertá-lo e sabia que poderia fazê-lo mais feliz do que era com ela. Ela não sabia a sorte que tinha, e dois em cada três finais felizes são melhores do que nenhum.

Robin não resistiu exatamente. Na verdade, o divórcio foi surpreendentemente amigável, visto que eles estavam casados há uma década.

Ela se foi. Ele ficou. Eu me mudei.

Foi o melhor para todos e estávamos felizes... Adam e eu. Ainda estamos. Talvez não tão felizes quanto estávamos, mas posso consertar isso. Este fim de semana deveria ter ajudado, mas agora percebo que foi um grande erro. Não importa. Tenho certeza de que lidar com sua ex maluca só vai aproximar Adam e eu novamente. E ela é louca. Se antes eu tinha alguma dúvida, agora tenho certeza.

Digo isso a mim mesma enquanto estamos no topo da escada, olhando para a foto do dia do casamento deles na parede. Ambos estão sorrindo para a câmera. Como sempre, me pergunto o que meu marido vê. Ele vê o rosto de alguém de quem sente falta? Ou é apenas um borrão que ele não consegue reconhecer? Ele acha que ela é linda? Ele olha para a foto e acha que eles ficam bem juntos? Ele gostaria que eles ainda existissem?

Eles também devem ter ficado felizes no começo, assim como nós.

Transformar amor em ódio é um truque muito mais fácil do que transformar água em vinho.

Não parecia importar que Adam e eu tivéssemos muito pouco em comum quando me mudei para a casa que eles dividiam. Ele não parecia se importar com o fato de eu não gostar tanto de livros e filmes quanto ele, e o sexo foi ótimo nos primeiros meses. Cuidei melhor de

mim e do meu corpo do que Robin jamais fez... fui à academia e me esforcei mais com minha aparência quando tive alguém para ficar bonita. Fizemos isso em todos os cômodos da casa que sua ex-mulher havia reformado com tanto carinho – sempre ideia minha – um exorcismo dos fantasmas do casamento deles. E, ao contrário de tantos casais, Adam e eu parecíamos nunca parar de conversar. O mundo dele me fascinou – as viagens a Los Angeles e as celebridades que ele conheceu nas leituras, tudo parecia tão... emocionante. Adam gostava de falar sobre si mesmo e sobre seu trabalho tanto quanto eu gostava de ouvir, então foi uma boa combinação. Nós nos casamos assim que o divórcio foi finalizado. Foi um evento pequeno e muito particular. Não me importei que estivéssemos só nós dois no cartório naquele dia, não achei que precisássemos de mais ninguém. Eu ainda não sei.

Se Robin realmente está por trás de tudo isso e está planejando algum tipo de vingança, então estou consideravelmente menos assustada do que antes. Eu sou mais esperta que ela. Muito mais forte também, tanto mental quanto fisicamente. Se esta for a sua maneira de tentar reconquistar o marido, não funcionará. Ninguém quer ficar com uma mulher louca, e acho que é seguro presumir que foi isso que ela se tornou.

— Devíamos simplesmente ir embora — eu digo.

— Ela cortou os pneus.

— Podemos caminhar até a próxima cidade ou pegaremos carona se encontrarmos um carro.

— Tudo bem — responde Adam, sem muita convicção. É como se ele tivesse entrado em choque.

— Vamos, me ajude a pegar nossas coisas.

Volto para o patamar, mas abro a porta errada por engano... estavam todas trancadas quando chegamos ontem à noite, a torre do sino, o quarto da criança – e agora vejo o que deve ser o quarto principal – o quarto de Henry. Há uma cama grande no meio, como você poderia esperar, mas o que eu não teria previsto e nunca vi em um

quarto antes, são todas as vitrines de vidro que cobrem cada uma das paredes do chão ao teto. Ao contrário de outras partes da casa, essas estantes não estão cheias de livros. Em vez disso, eles estão abarrotados de pequenos pássaros esculpidos em madeira. Quando dou um passo mais perto, percebo que são todos tordos. Deve haver literalmente centenas deles, todos iguais, mas diferentes.

— Este lugar fica cada vez mais estranho. Vamos — eu digo novamente.

Adam me segue até o patamar e depois até o quarto onde dormimos ontem à noite. Eu gostaria que ele não tivesse feito isso. A presença de Robin também é claramente visível aqui. Há um quimono de seda vermelha cuidadosamente arrumado em cima dos lençóis brancos da cama.

— O que isso quer dizer? — Digo, mas é uma pergunta estúpida, para a qual ambos já sabemos a resposta. A mulher do quimono vermelho é o motivo de Adam ter pesadelos recorrentes, causados pela lembrança do que aconteceu com sua mãe. Era isso que ela usava quando passeou com o cachorro dele tarde da noite e foi morta por um motorista que atropelou e fugiu.

— Por que Robin faria isso? — Ele sussurra.

— Eu não sei e não me importo. Precisamos sair *agora*.

— Como? — Ele pergunta novamente.

— Eu já te disse, podemos caminhar se for preciso...

Ele desvia o olhar e eu sigo seu olhar. Três palavras foram escritas no espelho acima da penteadeira, com batom vermelho:

ROCK PAPER SCISSORS.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

SEDA

Palavra do ano:

Redamancia substantivo. O ato de amar quem te ama; um amor retribuído por completo.

29 de fevereiro de 2020 - qual seria o nosso décimo segundo aniversário

Prezado Adam,

Tenho escrito cartas para você no nosso aniversário desde que nos casamos, mas esta é a primeira que vou deixar você ler, e sugiro fortemente que você leia sozinho antes de compartilhar qualquer conteúdo. A ideia de finalmente ser completamente honesta é boa. A primeira coisa que quero que você saiba é que nunca deixei de te amar, mesmo quando não gostava de você, mesmo quando te odiava tanto que desejei que você estivesse morto. E confesso que fiz isso por um tempo. Você me machucou muito.

Faz exatamente doze anos que nos casamos, em um ano bissexto, em 2008. Você já deve saber que Henry Winter era meu pai. Há tantas razões, boas,

pelas quais eu nunca te contei. Ele esteve presente tantas vezes em nosso casamento, sempre à espreita, mesmo no dia do nosso casamento. Você simplesmente nunca reconheceu o rosto dele, da mesma forma que nem sempre reconheceu o meu. Mas eu menti para você apenas para protegê-lo. Meu pai não escreveu apenas livros sombrios e perturbadores, ele era um homem sombrio e perigoso na vida real.

Tive um relacionamento complicado com meu pai, principalmente depois que minha mãe morreu e ele me mandou para um internato. Eu sabia que você era um grande fã dos livros dele, mas nunca quis que o que você e eu tínhamos juntos fosse contaminado por ele; queria que você me amasse pelo que era. Eu nunca quis que ele tivesse qualquer controle sobre mim, ou você, ou nós. Mas eu pedi a ele que deixasse você escrever o roteiro de um de seus livros anos atrás. Tendo pedido sua ajuda, mesmo que apenas uma vez, isso me fez sentir em dívida com aquele monstro de uma forma que eu nunca, jamais quis estar. Não espero que você entenda, mas, por favor, saiba o quanto eu amei você por fazer isso. A retrospectiva tende a ser mais cruel do que gentil. Olhando para trás agora, talvez se você soubesse quem eu realmente sou, ainda estaríamos casados e

comemorando nosso décimo segundo aniversário. Mas há tantas coisas que eu nunca poderia te contar.

Em público, Henry Winter era um brilhante escritor de terror, mas na vida real era uma coleção de frases inacabadas. Ele intimidou minha mãe até ela não aguentar mais. Quando ela morreu, ele me intimidou. Quando criança, ele muitas vezes me fazia sentir como se eu não estivesse realmente ali. Como se eu fosse invisível. Os caracteres em sua cabeça sempre eram altos demais para ele ouvir qualquer outra pessoa. Sua falta de crença em mim quando criança levou a uma falta de crença em mim mesma por toda a vida. Sua falta de interesse me fez sentir como se não fosse útil para ninguém. Sua falta de amor fez com que eu nunca fosse fluente em afeto, exceto com você. Às vezes penso que ele teria me mantido em uma gaiola se pudesse, como seu coelho. E como minha mãe. A Capela Blackwater era a jaula dela e eu nunca quis que fosse minha.

Os livros de Henry eram seus filhos, eu não passava de uma distração indesejada. Ele me chamou de "o infeliz acidente" em mais de uma ocasião - normalmente quando bebia muito vinho - e até escreveu isso em um cartão de aniversário uma vez.

Para o infeliz acidente,

Feliz 10º aniversário!

Henry

O cartão chegou duas semanas depois do meu aniversário e eu tinha apenas nove anos naquele ano. Ele nunca se chamou de pai, então eu também não.

Nada do que fiz quando criança foi bom o suficiente. Somos o eco dos nossos pais e às vezes eles não gostam do que ouvem. Percebi que a única maneira de ter vida própria era afastar meu pai dela. Mas Henry não era apenas excepcionalmente reservado e um pouco peculiar, ele também era muito possessivo. De mim. Eu senti como se estivesse sendo observada durante toda a minha vida, porque estava. Saí de casa aos dezoito anos, mudei meu sobrenome para o nome de solteira de minha mãe e só voltei no dia em que ele ligou para dizer que estava morrendo.

Tudo o que fiz desde então por você e por nós.

Escrevi um livro, na verdade dois, ambos em nome de Henry. Ninguém mais sabe que ele está morto ou precisa saber. Aqui está a proposta do último livro:

Rock Paper Scissors é a história de um casal que está casado há dez anos. Todos os anos trocam presentes tradicionais - papel, cobre, estanho - e todos os anos a esposa escreve uma carta ao marido que nunca o deixa ler. Um registro secreto de seu casamento, com segredos e tudo. No décimo aniversário, o relacionamento deles está em apuros. Às vezes, um fim de semana fora pode ser exatamente o que um casal precisa para colocá-los de volta nos trilhos, mas as coisas não são o que ou o que parecem.

Soa familiar?

É uma combinação do seu roteiro e das cartas secretas que tenho escrito para você todos os anos desde que nos conhecemos. Mudei alguns nomes, é claro, misturei ficção com fatos, mas acho que você vai gostar do resultado. Eu gosto. Quando Henry enviar o filme para seu agente, ele incluirá uma carta dizendo que deseja que você comece a trabalhar no roteiro imediatamente. Você finalmente terá sua própria história na tela, como sempre sonhamos.

Mas só se você terminar com Amelia.

Meu plano não é tão louco quanto pode parecer. Pode ser bom para você e para nós. Sinto falta de

nós todos os dias e me pergunto se você também sente? Você se lembra daquele minúsculo estúdio no porão em que morávamos? Na época em que ainda estávamos aprendendo se poderíamos viver um com ou sem o outro. Alguns casais não conseguem perceber a diferença. Essa é a versão sua de que mais sinto falta. É a versão de nós para a qual eu gostaria que pudessemos encontrar o caminho de volta. Achávamos que tínhamos tão pouco, mas tínhamos tudo, éramos muito jovens e burros para saber disso.

Às vezes superamos os sonhos que tínhamos quando éramos mais jovens, ficamos felizes quando eles se revelam pequenos demais, tristes quando se revelam grandes demais. Às vezes, nós os encontramos novamente, percebemos que eles se encaixavam perfeitamente o tempo todo e nos arrependemos de guardá-los. Acho que esta é a nossa chance de começar de novo e viver a vida que sempre sonhamos.

Há outras coisas que você não sabia sobre Henry, além de ele ser meu pai. Ele contratou um investigador particular durante anos para ficar de olho em mim, em você e em nós.

Um investigador particular que sabia que você estava tendo um caso antes de mim.

Que sabia coisas que eu não sabia e que você ainda não sabe.

O investigador particular é um homem chamado Samuel Smith. Ele ainda acha que meu pai está vivo - assim como o resto do mundo, mas, tirando aquela grande falta, ele parece muito bom no que faz. Minucioso. Ele enviou relatórios semanais sobre nós ao meu pai durante anos - sem que eu soubesse - e eram ao mesmo tempo fascinantes e tristes de ler. Ele não apenas nos seguiu, ele seguiu qualquer pessoa de quem nos aproximamos. Incluindo October O'Brien. E Amelia. Ele até mandou fotos da nossa casa para meu pai, antes e depois de eu sair (não gostei do que você fez com o lugar). Samuel Smith, o investigador particular, sabia mais sobre nós do que nós um sobre o outro. Pensei muito se deveria ou não compartilhar essa informação com você. Não me traz felicidade causar dor a você, mas como disse no começo, eu te amo. Sempre amei, sempre amarei. Sempre sempre, nem quase sempre, como costumávamos dizer. E por isso que tenho que lhe contar a verdade. Tudo isso.

Não foi por acaso que Amelia começou a trabalhar em Battersea, fez amizade comigo e sempre fazia perguntas sobre você. Você sempre fez parte do plano dela. Seus caminhos se cruzaram quase trinta anos antes, mas você não conseguiu reconhecer o rosto dela. Samuel Smith descobriu mais do que esperava quando você me traiu. É uma pergunta que ninguém quer fazer ou responder, mas até que ponto você realmente conhece sua esposa?

Amelia Jones - como era chamada antes de vocês se casarem - tem mentido para você desde o momento em que se conheceram. Ela mentiu para mim também. Amelia tem antecedentes criminais e entra e sai da prisão desde a adolescência. Ela viveu em uma série de lares adotivos enquanto crescia e quase sempre estava com problemas. A certa altura, ela morava no mesmo conjunto habitacional que você. Ela até frequentou a mesma escola por alguns meses, quando vocês dois tinham treze anos. Foi quando ela passou de furto em lojas para passeio. Amelia era suspeita de roubar sete carros, antes de ser presa sob suspeita de causar morte por direção perigosa. A polícia a interrogou sobre um atropelamento, mas ela era menor de idade e sua mãe adotiva apresentou um álibi - algo que a mulher mais tarde confessou

ser mentira - e os policiais não conseguiram convencer.

O carro em que a apanharam foi o carro que matou a sua mãe.

A única testemunha "você" não poderia identificá-la em uma fila policial, porque não conseguia reconhecer o rosto de quem estava dirigindo. Mas ela conhecia você.

Amelia Jones mudou-se para um novo lar adotivo, longe. Ela virou uma nova página e começou de novo. Talvez ela sentisse remorso genuíno pelo que havia feito? Talvez ela se sentisse culpada por escapar impune? Talvez seja por isso que ela te seguiu durante anos, e elaborou um plano para se aproximar de você, através de mim? Talvez de alguma forma distorcida ela estivesse tentando compensar o que fez. Você terá que perguntar a ela.

Eu sei que menti para você sobre meu pai, mas pelo menos minhas mentiras foram para proteger você e a nós. Nada do que você pensa que sabe sobre Amelia é verdade. Sua esposa foi a culpada pela morte de sua mãe quando você era criança, e acho que é justo que você saiba disso antes de tomar uma decisão. Não acredite em mim? Talvez tente

dizer a Amelia que você sabe a verdade, mas tome cuidado, ela não é a mulher que você pensa que é.

Eu sei que isso será difícil de aceitar, muito menos de acreditar, mas no fundo, você não sentiu sempre que algo não estava certo com Amelia? A primeira vez que você a conheceu, quando ela chegou em nossa casa sem ser convidada, alegando ter tido um encontro ruim, você a descreveu como uma atriz. Acontece que suas primeiras impressões estavam certas. Encontrei o caderno ao lado da cama onde ela anota cada detalhe dos seus pesadelos. Você já se perguntou por que ela faz isso? Tenho certeza de que ela disse que era para tentar ajudá-lo a se lembrar do rosto de quem matou sua mãe, mas talvez fosse para garantir que você nunca o fizesse? Não é de admirar que ela precise de comprimidos para ajudá-la a dormir à noite, a culpa que ela deve sentir manteria qualquer um acordado.

Sabendo o que você sabe agora - e tenho todos os e-mails e documentos do investigador particular para provar isso - você ainda a ama? Você pode realmente confiar nela novamente? O que acontece a seguir depende de você. É uma escolha simples, como quando brincávamos de pedra, papel e tesoura.

Opção um - PEDRA: Você tenta sair com a mulher que matou sua mãe.

Opção dois - PAPEL: Você sai de lá sozinho e vem me encontrar com Bob na cabana. Estamos esperando por você e não quero nada mais do que estarmos todos juntos novamente. Voltarei para Londres, poderemos publicar Rock Paper Scissors como um livro usando o nome de Henry - ninguém mais precisa saber - e então prometo que você finalmente conseguirá fazer seu próprio roteiro. Você não precisará mais adaptar o trabalho de ninguém e poderá passar o resto da vida escrevendo suas próprias histórias.

Opção três - TESOURA: Você não quer saber a opção três.

A escolha é sua. Eu sei que o que estou pedindo para você decidir parece difícil. Mas é realmente tão fácil quanto uma pedra, papel e tesoura, se você se lembrar de como jogar.

Sua Robin

xx

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

AMELIA



Estamos no quarto que foi feito para se parecer com o que dividimos em casa, aquele que redecorei quando Robin se mudou. Só que agora as coisas estão ainda mais estranhas do que eram antes. Não era assim que eu esperava que este fim de semana fosse. Eu já tinha decidido terminar o casamento se a viagem não corresse bem... falei com um advogado e um consultor financeiro, que sugeriram que uma apólice de seguro de vida poderia ajudar-me a conseguir o que merecia num acordo de divórcio. Eu queria dar uma última chance às coisas, mas estou começando a desejar ter acabado de sair. Já encontrei um apartamento para morar... é lindo, com vista para o Tâmis, mas esperava que não chegasse a esse ponto. Eu *esperava* que este fim de semana pudesse nos consertar. O corretor de imóveis está guardando o apartamento para mim até a semana que vem, diz que posso me mudar imediatamente se quiser, então sempre soube que apenas um de nós poderia voltar para a casa que sempre foi a casa deles.

Toda a minha vida miserável continua girando em minha mente recentemente, e não consigo encontrar o botão para desligar. Fico acordada à noite – apesar dos comprimidos – desejando apagar todas as memórias que gostaria de nunca ter feito. Todos os erros. Todas as curvas erradas. Todos os becos sem saída. Não estou dando desculpas, mas não tive uma infância fácil. Sei que não sou a única, mas aqueles

anos solitários moldaram quem sou hoje. Pequenos violinos sempre soam mais altos para quem os toca. Ser passada de uma família adotiva para outra, como se fosse um bem indesejado, me ensinou a nunca ficar muito confortável e a nunca confiar em ninguém. Incluindo a mim. Cada novo lar significava uma nova família, uma nova escola, novos amigos, então eu tentava ser uma nova versão de mim mesma. Mas nenhuma delas se encaixou perfeitamente.

Sempre fui assombrada pela morte dos meus pais porque a culpa foi minha. Se minha mãe não estivesse grávida de mim, ela não estaria no carro e meu pai não a estaria levando para o hospital quando um caminhão bateu neles. Se Adam não tivesse me conhecido, sua vida também teria sido muito diferente. Temos muito em comum, mas nos sentimos mais distantes do que nunca. Observei Adam por anos. Seu sucesso – e a internet – tornaram isso fácil. Tentei ser uma boa esposa para ele, mas ele ainda parece me ver como a pessoa ruim e *ela* como a sortuda. Eu tentei fazê-lo feliz. Há muito tempo que venho tentando reparar coisas que aconteceram no passado. Tornei-me tantas versões diferentes de mim mesma tentando agradar outras pessoas, que não sei mais quem sou. Preciso me concentrar no futuro agora. Meu. A expiação é como aquele pote de ouro no final do arco-íris que ninguém realmente encontra.

— Por que Robin escreveria *“pedra, papel e tesoura”* com batom vermelho no espelho? — Eu pergunto, me perguntando se a ex de Adam tem um histórico de problemas de saúde mental dos quais eu não tenho conhecimento. Observo enquanto ele começa a andar pelo quarto, parecendo um pouco perturbado. — Por que ela nos enganaria para virmos para a Escócia? Por que ela manteria a identidade do pai em segredo por dez anos e depois não contaria a ninguém quando ele morresse? E por que ela roubaria nosso cachorro...

Adam interrompe minhas perguntas. — Tecnicamente, Bob era o cachorro dela...

— Exatamente: era o cachorro dela, mas depois ela simplesmente foi embora. Desapareceu sem dizer uma palavra. Você nunca mais ouviu

falar dela depois do incidente com a magnólia, exceto através do advogado...

— Bem, imagino que voltar para casa mais cedo no nosso aniversário e encontrar o marido na cama com a melhor amiga provavelmente foi muito perturbador.

— Seu casamento acabou muito antes de eu aparecer.

— Eu nunca quis machucá-la...

— Pelo que parece, acho que o navio partiu. Você pode querer ficar por aqui relembrando sua adorável primeira esposa, mas quem quer que Robin tenha sido, parece bastante claro para mim que ela agora é uma psicopata em tempo integral. Acho que podemos presumir com segurança que foi o rosto dela que vi olhando pela janela ontem à noite. Ela devia estar por trás de todas as coisas estranhas que aconteceram desde que chegamos, tentando nos assustar. Ela provavelmente desligou deliberadamente o gerador também, tentando nos congelar até a morte...

— Eu desliguei o gerador — diz Adam.

Suas palavras não fazem sentido a princípio, como se ele estivesse falando em línguas.

— O quê?

Ele dá de ombros. — Eu só queria voltar para Londres o mais rápido possível. Achei que se a energia acabasse completamente, você concordaria em ir para casa.

A revelação me deixa um pouco confusa, mas lembro a mim mesma que Robin é o inimigo, não Adam. Não vou deixá-la vencer. Aconteça o que acontecer quando voltarmos para Londres, é mais importante do que nunca que Adam e eu permaneçamos no mesmo time por enquanto. Somos nós contra ela.

— Você percebe que Robin provavelmente é quem você viu na casa de palha na mesma rua? Aposto que ela ainda está lá agora, e acho

que é hora de conversarmos com ela. Você pode estar com medo da sua ex-mulher, mas eu não.

— *Estou* com medo — diz ele, e isso é a menor atração que já senti por meu marido. Uma pequena parte de mim acha que eu deveria deixá-los sozinhos... eles se merecem.

— É Robin, lembra? Sua doce primeira esposa que não conseguia matar uma aranha?

— Mas se ela tem vivido aqui sozinha nos últimos dois anos... as pessoas podem mudar.

— Pessoas. Nunca. Mudam.

Nós dois experimentamos um congelamento quando ouvimos três estrondos no andar de baixo, tão altos que parece que toda a capela, e nós, trememos.

— O que é que foi *isso*? — Eu sussurro.

Antes que ele possa responder, isso acontece novamente, o som de batidas tão alto que é como se houvesse um gigante tentando entrar naquelas grandes portas góticas da igreja. A expressão de medo no rosto de Adam transforma a minha em raiva. Eu não tenho medo *dela*.

Saio do quarto, desço as escadas correndo e atravesso a sala da biblioteca, derrubando alguns livros na pressa. A adrenalina está bombeando através de mim, apesar de todos os acontecimentos estranhos das últimas vinte e quatro horas, quando me lembro com quem estou lidando, tenho certeza de que deve haver uma explicação racional para tudo isso. Sem fantasmas, sem bruxas, apenas uma ex-mulher maluca. Vou fazer com que ela se arrependa de ter feito isso conosco.

Chego à sala de bagagens e vejo que o banco da igreja ainda está bloqueando a porta. Tento tirá-lo do caminho, mas ele não se move. Adam aparece atrás de mim, parecendo menos com o homem com quem me casei e mais com o homem com quem planejei abandonar.

— Ajude-me — eu digo.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Você tem uma melhor?

Ao tirarmos os móveis pesados do caminho, lembro-me de como meu marido pode ser infantil. A maneira como ele volta à versão infantil de si mesmo sempre que a vida fica muito barulhenta costumava ser cativante. Isso me fez querer protegê-lo. Minhas impressões digitais estão em todo o seu sofrimento, eu queria limpá-lo e começar de novo. Agora, eu só queria que ele fosse homem.

As portas da capela balançam quando alguém do outro lado bate lentamente três vezes, de novo. O som ecoa ao nosso redor e nós dois damos um passo para trás. A parede de pequenos espelhos chama minha atenção e vejo múltiplas versões em miniatura do rosto do meu marido refletidas neles. Quase parece que ele está... sorrindo. Quando verifico a versão real, ao meu lado, o sorriso foi substituído por um olhar de puro terror.

Estou enlouquecendo.

Hesito antes de tentar a maçaneta da porta e sinto uma pequena sensação de alívio quando ela está trancada.

— Onde está a chave? — Eu pergunto, estendendo minha mão. Tenho certeza de que nós dois notamos que ele está tremendo.

Adam tira do bolso a chave de ferro de aparência antiga e a entrega para mim, com medo demais de abrir a porta sozinho. Tento encaixá-la na fechadura, mas ela não entra. Algo está bloqueando-a do outro lado. Tento de novo, mas ela não cede, bato com o punho na porta de madeira, frustrada. Nenhum dos vitrais da propriedade se abre e esta é a única forma de entrar ou sair.

Então vejo uma sombra se mover por baixo da porta.

— Ela está lá fora. Aquela vadia maluca nos trancou.

Bato na porta quando ela não responde, então perco a paciência e a chamo de todos os nomes pelos quais ela merece ser chamada.

Robin não diz uma palavra, mas sei que ela ainda está lá. Sua sombra não se move.

Então um envelope com o nome de Adam desliza por baixo da porta.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

ADAM



Pego o envelope e Amelia tenta arrancá-lo das minhas mãos.

— Está endereçado a mim — digo, mantendo-o fora de alcance. Depois entro na cozinha, deslizo para um dos velhos bancos da igreja ao lado da mesa de madeira e abro a carta. Existem várias páginas escritas por Robin. Posso não ser capaz de reconhecer rostos, mas reconheceria a caligrafia dela em qualquer lugar. Amelia senta-se em frente. Tento manter meu rosto neutro enquanto leio, mas as palavras não facilitam isso.

Quão bem você realmente conhece sua esposa?

Levanto a carta mais alta, para que ela não possa vê-la.

Não foi por acaso que Amelia começou a trabalhar em Battersea...

Quando chego à segunda página, meus dedos começam a tremer.

Seus caminhos se cruzaram quase trinta anos antes, mas você não conseguiu reconhecer o rosto dela.

— O que diz? — Amelia pergunta, pegando minha mão sobre a mesa.

Eu recuo. Não respondo.

A polícia a interrogou sobre um atropelamento...

Sinto-me doente.

O carro em que a apanharam foi o carro que matou a sua mãe.

É difícil não reagir quando você lê algo assim sobre a mulher com quem você é casado. Amelia parece sentir que algo está muito errado.

— O que é? O que ela escreveu? — Ela pergunta, inclinando-se mais perto.

— Algumas coisas são difíceis de ler — respondo. Não é mentira.

Quando chego ao fim, dobro a carta e coloco no bolso. Então me levanto e vou até um dos vitrais. Não consigo olhar para o rosto de Amelia agora. Estou com medo do que posso ver.

Eu sabia que esse caso era um erro desde o início, mas às vezes pequenos erros levam a erros maiores. Robin não era apenas minha esposa, ela era o amor da minha vida e minha melhor amiga. Eu não apenas quebrei o coração dela quando a traí, eu quebrei o meu próprio. Os erros de julgamento se alinharam como dominós depois disso, cada um derrubando o seguinte. Quando as pessoas falam em se apaixonar, acho que têm razão, é como cair e às vezes quando caímos podemos nos machucar muito. Nunca foi realmente amor com Amelia. Foi um simples caso de luxúria nas roupas do amor. Até que tornei as coisas ainda piores do que já estavam, ao me casar com uma mulher com quem não tinha nada em comum.

Talvez tenha sido uma crise de meia idade? Lembro-me de me sentir tão deprimido com meu trabalho. Minha carreira estava estagnada, eu não conseguia escrever e me sentia... vazio. Minha esposa parecia tão decepcionada comigo quanto eu comigo mesmo. Mas essa linda nova estranha agiu como se o sol brilhasse na minha bunda de meia-idade, e eu caí nessa. Ela veio até mim e eu fiquei muito lisonjeado

e patético para dizer não. Meu ego teve um caso e minha mente estava confusa demais para saber que nunca deveria ter sido nada mais do que isso. Isso nunca deveria ter acontecido.

Foi Amelia quem quis se mudar assim que Robin se mudou.

Ela encontrou o anel de noivado que Robin havia deixado para trás e deu inúmeras dicas sobre o quanto ela queria usá-lo, mesmo que nunca fosse perfeito para seu dedo. Sempre muito apertado. Ela me intimidou para que assinasse os papéis do divórcio assim que eles chegaram e reservou o cartório – o mesmo onde Robin e eu nos casamos – para um casamento rápido, sem sequer me avisar primeiro. A mulher fez chantagem emocional como um carteiro zeloso. Um segundo casamento foi o resgate que eu nunca deveria ter pago.

Algo parecia errado desde o início, mas pensei que estava fazendo o que era melhor para todos os envolvidos: cortar os velhos fios soltos que podem causar o desmoronamento de um novo relacionamento. Eu era muito estúpido ou vaidoso para prestar atenção aos alarmes que soavam dentro da minha cabeça. Aqueles que todos ouvimos quando estamos prestes a cometer um erro, mas às vezes fingimos que não.

Nunca deixei de amar Robin e nunca deixei de sentir falta dela. Na verdade, eu já tinha conversado com meu advogado sobre minhas opções caso quisesse deixar Amelia. Mas esta carta. A ideia de que ela estava no carro que matou minha mãe e depois passou todos esses anos nos espionando, tentando se aproximar de mim... isso não pode ser real. Certamente Amelia não é capaz disso?

— Você já teve problemas com a polícia? — Pergunto, ainda olhando pela janela.

— O que havia naquela carta, Adam?

— Você morava no mesmo condomínio que eu quando era adolescente? Fomos para a mesma escola?

Ela não responde e eu me sinto mal.

A lembrança daquela noite volta para me assombrar, como já aconteceu tantas vezes antes. Lembro-me da chuva, quase como se

fosse um personagem da história. Como se tivesse desempenhado um papel, o que suponho que tenha desempenhado. Como resultado, o som de balas aquosas atingindo o asfalto está gravado em minha mente. A estrada pela qual minha mãe caminhava parecia um rio negro e sinuoso, refletindo o céu noturno e o brilho sinistro das luzes da rua, como estrelas urbanas feitas pelo homem. Tudo aconteceu muito rápido e acabou tão cedo. O guincho horrível dos pneus, o grito da minha mãe, o baque terrível do corpo dela batendo no para-brisa e o som do carro passando por cima do cachorro. O barulho do acidente foi a coisa mais alta que eu já ouvi. Durou apenas alguns segundos, mas parecia repetir-se. Depois houve apenas um silêncio terrível. Foi como se o horror que vi tivesse reduzido o volume da minha vida a zero.

Ainda não consigo olhar para Amelia. Minha mente está muito ocupada preenchendo os espaços em branco que suas palavras não preenchem.

— Você costumava roubar carros? — Pergunto a ela, com uma voz que não parece a minha.

Amelia não responde, mas sua respiração está ficando mais alta atrás de mim. Eu ouço ela respirar fundo enquanto ela se levanta e começa a se aproximar. Eu gostaria que ela não fizesse isso, mas me viro para encará-la.

— Você foi presa por morte por direção perigosa quando nós dois tínhamos treze anos?

— Acho que você precisa se acalmar — ela resmunga, girando o anel da minha mãe no dedo. Um tique nervoso. Uma dica. Olho para a safira, brilhando na penumbra, como se quisesse me provocar. Uma pequena mas bela rocha azul. Esse anel *nunca* deveria estar na mão de Amelia.

— Você foi dar um passeio na chuva uma noite? — Eu pergunto.

— Nós dois precisamos ficar calmos e... conversar.

Ela começa a soluçar e ofegar ao mesmo tempo, mas ainda não consigo olhá-la nos olhos. Eu apenas fico olhando para o anel no dedo

dela.

— O carro subiu na calçada?

— Adam... por favor...

— Será que ele bateu em uma mulher vestindo um quimono vermelho enquanto passeava com o cachorro? Você a deixou para morrer e foi embora?

— Adam, eu...

— Você achou que escaparia impune para sempre?

Eu olho para cima e olho para o rosto de Amelia. Pela primeira vez, parece familiar para mim. Ela tira o inalador do bolso e começa a entrar em pânico ao perceber que está vazio.

— Ajude-me — ela sussurra.

— Você era a pessoa que estava no carro na noite em que minha mãe foi morta? — Eu pergunto, lutando contra as lágrimas em meus olhos.

— Eu te amo.

— Foi você? — Amelia balança a cabeça e começa a chorar também. — Como você pôde esconder algo assim de mim? Por que você não me contou quem você era? Isso é... doentio. *Você é doente.* Não há outra palavra para isso. Tudo sobre você, nós, é... mentira.

Ela não consegue respirar. Eu fico olhando para ela, sem saber mais o que fazer, ou dizer, ou como reagir. Parece um dos meus pesadelos: não pode ser real. Apesar de tudo, meu instinto é ajudá-la. Mas então ela fala de novo, e eu só quero fazer uma coisa: calar a boca. Dela. Acima.

— Eu... não sou a única que... mentiu. — Não sei o que meu rosto faz quando Amelia diz isso, mas ela dá um passo para trás. — Desculpe. Eu sempre... quis fazer você... feliz — ela sussurra, com falta de ar.

— Bem, você não fez isso. Eu nunca fui realmente feliz com você.

Então vejo claramente o rosto de Amelia pela primeira vez. E assim que faço isso, tudo muda, escurece e se transforma em algo feio e desconhecido. Seus olhos ficam subitamente arregalados e selvagens enquanto eles percorrem a cozinha. Tudo acontece tão rápido. Muito rápido. Sua mão deixa cair o inalador, em vez disso, alcança o bloco da faca. Ela está vindo para mim com uma lâmina brilhante. Mas então outro rosto aparece atrás da minha esposa, e vejo outro brilho de metal, desta vez é uma tesoura extremamente afiada.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

TESOURA

Palavra do ano:

Desgraça alheia substantivo. Prazer, alegria ou auto-satisfação derivado do infortúnio de outra pessoa.

16 de setembro de 2020

Prezado Adam,

Não é nosso aniversário de casamento, mas já se passaram seis meses desde que voltei para casa e não resisti em escrever uma carta para você. Conseguimos deixar o passado para trás e voltamos a ser uma família: você, eu, Bob e Oscar, o coelho da casa. Às vezes, quando você liberta algo, ele volta. Ninguém sabe o que aconteceu na Escócia e ninguém precisa saber.

No início foi difícil para nós dois, ao retornar a Londres, encontrar tantos vestígios dela em nossa casa. Mas não foi nada que alguns sacos de lixo, a

caçamba de lixo local e uma demão de tinta não pudessem resolver. Voltamos às configurações de fábrica e tudo voltou a ser como antes. Quase. Trabalhar na Battersea Dogs Home parecia fora de questão - muitos lembretes de todas as coisas que eu preferiria esquecer - mas tudo bem, agora tenho um novo emprego: sou escritora em tempo integral.

Não que alguém saiba, exceto você.

Foram seis meses agitados. Rock Paper Scissors será publicado no próximo ano. Pode não ser meu nome na capa, mas é meu livro, e é difícil não ficar ansiosa com a possibilidade de as pessoas o lerem. Grande parte de nossas vidas reais foi dedicada a este livro. Os direitos de exibição já foram vendidos - para uma empresa com a qual você sempre sonhou em trabalhar - e há uma cláusula inequívoca no contrato afirmando que você será o único roteirista deste projeto. O próprio Henry assinou o acordo, ou pelo menos eu o fiz. Às vezes acho que é o medo de cair que faz as pessoas tropeçarem. Não nascemos com medo. Quando somos jovens, não hesitamos em correr, escalar ou pular, não nos preocupamos em nos machucar ou nos preocuparmos com o fracasso. A rejeição e a vida real nos ensinam a ter medo, mas se você quer muito alguma coisa, você tem que dar o salto.

Quando a caixa de cópias antecipadas do autor chegou hoje, chorei. Lágrimas de alegria, principalmente. Abri-a usando uma tesoura de cegonha vintage que trouxe da Escócia. Eu as tinha desde criança, minha mãe comprou dois pares - um para mim e outro para ela. Elas eram quase tudo que eu tinha para me lembrar dela, e elas pareciam novas depois de colocadas na máquina de lavar louça, tornando a experiência ainda mais especial para mim. Guardei um par e deixei deliberadamente o outro conjunto para trás na Capela Blackwater, porque é hora de seguir em frente e é melhor deixar algumas coisas no passado. Aquelas tesouras marcaram o fim de um capítulo feminino desagradável em nossas vidas e hoje ajudaram a revelar nosso novo futuro, ao abrir uma caixa de livros. O livro já foi vendido em todo o mundo - vinte traduções até agora. Não me importa quem é o nome que está na capa, sabemos que é a nossa história e isso é tudo que importa para mim.

Ninguém precisa saber que Henry Winter era meu pai.

Ou que ele está morto.

Ou o que aconteceu com sua segunda esposa.

Ainda me chateia que ela tenha sido sua esposa. Fiquei muito feliz quando você tirou sua aliança de casamento enquanto ainda estávamos na Escócia e a jogou no lago, como se quisesse deixar o passado para trás também. Tentei remover o anel de noivado de safira da sua mãe da mão sem vida da Amelia antes de partirmos. Não porque eu o quisesse de volta, mas porque ela nunca mereceu usá-lo. Não saía do dedo dela, não importa o quanto eu tentasse torcer ou puxar aquela maldita coisa, e isso me incomodava mais do que deveria. Algumas pessoas são tão teimosas na morte quanto na vida.

Não estou dizendo que tudo é perfeito, não existe isso. O casamento às vezes é um trabalho árduo. Também pode ser doloroso e triste, mas vale a pena lutar por qualquer relacionamento que valha a pena ter. As pessoas se esqueceram de como ver a beleza na imperfeição. Eu aprecio o que temos agora, apesar de estar ensanguentado e um pouco rasgado nas bordas. Pelo menos o que temos é real.

Ainda temos segredos, mas não um do outro.

Sempre acho que é melhor olhar para frente, nunca para trás. Mas se não tivéssemos nos divorciado, o ano que vem seria nosso décimo terceiro aniversário. O presente tradicional é feito de renda, e

já sei o que vou te dar. Embora seja eu quem usará
um vestido de noiva novo, será para você. Tudo o
que faço sempre foi.

Sua Robin

xx

CAPÍTULO SESSENTA

ADAM



Os livros podem ser espelhos para quem os seguram e nem sempre as pessoas gostam do que veem.

Os últimos seis meses foram bons e sinto como se minha vida estivesse de volta aos trilhos. Robin está em casa novamente e redecorou cada centímetro de nossa casa; é quase como se Amelia nunca tivesse estado aqui. Estou tão feliz que Robin está de volta, assim como Bob, acho que nós dois precisávamos dela muito mais do que eu imaginava. Talvez eu não consiga ver como ela é por fora, mas minha esposa é uma pessoa linda por dentro. Onde é importante. Nada que ela possa fazer mudará a pessoa que vejo quando olho para ela. *Rock Paper Scissors* está finalmente sendo feito, mesmo que os títulos de abertura digam – baseado no livro de Henry Winter –, posso viver com isso. Lidar com autores difíceis é muito mais fácil quando eles estão mortos. Acontece que minha esposa é tão boa em escrever histórias de terror emocionantes quanto seu pai. Talvez não seja surpreendente. As casas mal-assombradas mais assustadoras são sempre aquelas em que você é o fantasma.

Acho que chega um ponto na vida de todo mundo em que você só precisa fazer o que quer. Perseguir o sonho torna-se involuntário, é preciso, porque todos sabemos que o tempo não é infinito. E eu venho perseguindo isso há tanto tempo, eu não merecia alcançar meus sonhos eventualmente? Gosto de pensar assim. Tenho o melhor emprego do mundo, mas escrever é uma maneira difícil de ganhar a vida com facilidade. Se eu achasse que poderia ser feliz fazendo qualquer outra coisa, com certeza faria isso.

Apesar de tudo, estou dormindo melhor do que nunca. Meus pesadelos pararam completamente desde que voltamos da Escócia, quase como se eu tivesse deixado para trás a dor do meu passado. Talvez porque finalmente tenha uma sensação de encerramento sobre o que aconteceu quando eu era menino.

Ainda penso na minha mãe e na maneira como ela morreu todos os dias. E embora os pesadelos tenham parado, a culpa nunca desapareceu. A culpa foi minha e nada vai mudar isso. Se eu mesmo tivesse levado o cachorro para passear – como minha mãe me pediu – ela não estaria na rua naquela noite e o carro não a teria atropelado. Mas eu, aos treze anos, fiquei com raiva porque ele viu minha mãe arrumar o cabelo, borrifar perfume, pintar o rosto e se embrulhar no quimono vermelho como um presente grátis. Ela só o usava quando um homem vinha passar a noite na nossa casa. Ela disse que eles eram *amigos*, mas o apartamento tinha paredes finas como papel e nenhum dos *meus* amigos fazia barulho assim.

Homens diferentes ficavam muito. Eu. Não. Gostava. Disso. Então, quando o *amigo* daquela noite bateu na porta – outro rosto que eu não reconheci, mas tinha certeza de nunca ter visto antes –, saí furioso. Eu, aos treze anos, conheci uma garota no parque naquela noite, atrás do prédio onde eu morava. Sentamos nos balanços quebrados e compartilhamos uma garrafa grande de cidra quente. Foi a primeira vez que bebi álcool, a primeira vez que fumei um cigarro e a primeira vez que beijei uma garota. Eu não estava com pressa de voltar para casa. Isso me fez pensar em quantas primeiras vezes uma pessoa pode ter antes que a vida lhe ofereça apenas segundos.

A garota tinha gosto de fumaça e chiclete, ela disse que eu poderia fazer mais do que apenas beijá-la se encontrássemos um lugar para fazer isso. Ela me ensinou como roubar um carro – ela claramente já havia feito isso antes – e depois me ensinou como dirigir atrás de um armazém abandonado. Ela me ensinou a fazer outras coisas pela primeira vez também no banco de trás, fazíamos nossos próprios barulhos e eu, adolescente, pensava que ela estava apaixonada.

Foi por isso que fiz o que ela disse quando me disse para dar uma volta pela propriedade. Lembro-me do som de sua risada e da chuva batendo no para-brisa tornando quase impossível ver. — Mais rápido — ela disse, ligando o rádio do carro. — Mais rápido! — Ela colocou a mão na minha virilha e eu olhei para baixo. Virei a curva rápido demais e começamos a girar. Quando olhei para cima, vi minha mãe.

E ela me viu.

Tudo aconteceu tão rápido: o barulho dos freios freando, o carro subindo na calçada, o quimono vermelho da minha mãe voando no ar, o barulho quando o corpo dela bateu no para-brisa e o baque das rodas rolando sobre o cachorro. Depois o silêncio.

Eu não consegui me mover no início.

Mas então a garota estava gritando comigo.

Como não respondi, ela me empurrou para fora do carro, sentou-se no banco do motorista e foi embora. Alguns vizinhos saíram pouco depois e me encontraram debruçado sobre minha mãe, chorando e coberto de sangue. Todos presumiram que eu estava passeando com o cachorro com ela quando isso aconteceu.

Eu nem sabia o nome da garota. E eu nunca fui capaz de reconhecer rostos. Quando a polícia me pediu para identificar algumas fotos de uma adolescente suspeita de dirigir o carro roubado, eu realmente não pude evitar.

Achei que nunca mais a veria, então foi um choque descobrir que éramos casados.

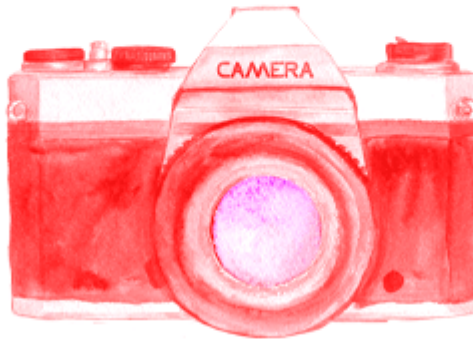
Eu me sinto mal pelo que aconteceu com Amelia?

Não.

Infelizmente, pessoas morrem todos os dias, mesmo as boas. E ela não era uma delas. Nenhum de nós sabe quando vamos fazer o check-out, a vida não é esse tipo de hotel. Eu estou feliz agora. Mais feliz do que pensei que poderia ser novamente. Eu só quero deixar tudo para trás e agora finalmente posso. Às vezes, uma mentira é a verdade mais gentil que você pode contar a uma pessoa, inclusive a você mesmo.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

SAM



Samuel Smith não é um homem feliz.

Quando menino, ele era obcecado por livros de terror e policiais. Ele devorava livros de Stephen King e Agatha Christie e sonhava um dia ser detetive. Tornar-se um investigador particular foi o mais próximo que ele chegou. Quando Sam comemorou seu quadragésimo aniversário sozinho, bebendo cerveja quente e comendo pizza fria em seu apartamento em Londres, ele fez uma confissão para si mesmo: isso não era viver o sonho.

Mas no dia seguinte – quando Sam estava se sentindo um pouco pior – um homem idoso telefonou. Ele pediu a ajuda profissional de Sam para ficar de olho em sua filha distante. A princípio, o velho relutou em lhe dizer seu nome, mas ser detetive particular era um trabalho que exigia fatos, então Sam teve que insistir. Eventualmente, quem ligou confessou que era Henry Winter, e a decepcionante carreira de Sam de repente se tornou muito mais interessante.

Ele pensou que devia ser uma piada, talvez uma comemoração atrasada do aniversário de um amigo, mas depois lembrou que não tinha nenhum. Ler livros era a forma como Sam passava a maior parte das noites. Seus favoritos eram os mais assustadores, e Henry Winter

era o rei do horror aos olhos de Sam. Ele lia as histórias do autor desde a adolescência. Depois de verificar alguns fatos e ter certeza de que era o verdadeiro Henry Winter quem estava pedindo sua ajuda, Sam ficaria feliz em fazer o trabalho de graça.

Mas um homem tem que comer.

Não era como se o autor idoso estivesse com falta de um ou dois centavos: muito pelo contrário. Mas Sam ainda começou a se sentir mal com o quanto estava cobrando dele. Seguir a filha de Henry e ficar de olho no marido era dinheiro fácil.

Sam gosta de pensar que ele e Henry se tornaram amigos ao longo dos anos que se seguiram, e de certa forma isso aconteceu. Sam até conseguiu convencer o velho a comprar um laptop, para que pudessem enviar e-mails de vez em quando. Ele acompanhava Robin ou o marido dela duas vezes por semana, mais ou menos – quando eles passeavam com o cachorro, ou a caminho do trabalho, ou às vezes ele simplesmente ficava sentado do lado de fora da casa deles em Hampstead Village – só para acompanhar as coisas. Depois ele enviava um relatório mensal para Henry. Mas suas trocas não eram todas relacionadas ao trabalho. Eles frequentemente conversavam sobre livros ou política, em vez de Robin e Adam. Sam tinha muito orgulho do fato de Henry confiar nele e acreditar nele, embora nunca tivessem se conhecido.

Eles se falavam pelo menos uma vez por mês, então, quando ele não teve notícias de Henry por um tempo, Sam começou a ficar um pouco preocupado. Primeiro, os telefonemas pararam e nunca foram atendidos ou retornados, mas naquela época Henry ainda respondia e-mails ocasionalmente. De repente, ele ficou surpreendentemente ansioso para ver fotos do cachorro e queria saber todos os detalhes quando a casa de sua filha fosse redecorada depois que ela se mudasse. A câmera de lente longa de Sam foi muito útil nessas ocasiões. Mas o autor nunca usou o mesmo tom amigável de antes, e então toda a comunicação chegou a um fim abrupto, juntamente com seus pagamentos regulares.

Sam estava de olho na filha de Henry há mais de dez anos e ficou triste quando seu relacionamento com o autor terminou repentinamente e sem explicação. Ele bebeu mais cerveja, comeu mais pizza e só comprou o último livro de Henry Winter no dia seguinte ao seu lançamento, em protesto. Sam era uma parte silenciosa da família desde que Robin se casou com Adam. Ele estava lá quando o marido dela começou a ter um caso e também se sentiu um pouco deprimido quando se divorciaram. Cavar na sujeira do casamento deles foi um trabalho fácil, mas essa não foi a única razão pela qual ele fez isso por tanto tempo. Eles eram um casal interessante para acompanhar: ele com sua escrita, ela com um pai famoso e um passado secreto. Sam até se apegou bastante ao cachorro deles, pois observava Bob desde que ele era filhotinho. Então ele ficou genuinamente triste quando as coisas deram errado para o Sr. e a Sra. Wright.

Quando a filha voltou a morar com o ex-marido, há alguns meses, depois de desaparecer da face do planeta por alguns anos, Sam decidiu dirigir até a Escócia e contar pessoalmente a Henry. O autor sempre foi cuidadosamente reservado e se recusou a compartilhar seu endereço residencial, mas é claro que Sam sabia onde ele morava. Ele pode não ter se saído bem como detetive, mas ainda sabia como descobrir muitas coisas sobre a maioria das pessoas.

Entrevistas em jornais com Henry Winter eram raras, mas Sam guardava uma de alguns anos atrás. Era sobre onde o autor gostava de escrever e mostrava uma foto de Henry em seu escritório, sentado a uma escrivaninha antiga que pertenceu a Agatha Christie. Não demorou muito para Sam descobrir de qual casa de leilões veio a mesa. Ou subornar um entregador para que lhe dê o endereço para onde foi enviado.

O refúgio escocês de Henry era ainda mais difícil de encontrar do que Sam poderia imaginar. A viagem de Londres foi dolorosamente longa e lenta, sem instruções, o código postal que lhe foi fornecido revelou-se quase inútil. Depois de dirigir em círculos em busca da misteriosa – possivelmente inexistente – Capela Blackwater, e passar por intermináveis montanhas e lagos que começavam a parecer iguais,

Sam voltou sozinho para Hollowgrove, a única cidade que vira em quilômetros.

Havia apenas uma loja, estava escurecendo, Sam avistou a mulher colocando uma placa de FECHADO na vitrine assim que o viu saindo do carro. Ele bateu de qualquer maneira, e ela fez uma careta ainda mais desagradável do que a que ela estava fazendo antes.

A mulher abriu a porta e Sam notou seu crachá: PATTY.

Ela tinha um rosto de carpa e era tão vermelho quanto seu avental. Seus olhos redondos brilharam e ela gritou a palavra “o quê” para ele com cuspe venenoso. Ela era claramente uma mulher boa em fazer as pessoas se sentirem mal. Sam resistiu ao impulso de oferecer condolências à irmã de Patty, que ele tinha certeza de ter sido assassinada por uma garota chamada Dorothy, perto de uma estrada de tijolos amarelos. Mas a nítida falta de gentileza de Patty acabou sendo muito útil.

— Ninguém vê Henry Winter há alguns anos, e eu digo que é bom se livrar dele. Ele demitiu sua antiga governanta sem aviso prévio – ela era minha amiga. A nova governanta costumava aparecer de vez em quando para comprar mantimentos – uma mulher estranha que adorava feijão cozido e comida para bebê – mas até ela deixou de vir à cidade há alguns meses. Não sei se devo lhe dizer como chegar à Capela Blackwater. Não quero que você volte aqui e me culpe se algo ruim acontecer. Esse lugar não é apenas assombrado, é amaldiçoado. Pergunte a qualquer um.

Sam comprou uma garrafa de uísque caro demais – ele não queria encontrar o amigo de mãos vazias – e o velho corvo lhe deu instruções de qualquer maneira. Quando Sam lhe deu uma nota de dez libras para agradecer, ela desenhou um mapa para ele.

Sam se sentiu como um personagem de um de seus romances policiais favoritos quando voltou à estrada. Os telefonemas de Henry terminaram cerca de dois anos antes – ao mesmo tempo em que a mulher da loja disse que o autor parou de ir à cidade. Sam não sabia nada sobre governanta, antiga ou nova, Henry nunca as mencionava. A

única pessoa sobre quem Henry realmente queria falar era sua filha, Robin. O distanciamento deles ainda incomodava Sam, porque claramente deixava o velho autor muito triste.

Robin era uma criança difícil. Sua mãe – uma romancista que Henry conheceu em um festival literário naquela época – morreu quando a menina tinha apenas oito anos. Ela se afogou na banheira. Robin tinha dois autores como pais, então provavelmente não deveria ser uma surpresa que ela lutasse para separar o fato da ficção. Henry disse que ela estava sempre inventando histórias, e isso a colocava em apuros tanto no internato quanto em casa. Ela foi suspensa uma vez, por contar às meninas em seu dormitório histórias sobre bruxas que sussurravam três vezes os nomes de suas vítimas antes de matá-las. Tudo era apenas resultado de uma imaginação hiperativa – que para ser justo, ela herdou – mas quando Henry tentou discipliná-la, Robin cortou o próprio cabelo uma noite com uma tesoura, deixando duas longas tranças loiras para ele encontrar em seu travesseiro.

Henry culpou a dor e a si mesmo, mas nada do que fez para tentar ajudar a criança funcionou. Ela fugiu da Capela Blackwater muitas vezes para que ele pudesse contar, quando tinha dezoito anos, fugiu para sempre. Durante anos, Henry não sabia onde ela estava, até que Robin entrou em contato pedindo-lhe que ajudasse seu marido. Henry gostou de Adam desde o início. Ele sempre parecia estar sorrindo quando falava sobre o homem com quem Robin se casou. Ele não gostou das adaptações de seus livros para as telas, mas o fato de continuar concordando com elas era uma prova do quanto ele gostava de Adam. Era óbvio que ele passou a pensar no genro secreto como o filho que nunca teve. Ele achava que Adam tinha sido uma boa influência na vida de sua filha, enquanto ela estivesse feliz, ele ficaria feliz em ficar de fora disso. Isso era tudo o que ele queria saber quando pediu a Sam que os seguisse.

Ela estava feliz?

Robin sempre gostou de escrever cartas quando criança, além de inventar coisas que a colocavam em apuros. Ela escreveu uma última carta a Henry antes de fugir para Londres. Foi um agradecimento e

também um adeus. Ela disse que a única coisa que ele lhe deu e que ela realmente amou foi seu nome. A mãe dela insistiu que a batizassem de Alexandra, mas Henry nunca gostou disso, então sempre usava o nome do meio da criança, aquele que ele havia escolhido: Robin. Ele disse que ela gostou muito porque a fazia se sentir como um pássaro, os pássaros sempre podem voar para longe. Quando Robin voou, ela nunca mais voltou.

Sam ficou de olho nas estradas sinuosas das Terras Altas – que eram bastante difíceis de navegar mesmo antes de escurecer. Ele também ficava olhando para o mapa desenhado à mão que a mulher da loja lhe dera, tentando entendê-lo. Ele notou que Patty também havia anotado seu número de telefone. Sam estremeceu. Apesar de estar muito tempo perdido no deserto quando se tratava de mulheres, ele preferia morrer de sede a beber daquele poço. Quando ele saiu da estrada principal, viu que havia uma placa para Blackwater Loch o tempo todo. Ele já havia passado por lá várias vezes porque, pelo que parecia, a placa estava cortada. Possivelmente com um machado. Este era claramente um lugar que alguém não queria que as pessoas encontrassem.

Ele dirigiu por uma pequena trilha, evitou por pouco atropelar algumas ovelhas e passou por uma pequena cabana de palha à direita. Parecia abandonada. Sam estava prestes a desistir, decidiu talvez tentar encontrar um hotel para passar a noite, mas então seus faróis iluminaram a forma de uma velha capela branca ao longe.

O medidor de combustível de Sam estava baixo, mas suas esperanças eram grandes quando ele estacionou seu BMW de segunda mão do lado de fora. Seu otimismo não durou muito. A capela estava em total escuridão. Ele já sabia que não havia ninguém em casa: as grandes e velhas portas de madeira não estavam apenas fechadas, elas foram acorrentadas com um cadeado. Henry claramente não estava lá, e pelas grossas teias de aranha que cobriam as portas, parecia que ele não estava lá há algum tempo.

Chateado com a ideia de uma viagem desperdiçada e ainda não pronto para desistir, Sam pegou sua lanterna no porta-malas do carro e

foi dar uma volta pela capela. Ele esperava encontrar outra maneira de entrar, mas, apesar dos intermináveis vitrais, não havia outras portas. Ele tropeçou em várias estátuas de madeira no escuro. Os coelhos e corujas de aparência misteriosa esculpidos em tocos de árvores antigas estavam tão bem escondidos pelas sombras que Sam entrou direto no primeiro e automaticamente se desculpou antes de dar um passo para trás. Seus olhos macabros e arrancados o fizeram estremecer. Mas então ele sentiu uma estranha onda de alívio – Henry havia conversado com ele sobre o quanto ele adorava esculpir madeira, ele achava isso calmante depois de um longo dia conspirando para matar pessoas – e Sam sabia que pelo menos estava no lugar certo.

Depois encontrou o cemitério nos fundos da capela.

As lápides de granito misturaram-se inicialmente com o resto do cenário escuro como breu, mas quando Sam se aproximou, a luz da lanterna revelou que a maioria era muito velha. Tanto que elas estavam inclinadas em ângulos, caindo aos pedaços ou cobertas de musgo. Mas nem todas eram antigas ou impossíveis de ler. A mais nova, que se destacava dos vizinhos em ruínas à distância e não devia ter mais de um ou dois anos, chamou sua atenção. Ele seguiu naquela direção, mas tropeçou em um inesperado monte de terra e deixou cair a lanterna. Sam era muito difícil de assustar – ele tinha lido todos os livros de Henry Winter duas vezes – mas até ele teve uma dose de calafrios enquanto rastejava sobre as mãos e os joelhos, em um cemitério, tarde da noite, tentando recuperar seu lanterna. O monte de terra sugeria que alguém havia sido recentemente enterrado ali, e a grama ainda não tivera tempo suficiente para crescer no solo irregular. Não havia nenhuma lápide, nenhum nome, aquilo lhe lembrava o túmulo de um indigente. Mas então ele notou algo saindo do chão... um inalador velho.

Sam sentiu-se desconfortável de repente, o aviso da lojista sobre a capela estar amaldiçoada voltou a assombrar seus pensamentos. Então ele ouviu alguém sussurrar seu nome três vezes nas sombras logo atrás dele.

Samuel. Samuel. Samuel.

Mas quando ele se virou, não havia ninguém lá.

Deve ter sido apenas o vento. O medo e a imaginação podem levar as pessoas mais brilhantes por caminhos sombrios. Não admira que uma criança que crescesse aqui imaginasse tantas histórias horríveis e distorcidas que confundiam fatos e ficção, pensou ele, lembrando-se de todas as histórias que Henry disse que Robin tinha inventado. Ele iria perguntar ao velho sobre isso novamente assim que o localizasse. Ele avistou uma pequena delegacia de polícia em Hollowgrove e fez uma nota mental para parar ali no caminho de volta, esperando que pudessem saber onde seu amigo estava morando agora. Alguém deve saber. Autores mundialmente famosos não desaparecem simplesmente. Além disso, Henry tinha um novo livro chamado *Rock Paper Scissors* que seria lançado no ano que vem. Sam sabia porque já havia encomendado.

Ele levantou a si mesmo e a lanterna do chão lamacento e caminhou até a lápide de aparência mais recente do cemitério. Ele teve que ler o que estava gravado várias vezes antes que seu cérebro pudesse começar a processar as palavras.

HENRY WINTER

PAI ASSASSINO DE UM, AUTOR DE MUITOS.

A princípio ele não acreditou que Henry estivesse morto.

Havia uma caixinha de vidro sobre o túmulo, do tipo que alguém guardaria bugigangas dentro. Sam apontou a lanterna para ela e hesitou antes de se abaixar para olhar mais de perto. Quando o fez, viu que a caixa continha três itens. Um anel de safira, um grou de papel e uma pequena tesoura vintage projetada para parecer uma cegonha. Foi o anel que chamou sua atenção, não apenas por causa da pedra azul brilhante, mas porque ainda estava preso ao que parecia ser um dedo humano. O vento aumentou e Sam pensou ter ouvido alguém sussurrar seu nome novamente, três vezes. Ele não acreditava em fantasmas, mas correu para o carro o mais rápido que pôde e não olhou para trás.

Fim



NOTAS

[←1]

Pedra Papel Tesoura.

[←2]

Expressão usada para algo que permite evitar um resultado desagradável de suas ações. Ex:
uma punição ou dever

[←3]

Romance de Charles Dickens que relata as aventuras de um rapaz órfão.

[←4]

Sapo no buraco é um prato tradicional inglês que consiste em salsichas em massa de pudim Yorkshire.

[←5]

Em toda a Ásia, o crane é um símbolo de felicidade e juventude eterna. No Japão, é uma das criaturas místicas ou sagradas.

[←6]

Desengripante protege as dobradiças e facilita a retirada de parafusos, revigora plástico e áreas cromadas.

[←7]

Final de terror de grande sucesso na década de 80.

[←8]

Estar presente em algum lugar com outras duas pessoas que estão querendo ficar sozinhas.

[←9]

Ave Tordo ou popularmente chamado de “pintarroxos”.